

TESS GERRITSEN

AUTORA DE O CIRURGIÃO E GÉLIDO

A GAROTA SILENCIOSA

"Tess Gerritsen é leitura obrigatória em minha casa."

STEPHEN KING



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A GAROTA SILENCIOSA

Tradução de
Ricardo Gomes Quintana



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G326g

Gerritsen, Tess, 1953-

A garota silenciosa [recurso eletrônico] / Tess Gerritsen ; tradução Ricardo
Gomes Quintana. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2013.

recurso digital

Tradução de: The silent girl

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09865-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Quintana, Ricardo Gomes, 1957-. II.

Título.

13-07892

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:

The silent girl

Copyright © 2011 by Tess Gerritsen

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de
quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Revisão técnica: Sérgio Luiz Salek Teixeira

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09865-8

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

*A Bill Haber e Janet Tamaro,
por acreditarem em minhas garotas*

— *O que você tem de fazer — disse o Macaco — é atrair o monstro
ara fora do esconderijo,
mas tenha certeza de que vai sobreviver ao combate.*

— Wu Cheng'en,
*O rei dos macacos: jornada ao oeste (1500– 1582)**

Nota:

* Tradução livre. (*N. do E.*)

1

SÃO FRANCISCO

Fiquei o dia todo observando a garota.

Ela não dá o menor sinal de que me percebe, embora meu carro alugado seja visível da esquina onde ela e os outros adolescentes se reuniram esta tarde, fazendo o que quer que os jovens entediados fazem para passar o tempo. Parece mais nova que os demais, mas talvez isso aconteça porque é asiática e pequena, um fiapo de garota. O cabelo negro é curto como o de um menino, e o jeans, rasgado e esfiapado. Não porque esteja na moda, acho, mas em virtude do excesso de uso e da vida na rua. Dá uma tragada no cigarro e exala uma nuvem de fumaça com o atrevimento de um trombadinha, atitude que não combina com o rosto pálido e os traços chineses, delicados. É bonita o bastante para atrair os olhares cobiçosos de dois homens que passam. Percebe as olhadas e os encara de volta, destemida, mas é fácil não ter medo quando o perigo é apenas um conceito abstrato. Diante de uma ameaça real, me pergunto como essa menina reagiria. Ofereceria resistência ou se acovardaria? Quero saber do que é feita, mas ainda não a vi posta à prova.

Quando anoitece, os adolescentes começam a debandar. Primeiro um, depois outro, vão indo embora. Em São Francisco, até as noites de verão são frias, e os que ficam se mantêm próximos uns dos outros, vestindo suéteres e casacos, acendendo os cigarros dos companheiros, desfrutando o calor efêmero da chama. Frio e fome, entretanto, dispersam os últimos, restando apenas a garota, que não tem para onde ir. Ela acena para os amigos que partem e permanece só por um momento, como se esperasse alguém. Por

fim, dá de ombros e deixa a esquina, caminhando em minha direção, as mãos enfiadas nos bolsos. Quando passa pelo meu carro, sequer olha para mim, mas para a frente, com um olhar fixo e feroz, como se estivesse concentrada em algum dilema interior. Talvez pensasse em como conseguiria o jantar daquela noite. Talvez em algo mais sério. Futuro. Sobrevivência.

É provável que não perceba que dois homens estão seguindo-a.

Segundos depois de passarem pelo meu carro, vejo-os saindo de um beco. Reconheço-os: é a mesma dupla que havia olhado para ela antes. Quando passam pelo carro, no rastro da menina, um deles olha para mim através do para-brisa. Apenas um rápido vislumbre, para avaliar se represento alguma ameaça. O que vê não o preocupa nem um pouco, e ele e o companheiro continuam andando. Movem-se como os predadores confiantes que são, perseguindo uma presa mais fraca, que não pode lhes oferecer resistência.

Saio do carro e os sigo. Da mesma forma como fazem com a garota.

Ela se dirige para uma região de prédios abandonados, em que a calçada parece pavimentada com garrafas quebradas. Não traz qualquer medo ou hesitação, como se aquele lhe fosse um território familiar. Não olha para trás uma única vez, o que me revela que é imprudente ou ignorante em relação ao mundo e ao que ele pode fazer com garotas como ela. Os homens que a seguem tampouco olham para trás. Mesmo que me notassem, o que não permito, não veriam nada que lhes pusesse medo. Ninguém nunca vê.

Um quarteirão depois, a garota dobra à direita e desaparece por uma porta.

Me escondo na sombra e assisto ao que acontece em seguida. Os dois homens param do lado de fora do prédio em que a menina entrou, arquitetando uma estratégia. Depois entram também.

Da calçada, olho para cima e vejo as janelas pregadas com tábuas. É um armazém abandonado, que tem uma placa de **PROIBIDA A ENTRADA**. A porta está entreaberta. Entro e dou com uma escuridão tão intensa que preciso parar para meus olhos se adaptarem, enquanto confio nos demais sentidos para decifrar o que ainda não posso

enxergar. Ouço o assoalho ranger. Sinto cheiro de cera de vela queimando. Vejo a ligeira claridade de uma porta à esquerda. Parando em frente a ela, perscruto o aposento.

A garota está ajoelhada diante de uma mesa improvisada, o rosto iluminado pela luz instável de uma vela. A seu redor, há sinais de uma moradia temporária: saco de dormir, comida enlatada e um pequeno fogareiro. Está às voltas com um velho abridor de latas e alheia aos dois homens que se aproximam por trás.

Justamente quando abro a boca para lhe dar um alerta, a garota se vira e encara os invasores. Tudo que tem nas mãos é o abridor de latas, arma insignificante contra dois sujeitos grandes.

— Aqui é minha casa — diz ela. — Vão embora.

Já estava me preparando para intervir, mas paro onde estou para observar o que vai acontecer. Para ver do que a garota é feita.

Um dos homens ri.

— Só viemos fazer uma visita, benzinho.

— Convidei vocês?

— Acho que você precisa de companhia.

— E acho que você precisa de um cérebro.

Não é a forma mais prudente de lidar com uma situação dessas, penso. Agora, o desejo deles está misturado com raiva, uma combinação perigosa. A garota, porém, continua perfeitamente imóvel e calma, segurando aquele apetrecho de cozinha deplorável. Quando os homens se arremessam, já estou na ponta dos pés, em vias de pular.

Ela pula primeiro. Um salto e seu pé acerta em cheio o osso esterno do primeiro homem. É um golpe deselegante, mas eficaz, e ele cambaleia segurando o peito, como se não conseguisse respirar. Antes de o segundo poder reagir, ela já está girando em direção a ele e atirando o abridor de latas contra a lateral da sua cabeça. O sujeito grita e retrocede.

A coisa ficou interessante.

O primeiro deles se recupera e corre para a garota, impelindo-se com tanta força que os dois caem esparramados no chão. Ela chuta e soqueia: seu punho o atinge no queixo. A fúria, no entanto, o imunizou contra a dor, e, com um urro, ele se joga em cima dela, imobilizando-a com seu peso.

O segundo homem volta à cena e lhe prende os punhos contra o piso. Juventude e inexperiência a colocaram numa situação de calamidade da qual

não tem como escapar. Apesar de toda a ferocidade, a garota é imatura e destreinada; o inevitável está para acontecer. O primeiro homem abre o zíper do jeans dela e o abaixa pelos quadris estreitos. Sua excitação é evidente pela calça inflada. Nunca um homem fica mais vulnerável ao ataque.

Ele não me ouve chegando. Num instante, está abrindo a própria braguilha. No próximo, está no chão, com a mandíbula destroçada, cuspidando dentes da boca.

O segundo homem mal tem tempo de soltar as mãos da garota e ficar de pé, mas não é rápido o suficiente. Sou um tigre, e ele não passa de um búfalo lento, idiota e impotente contra o meu golpe. Com um grito, ele cai no chão, e, a julgar pelo ângulo grotesco do braço, seu osso está partido em dois.

Agarro a garota e a coloco de pé:

— Você está machucada?

Ela fecha o zíper do jeans e olha para mim:

— Quem diabo é *você*?

— Deixa isso para mais tarde. Agora vamos sair daqui! — berro.

— Como fez isso? Como os derrubou com tanta facilidade?

— Quer aprender?

— Sim!

Olho para os dois homens que gemem e se contorcem a nossos pés.

— A primeira lição é: saiba a hora de sair correndo — digo, empurrando-a em direção à porta. — Que é agora.

Observo-a comer. Para uma garota pequena, tem um apetite de lobo. Devora três *tacos* de frango, uma porção enorme de feijões fritos e um copo grande de Coca-Cola. Queria comida mexicana, então nos sentamos num café, com música *mariachi* e paredes enfeitadas com quadros berrantes de *señoritas* dançando. Embora os traços da garota sejam chineses, é evidente que ela é americana, do cabelo cortado muito curto ao jeans rasgado. Uma criatura grosseira e selvagem, que, de forma ruidosa, toma o último gole de Coca e passa a mastigar o gelo.

Começo a duvidar do bom senso dessa empreitada. Ela já está grande demais para aprender, muito rude para ser disciplinada. Eu deveria soltá-la

de volta na rua, se é para lá que quer ir, e procurar uma alternativa. Reparo então nas cicatrizes nos nós dos seus dedos e me lembro de como quase consegui, sozinha, derrubar os dois homens. A garota possui talento bruto e é destemida: duas coisas que não se pode aprender.

— Você se lembra de mim? — pergunto.

A garota pousa o copo e franze o cenho. Por um instante, acho que noto um lampejo de reconhecimento, mas passa logo. Ela balança a cabeça.

— Faz muito tempo — falo. — Doze anos.

Uma eternidade para uma garota tão jovem.

— Você era pequena.

Ela dá de ombros:

— Por isso não me lembro de você.

Pega o casaco, tira um cigarro e começa a acendê-lo.

— Você está estragando o seu corpo.

— O corpo é meu — rebate ela.

— Não se você está a fim de treinar — digo, esticando o braço e arrancando o cigarro de sua boca. — Se quer aprender, tem que mudar de atitude, demonstrar respeito.

Ela bufa.

— Você parece minha mãe.

— Conheci sua mãe. Em Boston.

— Bem, ela morreu.

— Eu sei. Ela me escreveu no mês passado. Contou que estava doente e tinha muito pouco tempo de vida. Por isso estou aqui.

Me surpreende ver lágrimas surgindo nos olhos da garota, e ela se vira rápido, como se envergonhada de revelar um sinal de fraqueza. Mas esse instante vulnerável, antes de esconder os olhos, me faz lembrar da minha própria filha, que era mais nova que ela quando eu a perdi. Lágrimas provocam uma ardência nos meus olhos, mas não tento disfarçá-las. O sofrimento me fez a pessoa que sou. Foi o fogo purificador que refinou minha resolução e afinou meu propósito.

Preciso dessa garota. Obviamente, ela também precisa de mim.

— Levei semanas para encontrar você — digo.

— O lar adotivo era uma chatice. Estou muito melhor sozinha.

— Se sua mãe visse você agora, ia ficar de coração partido.

— Ela nunca teve tempo para mim.

— Talvez porque tivesse dois empregos, para tentar manter você de barriga cheia? Porque não podia contar com mais ninguém para ajudar nisso?

— Minha mãe deixava todo mundo pisar nela. Nunca a vi lutando por nada. Nem por mim.

— Sua mãe tinha medo.

— Não tinha fibra.

Eu me inclino para a frente, sentindo raiva daquela moleca ingrata.

— Sua pobre mãe sofreu coisas que você não pode nem imaginar. Tudo o que fez foi por você.

Com indignação, jogo o cigarro de volta para ela. Não é a garota que eu esperava encontrar. Pode ser forte e destemida, mas nenhum sentimento de dever filial a une à mãe e ao pai mortos, nenhuma noção de honra familiar. Sem o elo com nossos ancestrais, somos grãos de poeira solitários, à deriva, flutuando, sem vínculo com nada nem com ninguém.

Pago a conta e me levanto.

— Espero que um dia você adquira sabedoria suficiente para entender o que sua mãe sacrificou por você.

— Está indo embora?

— Não tem nada que eu possa ensinar a você.

— E por que você iria querer, aliás? Por que veio me procurar?

— Pensei que fosse encontrar alguém diferente, alguém a quem pudesse ensinar, que me ajudaria.

— A fazer o quê?

Não sei responder à sua pergunta. Por um instante, o único som que se ouve é o metálico da música *mariachi*, saindo pelos alto-falantes do restaurante.

— Você se lembra do seu pai? — pergunto. — Lembra do que aconteceu com ele?

Ela me olha fixamente.

— É o motivo por trás de tudo isto, não é? Você ter vindo me procurar. Porque minha mãe escreveu contando sobre ele.

— Seu pai era um homem bom. Adorava você, que o desonra. Você desonra os dois, seu pai e sua mãe — falo, colocando um pacote de dinheiro na frente dela. — Isto é em memória deles. Saia das ruas e volte para a

escola. Lá, pelo menos, não vai precisar lutar contra homens estranhos. — Eu me viro e saio do restaurante.

Em segundos, ela já está na porta, correndo atrás de mim.

— Espera! — grita. — Para onde você vai?

— Para casa, em Boston.

— Lembro de você. Acho que sei o que quer.

Paro e olho para ela. Replico:

— O mesmo que *você* também deveria querer.

— O que preciso fazer?

Olho-a de cima a baixo: vejo ombros mirrados e quadris tão estreitos que mal seguram o jeans.

— Não é o que você precisa fazer — respondo. — É o que precisa *ser*.

Viro-me devagar em sua direção. Até aquele momento, ela não tinha notado qualquer razão para me temer, e por que deveria? Sou apenas uma mulher. No entanto, alguma coisa que vê agora nos meus olhos a faz dar um passo para trás.

— Está com medo? — pergunto, com suavidade.

Ela levanta o queixo e responde com uma bravata boba:

— Não, não estou.

— Pois deveria.

2

SETE ANOS DEPOIS

— Meu nome é Dra. Maura Isles. O sobrenome se escreve I-s-l-e-s. Sou patologista e trabalho no departamento forense do estado de Massachusetts.

— Por favor, descreva para o tribunal o seu grau de escolaridade e seus antecedentes, Dra. Isles — disse Carmela Aguilar, promotora-assistente do condado de Suffolk.

Maura manteve o olhar na promotora enquanto respondia à solicitação. Era muito mais fácil concentrar-se no rosto neutro de Carmela do que ver os olhares hostis do réu e de seus defensores, dezenas dos quais se haviam reunido na sala do tribunal. A promotora não parecia notar ou importar-se com o fato de que estava defendendo um caso diante de um público contrário, mas Maura encontrava-se plenamente consciente disso. Um grande segmento daqueles espectadores era composto de policiais e amigos. Não iam gostar do que ela tinha a dizer.

O réu era o policial Wayne Brian Graff, um homem de queixo quadrado e ombros largos, a síntese do herói americano. A simpatia do público estava com ele, e não com a vítima, um indivíduo que tinha sido espancado e arrebatado e acabara sobre a mesa de necropsias de Maura havia seis meses. Enterrado sem choro e sem ser reclamado por ninguém. Um homem que, duas horas antes de morrer, cometera o pecado mortal de atirar contra um policial — e matá-lo.

Maura sentia todos aqueles olhares queimando-lhe o rosto, quentes como pontos de laser, enquanto recitava seu currículo.

— Me graduei em antropologia pela Universidade de Stanford. Recebi o diploma de médica na Universidade da Califórnia, em São Francisco, e fiz cinco anos de residência na mesma instituição. Sou especialista em patologia anatômica e clínica. Depois, fiz uma complementação de mais dois anos, na subespecialidade de patologia forense, na Universidade da Califórnia, no campus de Los Angeles.

— A senhora tem certificação nacional na sua área?

— Sim. Em patologia geral e forense.

— E onde trabalhou antes de entrar para o departamento forense de Boston?

— Durante sete anos, fui patologista do departamento forense de São Francisco, na Califórnia. Também trabalhei como professora de patologia clínica na Universidade da Califórnia. Tenho licença para clinicar tanto em Massachusetts quanto na Califórnia.

Era mais informação do que lhe havia sido pedida, e ela viu Aguilar franzir o cenho, porque Maura frustrara sua sequência planejada de perguntas. Já tinha dado aquelas informações tantas vezes antes, perante um tribunal, que sabia com exatidão o que seria perguntado, e suas respostas eram igualmente automáticas. Onde estudara, o que seu trabalho requeria e se era qualificada para testemunhar naquele caso em particular.

Terminadas as formalidades, finalmente Aguilar partiu para o que interessava:

— A senhora realizou uma necropsia em um indivíduo chamado Fabian Dixon, em outubro do ano passado?

— Sim — respondeu Maura, de forma trivial, embora sentisse de imediato a tensão aumentar no tribunal.

— Conte-nos como o Sr. Dixon veio a ser um caso para uma patologista.

Aguilar mantinha os olhos fixos em Maura, como se dissesse: *Ignore todos nesta sala. Olhe apenas para mim e relate os fatos.*

Maura aprumou-se e começou a falar, alto o bastante para todos ouvirem:

— O falecido era um homem de 24 anos, que foi encontrado sem sentidos no banco de trás de uma patrulha do Departamento de Polícia de Boston. Isso ocorreu aproximadamente uns vinte minutos depois de ter sido

preso. Foi transportado de ambulância até o Massachusetts General Hospital, onde foi declarado morto na chegada à emergência.

— E isso o tornava um caso apto para uma patologista?

— Sim. Foi transferido em seguida para o nosso necrotério.

— Descreva para o tribunal a aparência do Sr. Dixon quando o viu.

Não escapou à atenção de Maura que Aguilar se referia ao homem morto pelo nome. Não como *o cadáver* ou *o falecido*. Era sua forma de lembrar ao tribunal que a vítima possuía uma identidade. Um nome, um rosto e uma vida.

Maura respondeu do mesmo modo:

— O Sr. Dixon era um homem bem-nutrido, de altura e peso medianos, que chegou às nossas instalações vestindo apenas cuecas e meias de algodão. Suas outras roupas tinham sido retiradas antes, durante as tentativas de ressuscitação na emergência. Ventosas de eletrocardiograma ainda estavam presas em seu peito, e um cateter intravenoso permanecia no braço esquerdo... — Ela fez uma pausa. Era aí que as coisas se tornavam desconfortáveis. Embora evitasse olhar para o público e para o réu, sabia que todos tinham os olhos fixos nela.

— E em que condições estava o corpo dele? A senhora poderia nos descrever? — incitou Aguilar.

— Havia muitas contusões na região do peito, do flanco esquerdo e do abdome superior. Os olhos estavam inchados e cerrados, e havia lacerações no lábio e no couro cabeludo. Dois dentes, os incisivos superiores, estavam faltando.

— Objeção — disse o advogado de defesa, levantando-se. — Não tem como saber quando ele perdeu esses dentes. Podiam estar faltando há anos.

— Um deles apareceu nas radiografias. Dentro do estômago — retrucou Maura.

— A testemunha deve evitar comentários até que eu permita — interrompeu o juiz, com severidade, olhando para o advogado de defesa. — Objeção deferida. Continue, Srta. Aguilar.

A promotora-assistente balançou a cabeça, tentando suprimir um sorriso, e voltou a atenção para Maura:

— Então o Sr. Dixon estava muito contundido, apresentava lacerações pelo corpo e pelo menos *um* dos seus dentes havia sido arrancado

recentemente.

— Sim — falou Maura. — Como se pode ver nas fotos do necrotério.

— Se for da vontade do tribunal, gostaríamos de mostrar essas fotos agora — disse Aguilar. — Aviso que elas não são agradáveis de se ver. Se alguém do público preferir não olhar, sugiro que saia agora — completou ela, fazendo uma pausa e olhando em volta.

Ninguém saiu da sala.

Quando apareceu o primeiro slide, mostrando o corpo espancado de Fabian Dixon, foi possível ouvir pessoas prendendo o fôlego. Em sua descrição, Maura deixara as contusões de Dixon apenas insinuadas, pois sabia que as fotos contariam a história melhor que ela. E, além disso, as imagens não poderiam ser acusadas de tomar partido ou mentir. A verdade daquela cena ficou óbvia para todos: o rapaz tinha sido espancado com brutalidade antes de ser colocado no banco de trás da patrulha.

Outros slides apareceram enquanto Maura narrava as descobertas da necropsia. Múltiplas costelas quebradas. Um dente engolido no estômago. Sangue aspirado nos pulmões. E a causa da morte: uma ruptura do baço que tinha levado a uma intensa hemorragia intraperitoneal.

— E qual foi a forma da morte do Sr. Dixon, Dra. Isles? — perguntou Aguilar.

Era a pergunta-chave, a que ela temia responder diante das consequências que adviriam.

— Homicídio — falou Maura.

Não cabia a ela apontar culpados. Restringiu, portanto, sua resposta àquela única palavra, mas não pôde evitar lançar um olhar furtivo para Wayne Graff. O policial acusado permaneceu imóvel, o rosto impenetrável como granito. Durante mais de uma década, servira a cidade de Boston com distinção. Uma dezena de testemunhas de caráter havia se apresentado para declarar ao tribunal como o policial Graff fora corajosamente em sua ajuda. Era um herói, disseram, e Maura acreditava.

Entretanto, na noite de 31 de outubro, em que Fabian Dixon assassinou um policial, Wayne Graff e seu parceiro transformaram-se em anjos vingadores. Fizeram a prisão, e Dixon estava sob sua custódia quando morreu. *O detido encontrava-se agitado e violento, como se sob influência de fenciclidina ou crack*, escreveram eles no boletim de ocorrência.

Descreveram a resistência enlouquecida de Dixon, sua força sobre-humana. Fora necessário que os dois policiais juntos o colocassem dentro da patrulha. *Controlá-lo requeria força, mas ele não parecia dar importância à dor. Durante a luta, rosnavava, emitia sons animais e tentava arrancar a roupa, mesmo na temperatura de 4°C daquela noite.* Descreveram, quase com perfeição, a condição médica conhecida como síndrome do delírio agitado, que já tinha matado outros detidos sob efeito de cocaína.

Meses antes, porém, o relatório toxicológico revelou apenas a presença de álcool no corpo de Dixon. Maura não tinha dúvidas de que a forma da morte havia sido homicídio. E um dos assassinos estava agora no banco dos réus, encarando-a.

— Não tenho mais perguntas — disse Aguilar, sentando-se, segura de ter feito um bom trabalho.

Morris Whaley, advogado de defesa, levantou-se para seu turno de perguntas, e Maura sentiu os músculos retesarem-se. Ele parecia muito cordial enquanto se aproximava do banco das testemunhas, como se pretendesse ter apenas um bate-papo amigável. Se os dois tivessem se conhecido em algum coquetel, ela poderia considerá-lo uma companhia agradável, um homem bastante atraente em seu terno da Brooks Brothers.

— Acho que ficamos todos impressionados com suas credenciais, Dra. Isles — disse ele. — Então não vou mais tomar o tempo do tribunal examinando seus feitos acadêmicos.

Ela não disse nada, apenas olhou para seu rosto sorridente, perguntando-se de onde viria o ataque.

— Não creio que alguém nesta sala duvide de que a senhora trabalhou muito para chegar onde está hoje — continuou Whaley. — Especialmente levando-se em conta os desafios que enfrentou em sua vida pessoal nos últimos meses.

— Objeção — interpôs Aguilar, com um suspiro de exasperação e levantando-se. — Isso não é relevante.

— É, sim, Meritíssimo. Interfere na capacidade de julgamento da testemunha — rebateu Whaley.

— Como assim? — perguntou o juiz.

— Experiências passadas podem afetar a forma como uma testemunha interpreta as provas.

— A quais experiências o senhor está se referindo?

— Se o Meritíssimo me permitir explorar esta questão, vai ficar claro.

O juiz encarou Whaley com dureza. Declarou:

— Por ora, vou permitir essa linha de perguntas. Mas apenas por ora.

Aguilar recostou-se na cadeira, franzindo a testa.

O advogado voltou a atenção para Maura:

— Dra. Isles, a senhora por um acaso se lembra da data em que examinou o falecido?

Maura hesitou, surpreendida pelo retorno abrupto do tema da necropsia. Não lhe passou despercebido o fato de que o advogado evitou usar o nome da vítima.

— O senhor está se referindo ao Sr. Dixon? — perguntou ela, vendo uma fagulha de irritação surgir nos olhos dele.

— Estou.

— A data da necropsia foi primeiro de novembro do ano passado.

— E nessa data, a senhora determinou a causa da morte?

— Sim. Como disse antes, ele morreu de hemorragia interna intensa, após uma ruptura do baço.

— Nessa mesma data, a senhora também especificou a forma de morte?

Ela hesitou:

— Não. Pelo menos não uma conclusão final...

— Por que não?

Maura tomou fôlego, consciente de que todos os olhares estavam sobre ela:

— Quis esperar os resultados do exame toxicológico. Para ver se o Sr. Dixon estava de fato sob influência de cocaína ou outra substância química. Procurei agir com prudência.

— E deve. Quando a sua decisão pode destruir as carreiras, e até as vidas, de dois dedicados agentes da lei.

— Eu me preocupo apenas com os fatos, Sr. Whaley, seja qual for a direção a que levem.

Ele não gostou da resposta. Maura percebeu isso pelo tremor de seu músculo da mandíbula. Qualquer simulacro de cordialidade desaparecera: a coisa havia se transformado numa batalha.

— A senhora então realizou a necropsia em primeiro de novembro — continuou ele.

— Sim.

— O que aconteceu depois?

— Não sei ao que o senhor está se referindo.

— A senhora ficou com o fim de semana livre? Passou a semana seguinte realizando outras necropsias?

Maura olhou-o fixamente, a ansiedade enroscando-se como uma serpente em seu estômago. Não sabia para onde ele estava seguindo, mas não gostou da direção.

— Fui a uma conferência de patologia — respondeu ela.

— Em Wyoming, creio.

— Sim.

— Onde a senhora teve uma espécie de experiência traumática. Foi atacada por um policial perigoso.

Aguilar deu um pulo da cadeira:

— Objeção! Irrelevante!

— Indeferida — replicou o juiz.

Whaley sorriu, com o caminho agora livre para fazer as perguntas que Maura temia.

— Isto está correto, Dra. Isles? A senhora foi atacada por um policial?

— Sim — sussurrou ela.

— Acho que não ouvi a resposta.

— Sim — repetiu, mais alto.

— E como a senhora sobreviveu a esse ataque?

Um silêncio mortal havia tomado conta da sala: todos aguardando a história na qual ela não queria sequer pensar, porque ainda lhe dava pesadelos. Lembrou-se da solitária montanha em Wyoming, da batida da porta do veículo do policial ao fechar, aprisionando-a no banco traseiro, por trás das grades. Lembrou-se do pânico enquanto batia inutilmente com as mãos contra a janela, tentando fugir de um homem que sabia estar prestes a matá-la.

— Dra. Isles, como a senhora sobreviveu? Quem veio em sua ajuda?

Ela engoliu em seco:

— Um garoto.

— Julian Perkins, de 16 anos, creio. O jovem que atirou e matou aquele policial.

— Ele não teve escolha!

Whaley inclinou a cabeça.

— A senhora está defendendo um garoto que matou um policial?

— Um *mau* policial!

— Então a senhora voltou para Boston. E declarou que a morte do Sr. Dixon foi homicídio.

— Porque foi.

— Ou foi apenas um acidente trágico? Consequência inevitável após um prisioneiro violento resistir e precisar ser dominado?

— O senhor viu as fotos do necrotério. A polícia usou muito mais força que o necessário.

— A mesma coisa que fez o garoto em Wyoming, Julian Perkins. Ele atirou e matou um subdelegado. A senhora considera isso justificável?

— Objeção — disse Aguilar. — A Dra. Isles não está sendo julgada aqui!

Whaley prosseguiu com uma nova pergunta, com o olhar fixo em Maura:

— O que aconteceu em Wyoming, Dra. Isles? Enquanto lutava para defender sua vida, houve alguma epifania? A percepção súbita de que os policiais são o inimigo?

— Objeção!

— Ou os policiais sempre foram o inimigo? Membros da sua própria família parecem pensar assim.

O martelo do juiz soou.

— Sr. Whaley, aproxime-se *agora* — ordenou ele.

Maura encontrava-se estupefata, enquanto os dois advogados debruçavam-se sobre a bancada do juiz. Então as coisas haviam chegado àquele ponto, de desenterrar informações sobre sua família. Todos os policiais de Boston provavelmente sabiam sobre sua mãe, Amalthea, que cumpria prisão perpétua numa penitenciária feminina em Framingham. O monstro que me deu à luz, pensou. Todos que me olham devem se perguntar se a mesma maldade estará também no meu sangue. Ela viu que o réu, o policial Graff, estava encarando-a. Seus olhares encontraram-se, e um sorriso curvou-lhe os lábios. *Bem-vinda às consequências*, seus olhos pareciam dizer. *É isso o que acontece quando se trai a força policial.*

— O tribunal está em recesso — anunciou o juiz. — Retomamos às duas desta tarde.

Enquanto o júri saía, Maura recostou-se contra a cadeira, sem notar que a promotora estava de pé ao seu lado.

— Foi um golpe baixo — falou Aguilar. — Não se devia permitir uma coisa dessas.

— Ele concentrou tudo em mim.

— Sim, é verdade. Porque é tudo que ele tem. As fotos da necropsia convencem qualquer um — argumentou Aguilar, olhando depois com severidade para ela. — Existe mais alguma coisa que eu deveria saber sobre você, Dra. Isles?

— Além do fato de que minha mãe é uma assassina condenada e de que torturo gatinhos para me divertir?

— Não estou brincando.

— Foi você quem disse. Não sou eu quem está sendo julgada.

— Não, mas eles vão se concentrar em você. Se você odeia policiais, se tem segundas intenções... Podemos perder este caso se esse júri achar que não está sendo sincera. Então me diga se existe mais alguma coisa que eles possam trazer à tona. Qualquer segredo que não tenha mencionado a mim.

Maura considerou as vergonhas particulares que escondia. O caso ilícito que acabara de terminar. O histórico violento de sua família.

— Todos têm segredos. Os meus não são relevantes.

— Vamos torcer para que não sejam — replicou Aguilar.

3

Para todos os lugares que se olhasse na Chinatown de Boston, havia fantasmas. Eles assombravam Tai Tung Village, assim como a espalhafatosa Beach Street, pairando sobre Ping On Alley e esvoaçando pela rua escura atrás da Oxford Place. Estavam em todos os lugares. Essa era, pelo menos, a história do guia turístico Billy Foo, que se mantinha fiel a ela. Se ele próprio acreditava em fantasmas não importava muito: seu trabalho implicava convencer os turistas de que espíritos povoavam aquelas ruas. As pessoas *queriam* acreditar em fantasmas, e era por isso que muitas delas estavam dispostas a pagar 15 dólares por cabeça para ficar tremendo de frio na esquina da Beach com a Oxford, ouvindo histórias sangrentas de assassinatos. Treze felizardos tinham se inscrito para o Passeio Fantasmagórico de Chinatown, realizado a altas horas, e que nessa noite incluía uma dupla de gêmeos travessos, de 10 anos, que já deveriam estar na cama havia muito. Porém, quando se precisa de dinheiro, não se pode desprezar pagantes, mesmo que sejam garotos levados. Billy era formado em teatro, sem qualquer perspectiva de trabalho no horizonte, e os ganhos daquela noite eram esplêndidos 195 dólares, mais gorjetas. Não era uma má arrecadação para duas horas de histórias improváveis, mesmo que viesse com a humilhação de vestir um traje acetinado de mandarim e um rabo de cavalo falso.

Billy limpou a garganta e levantou os braços, fazendo uso das habilidades que aprendera em seis semestres de curso de teatro, a fim de prender a atenção dos ouvintes.

— O ano é 1907! Dia 2 de agosto, uma noite agradável de sexta-feira. — Sua voz, profunda e sinistra, ergue-se acima do ruído dispersivo do tráfego. Como a Morte escolhendo a próxima vítima, Billy aponta para o outro lado da rua: — Ali, na praça chamada Oxford Place, pulsa o coração da Chinatown de Boston. Caminhem comigo agora, enquanto voltamos para a época em que estas ruas transbordavam de imigrantes. Quando as noites enevoadas cheiravam a corpos suados e especiarias estranhas. Voltemos a uma noite quando o *assassinato* estava no ar! — Com um aceno dramático, convidou o grupo a segui-lo até Oxford Place, onde todos chegaram mais perto para ouvir. Contemplando-lhes os rostos atentos, ele pensava: agora é a hora de encantá-los, de lançar o feitiço que só um bom ator consegue. Abriu os braços, e as mangas do traje de mandarim ondularam como asas de cetim, enquanto enchia os pulmões para ter fôlego.

— Maamãããe! — choramingou uma das crianças. — Ele está me *chutando!*

— Para com isso, Michael — rosnou a mãe. — Para neste minuto.

— Não *fiz* nada!

— Você está perturbando seu irmão.

— Ele é que está *me* perturbando.

— Estão querendo voltar para o hotel, *é isso?*

Ah, Deus, *por favor*, voltem para o hotel, pensou Billy. Os dois irmãos, no entanto, mantiveram-se encarando um ao outro, de braços cruzados, recusando-se a se divertir.

— Como eu estava dizendo... — falou Billy. A interrupção, contudo, havia arruinado sua concentração, e quase conseguia visualizar a tensão dramática escapando-lhe pelo ar, como um balão furado. Rangendo os dentes, continuou: — Era uma enevoadada noite de agosto. Nesta praça, após um longo dia de trabalho nas lavanderias e mercearias, uma multidão de chinas estava sentada, descansando.

Odiava a palavra *chinas*, mas forçou-se a dizê-la a fim de evocar a época em que os jornais se referiam com regularidade a *orientais furtivos e sinistros*. Uma época na qual a própria revista *Time* achava apropriado descrever *a malícia pálida de meios sorrisos, em rostos tão amarelos quanto*

formulários de telegramas. Um tempo em que Billy Foo, um sino-americano, não encontraria outro trabalho que não fosse de tintureiro, cozinheiro ou operário.

— Aqui nesta praça, uma batalha está prestes a surgir entre dois clãs rivais chineses: os On Leong e os Hip Sing. Batalha que deixará esta praça banhada de sangue...

“Alguém acende um morteiro. De repente, a noite explode em tiros! Dezenas de chinas fogem aterrorizadas! Mas alguns não conseguem correr rápido o suficiente, e, quando o tiroteio silencia, cinco homens jazem mortos ou moribundos. Eles são apenas as últimas vítimas das sangrentas e infames guerras *tong*...”

— Mamãe, vamos *embora*?

— Shhhh. Ouve a história do rapaz.

— Mas ele é *chaaa-to*.

Billy hesitou, com as mãos prontas para agarrar o garoto pelo pescoço. Lançou-lhe um olhar cheio de veneno. Indiferente, o menino apenas deu de ombros.

— Em noites de neblina, como esta — prosseguiu Billy, entre os dentes —, é possível às vezes ouvir o som longínquo daqueles morteiros. Podem-se ver figuras sombrias passando rápido, presas em um terror mortal, eternamente desesperadas para fugir das balas que voaram aquela noite!

Billy virou-se, acenando com o braço:

— Agora me sigam até Beach Street. Outro lugar em que os fantasmas habitam.

— Mamãe. *Mamãe!*

Billy ignorou o moleque e conduziu o grupo para o outro lado da rua. *Continue sorrindo, tagarelando. Tudo pelas gorjetas.* Precisava de energia para apenas mais uma hora. Teriam como próxima parada a Knapp Street. Depois, a Tyler Street e o cassino, onde cinco homens foram massacrados em 1991. Em Chinatown, não faltavam locais onde ocorreram assassinatos.

Ele os guiou pela Knapp Street. Era pouco mais que um beco, escassamente iluminado e pouco frequentado. Quando deixaram para trás as luzes e o tráfego da Beach Street, a temperatura pareceu despencar de repente. Tremendo, ele ajustou mais o traje de mandarim. Já havia notado

esse estranho fenômeno antes, toda vez que se aventurava nesse trecho da Knapp. Mesmo em noites quentes de verão, sempre sentia um arrepio ali, como se um frio tivesse tomado conta do beco, muitos anos antes, e nunca mais houvesse se dissipado. O grupo pareceu sentir também, e Billy ouviu o som de zíperes de casacos subindo e viu luvas saindo de bolsos. Todos ficaram calados, seus passos ecoando nos prédios que se erguiam de ambos os lados. Até os dois pirralhos estavam quietos, como se percebessem que o ar era diferente ali, alguma coisa que pairava na atmosfera, devorando risos e alegria.

Billy parou em frente a uma construção abandonada, onde um portão trancado cobria a porta e barras protegiam as janelas do térreo. Uma escada de incêndio enferrujada subia até o terceiro e quarto pisos, onde todas as janelas encontravam-se fechadas com tábuas, como se para aprisionar algo que se ocultava no interior. As pessoas do grupo aproximaram-se mais umas das outras, tentando escapar do frio. Ou seria alguma outra coisa que experimentavam naquele beco que as fazia formar um círculo apertado, como se em busca de proteção?

— Bem-vindos à cena de um dos crimes mais hediondos já ocorridos em Chinatown — exclamou Billy. — A placa no prédio já não existe, mas há 19 anos, por trás dessas janelas gradeadas, havia um pequeno restaurante chinês de frutos do mar, chamado Red Phoenix. Era um estabelecimento modesto, com apenas oito mesas, mas famoso pelos mariscos frescos. Era tarde da noite úmida e fria de 30 de março. Como a de hoje, em que as ruas em geral movimentadas de Chinatown ficam estranhamente calmas. Dentro do Red Phoenix, só dois empregados estavam trabalhando: o garçom, Jimmy Fang, e o cozinheiro, um imigrante ilegal chinês chamado Wu Weimin. Três fregueses apareceram para comer naquela noite, que seria a sua última. Porque, na cozinha, havia algo de muito errado. Nunca saberemos o que fez o cozinheiro ficar louco de repente. Talvez tenha sido o excesso e a dureza das horas de trabalho. Ou a dor de viver como um estranho numa terra estranha.

Billy fez uma pausa. Sua voz transformou-se num sussurro arrepiante:

— Ou talvez fosse alguma força estranha que tomou conta dele, um mal que o possuiu. Que o fez sacar uma arma e irromper pelo salão. Um mal que ainda paira por aqui, nesta rua escura. Tudo que se sabe é que ele apontou a arma e... — Billy parou.

— E o quê? — indagou alguém ansiosamente.

A atenção de Billy, todavia, estava fixa no alto, os olhos cravados no telhado, onde jurava que alguma coisa tinha se movido. Fora apenas uma ondulação negra contra o fundo negro, como a asa de um pássaro gigante batendo no céu. Ele forçou a vista para ter outro vislumbre, mas tudo que viu então foi o contorno esquelético da escada de incêndio, abraçando a parede.

— O que aconteceu depois? — perguntou um dos moleques.

Billy encarou os 13 rostos que o fitavam, cheios de expectativa, e tentou lembrar-se de onde havia parado. Entretanto, encontrava-se ainda perturbado pelo que passara rapidamente contra o céu. De súbito, sentiu-se desesperado para sair daquele beco escuro e fugir do prédio. Tão desesperado que precisou de cada fiapo de força de vontade para não correr de volta à Beach Street. Em direção às luzes. Respirou fundo e disparou:

— O cozinheiro atirou em todo mundo e depois se matou.

Com essa, Billy deu meia-volta e acenou para que o seguissem, levando-os para longe daquela construção deteriorada, com seus fantasmas e ecos de terror. Harrison Avenue ficava um quarteirão adiante, com luzes e tráfego que eram como um sinal de simpatia. Um lugar para os vivos, não para os mortos. Caminhava tão rápido que o grupo ficou para trás, mas não conseguia livrar-se da sensação de ameaça que parecia envolvê-los cada vez mais. Sensação de que alguém os observava. Observava-o.

Um grito agudo de mulher o fez voltar-se para trás, com o coração disparado. Depois, o grupo soltou de repente uma enorme gargalhada, e um dos homens disse:

— Ei, que truque interessante! Você o usa em todos os passeios?

— O quê? — falou Billy.

— Quase nos matou de susto! Parece tão real.

— Não sei do que está falando — retrucou Billy.

O homem apontou para o que imaginava ser parte do espetáculo:

— Ei, garoto, mostra para ele o que encontrou.

— Achei ali, ao lado da lata de lixo — disse um dos moleques, erguendo a descoberta. — Parece real *mesmo*. Nojento!

Billy aproximou-se alguns passos e, de repente, percebeu que não conseguia se mexer nem falar. Estava paralisado, contemplando o que o

garoto segurava. Viu pequenas gotas escuras escorrendo e pingando no casaco do menino, que parecia não notar.

Foi a mãe quem começou a berrar primeiro. Depois, os demais se juntaram a ela, aos gritos, correndo para longe. O moleque, aturdido, ficou parado ali, segurando seu troféu, enquanto o sangue gotejava sobre sua manga.

4

— Jantei lá no sábado passado — disse o detetive Barry Frost, enquanto dirigiam-se para Chinatown. — Levei Liz para ver um balé no Wang Theater. Ela adora, mas, cara, para mim não dá. Dormi da metade em diante. Depois andamos até o restaurante Ocean City para jantar.

Eram duas da manhã, tarde demais para alguém estar tão falante, mas a detetive Jane Rizzoli deixava o colega tagarelar sobre a última namorada, enquanto se concentrava em dirigir. Para seus olhos cansados, todo poste de iluminação parecia brilhante demais, e cada farol que passava era uma agressão às retinas. Uma hora antes, estava deliciosamente aninhada na cama com o marido; agora tentava manter-se acordada enquanto suportava um tráfego que, inexplicavelmente, havia passado a arrastar-se num horário em que as pessoas deveriam estar em casa dormindo.

— Você já comeu lá? — perguntou Frost.

— O quê?

— No restaurante Ocean City. Liz pediu um desses mariscos enormes, com alho e caldo de feijão-preto. Me dá fome só de pensar. Não vejo a hora de voltar lá.

— Quem é Liz?

— Falei sobre ela para você semana passada. Nos conhecemos na academia.

— Pensei que estivesse saindo com uma garota chamada Muffy.

— Maggie — corrigiu ele, dando de ombros. — Não deu certo.

— Nem com a outra antes dela. Já nem me lembro o nome.

— Ei, ainda estou tentando descobrir o que quero numa mulher, sabia? Estava fora do mercado há uma eternidade. Cara, não fazia ideia de que tinha tantas garotas solteiras por aí.

— Mulheres.

Ele suspirou:

— É. Alice costumava martelar isso na minha cabeça. Agora tem que se falar *mulheres*.

Jane freou diante de um sinal vermelho e olhou para o parceiro.

— Você e Alice têm se falado muito ultimamente? — perguntou ela.

— Não há muito o que falar.

— Sobre um casamento de dez anos, que tal?

Ele olhou pela janela, para nada em particular:

— Não temos mais nada que falar. Ela virou a página.

Frost, contudo, não, pensou Jane. Oito meses antes, a esposa dele, Alice, saíra de casa. Desde então, Jane vinha sendo submetida a uma crônica constante das desinteressantes aventuras do colega com as mulheres. Teve a loura peituda que dissera não estar vestindo roupa de baixo. A bibliotecária incrivelmente atlética com sua cópia surrada do *Kama Sutra*. A quacre de cara lavada que o chupara debaixo da mesa. Ele contava todas essas histórias num misto de incredulidade e espanto; porém o que ela via em seus olhos era apenas tristeza. E ele não era de se jogar fora, nem um pouco. Esbelto, em forma e de uma beleza suave, encontrar namoradas deveria ser-lhe mais fácil do que vinha sendo.

Mas ele ainda sente falta de Alice.

Entraram na Beach Street, percorrendo o coração de Chinatown, e ficaram quase cegos com as luzes piscantes de uma patrulha do Departamento de Polícia de Boston. Ela parou o carro atrás e os dois saltaram para a umidade, que gelava até os ossos, de uma noite de primavera. Apesar da hora ingrata, havia alguns curiosos na calçada, e Jane ouviu murmúrios tanto em chinês como em inglês, todos fazendo sem dúvida a pergunta clássica: *o que aconteceu?*

Ela e Frost deram alguns passos pela Knapp Street e abaixaram-se para passar sob a faixa de isolamento que a polícia havia instalado e onde um patrulheiro estava de guarda.

— Detetives Rizzoli e Frost, da Unidade de Homicídios — anunciou ela.

— Está ali. — Foi a resposta curta do policial, apontando para um latão de lixo no beco, onde outro colega vigiava.

Quando Jane e Frost aproximaram-se, ela percebeu que não era o latão que o patrulheiro estava guardando, mas alguma coisa sobre a calçada. Jane parou e olhou para a mão direita amputada.

— Uau! — exclamou Frost.

O policial riu:

— Foi exatamente a minha reação.

— Quem encontrou?

— Um grupo de pessoas que estavam fazendo o Passeio Fantasmagórico de Chinatown. Um garoto do grupo pegou, achando que era falso. Ainda estava fresco o suficiente para pingar sangue. Assim que percebeu que era de verdade, deixou cair aí, exatamente onde está agora. Acho que jamais esperaram encontrar *isso* no passeio.

— Onde estão esses turistas agora?

— Estavam bem apavorados. Insistiram em voltar para os hotéis, mas peguei nomes e informações de contato. O guia turístico é um rapaz chinês local, disse que estará à disposição para falar com vocês quando quiserem. Ninguém viu nada, a não ser a mão. Ligaram para a emergência, e o pessoal de lá achou que era algum trote. Levamos um tempo para chegar, porque tivemos que acalmar uns arruaceiros em Charlestown.

Jane agachou-se e apontou a lanterna para a mão. Era uma amputação assustadoramente precisa: a extremidade cortada apresentava uma crosta de sangue coagulado. Parecia haver pertencido a uma mulher, pelos dedos pálidos, finos, de unhas pintadas com uma elegância desconcertante. Sem anel nem relógio.

— Estava aqui no chão?

— Sim. Tão fresca como agora. Os ratos iriam atacá-la logo.

— Não vejo marcas de mordidas. Não devia estar aqui há muito tempo.

— Ah, achei outra coisa também — disse o patrulheiro, apontando a lanterna para um objeto acinzentado, a poucos metros de distância.

Frost aproximou-se para examinar melhor:

— É uma Heckler & Koch. Custa caro — comentou, olhando para Jane.
— E com silenciador.

— Algum dos turistas tocou na arma? — perguntou Jane.

— Ninguém — respondeu o policial. — Nem viram.

— Então temos aqui uma pistola automática com silenciador e uma mão recém-decepada — falou Jane. — Quem duvida de que as duas coisas estão ligadas?

— É um artigo muito bom — disse Frost, ainda admirando a arma. — Não consigo imaginar alguém jogando isso fora desse jeito.

Jane pôs-se de pé e olhou para o latão de lixo.

— Você deu uma olhada dentro para ver se o resto do corpo não está lá?

— Não, senhora. Achei que uma mão amputada era mais que suficiente para chamá-los imediatamente. Não queria contaminar nada antes que chegassem.

Ela tirou do bolso um par de luvas. Ao colocá-las, sentiu que o coração começava a bater mais forte, na expectativa do que poderia encontrar. Ela e Frost, juntos, levantaram a tampa, e o cheiro de mariscos podres subiu, atingindo-os em cheio. Combatendo a náusea, viu caixas de papelão amassadas e um enorme saco preto de lixo. Jane e Frost entreolharam-se.

— Gostaria de fazer as honras? — perguntou ele.

Jane enfiou a mão, deu um puxão no saco e soube logo que não continha nenhum cadáver. Era leve demais. Com uma careta por causa do mau cheiro, abriu-o e olhou seu interior. Só cascas de camarão e caranguejo.

Os dois recolocaram ruidosamente a tampa sobre o latão e se afastaram.

— Ninguém em casa? — indagou o patrulheiro.

— Não ali — respondeu Jane, olhando outra vez para a mão decepada. — Onde estará o restante dela?

— Talvez alguém esteja espalhando os pedaços pela cidade — sugeriu Frost.

O policial riu:

— Ou talvez algum desses restaurantes chineses a tenha cozinhado e servido com um bom molho.

Jane olhou para Frost.

— Ainda bem que você pediu marisco.

— Demos uma volta por aí — disse o policial. — Não encontramos nada.

— Mesmo assim, acho que vamos dar uma volta no quarteirão — replicou Jane.

Juntos, ela e Frost percorreram lentamente a Knapp Street, as lanternas cortando as sombras. Viram cacos de garrafas quebradas, pedaços de papel, guimbas de cigarro. Nenhum pedaço de corpo. Os prédios que se erguiam dos dois lados tinham as janelas escuras, mas ela se perguntava se acima haveria olhos observando desses aposentos sem iluminação, rastreando-lhes o percurso pelo caminho silencioso. Teriam que fazer de novo essa mesma inspeção à luz do dia, mas Jane não queria perder nenhuma pista que fosse sensível ao tempo. Assim, ela e Frost prosseguiram pelo beco até outro trecho isolado com faixas pela polícia, que bloqueava o acesso pela Harrison Avenue. Ali, havia calçadas, postes de iluminação e tráfego. Entretanto, a dupla continuou a fazer sua cuidadosa volta em torno do quarteirão, da Harrison à Beach Street, com os olhos varrendo o chão. Quando terminaram o circuito e retornaram ao latão de lixo, a perícia havia chegado.

— Pelo visto vocês também não encontraram o resto dela — disse o patrulheiro a Jane e Frost.

Jane observou a arma e a mão decepada serem recolhidas, perguntando-se por que um assassino deixaria um pedaço de corpo num local tão exposto, onde alguém acabaria por encontrá-lo. Teria sido uma coisa rápida? Fora deixado ali de propósito, como uma espécie de mensagem? Depois, seu olhar encontrou uma escada de incêndio que serpenteava pelo prédio de quatro andares que dava para o beco.

— Precisamos dar uma checada naquele telhado — observou ela.

O primeiro degrau da escada estava enferrujado, e eles não conseguiram abaixá-la: teriam de chegar ao telhado pela forma convencional, subindo a escadaria do prédio. Deixaram o beco e retornaram à Beach Street, de onde podiam ter acesso às portas da frente daqueles edifícios. Estabelecimentos comerciais ocupavam os primeiros pisos: um restaurante chinês, uma padaria e uma loja de verduras asiática — todos fechados àquela hora. Acima, havia apartamentos. Olhando para o alto, Jane viu que as janelas dos andares mais altos estavam todas escuras.

— Vamos ter que acordar alguém para nos abrir a porta — falou Frost.

Jane aproximou-se de um grupo de velhos chineses, que havia se reunido na calçada para observar o movimento.

— Algum de vocês conhece os moradores desse prédio? Precisamos entrar.

Eles a encararam sem expressão.

— Esse prédio — disse Jane, outra vez, apontando. — Precisamos subir.

— Falar mais alto não adianta nada — interpôs Frost. — Acho que eles não entendem inglês.

Jane suspirou. *Isto que é Chinatown.*

— Precisamos de um intérprete.

— O Distrito A-1 tem um novo detetive. Acho que é chinês.

— Vai demorar muito esperar por ele — falou Jane, aproximando-se da porta da frente, examinando os nomes dos moradores e apertando um botão ao acaso. Apesar de pressioná-lo repetidas vezes, ninguém atendeu.

Jane tentou outro, e, dessa vez, uma voz falou no interfone.

— *Wei?* — disse uma mulher.

— É a polícia — replicou Jane. — A senhora pode nos abrir a porta, por favor?

— *Wei?*

— Abra a porta, por favor!

Passaram-se alguns minutos antes de uma voz de criança falar:

— Minha avó quer saber quem é você.

— Detetive Jane Rizzoli, do Departamento de Polícia de Boston. Precisamos subir até o telhado. É possível abrir a porta?

Por fim, ouviu-se o som da porta abrindo.

O prédio tinha no mínimo cem anos, e seus degraus de madeira rangeram quando Jane e Frost subiram a escada. Ao chegar no segundo andar, uma porta abriu-se e Jane vislumbrou um apartamento pequeno, do qual duas garotas espiavam com olhos curiosos. A mais nova tinha mais ou menos a idade de sua filha, Regina, e Jane parou para sorrir e dizer oi.

Na mesma hora, a menor das meninas foi agarrada pelos braços de uma mulher e a porta se fechou.

— Acho que somos os estranhos grandalhões e malvados — comentou Frost.

Os dois continuaram a subir. Passaram pelo quarto andar e, depois, por um estreito lance de escadas, até o telhado. A saída não estava trancada, mas a porta rugeu alto quando a abriram.

Eles saíram para a escuridão que antecede o amanhecer, iluminada apenas pelo brilho difuso das luzes da cidade. Acendendo a lanterna, Jane viu uma mesa e cadeiras de plástico, vasos de plantas com ervas. Num varal

arqueado, uma boa quantidade de roupas penduradas dançava como fantasmas ao vento. Em meio aos lençóis balouçantes, Jane viu algo mais, uma coisa que se encontrava perto da beirada do telhado, além daquela cortina de tecido.

Sem dizer nada, ela e Frost tiraram automaticamente do bolso protetores de sapatos, de papel, e os colocaram. Só depois se abaixaram para atravessar a linha de roupas penduradas e dirigir-se até o que tinham vislumbrado.

Por um momento, nenhum dos dois falou. Permaneceram lado a lado, com as lanternas apontadas para uma enorme poça de sangue congelado e para o que boiava nela.

— Acho que encontramos o restante — disse Frost.

5

Chinatown ficava no coração de Boston, espremida entre a zona do mercado financeiro, ao norte, e o gramado verde do parque público central, a oeste.

Quando Maura, entretanto, passou sob o portão *paifang*, com seus quatro leões esculpidos, sentiu-se como se estivesse entrando numa cidade e num mundo diferentes. Visitara o bairro pela última vez num sábado de manhã, em outubro, quando havia grupos de idosos sentados sob o portão, tomando chá e jogando damas enquanto tagarelavam em chinês. Naquele dia frio, encontrara Daniel ali para um café da manhã *dim sum*. Havia sido uma das últimas refeições que fizeram juntos, e a lembrança daquele dia doía agora como uma punhalada no coração. Embora aquele fosse um claro amanhecer de primavera, e os mesmos jogadores de damas estivessem conversando no alvorecer frio, a melancolia turvava tudo o que via, transformando dia em noite.

Passou por restaurantes onde peixes prateados pululavam em tanques; por lojas empoeiradas de artigos importados, apinhadas de móveis de pau-rosa, pulseiras de jade e esculturas de marfim falso; até chegar a uma multidão de curiosos. Viu um policial com o uniforme do Departamento de Polícia de Boston sobressaindo-se no ajuntamento, composto majoritariamente de asiáticos, e dirigiu-se até ele.

— Com licença. Sou a patologista — anunciou.

O olhar frio que ele lhe lançou não deixava dúvidas de que sabia com exatidão quem ela era. A Dra. Maura Isles, que traíra a irmandade dos encarregados de servir e proteger. Cujos testemunho poderia mandar um

deles para a prisão. O policial não disse uma palavra, apenas encarou-a, como se não fizesse ideia do que Maura esperava dele.

Ela retribuiu o olhar, com a mesma frieza.

— Onde está a morta? — falou.

— Melhor perguntar à detetive Rizzoli. — Não estava disposto a facilitar-lhe as coisas.

— E onde está ela?

Antes que o patrulheiro pudesse responder, ouviu alguém chamar:

— Dra. Isles?

Um jovem asiático, de terno e gravata, atravessou a rua em sua direção:

— Estão esperando por você no telhado.

— Como chego lá?

— Venha comigo. Subo as escadas com você.

— É novo na Unidade de Homicídios? Acho que nunca vi você antes.

— Perdão, devia ter me apresentado. Sou o detetive Johnny Tam, do Distrito A-1. Rizzoli precisava de alguém da área para traduzir, e, como sou o “cara chinês”, me colocaram na equipe.

— É sua primeira vez trabalhando em um homicídio?

— Sim. Sempre foi um sonho para mim. Sou detetive há apenas dois meses, então estou bastante empolgado. — Afastando com energia os curiosos para um lado, conseguiu um espaço para ela em meio à multidão e abriu a porta de um prédio que cheirava a alho e incenso.

— Vejo que fala mandarim. Cantonês também? — perguntou ela.

— Percebe a diferença?

— Morei em São Francisco. Tinha vários colegas chineses.

— Gostaria de falar cantonês, mas para mim é como grego — observou ele, enquanto subiam a escada. — Acho que o meu mandarim não é muito útil por aqui. A maioria desses idosos fala cantonês ou o dialeto *toisan*. Quase sempre, eu mesmo preciso de intérprete.

— Então não é de Boston?

— Nascido e criado em Nova York. Meus pais vieram da província de Fujian.

Eles chegaram até a porta do telhado e cruzaram-na, entrando na luminosidade do sol da manhã que se iniciava. Franzindo os olhos contra a

claridade, Maura viu o pessoal da perícia vasculhando o telhado e ouviu alguém dizer:

— Encontrei outro cartucho de bala aqui em cima.

— É o quinto, esse?

— Etiqueta e guarde.

De repente, as vozes calaram-se, e Maura percebeu que haviam notado sua entrada e estavam todos olhando para ela. A traidora chegara.

— Oi, doutora — chamou Jane, caminhando em sua direção, o vento a despentear-lhe o cabelo. — Vejo que Tam finalmente a encontrou.

— Que história é essa de cartuchos de balas? — perguntou Maura. — No telefone, você falou de amputação.

— Foi. Mas encontramos uma Heckler & Koch automática no beco, lá embaixo. Parece que alguém andou dando uns tiros aqui em cima. No mínimo, cinco.

— Alguém mencionou ter ouvido disparos? Temos uma hora aproximada?

— A arma tinha silenciador. Ninguém ouviu nada — respondeu Jane, virando-se. — A vítima está ali.

Maura colocou protetores nos sapatos e luvas e então seguiu Jane até o corpo coberto, próximo à beirada do telhado. Inclinando-se, levantou a cobertura de plástico e olhou, incapaz de falar por um momento.

— É. Também ficamos sem fôlego — comentou Jane.

A mulher era branca, aparentava 30 e poucos anos, tinha o corpo esbelto e atlético, vestia moletom com capuz e calça justa de malha, tudo em preto. O corpo apresentava rigidez cadavérica total. Estava caído de costas; o rosto encarando o céu, como se tivesse se esticado para admirar as estrelas. O cabelo, de um belo castanho-avermelhado, estava preso num simples rabo de cavalo. A pele era clara e imaculada; as maçãs do rosto projetavam-se como as de uma modelo, ligeiramente esclavas. Maura, porém, concentrou-se no ferimento: um corte tão profundo que separou pele, músculos e cartilagem, decepando o lúmen da traqueia e expondo a superfície perolada da coluna cervical. O jorro arterial resultante teve força suficiente para espalhar sangue num raio apavorantemente amplo, deixando borrifos na cortina de lençóis pendurados no varal ao lado.

— A mão amputada caiu no beco aqui embaixo — disse Jane. — Assim como a Heckler & Koch. Meu palpite é que as digitais dela estão no cabo da

arma. E que vamos encontrar vestígios de pólvora naquela mão.

Maura tirou os olhos do pescoço, concentrou-se no punho direito, que havia sido cortado de forma bastante precisa, e tentou imaginar que tipo de instrumento poderia ter feito aquele talhe tão eficiente, passando por cartilagem e ossos. Tinha de ser algo incrivelmente afiado, manejado sem hesitação. Pensou no corte da lâmina e na mão caindo, despencando da beira do telhado. Imaginou essa mesma lâmina abrindo o pescoço fino.

Estremecendo, pôs-se de pé e olhou para baixo, do telhado, para os policiais de pé, na extremidade da Knapp Street, contendo os curiosos. A multidão parecia ter dobrado de tamanho quanto ao que fora momentos antes, e o dia mal havia começado. Gente implacável, que sempre fareja o cheiro de sangue.

— Você tem certeza de que quer estar aqui, Maura? — perguntou Jane, em voz baixa.

A legista voltou-se para ela:

— Por que não iria querer?

— Só estou pensando se não é muito cedo para voltar à rotina. Sei que foi uma semana difícil para você, com o julgamento e tudo mais — respondeu Jane e, após uma hesitação: — As coisas não estão nada boas para Graff no momento.

— E não têm que estar. Ele matou um homem.

— E esse homem matou um policial. Um bom policial, que tinha mulher e filhos. Tenho de admitir, eu poderia ter perdido o controle também.

— Por favor, Jane. Não me diga que você está defendendo o policial Graff.

— Trabalhei com ele, e não tinha homem melhor para dar cobertura. Você sabe o que acontece com um policial que acaba na prisão, não é?

— Eu não deveria ter que me defender nesse caso. Já recebo muitas cartas de ameaça. Não se junte ao coro.

— Só estou dizendo que esse é um momento muito delicado. Todos nós respeitamos Graff e entendemos como ele perdeu o juízo aquela noite. Um homem que assassinou um policial morreu, e isso talvez seja uma espécie de justiça inerente.

— Fazer justiça não é o meu trabalho. Só apresento os fatos.

A risada de Jane foi ferina.

— É, o seu negócio são os fatos, não é mesmo?

Maura virou-se e olhou pelo telhado para os peritos que vasculhavam a cena. *Deixe o barco correr e se concentre no trabalho. Você está aqui para falar em nome dessa mulher morta, e de ninguém mais.*

— O que ela estava fazendo no telhado? — perguntou.

Jane olhou para o corpo:

— Não faço ideia.

— Já se sabe como ela conseguiu subir?

— Pode ter sido por uma escada de incêndio ou pela escada interna de um prédio. Uma vez que se chegue a um telhado, dá para passar para qualquer outro, neste quarteirão, da Harrison Avenue à Knapp Street. Ela pode ter entrado por qualquer um destes edifícios. Ou ter sido deixada de helicóptero, em última hipótese. Nenhuma das pessoas com quem falamos se lembra de tê-la visto ontem à noite. E temos certeza de que aconteceu ontem à noite. Quando a encontramos, a rigidez cadavérica estava apenas começando.

Maura concentrou-se outra vez na vítima:

— É estranho ela estar toda de preto.

— Preto combina com tudo, não é o que dizem?

— Identidade?

— Nada. Tudo que encontramos nos bolsos foram trezentos dólares e a chave de um Honda. Estamos vasculhando a área atrás do veículo — falou Jane, balançando a cabeça. — Pena que ela não estava dirigindo um Yugo. É como procurar uma agulha numa droga de palheiro de Hondas.

Maura recolocou a cobertura sobre o cadáver, e o ferimento aberto desapareceu outra vez sob o plástico:

— Onde está a mão?

— Já foi recolhida.

— Tem certeza de que é deste corpo?

Jane riu, surpresa:

— Quais são as chances de que não seja?

— Nunca trabalho com hipóteses. Você sabe disto — respondeu ela, virando-se.

— Maura?

Ela olhou novamente para Jane. Ficaram cara a cara na claridade ofuscante, onde parecia que todo o Departamento de Polícia de Boston podia vê-las e ouvi-las.

— Sobre o julgamento. Entendo o que você está fazendo — falou Jane.
— Sabe disso.

— E não aprova.

— Mas entendo. Da mesma forma que espero que você entenda que são caras como Graff que têm de lidar com o mundo lá fora. São eles que estão na linha de frente. A justiça não é tão precisa quanto uma experiência científica. Às vezes é confusa, e os fatos só confundem você ainda mais.

— Eu devia ter mentido, então?

— Só não esqueça quem são os verdadeiros bandidos.

— Isso não está na descrição do meu trabalho — retrucou Maura.

Ela deixou o telhado e dirigiu-se à escada, feliz por escapar do brilho ofuscante do sol e dos olhares do pessoal do Departamento de Polícia de Boston. No entanto, quando chegou ao térreo, viu-se mais uma vez cara a cara com o detetive Tam.

— Tem muito sangue lá em cima, não é? — perguntou ele.

— Mais que o normal.

— E quando vai ser a necropsia?

— Vou fazê-la amanhã de manhã.

— Posso assistir?

— Vai ser bem-vindo, se tiver estômago para isso.

— Assisti a algumas quando estava na academia de polícia. Consegui não desmaiar.

Ela parou um instante para observá-lo. Viu olhos escuros, sem humor, e belos traços bem-definidos, mas nenhuma hostilidade. Numa manhã em que todo o Departamento de Polícia de Boston parecia vê-la como a inimiga, o detetive Johnny Tam era o único policial que parecia não criticá-la.

— Às oito — disse ela. — Até lá.

6

Maura não dormiu bem aquela noite. Após uma lasanha pesada, saboreada com três copos de vinho, foi para a cama, exausta. Acordou horas depois, com a dolorosa percepção do lugar vazio a seu lado. Esticando o braço, tocou em lençóis frios e perguntou-se, como já havia feito tantas outras noites, ao longo daqueles últimos quatro meses, se Daniel Brophy também estaria acordado e só. Se também estaria louco para pegar o telefone e acabar com o silêncio entre eles. Ou dormiria profundamente, sem arrependimentos, aliviado por o caso dos dois ter terminado? Ao mesmo tempo que Maura se sentia independente outra vez, essa liberdade tinha um preço. Uma cama vazia, noites sem dormir e a pergunta sem resposta: *fico melhor com ou sem ele?*

Na manhã seguinte, chegou ao trabalho grogue e enjoada de tanto café que bebera para ficar desperta. Na antessala do necrotério, enquanto colocava protetores de sapatos, máscara e touca de papel, olhou pelo vidro da porta e viu que Jane já estava ao lado da mesa, esperando por ela. No dia anterior, as duas não haviam se despedido nos termos mais cordiais, e Maura ainda se sentia ferida pela observação sarcástica da amiga: *o seu negócio são os fatos, não é mesmo?* Sim, os fatos eram importantes para ela. Eram coisas imutáveis que não podiam ser negadas, mesmo quando ameaçavam uma amizade. O julgamento do policial Graff cavara um abismo entre as duas, lembrando Maura de que a relação delas fora improvável

desde o início. Enquanto amarrava o jaleco, não era o cadáver que ela temia encarar, mas Jane.

Respirando fundo, abriu a porta.

Seu assistente, Yoshima, já tinha colocado o saco com o corpo sobre a mesa. Numa bandeja ao lado estava a mão decepada, coberta por um pano. Muito consciente de que Yoshima estava escutando a conversa, Maura cumprimentou Jane de forma neutra e perguntou:

— Frost não vem?

— Não, vai perder esta, mas Johnny Tam está vindo. Na verdade, acho que mal pode esperar para ver você começar a cortar.

— O detetive Tam parece ansioso por mostrar seu valor.

— Acho que tem planos de entrar para a Unidade de Homicídios. Pelo que vi até agora, parece ser qualificado — disse ela, levantando a cabeça. — Falando no diabo...

Pelo vidro da porta, Maura viu que Tam havia chegado e estava colocando um jaleco cirúrgico. Um instante depois entrava, com o cabelo negro oculto sob uma touca de papel. Aproximou-se da mesa, exibindo um olhar calmo e impassível, enquanto contemplava o corpo encoberto.

— Antes de começarmos, Tam — falou Jane —, só queria mostrar a você que a pia para vomitar fica ali.

Ele deu de ombros:

— Não vou precisar dela.

— Está dizendo isso agora.

— Vamos começar pela parte fácil — disse Maura, descobrindo a bandeja com a mão amputada.

Parecia feita de plástico. Não era de admirar que o grupo do passeio a tivesse tomado por um acessório de Halloween, com sangue falso. Já havia sido periciada, e o resultado para resíduo de pólvora dera positivo. Digitais daquela mão foram encontradas no cabo da Heckler & Koch, não deixando qualquer dúvida de que a vítima tinha disparado as balas, espalhando cinco cartuchos pelo telhado. Maura colocou a lente de aumento sobre a mão e examinou o punho decepado.

— O corte foi exatamente entre o rádio distal e o semilunar — observou ela. — Mas posso ver um bom pedaço do piramidal aqui.

— E isso quer dizer...? — perguntou Jane.

— Que o que fez este corte dividiu um osso do carpo. E esses ossos são muito densos.

— Então deve ter sido uma lâmina afiada.

— Afiada o suficiente para amputar de uma vez só — disse Maura, levantando a cabeça. — Não vejo nenhuma marca de um segundo corte.

— Me diga se essa mão faz parte desse corpo.

Maura virou-se para a mesa e desceu o zíper do saco no qual estava o cadáver. O plástico abriu-se, exalando um odor repulsivo de carne refrigerada e sangue velho. O corpo ainda estava com todas as roupas, a cabeça caída para trás, expondo o ferimento profundo no pescoço. Enquanto Yoshima tirava fotos, o olhar de Maura era atraído pelo cabelo castanho-avermelhado da mulher, endurecido de sangue. Lindos cabelos, pensou, e que bela mulher, que estivera armada e atirando em alguém naquele telhado.

— Dra. Isles, temos aqui fios de cabelo e fibras — disse Yoshima, curvando-se sobre o moletom preto do cadáver e examinando um único filamento de cor clara, preso à manga.

Com uma pinça, Maura pegou o fio de cabelo e examinou-o sob a luz. Tinha cerca de 5 centímetros, era grisalho e ligeiramente curvo. Ela olhou para o cadáver:

— Óbvio que não é dela.

— Olhe ali, tem outro — comentou Jane, apontando para um segundo fio, preso na calça preta da vítima.

— Talvez seja pelo de animal — falou Yoshima. — Pode ser de um golden retriever.

— Ou talvez ela tenha sido assassinada por um vovô grisalho.

Maura guardou os fios em envelopes diferentes e os colocou de lado:

— OK, vamos despi-la.

Primeiro, foi retirado do punho esquerdo o único adorno que ela usava, um relógio preto Swiss Hanowa. Depois, o tênis Reebok preto seguido do moletom com capuz, uma camiseta de manga comprida, a calça, calcinhas de algodão e um top. O que surgiu foi um corpo bronzeado, magro, porém musculoso. Maura escutou certa vez um professor de patologia afirmar que, em seus muitos anos de necropsias, nunca tinha visto um cadáver atraente. Aquela mulher provava que havia exceções à regra. Apesar do ferimento

aberto, das manchas nas costas e nádegas e dos olhos vidrados, ainda era uma mulher extraordinariamente bela.

Com o cadáver agora sem roupas, Maura e os dois detetives saíram do necrotério para que Yoshima pudesse tirar os raios X. Na antessala, observaram-no pelo vidro da porta colocar o avental de chumbo e os cartuchos de filme.

— Alguém vai dar falta de uma mulher como essa — disse Maura.

— Você está dizendo isso porque ela é bonita? — perguntou Jane.

— Estou dizendo porque estava em excelente forma, com dentes perfeitos, e a calça que estava usando era Donna Karan.

— Desculpem a pergunta de homem ignorante — falou Tam. — Isso significa que é cara?

Jane respondeu:

— Aposto que a Dra. Isles aqui pode dizer para você o preço exato.

— A questão é — continuou Maura — que não se trata de um pé-rapado qualquer. Ela estava com muito dinheiro e tinha uma Heckler & Koch, que, creio eu, não é uma arma comum.

— Mas também não tinha identidade — interpôs Tam.

— Pode ter sido roubada.

— E o ladrão ia deixar para trás 300 dólares? — replicou ele, balançando a cabeça. — Estranho...

Pelo vidro da porta, Maura viu Yoshima fazer um sinal.

— Ele terminou — falou ela, voltando ao laboratório.

Maura examinou primeiro a incisão no pescoço. Como o corte que amputara a mão, o ferimento parecia obra de um golpe só, dado sem hesitação. Medindo-o com uma régua, ela disse:

— Tem quase 8 centímetros de profundidade. Atravessa a traqueia e penetra até a coluna cervical. — Ela mudou a régua de posição. — Tem mais largura que profundidade, mais ou menos 12 centímetros de lado a lado. É mais um talho que uma perfuração — declarou Maura, fazendo uma pausa para estudar a incisão exposta. — Incrível como ele é liso. Não tem serrilhado nem corte secundário. Nenhuma contusão, nada esmagado. Foi muito rápido, a vítima não teve a menor chance de se defender — continuou ela, pegando a cabeça e inclinando-a para a frente. — Alguém pode segurar para mim o crânio na posição? Quero aproximar as bordas do ferimento.

Sem nenhuma hesitação, o detetive Tam deu um passo à frente e segurou a cabeça com as mãos enluvadas. Embora um tronco humano possa ser visto apenas como carne, osso e músculo, um conjunto impessoal, o rosto de um cadáver revela mais do que a maioria dos policiais quer ver. Johnny Tam, contudo, não se esquivou da visão. Olhou direto nos olhos da morta, como se esperasse que fornecessem respostas a várias perguntas.

— Isso. Aí — falou Maura, passando a lente de aumento pela pele. — Não tem nenhuma marca de serrilhado. Nada que me diga que tipo de faca... — Ela hesitou.

— O quê? — perguntou Jane.

— Esse ângulo é estranho. Não é como as gargantas cortadas que vejo normalmente.

— É, essas são muito chatas.

— Pensa em como você cortaria uma garganta — sugeriu Maura. — Para penetrar numa profundidade dessas, até as vértebras, seria preciso se aproximar pelas costas da vítima. Agarrar o cabelo dela, puxar sua cabeça para trás e cortar pela frente, de uma orelha a outra.

— O método do pessoal do Exército — comentou Tam.

— A abordagem pelas costas dá a você controle sobre a vítima e deixa a garganta mais exposta. E em geral resulta numa incisão curva, quando se examina depois o ferimento. Mas este corte revela um ângulo um pouco acima, da esquerda para a direita. Foi feito com a cabeça numa posição neutra, e não inclinada para trás.

— Talvez o assassino estivesse na frente dela — sugeriu Jane.

— Então por que ela não resistiu? Ela não tem nenhuma contusão que sugira que lutou. Por que ia ficar ali parada enquanto alguém quase decepava a sua cabeça?

Yoshima falou:

— Já coloquei os raios X.

Todos se viraram para a caixa de luz, onde estavam agora as radiografias expostas, os ossos brancos sobre a tela. Maura concentrou-se primeiro nas chapas que mostravam o punho direito e a mão decepada, comparando mentalmente os ângulos do osso piramidal. Encaixavam-se.

— A mão é realmente dela — confirmou.

— Nunca tive dúvida — replicou Jane.

Em seguida, Maura deu atenção às radiografias do pescoço, à brecha nos tecidos moles, onde a carne fora cortada de forma tão precisa. Seu olhar fixou-se de imediato numa lasca brilhante, na vértebra cervical.

— Você tirou alguma lateral da coluna? — perguntou.

Yoshima claramente antecipara o pedido, porque retirou de imediato as radiografias da mão e do punho e prendeu uma nova, uma incidência lateral do pescoço:

— Também percebi isso e achei que você ia querer ver melhor.

Maura contemplou um ângulo lateral da quinta vértebra cervical. O objeto, finíssimo, também aparecia naquela radiografia.

— O que é isso? — perguntou Jane, chegando mais perto.

— É alguma coisa metálica e está engastada na quinta vértebra cervical — respondeu ela, voltando-se para a mesa de necropsia. — Acho que um pedaço da lâmina se partiu quando o assassino deu o golpe, e um fragmento ficou alojado no pescoço.

— O que significa que poderíamos analisar o metal — comentou Jane. — Identificar quem fabricou a faca.

— Não acho que tenha sido uma faca — retrucou Maura.

— Um machado?

— Um machado deixaria uma fissura, e veríamos trituração dos tecidos moles. Ela não apresenta nenhum dos dois. Essa incisão é fina e linear. Foi feita por uma lâmina muito afiada e longa o suficiente para cortar praticamente o pescoço da vítima com um golpe só.

— Algo como um facão? — perguntou Jane.

— Ou uma espada.

Jane olhou para Tam.

— Estamos procurando o Zorro — falou. Sua risada foi interrompida pelo som do celular tocando. Ela tirou as luvas e pegou o telefone, preso na cintura. — Rizzoli.

— Você já viu ferimentos de espada antes, Dra. Isles? — perguntou Tam, ainda examinando o raio X.

— Vi um, em São Francisco. Um homem retalhou a namorada até a morte com uma espada samurai.

— Uma análise do metal poderia dizer se essa era uma espada samurai?

— Elas são produzidas em série atualmente, de modo que isso não nos ajudaria, a menos que pudéssemos encontrar a arma em si. Mesmo assim,

nunca se sabe quando evidências mínimas como esta acabam sendo a peça do quebra-cabeça necessária para condenar alguém.

Ela olhou para Tam, cujo rosto se encontrava banhado pela luz da caixa. Mesmo com uma touca bizarra cobrindo-lhe o cabelo, mais uma vez ela ficou impressionada com sua intensidade. E falta de humor.

— Você faz boas perguntas — disse Maura.

— Só estou tentando aprender.

— Rizzoli é uma policial esperta. Ande com ela e você vai aprender muito.

— Tam — chamou Jane, desligando o telefone. — Você fica e termina a coisa aqui. Tenho que ir.

— O que aconteceu?

— Era Frost. Encontramos o carro da vítima.

O quarto andar do edifício-garagem da Tyler Street estava quase vazio, e o Honda Civic azul encontrava-se estacionado numa vaga longínqua, em um canto. Era um lugar escuro e isolado, o tipo de local que se escolhe quando não se deseja ser visto andando até o carro. Enquanto Jane e Frost inspecionavam o veículo, o público resumia-se ao único empregado da garagem e os dois policiais do Departamento de Polícia de Boston que haviam descoberto o automóvel naquela manhã.

— O tíquete de entrada no para-brisa é de quarta-feira, oito e quinze da noite — disse Frost. — Chequei o filme da câmera de segurança, e ele mostra o Honda entrando nesse horário. Cinco minutos depois, uma mulher sai da garagem. Está de capuz e não dá para ver seu rosto, mas parece com ela. Depois disso, o carro não saiu mais daqui.

Enquanto Frost falava, Jane andava ao redor do Honda vagorosamente. Era um modelo de três anos antes, sem grandes amassados ou arranhões. Os pneus encontravam-se em boas condições. O porta-malas estava aberto, o capô levantado para que ela examinasse seu interior.

— A placa foi roubada cinco dias atrás em Springfield — relatou Frost. — E o veículo, uma semana atrás, também em Springfield.

Jane franziu o cenho diante do porta-malas vazio, a não ser pelo estepe:

— Uau, está muito mais arrumado que o meu.

Frost riu e replicou:

— Pode-se dizer o mesmo de vários outros carros.

— Olha só quem fala! Um obsessivo-compulsivo.

— Parece que andou recebendo uma guaribada recentemente. A carteira de motorista do verdadeiro dono do carro e o cartão do seguro estão no porta-luvas. E você vai adorar o que estava no banco da frente — falou ele, colocando luvas e abrindo a porta do motorista. — Um GPS portátil.

— Por que você sempre consegue encontrar coisas interessantes?

— Acho que é novo, porque ela só pôs dois endereços. Ambos aqui em Boston.

— Onde?

— O primeiro é de uma residência particular em Roxbury Crossing, pertencente a Louis Ingersoll.

Jane olhou para ele, surpresa:

— Será a do *detetive* Lou Ingersoll?

— Do próprio. É o endereço que o Departamento de Polícia de Boston tem dele.

— Quanto tempo faz mesmo? Ele se aposentou da Unidade de Homicídios faz 16 ou 17 anos?

— Dezesseis. Não consegui encontrá-lo. Liguei para a filha, e ela disse que Lou foi passar o fim de semana no norte, pescando. Parece que o celular não pega lá. Ou então ele desligou para não ser incomodado.

— E o segundo endereço no GPS?

— É de um estabelecimento comercial, bem aqui em Chinatown. Um lugar chamado Academia de Artes Marciais Dragon and Stars. A secretária eletrônica deles disse que abrem ao meio-dia — falou Frost, olhando para o relógio. — Ou seja, dez minutos atrás.

A Academia de Artes Marciais Dragon and Stars ficava no segundo andar de um velho prédio de tijolos aparentes na Harrison Avenue, e, à medida que Jane e Frost subiam a escada estreita, iam ouvindo cantos, gemidos e o som de pés batendo no chão: dava quase para sentir o cheiro de suor do vestiário. Dentro da academia, uma dezena de alunos, vestidos com roupas que pareciam pijamas pretos, moviam-se tão concentrados que ninguém notou a entrada dos dois detetives. À exceção de um pôster desbotado de artes marciais, era uma sala totalmente vazia, com paredes nuas e piso de madeira gasta. Por um instante, Jane e Frost permaneceram ignorados perto da porta, assistindo à turma pular e chutar.

De repente, uma jovem asiática saiu da formação e disse:

— Terminem o exercício!

Depois, atravessou a sala para falar com os dois visitantes. Era esbelta como uma bailarina, a pele reluzindo de suor, mas, apesar do esforço, não parecia nem um pouco sem fôlego.

— Em que posso ajudar? — perguntou.

— Somos do Departamento de Polícia de Boston. Sou a detetive Jane Rizzoli, e este é o detetive Frost. Gostaríamos de falar com o dono da academia.

— Posso ver a identificação de vocês?

O pedido foi brusco e nem um pouco o que Jane esperava, vindo de alguém que parecia ter acabado de se formar no ensino médio. Enquanto a garota examinava a identidade de Jane, a detetive a estudava. Chegou à

conclusão de que ela talvez não fosse tão jovem quanto aparentava ser. Vinte e poucos anos e sino-americana, pela voz, ostentando uma tatuagem de tigre no antebraço esquerdo. Com o cabelo curto, espetado e um olhar mal-humorado, parecia uma versão asiática de uma garota gótica, pequena, mas perigosa.

Ela devolveu a identificação.

— Vejo que vocês são da Unidade de Homicídios. Por que estão aqui?

— Primeiro, posso perguntar seu nome? — falou Jane, tirando um bloco de anotações.

— Bella Li. Sou professora de nível básico e intermediário.

— Seus alunos são incríveis — comentou Frost, maravilhado, ainda assistindo à aula, vendo-os saltar e girar.

— Esse é o nível intermediário. Eles estão ensaiando para uma exibição de artes marciais que vai acontecer mês que vem, em Nova York. Agora estão praticando os movimentos do leopardo.

— Leopardo?

— É uma das antigas técnicas de animais do norte da China. O leopardo confia na velocidade e na agressividade, características que vocês estão vendo nesse exercício. Cada técnica de um animal é reflexo da natureza dele. A cobra é astuciosa e insinuante. A cegonha prima pelo equilíbrio e o poder de evasão. O macaco é rápido e inteligente. Os alunos escolhem qual animal se adapta melhor à sua personalidade, e é assim que adquirem habilidades.

Frost riu.

— É como se vê nos filmes de kung fu.

Sua observação foi recebida com um olhar glacial.

— O nome dessa arte é *wushu*, e ela foi criada há milhares de anos. O que se vê nesses filmes é lixo hollywoodiano, falso. — Parou de falar quando percebeu que a turma havia acabado o exercício e estava imóvel, olhando para ela, à espera de novas instruções. — Peguem as espadas. Treinem uns com os outros — mandou.

Os alunos dirigiram-se até a prateleira na qual ficavam guardadas as espadas de madeira, usadas em treinos, e cada um pegou uma.

— Podemos falar com o dono? — perguntou Jane.

— *Sifu* Fang está na sala dos fundos, dando uma aula particular.

— Como se escreve o nome? Você disse Shi...

— *Sifu* não é nome — corrigiu Bella. — Quer dizer “mestre” ou “professor” em chinês. Um termo que demonstra respeito.

— Podemos falar então com o *mestre*? — retorquiu Jane, irritada com a atitude da garota. — Isto não é uma visita social, Srta. Li. Viemos em caráter oficial.

Bella analisou o pedido. Os alunos começaram a praticar entre si, e a sala ecoava com as batidas das espadas de madeira.

— Um minuto — disse, por fim. Bateu na porta, esperou respeitosamente um momento, abriu-a e anunciou: — *Sifu*, tem dois policiais aqui solicitando um encontro.

— Mande-os entrar — falou uma voz. De mulher.

Ao contrário da esguia Bella Li, a chinesa que se levantou da cadeira para saudá-los movia-se devagar, como se sentisse as juntas doloridas, embora não aparentasse mais que 50 e poucos anos. A meia-idade quase não estava gravada em seu rosto, e o cabelo negro e comprido mostrava apenas alguns fios brancos. Ela os encarou com a confiança de uma imperatriz. Apesar de ser da mesma altura que Jane, a postura régia fazia-a aparecer muito mais alta. A seu lado estava um menino pequeno, louro, com cerca de 6 anos, vestindo um uniforme de artes marciais e segurando uma vara de madeira, quase do seu tamanho.

— Sou Iris Fang — disse a mulher. — Em que posso ajudá-los?

Tanto a formalidade quanto o sotaque disseram a Jane que a mulher era estrangeira.

— Detetive Rizzoli e detetive Frost — apresentou Jane. Ela olhou para o menino, que sustentou o olhar, com destemor combativo. — Seu aluno poderia sair um instante? Precisamos falar a sós.

Iris concordou com a cabeça.

— Bella, leve Adam até a outra sala para esperar a mãe dele.

— Mas, *sifu* — protestou o garoto. — Quero mostrar para você como pratiquei com a vara do macaco!

Iris sorriu para ele.

— Você vai me mostrar na semana que vem, Adam — disse ela, passando afetuosamente os dedos pelo cabelo do pequeno aluno. — Os macacos têm de aprender também a ser pacientes. Agora vá. — O sorriso

permaneceu-lhe nos lábios enquanto Bella conduzia o garoto para fora da sala.

— Esse garotinho é aluno de artes marciais? — perguntou Frost.

— Sim, tem talento e paixão. Não perco tempo com qualquer um. — O sorriso desapareceu do rosto de Iris quando contemplou os visitantes, fazendo uma fria avaliação. Seu olhar fixou-se em Jane, como se compreendesse com quem estava a autoridade.

— Por que a polícia está na minha academia?

— Somos da Unidade de Homicídios do Departamento de Polícia de Boston — respondeu Jane. — Precisamos lhe fazer umas perguntas sobre algo que aconteceu em Chinatown ontem à noite.

— Imagino que seja sobre a mulher morta no telhado?

— Então já sabe.

— Todo mundo está comentando. Este é um bairro pequeno. Como todo vilarejo chinês, tem muita fofoca e bisbilhoteiros. Dizem que cortaram a garganta dela, que a mão foi atirada do telhado e que tinha uma arma.

Seja lá *quem* estivesse dizendo, estava muito bem-informado, pensou Jane.

— Isso tudo é verdade? — perguntou Iris.

— Não podemos comentar — disse Jane.

— Mas é por isso que estão aqui, não? Para falar sobre o que aconteceu? — argumentou Iris, com toda placidez.

Entreolharam-se por um instante, e Jane entendeu de súbito: não sou a única em busca de informações.

— Temos uma foto que gostaríamos que visse — falou.

— Existe alguma razão para me pedirem isto? — perguntou Iris.

— Estamos conversando com várias pessoas do bairro.

— Mas é a primeira vez que ouço falar em foto. Já *teriam* me contado.

— Primeiro, precisamos mostrar a você uma foto. Depois falaremos sobre o porquê — disse Jane, olhando para Frost.

— Sinto muito que tenha de ver isto — acrescentou ele. — Pode ser um pouco desagradável. Talvez queira se sentar primeiro.

Seu tom calmamente respeitoso pareceu derreter um pouco o gelo nos olhos da mulher, e ela concordou.

— Me sinto cansada hoje. Acho que vou sentar, obrigada.

Frost puxou rapidamente uma cadeira mais para perto, e Iris sentou-se com um suspiro de alívio, que lhes revelou o quanto apreciara seu gesto. Só então ele mostrou uma foto tirada no necrotério, que Maura tinha mandado por e-mail. Embora o ferimento da vítima estivesse coberto de uma forma discreta por um pano, a palidez do rosto, a mandíbula solta e os olhos semiabertos não deixavam dúvidas de que aquela era a foto de uma mulher morta.

Em silêncio, Iris contemplou a imagem por quase um minuto, com uma expressão inalterada no rosto.

— Reconhece-a? — perguntou Frost.

— Uma bela mulher, não? — comentou Iris, levantando a cabeça. — Mas não a conheço.

— Tem certeza de que nunca a viu?

— Moro em Chinatown há 35 anos, desde que meu marido e eu emigramos de Taiwan. Se essa mulher fosse daqui, eu a conheceria — falou ela, olhando para Jane. — Isto é tudo?

Jane não respondeu de imediato, porque havia notado a escada de incêndio que passava pela janela. Daquela sala, pensou ela, seria possível ter acesso ao telhado. O que significava ter acesso a todos os telhados daquele quarteirão, inclusive o do prédio no qual a vítima morrera. Ela se virou para Iris:

— Quantos funcionários trabalham aqui?

— Sou a professora principal.

— E essa jovem que nos recebeu? — perguntou Jane, procurando o nome em seu bloco de anotações. — Bella Li.

— Bella trabalha aqui há quase um ano. Dá algumas aulas, e recebe honorários de seus alunos particulares.

— Seu marido, Sr. Fang, também trabalha aqui?

A mulher piscou os olhos algumas vezes e desviou o olhar.

— Meu marido morreu — respondeu calmamente. — Faz 19 anos que James morreu.

— Sinto muito, Sra. Fang — replicou Frost em voz baixa, e ficou claro que estava sendo sincero.

Passou-se um momento de silêncio, a não ser pelo ruído das espadas de madeira chocando-se na sala ao lado, onde a aula prosseguia.

— Sou a única dona desta escola. Se vocês têm perguntas a fazer, sou eu que tenho de responder. — Ela se endireitou. A frieza retornara, e seu olhar pousou em Jane, como se percebesse quem tinha mais chances de desafiá-la. — Por que acham que eu conheceria essa mulher?

Não tinha mais como evitar aquela pergunta. Jane respondeu:

— Encontramos o carro da vítima hoje de manhã, estacionado numa garagem aqui do bairro. Tinha um GPS dentro, e um dos endereços na memória era o seu.

Iris franziu o cenho.

— Aqui? Da minha academia?

— Era o destino da vítima. Tem alguma ideia do motivo?

— Não. — A resposta foi imediata.

— Posso perguntar onde estava na quarta à noite, Sra. Fang?

Iris hesitou, apertando os olhos enquanto olhava para Jane. — Dei uma aula aqui e depois fui para casa.

— A que horas saiu daqui?

— Lá pelas dez. Já estava em casa às dez e quinze. É uma caminhada curta até Tai Tung Village. Moro na Hudson Street, no final de Chinatown.

— Alguém a acompanhou?

— Fui sozinha.

— Vive sozinha?

— Não tenho família, detetive. Meu marido se foi, e minha filha... — Ela hesitou. — Sim, moro sozinha — disse, erguendo o queixo, como se para afastar qualquer sentimento de piedade que a resposta pudesse inspirar. Havia, contudo, um brilho em seus olhos; lágrimas que, com algumas piscadas, desapareceram rapidamente. Embora tentasse parecer impávida, era uma mulher ainda marcada pela perda.

Na sala ao lado, a aula terminara, e era possível ouvir o som de passos descendo a escada. Iris olhou para o relógio na parede e disse:

— Meu próximo aluno já deve estar chegando. Terminamos?

— Não exatamente — falou Jane. — Tenho mais uma pergunta. Havia outro endereço no GPS da vítima. De uma residência, aqui em Boston. A senhora conhece um detetive aposentado do Departamento de Polícia de Boston, chamado Louis Ingersoll?

Em um instante, a cor desapareceu do rosto da mulher. Ficou paralisada, as feições duras como pedra.

— Está se sentindo bem, Sra. Fang? — perguntou Frost. Ele apoiou a mão no ombro da mulher, e ela se encolheu como se tocada por fogo.

Jane disse, calmamente:

— A senhora conhece este nome então.

Iris engoliu em seco.

— Conheci o detetive Ingersoll 19 anos atrás. Quando meu marido morreu. E ele... — A voz faltou-lhe.

Jane e Frost entreolharam-se. *Ingersoll trabalhava na Unidade de Homicídios.*

— Sra. Fang — falou Frost, tocando-a de novo, mas dessa vez ela não recuou e deixou que pousasse a mão em seu ombro. — O que aconteceu com seu marido?

Iris baixou a cabeça, e sua resposta foi pouco mais que um sussurro:

— Foi morto a tiros. No restaurante Red Phoenix.

Da janela da minha academia, vejo os dois detetives saírem do prédio e pararem abaixo, na rua. Eles olham para cima, e, embora todos os meus instintos me digam para me afastar, permaneço obstinadamente à vista, sabendo que estão me vendo observando-os. Recuso-me a me esconder, seja de amigos ou de inimigos, então os encaro através da vidraça, com o olhar

fixo na mulher. **DETETIVE JANE RIZZOLI** é o que está escrito no cartão que ela me deixou. À primeira impressão, pareceu-me uma oponente pouco promissora: mais uma mulher trabalhadora de terninho cinza e sapatos práticos; o cabelo, uma massa confusa de cachos escuros. Os olhos, porém, revelam muito mais. Investigam, observam, avaliam. Ela tem olhos de caçador e está tentando descobrir se sou sua presa.

Permaneço à vista, sem medo, onde ela e o resto do mundo possam me avistar, me estudar o quanto quiserem, porque tudo que enxergarão é uma mulher tranquila e despretensiosa, de cabelos marcados pela primeira e ligeira neve do tempo. A velhice ainda está a muitos anos de distância, mas hoje sinto sua aproximação inexorável. Sei que o tempo está acabando para terminar o que comecei. E com essa visita dos dois detetives, o caminho sofreu um desvio preocupante, que eu não tinha previsto.

Lá embaixo, na rua, os detetives vão finalmente embora. De volta à caçada, aonde quer que ela os leve.

— *Sifu*, algum problema?

— Não sei.

Viro-me a fim de olhar para Bella e mais uma vez fico maravilhada diante da perfeição e juventude de sua pele, mesmo sob a luz crua que entra pela janela. A única mácula é a cicatriz no queixo, consequência de um momento de desatenção durante a prática com espadas. Erro que nunca mais repetiu. Mantém-se ereta, destemida e confiante. Excessivamente confiante, talvez: no campo de batalha, a arrogância pode se provar fatal.

— Por que vieram aqui? — diz.

— São detetives. O trabalho deles é fazer perguntas.

— Você ficou sabendo de mais alguma coisa sobre a mulher? Quem era ela, quem a mandou até aqui?

— Não. — Olho pela janela outra vez, para os transeuntes que passam pela Harrison Avenue. — Mas quem quer que fosse, sabia como me encontrar.

— E não vai ser a última — afirma Bella, enigmática.

Ela não precisa me alertar; nós duas sabemos que o fósforo foi riscado e a chama está acesa.

Em meu escritório, afundo na cadeira e contemplo a foto emoldurada que está sobre a mesa. Nem sequer preciso olhar para ela, de tanto que a imagem está gravada na memória. Pego-a e sorrio para aqueles rostos. Sei a data exata em que foi tirada, porque era aniversário da minha filha. As mães podem esquecer muita coisa, mas sempre nos lembramos do dia em que os filhos nasceram. Na foto, Laura tinha 14 anos. Ela e eu estamos paradas em frente ao Boston Symphony Hall, onde tínhamos ido assistir a Joshua Bell tocar. Durante um mês, antes do concerto, Laura só falava em Joshua Bell isso, Joshua Bell aquilo. *Ele não é lindo, mamãe? Você não acha que o violino dele praticamente canta?* Na foto, ela ainda parece em estado de graça por ter assistido ao ídolo tocando. Meu marido, James, também estava conosco aquela noite, mas não aparece na foto: não está em nenhuma porque era sempre ele quem as tirava. Como eu queria ter, uma vez pelo menos, roubado a câmera da sua mão e batido uma foto do seu rosto meigo e sério. No entanto, nunca me ocorreu que a oportunidade, preciosa, desapareceria tão de repente. Que seu sorriso perduraria apenas em minha mente, a imagem congelada com 37 anos. Meu jovem marido, para sempre. Uma lágrima cai sobre a moldura, e coloco a foto de volta na mesa.

Ambos se foram. Primeiro a filha, depois o marido, arrancados dos meus braços. Como se pode continuar a viver quando o coração é partido não só uma, mas duas vezes? No entanto, aqui estou eu, ainda viva, respirando.

Por enquanto.

— Me lembro do massacre no Red Phoenix muito bem. Um caso clássico de síndrome de amok — disse o Dr. Lawrence Zucker, psicólogo criminal, recostando-se na cadeira e olhando para Jane e Frost, com o olhar penetrante que sempre fizera a detetive sentir-se inquieta.

Apesar de Frost estar sentado ao lado dela, Zucker parecia olhar apenas para Jane, penetrando-lhe a mente, sondando segredos, como se ela fosse o objeto único de sua curiosidade. Já sabia, no entanto, de segredos demais sobre ela. Havia sido testemunha de sua ascensão meteórica na Unidade de Homicídios, quando ainda tinha de lutar para ser aceita como única mulher entre 12 detetives. Sabia sobre os pesadelos que a atormentaram após uma série de assassinatos particularmente brutais, cometidos por um assassino intitulado Cirurgião. E sabia também sobre as cicatrizes que ela carregaria para sempre nas mãos, onde esse mesmo homicida enfiara-lhe bisturis na carne. Com um olhar apenas, Zucker embrenhava-se por suas defesas até as feridas abertas que jaziam no fundo, e Jane ressentia-se do quão vulnerável isso a tornava.

Ela se concentrou então na pasta aberta sobre a mesa. Continha o relatório feito por ele havia 19 anos, sobre o Red Phoenix, que incluía o perfil psicológico de Wu Weimin, o cozinheiro chinês responsável pelo tiroteio. Jane sabia que Zucker era um clínico meticuloso, cujas análises se estendiam às vezes por dezenas de páginas, de forma que ficou surpresa com o volume reduzido da pasta.

— Este é o seu relatório integral? — perguntou.

— É toda minha contribuição à investigação. Incluí a necropsia psicológica do senhor Wu, além de um relatório sobre as quatro vítimas. Deveria ter uma cópia disto tudo nos arquivos do Departamento de Polícia de Boston. O detetive Ingersoll era o responsável pelo caso. Vocês já falaram com ele?

— Está viajando esta semana, e não conseguimos encontrá-lo — respondeu Frost. — A filha disse que ele foi para algum lugar no norte, um acampamento de pesca, onde o celular não pega.

Zucker suspirou.

— Deve ser bom estar aposentado. Parece que ele deixou a polícia faz muito tempo. Que idade tem agora, mais de 70?

— O que equivale a 110 em idade de policiais — replicou Frost com uma gargalhada.

Jane retomou o assunto:

— O outro detetive no caso era Charlie Staines, mas ele já morreu. Assim, tínhamos esperanças de que você pudesse nos contar alguma coisa sobre este caso.

Zucker assentiu com um aceno de cabeça.

— O que aconteceu de fato ficou aparente só com a cena do crime. Sabemos que o cozinheiro, um imigrante chinês chamado Wu Weimin, foi até o salão do restaurante e atirou em quatro pessoas. O primeiro a morrer foi um homem chamado Joey Gilmore, que tinha entrado para pegar um pedido de entrega. A vítima número dois foi o garçom, James Fang, supostamente o melhor amigo do cozinheiro. As vítimas três e quatro foram um casal, os Mallory, que estavam sentados a uma mesa. Depois o homem foi para a cozinha, encostou a arma na testa e se matou. Foi um caso de síndrome de amok seguida de suicídio.

— O que é síndrome de amok? — perguntou Frost.

— Vem de uma palavra para algo citado pelo capitão Cook no final do século XVIII, quando vivia na Malásia. Ele descreveu impulsos homicidas sem motivo aparente, em que um indivíduo, quase sempre do sexo masculino, entra num furor assassino. Mata qualquer um que estiver na sua frente até ser abatido. O capitão Cook achava que esse comportamento era peculiar ao sudeste da Ásia, mas agora está claro que ocorre no mundo todo, em qualquer cultura. O fenômeno atualmente recebeu uma expressão mais complicada.

— Qual?

— Ataque súbito generalizado feito por um único indivíduo.

Jane olhou para Frost.

— Também conhecido como “perder a cabeça” — comentou.

Zucker lançou-lhe um olhar de desaprovação.

— O fenômeno pode ocorrer com qualquer um. Entre operários ou executivos. Com jovens ou velhos. Casados ou solteiros. Mas quase sempre homens.

— E o que esses assassinos têm em comum? — perguntou Frost.

— É possível se ter uma ideia. Na maioria das vezes, se sentem marginalizados pela comunidade. Têm problemas de relacionamento. Algum tipo de crise precipita o ataque: perda do emprego, fim de um casamento. E, por último, são indivíduos que têm acesso a armas.

Jane folheou sua cópia do relatório do Departamento de Polícia de Boston. Falou:

— Foi uma Glock 17 com encaixe para silenciador, roubada um ano antes na Geórgia. — Ela ergueu a cabeça. — Por que um imigrante, com salário de cozinheiro, compraria uma Glock?

— Para se proteger, talvez? Porque se sentia ameaçado?

— Você é o psicólogo, Dr. Zucker. Não tem uma resposta?

Zucker comprimiu os lábios.

— Não, não tenho. Não sou médium. E não tive chance de entrevistar a única pessoa próxima a ele: a esposa. Quando o Departamento de Polícia de Boston requisitou meus serviços, ela já tinha saído da cidade, e não fazíamos ideia de como encontrá-la. Meu perfil psicológico do Sr. Wu está baseado em entrevistas com outras pessoas que o conheciam. E a lista não era grande.

— Uma dessas pessoas foi Iris Fang — disse Jane.

Zucker concordou com a cabeça.

— Ah, sim. A esposa do garçom. Me lembro muito bem dela.

— Por alguma razão em particular?

— Por uma coisa: era uma mulher linda. Absolutamente deslumbrante.

— Acabamos de conhecê-la — falou Frost. — Ainda é deslumbrante.

— Sério? — perguntou Zucker, folheando as páginas da pasta. — Vamos ver, ela tinha 36 quando a entrevistei. O que significa que... está com 55 agora. — Ele olhou para Frost. — Devem ser os genes asiáticos — sugeriu.

Jane estava começando a se sentir como uma irmã adotiva ignorada e feia.

— Além do fato de os dois a acharem bonita, do que mais você se lembra sobre a Sra. Fang? — perguntou a Zucker.

— De muita coisa, na verdade. Falei com ela várias vezes, pois era minha fonte primária de informação sobre Wu Weimin. Foi no meu primeiro ano trabalhando para o Departamento de Polícia de Boston, e este incidente em especial foi tão horrível que é difícil não lembrar. A pessoa sai para jantar tarde em Chinatown e, em vez de comer um bom frango *kung pao*, termina massacrada por um cozinheiro. É por isso que a história atraiu tanta atenção. Fez o público se sentir vulnerável porque qualquer um poderia ter sido vítima. Além do mais, espalhou a histeria habitual sobre imigrantes ilegais perigosos. Como o Sr. Wu entrou no país, conseguiu uma arma etc. Eu tinha terminado o doutorado havia poucos anos e já estava dando consultoria num dos casos mais sinistros da época. — Ele hesitou. — Escolhi mal a palavra.

— A que conclusão chegou sobre o atirador? — perguntou Frost.

— Era um tipo lamentável, na verdade. Veio da província de Fujian e conseguiu entrar nos Estados Unidos quando tinha talvez 20 anos. É impossível ter certeza das datas, porque não havia documentação. Toda a informação veio da Sra. Fang, que disse que o Sr. Wu era um grande amigo do marido.

— Que morreu no tiroteio — falou Frost.

— Sim. Mesmo assim, a Sra. Fang se recusou a dizer qualquer coisa negativa sobre Wu. Não acreditava que tivesse feito aquilo. Disse que ele era calmo e trabalhador. Que tinha muitos motivos para querer viver. Sustentava a esposa e a filha, além de mandar dinheiro para um filho de 7 anos, de um relacionamento anterior.

— Então havia uma ex-esposa?

— Em outra cidade. Mas Wu e a segunda esposa, Li Hua, estavam em Boston fazia anos. Moravam num apartamento bem em cima do restaurante onde ele trabalhava, e quase não saíam. Talvez por medo de chamar atenção, porque eram ilegais. A língua também pode ter tornado a vida difícil para eles, pois falavam mandarim e um dialeto local, chamado min.

— Quando a maior parte de Chinatown fala cantonês — completou Frost.

Zucker assentiu.

— Esses dialetos são incompreensíveis um para o outro, e isso deve ter isolado a família Wu. Por isso o homem tinha várias fontes de estresse. Escondia sua situação ilegal. Se sentia isolado. E tinha a família para sustentar. Acrescente a isso o número de horas que trabalhava, e qualquer um vai concordar que é muita pressão sobre uma pessoa.

— Mas o que o fez surtar?

— A Sra. Fang não soube dizer. Na semana do tiroteio, ela estava fora do país visitando alguns parentes. Entrevistei-a depois que voltou para casa, ainda em estado de choque. A única coisa que repetia sem parar era que Wu nunca mataria ninguém. Muito menos seu marido, James, porque os dois eram amigos. Disse também que Wu não tinha sequer uma arma.

— Como ela podia saber? Não era casada com ele.

— Bem, eu não pude perguntar isso à esposa de Wu. Dias depois do crime, ela e a filha fizeram as malas e desapareceram. Naquela época não havia o Departamento de Segurança Interna para rastrear estrangeiros, de forma que não era difícil para os ilegais ficarem aparecendo e desaparecendo, ou sumirem completamente. Foi o que a esposa de Wu fez. Sumiu. E nem Iris Fang fazia ideia de para onde tinham ido.

— Você está se guiando apenas pelo que a Sra. Fang relatou. Como sabe se ela estava dizendo a verdade? — perguntou Jane.

— Talvez eu esteja sendo ingênuo, mas nunca duvidei da sinceridade dela, nem uma vez. Tem alguma coisa nela — disse Zucker, balançando a cabeça. — É uma figura tão trágica. Ainda tenho pena dela. Não sei como alguém consegue sobreviver a tantas perdas.

— Perdas?

— Também tinha a filha.

Jane lembrou-se de repente do que Iris dissera sobre viver sozinha, não ter mais família.

— A filha morreu?

— Acho que não coloquei isso no relatório, pois não era relevante para o caso Red Phoenix. Iris e James tinham uma filha de 14 anos, desaparecida dois anos antes. Jamais se descobriu qualquer pista da garota.

— Meu Deus — exclamou Frost. — Não fazíamos ideia. Ela não falou nada sobre isso.

— Não é o tipo de mulher que gosta que os outros sintam pena dela. Mas me lembro de olhar em seus olhos e ver o sofrimento. De um tipo que eu não conseguia sequer imaginar. E, no entanto, ela demonstrava tanta força. — Zucker ficou em silêncio um instante, como se emocionado com a lembrança da dor daquela mulher.

Era uma dor que Jane não conseguia imaginar. Pensou na própria filha, Regina, de apenas 2 anos e meio. Em tentar continuar a viver, ano após ano, sem saber se ela estava viva ou morta. Um tormento desses era capaz de levar uma mulher à loucura. *E ainda perder o marido também...*

— No rastro de qualquer tragédia — disse Zucker —, há sempre tremores secundários. Mas o que aconteceu depois do Red Phoenix vai além da devastação das famílias envolvidas. É como se o massacre tivesse uma maldição ligada a ele. E exigisse mais e mais vítimas.

A sala de repente ficou mais fria. A ponto de os pelos do braço de Jane se arrepiarem.

— O que você quer dizer com maldição? — perguntou ela.

— Em um mês, uma sequência de desgraças aconteceu. O detetive Staines morreu de um ataque cardíaco. Um técnico que estava trabalhando na cena do crime morreu num acidente de carro. A esposa do detetive Ingersoll teve um AVC e faleceu logo depois. Para completar, teve a garota que desapareceu.

— Que garota?

— Charlotte Dion. Era a filha de 17 anos de Dina Mallory, uma das vítimas do restaurante. Poucas semanas depois de Dina ser morta no Red Phoenix, Charlotte desapareceu durante um passeio da escola. Nunca foi encontrada.

Jane ouviu de repente as batidas do próprio coração, altas como um tambor em seus ouvidos.

— E você mencionou que a filha de Iris Fang desapareceu também?

Zucker assentiu com um aceno de cabeça.

— As duas desapareceram num intervalo de dois anos, o que é uma coincidência muito estranha, não? As filhas de duas das vítimas do Red Phoenix desapareceram.

— E *foi* coincidência?

— O que mais poderia ser? As duas famílias não se conheciam. Os Fang eram imigrantes batalhadores. Os pais de Charlotte eram da alta sociedade de Boston. Não havia nenhuma outra ligação entre eles. Podem pôr isso na conta da maldição do Red Phoenix — disse ele, olhando para a pasta do caso. — Ou talvez seja o prédio. Em Chinatown, dizem que é mal-assombrado. Que, quando se entra nele, o mal cai sobre a pessoa — fixou os olhos em Jane — e a segue para casa.

Jane não gostava de coincidências. No complexo tecido da vida, elas aconteciam, era natural, mas Jane sempre se sentira compelida a examinar o que fazia os fios se entremearem, se era de fato o acaso ou um desígnio superior em ação, um padrão que só podia ser percebido quando se rastreamos os fios até sua origem. E, assim, sentada a sua mesa, tentava fazer exatamente isso: rastrear cinco fios disparatados que haviam se cruzado num restaurante de Chinatown, 19 anos antes.

A pasta do caso Red Phoenix não era muito volumosa. Para detetives da Unidade de Homicídios, um assassinato seguido de suicídio era uma sorte, o tipo de caso que vem embrulhado com um laço de fita, a justiça tendo sido feita pelo próprio culpado, sob a forma de uma bala disparada contra si mesmo. O relatório policial de Staines e Ingersoll não se concentrava em *quem*, mas no *porquê* do crime, e sua análise baseava-se muito no que o Dr. Zucker já havia contado a Jane e Frost sobre Wu Weimin.

Ela resolveu, então, voltar-se para as quatro vítimas.

A número um era Joey Gilmore, 25 anos, nascido e criado em South Boston. Havia muito mais informação sobre ele no relatório, porque já tinha antecedentes criminais. Arrombamento, invasão de domicílio, agressão e espancamento. A ficha mais o nome do empregador — Açougues Donohue, de vendas por atacado — chamaram logo a atenção de Jane. O Departamento de Polícia de Boston estava bem familiarizado com o dono dessa empresa, Kevin Donohue, por suas ligações profundas e duradouras com o crime organizado local. Nas últimas quatro décadas, ele ascendera de

um banal delinquente de rua para um dos três nomes mais poderosos da máfia irlandesa na área. Os agentes da lei sabiam exatamente quem e o que Donohue era; só não conseguiam provar isso nos tribunais. Por enquanto.

Jane pegou as fotos da cena do crime e foi direto para a imagem do corpo de Joey Gilmore, caído no chão em meio a filipetas de entrega em domicílio. Havia sido derrubado com uma única bala, na parte de trás da cabeça. O Dr. Zucker podia chamar aquilo de síndrome de amok, mas, para Jane, aquela parecia uma maldita execução em massa.

A vítima número dois era James Fang, 37 anos, que trabalhava como recepcionista, garçom e caixa do restaurante Red Phoenix. Ele e a esposa, Iris, tinham imigrado de Taiwan 16 anos antes, quando James chegara aos Estados Unidos como aluno de pós-graduação em literatura asiática. O restaurante era apenas um emprego noturno; durante o dia, dava aulas no programa de aperfeiçoamento, pós-horário letivo, no Centro Cultural da Chinatown de Boston. Ele e Wu Weimin eram descritos como bons amigos, que trabalhavam juntos no Red Phoenix havia cinco anos. Não se sabia de qualquer desentendimento entre eles. Jane não encontrou nenhuma menção no relatório à filha dos Fang, Laura, desaparecida dois anos antes. Talvez Staines e Ingersoll nem sequer soubessem da tragédia anterior que atingira a família.

As vítimas três e quatro eram um casal, Arthur e Dina Mallory, de Brookline, Massachusetts. Ele tinha 48 anos, era presidente e diretor-executivo do Wellesley Group, uma empresa de investimentos. Não aparecia nenhuma ocupação para a esposa, de 40 anos. Levando-se em conta o cargo do marido, Dina não precisava trabalhar. Para os dois, aquele era o segundo casamento, e a fusão de duas famílias. A primeira esposa de Arthur era Barbara Hart, nome de solteira, e eles tiveram um filho, Mark, então com 20 anos. O ex-marido de Dina chamava-se Patrick Dion, e eles tinham uma filha de 17 anos. O relatório policial tratava de forma específica da questão que todo bom investigador de homicídios explora automaticamente: todo e qualquer conflito que possa ser resultante do divórcio das vítimas e de seus novos casamentos.

Segundo o filho de Arthur Mallory, Mark Mallory, as relações entre as famílias Mallory e Dion eram extremamente cordiais, apesar do fato de

Dina e Arthur terem deixado os primeiros cônjuges para ficarem juntos, cinco anos antes. Mesmo após o divórcio e o novo casamento, a relação entre Dina Mallory e o ex-marido, Patrick, permaneceu em termos amigáveis, e as duas famílias se reuniam para jantar em datas comemorativas.

Como era bizarramente civilizado aquilo tudo, pensou Jane. A esposa de Patrick deixa-o por outro homem, e depois todos passam o Natal juntos. Parecia bom demais para ser verdade, mas a informação vinha do próprio filho de Arthur Mallory, Mark, que devia saber. Era a família reconstituída ideal, toda sorrisos e sem conflitos. Ela supôs que fosse possível, mas não conseguia ver aquilo acontecendo na própria família. Tentou imaginar uma reunião dos Rizzoli que incluísse o pai, a mãe, a vagabunda do pai e o novo namorado da mãe, Vince Korsak. Seria *definitivamente* o prenúncio de um massacre e todas as apostas em relação a quem se manteria de pé seriam uma incógnita.

Contudo, os Mallory e os Dion conseguiram de alguma forma fazer com que aquilo funcionasse. Talvez fosse por causa de Charlotte, que tinha apenas 12 anos quando os pais se separaram. Como a maioria dos filhos de pais divorciados, ela devia viver num vaivém entre as duas famílias, a pobre menina rica, pulando da casa da mãe, Dina, para a do pai, Patrick.

Jane concentrou-se na última página do arquivo e descobriu um pequeno adendo ao relatório:

Charlotte Dion, filha de Dina Mallory, foi declarada desaparecida em 24 de abril. Vista pela última vez nas vizinhanças de Faneuil Hall, num passeio escolar. Segundo o detetive Hank Buckholz, as evidências apontam para um provável rapto. As investigações continuam.

Esse adendo, datado de 28 de abril, estava assinado pelo detetive Ingersoll.

Duas garotas desaparecidas, Laura Fang e Charlotte Dion. Ambas filhas de vítimas mortas no Red Phoenix, mas nada naquele relatório indicava que o fato fosse mais que uma triste coincidência. Era exatamente como havia dito o Dr. Zucker. Às vezes não há um padrão, nenhum plano, apenas a crueldade cega do destino, que não mantém um cômputo acerca de quem sofreu mais.

— Você sabe, Rizzoli, era só me perguntar...

Ela levantou a cabeça e viu Johnny Tam de pé ao lado de sua mesa.

— Perguntar o quê?

— Sobre o massacre do Red Phoenix. Acabei de encontrar Frost. Ele me contou que vocês dois estão examinando todos os arquivos. Se tivesse me falado, eu teria contado a você tudo sobre o caso.

— Como sabe sobre ele? Você devia ter o que, uns 8 anos, quando aconteceu?

— Sou lotado em Chinatown. De forma que tenho de saber o que se passa lá. Os chineses ainda falam sobre o Red Phoenix, sabia? É como uma ferida que não cicatriza. E nunca irá cicatrizar, porque está envolta numa grande vergonha.

— Vergonha? Por quê?

— O assassino era um dos nossos. E, por *nossos*, quero dizer todos os chineses — disse ele, apontando para as pastas sobre a mesa. — Examinei esse arquivo dois meses atrás. Falei com Lou Ingersoll. Li os relatórios do legista.

Ele deu tapinha na cabeça.

— A informação está toda aqui.

— Não sabia que estava a par disso.

— Ocorreu a você me perguntar? — disse Johnny Tam. — Pensei que eu fazia parte da equipe.

Ela não gostou do tom acusador em sua voz.

— Sim, você faz parte da equipe — reconheceu. — Vou tentar me lembrar disto. Mas as coisas ficariam muito mais fáceis para todos nós se você se livrasse deste rancor.

— Só quero estar na linha de frente da caçada. E não ser tratado como um coadjuvante idiota, o que acontece com muita frequência por aqui.

— Como assim?

— Supõe-se que o Departamento de Polícia de Boston seja um grande e feliz caldeirão cultural, certo? — disse ele, rindo. — Conversa fiada.

Por um momento, ela o estudou, tentando ler sua expressão pétrea. De repente, reconheceu-se quando tinha a mesma idade, ansiosa por mostrar seu valor e ressentida, com muita frequência, por ser ignorada.

— Senta-se aí, Tam — disse.

Suspirando, ele puxou a cadeira mais próxima e sentou.

— Sim?

— Acha que não sei o que é ser minoria?

— Não sei. Sabe?

— Olhe bem para este lugar. Quantas detetives mulheres você vê? Só tem uma, e você está conversando com ela. Sei o que é ver os caras me negando informação porque eu sou a garota, e eles acham que não sou boa o suficiente para o trabalho. Você tem que aprender a lidar com todos esses imbecis e com a conversa fiada, porque tem um estoque grande das duas coisas por aqui.

— O que não quer dizer que não posso reclamar.

— Não faz a menor diferença.

— Você deve ter feito a diferença. Porque agora eles aceitam *você*.

Ela pensou se isso era verdade. Lembrou-se de sua vida assim que entrara para a unidade e que tivera de aguentar risadinhas, piadas sobre absorventes e esnobadas propositais. Sim, as coisas estavam melhores agora, mas a guerra havia sido dura e levara anos.

— Não é a reclamação o que faz a diferença — falou Jane. — O negócio é fazer o trabalho melhor que todos. — Ela hesitou. — Soube que você ficou muito bem-classificado no primeiro exame para detetive.

Sua aquiescência foi seca:

— Primeiro lugar, na verdade.

— E quantos anos você tem? Uns 25?

— Vinte e seis.

— Isso está contra você, sabia?

— O quê? O fato de ser visto como mais um nerd asiático?

— Não. O fato de que você ainda é garoto.

— Ótimo. Mais uma razão para não ser levado a sério.

— A questão é: tem uma dezena de motivos para você se sentir em desvantagem. Alguns são reais, outros só existem na sua cabeça. Só aprenda a lidar com isso e faça o seu trabalho.

— Se você tentar se lembrar que sou da equipe. Me deixe fazer uma parte do trabalho chato no caso do Red Phoenix, já que estou em dia com ele. Posso dar telefonemas, conversar com as famílias das vítimas.

— Frost já está planejando entrevistar a senhora Fang outra vez.

— Então eu converso com as outras famílias.

Ela assentiu com um aceno de cabeça.

— Tudo bem. Agora me conte até onde você foi no caso.

— Minhas primeiras investigações foram em fevereiro, quando fui lotado para o Distrito A-1 e ouvi os moradores de Chinatown conversando sobre o crime. Me lembrava do caso de quando era garoto em Nova York.

— Você ficou sabendo em Nova York?

— Se é notícia e envolve algum chinês em qualquer parte do país, pode acreditar, a comunidade chinesa inteira comenta. Mesmo em Nova York, falávamos sobre o Red Phoenix. Lembro da minha avó me dizendo a vergonha que era o assassino ser um de nós. Ela dizia que pegava mal para todos os chineses. Fazia parecer que éramos todos criminosos.

— Nossa, uma bela espécie de culpa coletiva.

— É, somos especialistas nisso. Vovó tinha ataques quando eu tentava sair de casa com jeans rasgados, porque não queria que as pessoas pensassem que os chineses eram desleixados. Cresci com o peso de representar toda uma raça cada vez que saía pela porta. Então, sim, já tinha um interesse pelo caso do Red Phoenix. Assim, quando publicaram aquele anúncio no *Boston Globe*, fiquei mais interessado ainda. Li o arquivo do caso pela segunda vez.

— Que anúncio?

— Saiu no dia 30, no aniversário do crime. Ocupava um quarto de página da seção local.

— Não vi. O que dizia?

— Mostrava uma foto do cozinheiro, Wu Weimin, com a palavra *inocente* bem grande embaixo. — Ele olhou para as mesas da Unidade de Homicídios. — Quando vi o anúncio, quis que fosse verdade. Queria que

Wu Weimin fosse inocente, para que pudéssemos apagar essa mancha negra sobre nós.

— Você não acha mesmo que ele era inocente, acha?

Tam olhou para ela.

— Não sei.

— Staines e Ingersoll nunca duvidaram de que ele era o atirador. Nem o doutor Zucker.

— Mas o anúncio me fez pensar, me perguntar se o Departamento de Polícia de Boston não teria errado, 19 anos atrás.

— Só porque Wu era chinês?

— Porque as pessoas de Chinatown jamais acreditaram que ele tivesse feito aquilo.

— Quem pagou pelo anúncio? Você descobriu?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Liguei para o *Globe*. Foi pago por Iris Fang.

O celular de Jane tocou. Enquanto pegava-o, processava aquela última informação. Perguntava-se por que, 19 anos depois do acontecimento, Iris pagaria um anúncio em defesa do homem que assassinara seu marido. Olhando para o telefone, viu que a ligação era do laboratório criminal e atendeu:

— Rizzoli.

— Estou examinando aqueles pelos — disse a perita Erin Volchko. — Está me dando um trabalho enorme identificar o que são.

Foi preciso um instante para Jane concentrar-se no que Erin estava dizendo.

— Você está se referindo aos pelos na roupa da vítima?

— Sim. A perícia me mandou dois ontem. Um tirado da manga da mulher morta e o outro da calça. Os dois têm cor e morfologia semelhantes, então provavelmente vêm da mesma fonte.

Jane sentiu Tam observando-a quando perguntou:

— São pelos de verdade ou sintéticos?

— Não são manufaturados. São definitivamente orgânicos.

— Humanos, então?

— Não tenho certeza.

Jane apertava um olho diante da lente ocular do microscópio, tentando discernir alguma característica diferente, mas o que via não diferia muito de todos os outros pelos que já tinha visto ao longo dos anos. Afastou-se para deixar Tam dar uma olhada.

— O que você está vendo na lâmina é um pelo protetor — disse Erin. — Eles funcionam como proteção extra ao animal, externa.

— É diferente do pelo comum? — perguntou Tam.

— Sim. O pelo comum, que os humanos não têm, está na camada interna e fornece isolamento.

— E de onde vem esse tal de pelo protetor?

— Seria mais fácil — falou Erin — dizer de onde não vem. A pigmentação é igual em todo o seu comprimento. Então sabemos que é de um animal cujo pelo tem a mesma cor da raiz até a ponta. Não há nenhuma escama coronal, o que elimina roedores e morcegos.

Tam levantou a cabeça do microscópio e perguntou:

— O que é escama coronal?

— As escamas são estruturas que compõem a cutícula, a parte exterior do pelo; parecem uma escama de peixe. O padrão em que elas se alinham forma a característica de certas famílias de animais.

— E você disse que os roedores têm escamas coronais.

Ela assentiu com um aceno de cabeça.

— Este pelo não possui escamas espiniformes, o que nos diz que não é de gato, visom, nem foca.

— Vamos ter que considerar todas as espécies animais? — perguntou Jane.

— Até certo ponto, é um processo de eliminação.

— E até agora você eliminou ratos, morcegos e gatos.

— Correto.

— Ótimo — resmungou Jane. — Podemos tirar o Batman e a Mulher-Gato da nossa lista de lista de suspeitos.

Suspirando, Erin tirou os óculos e massageou a ponte do nariz.

— Detetive Rizzoli, só estou explicando como é difícil identificar um pelo de animal usando apenas um microscópio óptico. Essas pistas morfológicas me ajudam a eliminar alguns grupos de animais, mas esse espécime é diferente de tudo que já encontrei neste laboratório.

— O que mais você pode eliminar? — perguntou Tam.

— Se fosse de cervo ou caribu, a raiz teria uma forma de taça, e o pelo seria mais grosso. Então não pertence à família dos cervos. A cor depõe contra racum ou castor, e é grosso demais para ser de coelho ou chinchila. Se me baseasse na forma da raiz, no diâmetro e no padrão das escamas, diria que parece mais com um cabelo humano.

— Então por que não poderia ser humano? — perguntou Jane.

— Dá outra olhada no microscópio.

Jane inclinou-se para ver pela ocular.

— No que devo focar?

— Observe como é reto, e não retorcido como um pelo púbico ou da axila.

— Seria um fio de cabelo da cabeça?

— Foi o que pensei a princípio. Que era um fio de cabelo humano. Agora foque na medula, a parte central. É como um canal que percorre todo o comprimento. Tem alguma coisa muito estranha em relação a esse espécime.

— Pode ser mais específica?

— O índice medular. É a proporção entre o diâmetro da medula e o do fio. Já analisei incontáveis espécimes humanos e nunca vi uma medula larga assim num fio de cabelo. Nos humanos, o índice normal é de menos de um terço. Esse tem mais da metade do diâmetro do fio. Não é um canal: é um duto gigante.

Jane endireitou-se e olhou para Erin.

— Poderia ser algum tipo de doença? Uma anomalia genética?

— Nenhuma que eu conheça.

— Então o que é este cabelo? — perguntou Tam.

Erin respirou fundo, como se tentasse encontrar a palavra certa.

— Em quase todos os aspectos, parece humano. Mas não é.

O riso de espanto de Jane cortou o silêncio.

— Do que estamos falando? Do Pé Grande?

— Acho que é de algum primata não humano. Uma espécie que não estou conseguindo identificar com este microscópio. Não há nenhuma célula epitelial. Então o único DNA para o qual poderíamos olhar seria o mitocondrial.

— Levaria uma eternidade para obter esse resultado — observou Tam.

— Estou pensando em fazer mais um teste — continuou Erin. — Descobri um artigo científico indiano sobre análise eletroforética da queratina do pelo. Eles têm um grande problema com o comércio ilegal de peles e usam esse teste para identificar o pelo de espécies exóticas.

— Quais laboratórios fazem esse teste?

— Existem nos Estados Unidos vários laboratórios especializados em animais selvagens com os quais posso entrar em contato. Talvez seja a maneira mais rápida de identificar a espécie — falou Erin, olhando no microscópio. — De uma forma ou de outra, vou descobrir o que é essa criatura peluda.

O detetive aposentado Hank Buckholz parecia um homem que tinha sustentado uma guerra longa e difícil contra o demônio do álcool e, por fim, sucumbido ao inevitável. Jane encontrou-o em seu ponto habitual, sentado no bar J. P. Doyle's, olhando para um copo de uísque. Não eram nem cinco da tarde ainda, mas, pela aparência, Buckholz já tinha uma boa vantagem inicial para a noite, e, quando se levantou para cumprimentá-la, Jane percebeu o aperto de mão instável e os olhos lacrimejantes. Oito anos de aposentadoria, no entanto, não conseguiam quebrar hábitos antigos, e ele ainda se vestia como detetive, de blazer e camisa social, mesmo que já puída no colarinho.

Ainda era cedo para os frequentadores do Doyle's, um dos locais favoritos dos agentes do Departamento de Polícia de Boston. Com um aceno, Buckholz conseguiu chamar a atenção do garçom.

— O drinque dela é por minha conta — anunciou, apontando para Jane.
— O que gostaria de beber, detetive?

— Nada, obrigada — respondeu Jane.

— O que é isso? Não faça um policial velho beber sozinho.

Ela se virou para o barman.

— Uma cerveja Sam Adams — pediu.

— E mais uma dose pra mim — acrescentou Buckholz.

— Quer ir para uma mesa, Hank? — perguntou Jane.

— Não, gosto de ficar aqui. Este é o meu banco. Sempre foi. Além do mais — continuou, dando uma olhada pelo salão quase vazio —, não tem ninguém aqui para escutar. Esse caso é tão antigo, ninguém mais dá atenção. Exceto a família, talvez.

— E você.

— É. Bem, é difícil deixar de lado, sabia? Depois de todos esses anos, os casos que nunca encerrei ainda não me deixam dormir à noite. O caso de Charlotte Dion em especial, porque fiquei incomodado quando o pai contratou um detetive particular para acompanhar o ocorrido. Uma insinuação de que eu era um mau policial — resmungou ele, tomando um gole do uísque. — Todo o dinheiro que gastou, só para ter certeza de que eu não tinha cometido nenhum erro.

— Então esse detetive particular não chegou a lugar nenhum também?

— Não. A garota simplesmente desapareceu. Nenhuma testemunha, nenhuma evidência exceto a mochila, deixada num beco. Dezenove anos atrás, não existiam tantas câmeras de segurança por aí para registrar alguma coisa. Quem quer que a tenha pegado fez isso com rapidez e eficiência. Deve ter sido uma coisa de momento.

— Como assim?

— Era um passeio da escola. Ela estudava naquele colégio interno caro, a Bolton Academy, passando a Framingham. Trinta adolescentes vieram para a cidade num ônibus alugado para percorrer a Freedom Trail. A parada em Faneuil Hall foi uma decisão de última hora. A professora disse que os alunos ficaram com fome, então eles pararam lá para almoçar. Na minha opinião, o criminoso pôs o olho em Charlotte e entrou em ação — disse ele,

balançando a cabeça. — Estamos falando de um rapto de alto nível. Patrick Dion é um investidor de risco e estava em Londres quando tudo aconteceu. Voltou para casa no próprio jato particular. Considerando-se quem era, e seu patrimônio, achei que haveria um pedido de resgate. Mas nunca aconteceu. Charlotte apenas sumiu da face da Terra. Nenhuma pista, nenhum corpo. Nada.

— A mãe dela foi morta no restaurante Red Phoenix um mês antes disso.

— É, eu sei. Que falta de sorte a dessa família — comentou Buckholz, bebericando o uísque. — O dinheiro nada pode contra a morte.

— Você acha que foi só isso? Falta de sorte?

— Lou Ingersoll e eu conversávamos muito sobre isso. Não conseguíamos ver um elo entre os dois acontecimentos, e olha que examinamos o caso sob todos os ângulos. Uma briga pela custódia de Charlotte? Um divórcio malresolvido? Dinheiro?

— E nada?

Buckholz balançou a cabeça em negativa.

— Também passei por um divórcio, e ainda odeio aquela megera. Mas Patrick Dion e a ex-esposa permaneceram amigos. O sujeito se dava bem até com o novo marido dela.

— Mesmo após Arthur ter fugido com a esposa dele?

Ele riu.

— É, dá para imaginar? Os dois criaram famílias novas e felizes. Patrick, Dina e Charlotte. Arthur, Barbara e o filho, Mark. As duas crianças estudavam nesse colégio metido, a Bolton Academy, que foi onde as famílias se conheceram. Começaram a jantar juntos. Depois Arthur rouba a esposa de Patrick, e todo mundo se divorcia. Arthur se casa com Dina, Patrick fica com a custódia de Charlotte, então com 12 anos, e todos continuam amigos. Para mim não é normal — disse Buckholz, pousando o copo. — O normal seria um odiar o outro.

— Você tem certeza de que não era o caso?

— Acho possível que tenham escondido isso. É também provável que, cinco anos depois do divórcio, Patrick Dion tivesse perseguido a ex-mulher e o marido até aquele restaurante e os matado num ataque de ódio. Mas Mark Mallory jurou que todos eram amigos. E ele perdeu o próprio pai na chacina.

— E a mãe de Mark? Tudo bem para ela perder o marido para outra mulher?

— Nunca tive a oportunidade de falar com Barbara Mallory. Ela teve um AVC um ano antes do crime. No dia em que Charlotte desapareceu, Barbara estava no hospital. Morreu um mês depois. Outra família sem sorte — comentou, acenando para o barman. — Ei, preciso de mais um aqui.

— Hum, você dirige, Hank? — perguntou Jane, franzindo o cenho diante do copo vazio.

— Está tudo bem. Prometo que é o último.

O barman pôs outro copo de uísque no balcão, e Buckholz apenas olhou para ele, como se sua mera presença fosse o bastante para satisfazê-lo, por enquanto.

— Então este é o resumo da ópera — disse ele. — Charlotte Dion tinha 17 anos, era loura e linda. Quando não estava no colégio interno, morava com o pai milionário. Tinha tudo a seu favor e de repente... puf! É raptada na rua. Seus restos nunca foram encontrados — completou ele, pegando então o uísque com a mão firme. — Veja como é a vida.

— E a morte.

Buckholz riu e deu um gole.

— É verdade.

— Você tem alguma ideia sobre a outra garota que desapareceu? Laura Fang?

— Esse caso era do Sedlak, que Deus o tenha. Mas eu examinei os arquivos por causa da ligação com o Red Phoenix. Não encontrei nada que me fizesse achar que os dois raptos estivessem relacionados. Acho que com Charlotte foi uma coisa espontânea: ver e pegar. Laura foi um caso diferente. Aconteceu na saída da escola enquanto ela ia a pé para casa. Uma colega a viu entrar voluntariamente no carro de alguém, como se conhecesse o motorista. Mas ninguém anotou a placa e a garota nunca mais foi vista. Outro corpo que nunca foi encontrado — comentou ele, olhando para as garrafas alinhadas do outro lado do balcão. — Faz a gente pensar em quantos esqueletos deve haver empilhados em florestas, aterros sanitários. Há milhões de pessoas desaparecidas neste país. Esses ossos todos. Aceito o fato de que vou morrer um dia, desde que haja alguma placa que diga ao mundo que sou eu enterrado ali. Mas nunca ter sido encontrado? Acabar

escondido debaixo de algum arbusto? É como se a pessoa jamais tivesse existido. — Buckholz estremeceu. — Bem, este é o resumo do caso Charlotte Dion. Ajuda em alguma coisa?

— Não sei. No momento, é só uma peça de um quebra-cabeça confuso — falou Jane, fazendo sinal para o barman. — A conta, por favor.

— De jeito nenhum.

— Você acaba de me fazer um favor, me contando sobre Charlotte.

— Estou sempre aqui mesmo. Neste banco, neste bar. Sabe onde me encontrar — falou ele, olhando para o celular dela, que tocava. — Vejo que você é uma garota requisitada. Que sorte.

— Depende de quem está ligando — replicou Jane, atendendo o telefone. — Detetive Rizzoli.

— Lamento ter que fazer esta ligação — disse uma voz de homem, parecendo de fato relutante em falar com ela. — Creio que você seja a supervisora do detetive Tam?

— Sim, trabalhamos juntos.

— Estou ligando em nome de todas as famílias das vítimas. Gostaríamos de não ter de lidar mais com o detetive Tam. Ele conseguiu aborrecer todo mundo, em especial a pobre Mary Gilmore. Depois de todos esses anos, por que temos de nos sujeitar de novo a essas perguntas?

Jane massageou a cabeça, temendo a conversa que precisaria ter com o colega mais jovem. *Você é um servidor público. O que significa que não pode ficar perturbando o público.*

— Sinto muito, senhor — respondeu ela. — Não guardei seu nome.

— Patrick Dion.

Ela se retesou. Olhou para Buckholz, que seguia a conversa com profundo interesse. Uma vez policial, sempre policial.

— Dina Mallory era sua ex-esposa? — perguntou Jane.

— Sim. E é doloroso ser lembrado de como ela morreu.

— Entendo que seja difícil para o senhor. Mas o detetive Tam precisa fazer essas perguntas.

— Dina morreu há 19 anos. Nunca houve dúvida sobre quem a matou. Por que isso está sendo levantado de novo?

— Infelizmente não posso falar. É...

— Sim, já sei. Faz parte de uma *investigação em curso*. Foi o que o detetive Tam disse.

— Porque é verdade.

— Mark Mallory está furioso com a situação, que também aborreceu Mary Gilmore e a filha. Primeiro recebemos aquelas mensagens pelo correio e depois o detetive Tam começa a nos ligar. Nós todos gostaríamos de saber por que isso está acontecendo agora.

— Perdão — interrompeu ela. — Que história é essa de receber mensagens?

— Já vem acontecendo há seis, sete anos. Todo dia 30 de março elas aparecem em nossa caixa de correspondência, como um lembrete sinistro do aniversário.

— O que dizem essas mensagens?

— Recebo sempre uma cópia do obituário de Dina. E atrás alguém escreve: *Não quer saber a verdade?*

— O senhor ainda tem essas mensagens?

— Sim, e Mary tem as dela. Mas Mark fica tão chateado que joga fora as dele.

— Quem envia isso? O senhor sabe?

— Suponho que elas venham de parte da mesma pessoa que colocou o anúncio no *Globe*. Aquela tal de Iris Fang.

— Por que a Sra. Fang faria isso?

Houve uma longa pausa.

— Não quero falar mal da Sra. Fang — disse Patrick, por fim. — Ela perdeu o marido e sei que sofreu também. Tenho pena dela. Mas acho que a coisa é óbvia.

— O que é óbvio?

— Que a mulher é louca.

Quando a campainha tocou, Maura já estava com a mesa posta e um pernil de cordeiro assando no forno. Adolescentes são famosos pelo apetite, por isso trouxera para casa duas tortas: uma de mirtilo e outra de maçã. Assara quatro batatas e debulhara seis espigas de milho. Será que o garoto comia salada? Não sabia. Durante os dias de fome desesperada que tinham passado juntos nas florestas de Wyoming, ela e Rato sobreviveram com o que haviam conseguido encontrar. Ela o tinha visto devorar biscoitos para cachorro, feijão enlatado e casca de árvore. Ele não iria torcer o nariz para alface e poderia fazer proveito das vitaminas. No último encontro dos dois, em janeiro, ele estava magro e pálido, e era para esse garoto subnutrido que cozinhava aquela noite. Não importa como vai ser a semana, pensou, ele não vai sair da minha casa com fome. Era o único detalhe para o qual podia se preparar, a única variável que ela podia controlar.

Porque tudo o mais acerca da primeira visita dele à casa dela pertencia à esfera do desconhecido.

Devia a vida a Julian “Rato” Perkins, embora eles mal se conhecessem. Lado a lado, lutaram para permanecer vivos, e não havia vínculo mais íntimo entre duas pessoas que aquele criado quando se vê, juntos, a cara da morte. Agora estavam para descobrir se essa ligação conseguiria sobreviver ao difícil teste de uma semana na companhia um do outro, sob condições civilizadas.

Ao som da campainha, ela secou as mãos num pano de prato e atravessou rapidamente o corredor, ciente de que o coração de repente batia

com força. Relaxe, ele é só um garoto, pensou enquanto abria a porta da frente. E quase foi derrubada quando um cachorro preto enorme ficou de pé para saudá-la, colocando as duas patas dianteiras em seu peito.

— Urso! *Fica quieto, menino!* — gritou Rato.

Ela riu quando o cão deu-lhe uma alegre lambida molhada no rosto. Depois, ele pôs as quatro patas no chão, abanando o rabo e latindo. Maura sorriu para o garoto, que parecia apavorado com os maus modos do companheiro.

— Então? — disse ela. — Você não vai me dar um abraço também?

— Olá, dona — respondeu ele, passando desajeitadamente os longos braços em torno dela.

Maura ficou espantada de ver como ele parecia maior, como desenvolvera músculos desde a última vez que o vira. Era possível que um garoto crescesse tanto em apenas alguns meses?

— Senti sua falta, Rato — murmurou Maura. — De vocês dois. Muito.

Os degraus do pórtico rangeram, e o garoto se afastou de repente dela, como se tivesse vergonha de ser visto abraçando-a. Maura olhou para o homem que estava agora em pé atrás de Rato. Anthony Sansone sempre parecera uma figura ameaçadora, de físico imponente, um rosto impossível de se ler, mas naquela tarde sombria estava sorrindo quando pousou a mochila do garoto sob o pórtico.

— Está entregue, Julian — disse ele.

— Obrigado por trazê-lo de carro até Boston — falou Maura.

— Foi um prazer. E nos dá uma chance de nos vermos. — Sansone hesitou, examinando-lhe o rosto, e, como sempre, parecia ver demais. — Já faz tempo que não nos falamos. Como você está?

— Estou bem. Trabalhando — respondeu ela, forçando um sorriso. — Nunca me faltam clientes. Quer entrar um pouco?

Ele olhou para o garoto, que passava os olhos de um para o outro, acompanhando a conversa com grande interesse.

— Não, vou deixar você e Julian colocarem a conversa em dia. Como vão passar a semana?

— Tenho que trabalhar na segunda e na terça, mas de quarta em diante vou ter um tempo livre. Vamos dar um passeio pela cidade.

— Pego você sábado que vem então, Julian — disse Sansone, estendendo-lhe a mão.

O homem e o garoto despediram-se de forma estranhamente formal, mas entre aqueles dois isso parecia muito natural, como se tivesse de ser assim. Rato esperou até Sansone voltar para o carro e partir. Só depois olhou para Maura.

— Conversamos sobre você — disse ele. — Na viagem até aqui.

— Só coisa boa, espero.

— Acho que ele gosta de você. Muito — acrescentou Rato, pegando a mochila. — Mas ele é meio estranho.

As pessoas poderiam dizer o mesmo de você, pensou ela, olhando para o garoto. De nós dois. Passou um braço em torno dele e sentiu-o retesar-se diante daquele gesto de afeto não habitual. O garoto tinha vivido tempo demais como um animal selvagem, vagando pelas montanhas de Wyoming, e em seus olhos ela ainda via os vestígios da criança abandonada. O mundo não havia sido bom para Julian Perkins, e levaria tempo até que ele confiasse em outro ser humano.

Entraram na casa, e o garoto olhou ao redor da sala.

— Para onde foi o Urso?

— Acho que ele já está se sentindo em casa. Aposto que descobriu tudo que há de gostoso na cozinha.

E de fato foi lá que os dois o encontraram, engolindo os restos do cordeiro que ela colocara numa vasilha de cerâmica para cachorros. Maura nunca tivera um cão, e o recipiente era novo em folha, assim como a cama gigante para cachorro, a coleira, o remédio contra pulgas e as latas de ração Alpo, guardadas no armário. Aonde o garoto ia, Urso o seguia, o que significava que aquela semana Maura estaria dividindo a casa com duas criaturas estranhas, um cachorro e um adolescente. No forno, o caldo do cordeiro assando chiava, e ela viu o garoto levantar o nariz, como um animal farejando a refeição.

— O jantar vai estar pronto daqui a uma hora. Vou te mostrar seu quarto — disse ela, franzindo o cenho diante da mochila do menino. — Onde está sua mala?

— Isto é tudo que eu trouxe.

— Então parece que precisaremos sair para comprar umas roupas.

— Não, não preciso de nada — disse ele, enquanto atravessavam a sala.
— Usamos uniforme na escola.

— Este é o seu quarto.

Urso entrou primeiro, mas o garoto hesitou na porta, como se achasse que havia algum engano. Maura percebeu de repente que o quarto era absurdamente feminino para um garoto e seu cachorro. Com relutância, Rato entrou e examinou o edredom branco, o vaso com flores frescas sobre a cômoda e o felpudo tapete verde-claro. Não tocou em nada, como se aquelas fossem peças de museu e ele tivesse medo de quebrar algo. Cuidadosamente, pôs a mochila num canto.

— Como vai a escola? — perguntou ela.

— Vai bem — disse Rato, ajoelhando-se para abrir a mochila. Tirou duas camisas, um suéter e uma calça, tudo muito bem dobrado.

— Então, está gostando de Evensong? Está feliz lá?

— É diferente da minha antiga escola. As pessoas são simpáticas comigo.

Era uma declaração espontânea, sem autopiedade, e revelava o quão dolorosa sua vida devia ter sido. Maura lera seu dossiê de Wyoming e sabia sobre as brigas no pátio da escola, os sarcasmos que tinha de aguentar por causa das roupas rasgadas e da família dispersa. Várias pessoas, desde a assistente social até o psicólogo, haviam-na alertado de que o garoto estava muito perturbado, que trazê-lo para sua vida podia levar a consequências das quais iria se arrepender. Agora observava esse garoto problemático desfazer a mochila com calma e pendurar ordenadamente as roupas no armário, e pensou: Ainda bem que não lhes dei ouvido. A nenhum deles.

— Fez alguma amizade na escola? Gosta dos outros alunos?

— Eles parecem muito comigo — respondeu Rato, abrindo uma gaveta da cômoda e colocando as meias e cuecas.

Ela sorriu.

— Você quer dizer que eles são especiais.

— Não têm pais também.

Aquilo era novidade para ela. Quando Sansone contara-lhe que estava oferecendo ao garoto uma bolsa de estudos na escola Evensong, enfatizou as qualidades acadêmicas da instituição, o campus rural, o corpo docente internacional e a excelente biblioteca. Não disse nada sobre ser uma escola para órfãos.

— Tem certeza? — perguntou ela. — Deve haver alguns pais que vão visitar os filhos.

— Às vezes vejo a tia ou o tio de alguém. Mas nunca a mãe ou o pai. Ele diz que agora somos um a família do outro.

— Ele?

— O Sr. Sansone — respondeu Rato fechando a gaveta da cômoda e olhando para Maura. — Ele pergunta por você o tempo todo.

Ela sentiu o rosto ficar vermelho e fixou o olhar em Urso, que se remexia de um lado para o outro na cama de cachorro, acostumando-se com aquele novo luxo.

— Que tipo de pergunta ele faz?

— Se você tem se correspondido comigo. Se vai visitar a escola. Se gostaria de dar uma aula lá.

— Em Evensong? — perguntou ela, balançando a cabeça. — Não tenho certeza se uma aula de patologia forense seria apropriada para alunos do ensino médio.

— Mas estamos aprendendo muitas coisas legais. Mês passado, a Srta. Saul nos mostrou como construir uma catapulta romana. E me deixaram dar uma aula sobre trilha de animais, porque entendo do assunto. Até dissecamos um cavalo.

— Jura?

— Ele quebrou a perna e teve que ser sacrificado. Nós abrimos o corpo dele e estudamos seus órgãos.

— Você não achou isso desagradável?

— Já preparei um cervo para assar. Sei o que é uma coisa morta.

Sim, você sabe, pensou ela. Em Wyoming, Rato tinha visto um homem sangrar até a morte. Maura se perguntou se o garoto às vezes acordava assustado no meio da noite, como ela, sob o peso das lembranças do que lhes ocorrera nas montanhas. Parecia tão calmo e controlado enquanto colocava os livros da escola sobre a cômoda, levava a escova de dentes para o banheiro, com todas as emoções abafadas. *Ele parece mais comigo do que eu gostaria de admitir.*

Na cozinha, seu celular estava tocando.

— Posso ir lá fora ver o quintal? — perguntou Rato.

— Claro. Vou atender o telefone.

Ela entrou na cozinha e tirou o celular da bolsa.

— Dra. Isles — disse.

— Aqui é o detetive Tam. Me desculpe por ligar no fim de semana.

— Sem problemas, detetive. Em que posso ajudá-lo?

— Queria saber se poderia pedir sua opinião sobre um antigo homicídio. Aconteceu há 19 anos, durante um tiroteio num restaurante de Chinatown. Foram cinco vítimas. Na época, foi considerado assassinato seguido de suicídio.

— Por que está se preocupando com uma coisa que aconteceu há 19 anos?

— Porque pode estar relacionado à nossa vítima do telhado. Pode ser a razão pela qual ela foi a Chinatown. Parece que estava procurando pessoas que sabiam algo sobre o crime no restaurante.

— O que você quer que eu faça exatamente?

— Que analise os relatórios das necropsias daquelas cinco pessoas, em especial o do atirador, e nos diga se concorda com as conclusões. O patologista que os redigiu não pertence mais ao departamento forense, então não posso perguntar a ele.

Pela janela da cozinha, Maura viu que Rato e o cachorro estavam do lado de fora, dando voltas pelo pátio, como se procurassem uma saída, um escape para o mundo exterior. Era um garoto destinado a viver na natureza.

— Estou ocupada esta semana — falou ela. — Você pode pedir ao Dr. Bristol.

— Mas eu queria realmente que...

— Que...

— Prefiro ter a sua opinião, Dra. Isles. Sei que diz as coisas como são, doa a quem doer. Confio no seu parecer.

Aquilo a espantou, porque não era a opinião vigente entre o pessoal do Departamento de Polícia de Boston nos últimos tempos. Pensou nos olhares e no silêncio glacial que tivera de aguentar dos policiais durante a semana anterior. Em todas as diferentes formas que usaram para fazê-la sentir-se como o inimigo.

— Estarei em casa esta noite — disse ela. — Pode trazer os relatórios quando quiser.

Já passava das nove da noite quando Urso começou a latir na porta da frente. Maura abriu-a e deu com o detetive Tam de pé sob o pórtico. Ele e o cachorro olharam-se desconfiados por um momento, mas após umas cheiradas exploratórias Urso deu sinal de sua aprovação entrando de volta na casa e concedendo acesso ao visitante. Tam movia-se com a mesma energia felina que ela notara quando se conheceram em Chinatown, parando no vestíbulo e girando a cabeça, alerta, na direção do som do chuveiro ligado. Não fez a pergunta, mas Maura leu-a em seus olhos.

— Estou com um hóspede aqui esta semana — disse ela.

— Desculpe interromper o seu fim de semana — replicou Tam, entregando-lhe um maço de cópias. — Estes são os cinco relatórios de necropsia, mais a pasta do Departamento de Polícia de Boston, arquivada pelos detetives Ingersoll e Staines.

— Uau! Parece que você está mesmo empenhado nisto.

— É meu primeiro caso de homicídio. Empenho de iniciante, entende? — falou ele, tirando um pen drive do bolso. — Eles não deixam tirar nenhum original do Instituto Médico Legal, então escaneei as fotos e as radiografias. Sei que é uma quantidade enorme de trabalho, e lamento despejar tudo em cima de você.

Ao colocar o pen drive em sua mão, olhou-a de frente, como se para enfatizar como aquilo era importante para ele, e que depositava plena confiança nela.

Corando ao sentir seu toque, Maura olhou para o pen drive.

— Antes de você ir, me deixe ter certeza de que estes arquivos abrem no meu computador — disse ela.

Eles foram até o escritório, e, enquanto ela ligava o laptop, Tam olhou para o cachorro, que os seguira e agora estava sentado aos pés dele, observando aquele novo visitante.

— Que raça de cachorro é esta? — perguntou.

— Não faço ideia. Provavelmente meio pastor, meio lobo ou husky. É do meu hóspede.

— Você é uma anfitriã muito boa, deixando um hóspede trazer o cachorro.

— Devo a vida a este cachorro. Por mim, ele pode ficar onde quiser — replicou Maura, inserindo o pen drive no computador.

Após um instante, uma série de miniaturas de fotografias apareceu no monitor. Ela clicou na primeira, revelando a imagem sinistra do corpo nu de uma mulher sobre a mesa de necropsia.

— Parece que abrem sem problemas. Não posso prometer quando vou examiná-las, mas não vai ser antes da semana que vem.

— Fico muito agradecido, Dra. Isles.

Ela endireitou as costas e olhou para ele.

— Os doutores Bristol e Costas são muito bons patologistas. Pode confiar na opinião deles também. Tem alguma razão para não pedir ajuda a eles?

Tam hesitou, virando-se em direção ao som do chuveiro sendo fechado. As orelhas de Urso ergueram-se, e ele saiu do escritório.

— Detetive? — falou ela.

Tam disse com relutância:

— Acho que sabe o que estão dizendo sobre você. Por causa do julgamento de Wayne Graff e essa história toda.

Ela comprimiu os lábios.

— Tenho certeza de que não é nada de elogioso — falou.

— A força policial é unida e não aceita críticas de bom grado.

— Mesmo quando são verdadeiras — disse ela, com amargura.

— Foi por isso que vim até você. Porque sei que fala a verdade.

Seus olhos se encontraram sem hesitações. No dia em que se conheceram, em Chinatown, Maura o julgara impossível de entender, um homem que poderia gostar ou não dela. A mesma expressão indiferente era visível em seu rosto agora, mas tratava-se apenas de uma máscara que ela ainda não havia aprendido a ler. Havia algo naquele homem que Maura não sabia o que era, e perguntou-se se algum dia ele permitiria que alguém tivesse um vislumbre do que existia atrás daquela máscara.

— O que espera que eu encontre nestes relatórios? — perguntou ela.

— Contradições, talvez. Coisas que não são lógicas, que não fazem sentido.

— Por que acha que elas podem existir?

— Praticamente a partir do momento em que Staines e Ingersoll chegaram à cena do crime o caso foi considerado um assassinato seguido de suicídio. Li o relatório que fizeram, e eles não exploraram nenhuma hipótese

alternativa. Era muito fácil declarar que se tratava de um imigrante chinês louco atirando em todo mundo num restaurante. E depois em si mesmo.

— Você acha que não foi um assassinato seguido de suicídio?

— Não sei. Mas 19 anos depois, a coisa está produzindo uns ecos estranhos. A nossa vítima do telhado tinha dois endereços no GPS portátil. Um era o da casa do detetive Ingersoll. O outro era o de Iris Fang, a viúva de uma das vítimas do massacre. É óbvio que essa mulher morta estava interessada no caso do Red Phoenix. Não sabemos por quê.

Eles ouviram o som do cachorro. Maura virou-se e viu Rato parado na porta, de cabelo molhado do banho. Tinha os olhos fixos na foto da necropsia, na tela do computador. Ela minimizou rapidamente o programa e a imagem desagradável desapareceu.

— Julian, este é o detetive Tam — apresentou ela. — E este é meu hóspede, Julian Perkins. Ele estuda numa escola no Maine e veio para cá passar a semana de recesso.

— Então você é o dono deste cachorro bravo — disse Tam.

O garoto continuou a olhar para o monitor, como se ainda pudesse ver a imagem ali exibida.

— Quem era ela? — perguntou, baixinho.

— É só um caso sobre o qual estávamos conversando — respondeu Maura. — Já vamos terminar. Por que não vai assistir a um pouco de TV?

Tam esperou até que pudessem ouvir a televisão ser ligada na sala, e disse:

— Lamento que ele tenha visto aquilo. Não é coisa para um garoto olhar.

— Examinos os arquivos quando tiver tempo. Pode demorar um pouquinho. Imagino que não haja pressa?

— Seria bom fazer algum progresso no caso da desconhecida.

— O Red Phoenix aconteceu há 19 anos — falou ela, desligando o laptop. — Tenho certeza de que pode esperar um pouco mais.

13

Mesmo antes de vê-lo, sei que entrou na academia, por causa da corrente de ar úmido da noite que penetra quando se abre a porta. Não interrompo o exercício para cumprimentá-lo e continuo a girar e oscilar a espada. No espelho grande, posso ver o detetive Frost observando-me, fascinado, a entoar o canto do sabre. Hoje me sinto forte, os braços e as pernas ágeis como quando eu era jovem. Cada um de meus movimentos, giros, golpes, é ditado pelos versos de um antigo soneto:

*Subo as sete estrelas para montar no tigre.
Ascendendo, girando, escapando, como só os espíritos podem,
Para transformar-me na garça branca,
Abrindo as asas enquanto estende a perna.
O vento sopra
E a flor de lótus tremula.*

Todos os movimentos me são automáticos, um sobrepondo-se ao outro. Não preciso pensar neles, porque meu corpo se lembra com a mesma certeza que sabe como andar e respirar. O sabre golpeia o ar e gira, mas o pensamento está no policial e no que vou lhe dizer.

Chego ao 13º e último verso do soneto. *A fênix retorna ao ninho.* Fico em estado de alerta, a arma finalmente descansa, o suor resfria-me o rosto.

Só então me viro para encará-lo.

— Isto foi muito bonito, Sra. Fang — diz o detetive Frost, com os olhos arregalados de admiração. — Parece uma dança.

— É um exercício para principiantes. Me traz calma para terminar o dia. Seu olhar se fixa no sabre que estou segurando.

— Isso é uma espada de verdade?

— O nome dela é Zheng Yi. Herdei-a da minha tataravó.

— Deve ser muito antiga.

— E muito usada. É de combate. Quando não se pratica com uma espada de combate, não se aprende a lidar com seu peso, a conhecer sua pegada — digo, dando dois golpes rápidos no ar, enquanto ele recua, assustado. Com um sorriso, estendo o cabo para ele. — Segure. Sinta o peso.

Ele hesita, como se pudesse receber um choque elétrico. Com cautela, agarra o cabo e gira desajeitadamente a espada no ar.

— Não me parece natural — declara.

— Não?

— O equilíbrio parece estranho.

— Porque não é apenas uma espada cerimonial, mas uma *dao* genuína. Um verdadeiro sabre chinês. Este modelo se chama folha de salgueiro. Vê como a lâmina se curva? Era a arma branca padrão dos soldados durante a dinastia Ming.

— Quando foi isso?

— Há uns seiscentos anos. A Zheng Yi foi confeccionada na província de Gansu durante um período de guerra. — Hesito e acrescento com pesar: — Infelizmente, a guerra era muitas vezes um estado normal na antiga China.

— Então esta espada esteve em combates de verdade?

— Sei que esteve. Quando a seguro, posso sentir o canto de velhas batalhas reverberando na lâmina.

Ele ri.

— Se alguma vez eu for atacado num beco escuro, Sra. Fang, quero que esteja do meu lado.

— É você quem traz uma arma de fogo. Não deveria *me* proteger?

— Tenho certeza de que se sai bem sozinha — responde ele, entregando-me a espada.

Vejo que fica nervoso só pela proximidade da lâmina afiada. Com uma mesura, pego-a de volta e olho-o de frente. Ele enrubesce diante da minha objetividade, reação que não espero de um policial, muito menos de um detetive experiente, que investiga assassinatos. Há, entretanto, uma doçura inesperada nesse homem, uma vulnerabilidade que me faz de repente lembrar do meu marido. O detetive Frost tem mais ou menos a mesma idade que James tinha quando morreu, e, em seu rosto, vejo o sorriso constrangido do meu marido e uma ânsia inata de agradar.

— Tem mais perguntas a me fazer, detetive?

— Sim. A respeito de uma questão sobre a qual não tínhamos conhecimento quando conversamos antes.

— O que seria?

Ele parece relutar em dizer o que está pensando. Os olhos já esboçam um pedido de desculpas.

— É sobre sua filha. Laura.

A menção do nome de Laura é como um golpe forte em meu peito. Não esperava por isso, e o impacto me desestabiliza.

— Sinto muito, Sra. Fang — diz ele, estendendo a mão para me amparar.

— Sei que é desagradável. Está se sentindo bem? Quer sentar?

— Não, é que... — falo, balançando levemente a cabeça. — Não como desde de manhã.

— Talvez devesse comer alguma coisa agora. Posso levá-la a algum lugar?

— Talvez pudéssemos conversar um outro dia.

— São poucas perguntas — hesita ele. Acrescenta em voz baixa: — Eu também não jantei.

Por um momento, suas palavras pairam no ar. Como um balão de ensaio. Minha mão aperta o cabo da espada, numa reação instintiva a uma situação cheia de incertezas. No perigo, há oportunidades. Ele é policial, mas não vejo nada nele que provoque desconfiança, apenas um homem atencioso, de expressão benévola. E quero desesperadamente saber por que ele está perguntando sobre Laura.

Deslizo a Zheng Yi de volta à bainha.

— Tem uma casa de massas na Beach Street.

Ele sorri, e a mudança em seu rosto é espantosa. Faz com que pareça tão mais jovem.

— Conheço o lugar.

— Me deixe pegar minha capa de chuva antes.

Lá fora, caminhamos juntos sob um chuvisco fino de primavera, mas mantemos uma distância cautelosa entre nós. Trago a Zheng Yi comigo porque a espada é valiosa demais para ser deixada na academia. E porque sempre foi minha proteção contra todas as ameaças que não consigo ver. Mesmo nessa noite úmida, Chinatown fervilha, as ruas repletas de fregueses para jantar, ansiosos por um pato assado ou um peixe cozido com gengibre. Enquanto andamos, tento manter-me focada no que acontece ao redor, em cada rosto estranho que passa. O detetive Frost, porém, falante e exuberante, é uma distração contínua.

— Esta é a minha parte favorita de Boston — diz ele, abrindo os braços, como se quisesse abraçar Chinatown e todos que estão ali. — Tem a melhor comida, os melhores mercados, essas ruas transversais pequenas, tão interessantes. Adoro vir aqui.

— Mesmo quando é para ver um cadáver?

— Aí não — retruca ele com um sorriso de pesar. — Mas tem alguma coisa neste bairro. Às vezes sinto como se pertencesse a este lugar. Como se eu não fosse chinês por puro engano.

— Ah, você acha que está reencarnado.

— Sim. Como o garoto tipicamente americano de South Boston — diz ele, me olhando, o rosto brilhando de umidade. — A senhora mencionou que é de Taiwan.

— Já esteve lá?

Ele balança a cabeça, pesaroso.

— Não viajei tanto quanto gostaria. Mas fui à França na minha lua de mel.

— O que sua esposa faz?

O silêncio me faz olhar para ele, e vejo que baixou a cabeça.

— Ela está na faculdade de direito — diz, em voz baixa. Acrescenta: — Nos separamos. No verão passado.

— Lamento.

— Acho que não foi um ano muito bom — comenta, e depois, de repente, parece lembrar-se da pessoa com quem está falando. A mulher que perdeu marido e filha. — Não tenho do que reclamar, na verdade.

— A solidão não é fácil para ninguém. Mas tenho certeza de que vai encontrar outra pessoa.

Ele olha para mim, e vejo dor em seus olhos.

— E, ainda assim, a senhora nunca se casou de novo.

— Não.

— Deve ter havido homens interessados.

— Como substituir o amor de sua vida? — digo simplesmente. — James é meu marido. E vai ser sempre.

Ele demora um instante para absorver o que falei. Depois diz:

— Sempre achei que o amor deveria ser assim.

— E é.

Seus olhos têm um brilho que não é natural quando olha para mim.

— Só para alguns — diz.

Chegamos à casa de massas, onde as janelas estão embaçadas pelo vapor. Ele dá um passo à frente para abrir a porta, um gesto cavalheiresco que me parece irônico, já que sou eu quem carrega a espada letal. Lá dentro, o pequeno salão encontra-se repleto, e temos a sorte de pegar a última mesa vaga, encostada a um canto, perto da janela. Penduro a bainha nas costas da cadeira e tiro a capa de chuva. Da cozinha, vêm os aromas tentadores de alho e bolinhos, lembretes dolorosamente saborosos de que não como nada desde o café da manhã. Vejo passar massas recheadas com carne de porco, camarão ou peixe; na mesa ao lado, ouço o barulho dos pauzinhos batendo nas tigelas, e uma família conversa num cantonês tão alto que soa como uma discussão.

Frost parece maravilhado enquanto examina o cardápio.

— Talvez seja melhor que a senhora peça para nós dois.

— Tem alguma coisa que você não coma?

— Como de tudo.

— Pode se arrepender de ter dito isto. Porque nós, chineses, comemos *realmente* de tudo.

Ele aceita o desafio de bom humor.

— Me surpreenda.

Quando a garçonete traz um prato com tira-gosto de medusa fria, pé de galinha e pata de porco em conserva, seus pauzinhos hesitam diante daquela escolha pouco familiar, mas logo morde um pedaço translúcido de

cartilagem de porco. Observo seus olhos arregalarem-se de prazer pela descoberta.

— Isto é maravilhoso!

— Nunca tinha provado?

— Acho que nunca fui muito aventureiro — confessa, enquanto limpa os lábios, brilhantes de óleo de *chilli*. — Mas estou tentando mudar isso.

— Por quê?

Ele pausa para pensar, com um pedaço de medusa pendurado nos pauzinhos:

— Acho que... tem a ver com ficar velho, sabe? Perceber que experimentei tão poucas coisas. E que já não há muito tempo para fazer isso.

Ficar velho. Diante disso, tenho que sorrir, porque sou quase duas décadas mais velha que ele. Acho que deve me considerar uma anciã. No entanto, ele não olha para mim dessa forma. Pego-o estudando meu rosto, e, quando retribuo o olhar, ele enrubesce. Exatamente como meu marido na noite em que nos apaixonamos. Estávamos na primavera, havia neblina, exatamente como hoje. *Ah, James. Acho que você gostaria deste moço. Me lembra tanto você.*

Os bolinhos chegam, pequenos travesseiros macios recheados com porco e camarão. Me diverte vê-lo tentar pegá-los, caçando-os com os pauzinhos pelo prato escorregadio.

— Eram os preferidos do meu marido. Ele conseguia comer uma dúzia deles — digo, sorrindo diante da lembrança. — Ele se ofereceu para trabalhar aqui durante um mês, de graça, se lhe dessem a receita.

— Ele também trabalhava em restaurantes em Taiwan?

A pergunta me faz olhar diretamente para o detetive.

— Meu marido era especialista em literatura chinesa. Descendia de uma longa linhagem de eruditos. Não, ele não trabalhava em restaurantes. Trabalhou como garçom só para sobreviver.

— Não sabia disso.

— É muito fácil achar que o garçom que você vê aqui é só um garçom, e que o vendedor da mercearia é só um vendedor. Mas, em Chinatown, não se deve fazer suposições sobre as pessoas. Sabe esses velhos de roupas surradas que você vê jogando dama perto dos leões da entrada? Alguns são milionários. E aquela mulher ali, atrás do caixa? Vem de uma família de

generais do império. Aqui as pessoas não são o que parecem. Nunca as subestime. Não em Chinatown.

Ele concorda com humildade.

— Não — replica. — Não mais. Me desculpe se em algum momento fui desrespeitoso com seu marido.

O pedido de desculpas soa totalmente sincero: mais uma razão para achar esse homem tão surpreendente.

Pouso meus pauzinhos e o contemplo. Agora que comi, me sinto capaz de tratar do assunto que paira sobre nosso jantar. A família ruidosa da mesa ao lado se levanta para ir embora, arrastando cadeiras e soando como um coral cantonês barulhento. Quando saem pela porta, o restaurante parece de repente silencioso.

— Você veio para me perguntar sobre minha filha. Por quê?

Ele demora um instante para responder, limpando as mãos e dobrando o guardanapo meticulosamente.

— A senhora alguma vez já ouviu falar de Charlotte Dion?

Assinto com um aceno de cabeça e replico:

— Era a filha de Dina Mallory.

— Tem conhecimento do que aconteceu com Charlotte?

— Detetive — digo, suspirando —, fui forçada a tomar conhecimento dessa história toda. Está tudo aqui, gravado para sempre. — Toco a cabeça. — Sei que a Sra. Mallory tinha sido casada antes com um homem chamado Patrick Dion, e que tinham uma filha chamada Charlotte. Algumas semanas depois do crime, Charlotte desapareceu. Sim, sei tudo sobre as vítimas e suas famílias, porque sou uma delas. — Olho para meu prato vazio, reluzente de gordura. — Nunca conheci o Sr. Dion, mas depois que a filha desapareceu lhe escrevi um cartão de condolências. Não sei se ainda gostava da ex-mulher, ou se lamentava sua morte. Mas sei o que é perder uma filha. Disse a ele que sentia muito, que entendia seu sofrimento. Ele nunca respondeu. — Olho novamente para Frost. — Então, sim. Sei por que está perguntando sobre Charlotte. Está impressionado, como todos ficaram. Até eu. Como é possível que duas famílias sejam tão azaradas? Primeiro, a minha Laura desaparece e, dois anos depois, a Charlotte dele. Nossas famílias ligadas pela tragédia do Red Phoenix e pela perda das nossas filhas. Você não é o primeiro policial a me perguntar sobre isso.

— Imagino que tenha sido o detetive Buckholz.

Faço que sim com a cabeça.

— Quando Charlotte desapareceu, ele veio me ver. Para perguntar se as duas garotas por acaso se conheciam. O pai de Charlotte é muito rico, e ela recebia, é claro, muita atenção. Muito mais que a minha Laura.

— No relatório, Buckholz escreveu que as duas estudavam música clássica.

— Minha filha tocava violino.

— E Charlotte tocava viola, na orquestra do colégio. Haveria alguma chance de as duas terem se conhecido? Em algum curso de música, talvez?

Nego com um aceno de cabeça.

— Já discuti isto com a polícia, não sei quantas vezes. A não ser pela música, as garotas não tinham nada em comum. Charlotte estudava em um colégio particular. E nós morávamos aqui, em Chinatown.

Minha voz some e olho para a mesa ao lado, na qual um casal chinês está sentado, com os filhos pequenos. Na cadeira alta, está uma garotinha, o cabelo amarrado na frente em chumaços que parecem chifrinhos de diabo. Como eu fazia em Laura quando ela estava com 3 anos.

A garçonete traz a conta até nossa mesa. Estendo a mão para pegá-la, mas Frost agarra-a antes.

— Por favor — diz. — Me permita.

— Os mais velhos é que devem pagar o jantar.

— Esta é a última forma que eu usaria para descrevê-la. Além disso, consumi noventa por cento da comida — falou ele, pondo o dinheiro na mesa. — Me deixe lhe dar uma carona até em casa.

— Moro a poucos quarteirões daqui, em Tai Tung Village. É mais fácil ir caminhando.

— Então a acompanho. Por uma questão de segurança.

— Para sua proteção ou para minha? — pergunto, enquanto pego a espada, que estava pendurada na cadeira.

Ele olha para Zheng Yi e sorri.

— Esqueci que a senhora está armada e é perigosa.

— Então não há necessidade de me levar em casa.

— Por favor, vou me sentir melhor.

Ainda está chovendo quando saímos, e, depois do calor vaporoso do restaurante, é um alívio respirar ar puro. A neblina cintila no cabelo do detetive e embaça sua pele. Apesar do frio, sinto um calor inesperado nas

faces. Ele pagou o jantar e agora insiste em me levar em casa. Já faz muito tempo que um homem não era tão solícito comigo, e não sei se me sinto lisonjeada ou irritada por ele me considerar tão vulnerável.

Caminhamos em direção ao sul da Tyler Street, até o antigo enclave da Tai Tung Village, onde Chinatown é mais calma e vazia. Não há turistas aqui, apenas prédios velhos que abrigam lojas empoeiradas no andar térreo, todas barricadas a essa hora por trás de portas fechadas. Enquanto estávamos no restaurante feericamente iluminado, eu podia baixar a guarda. Agora me sinto exposta, mesmo com um detetive armado a meu lado. As luzes se enfraquecem atrás de nós e as sombras se adensam. Ouço as batidas do meu coração e o som do ar que entra e sai dos meus pulmões. O canto do sabre toca na minha cabeça, palavras que me acalmam e me preparam para o que vier.

O dragão verde sai da água.

O vento balança as flores.

Nuvens brancas passam no céu.

O tigre negro percorre a montanha.

Minha mão vai até o cabo da espada, onde descansa em prontidão. Passamos por sombra, luz e sombra outra vez; meus sentidos se aguçam, a própria noite parece estremecer.

Bata na grama para procurar a serpente à esquerda.

Bata na grama para procurar a serpente à direita.

A escuridão parece viva. Há movimento em todo lugar. Um rato corre pelo beco. Água pinga de uma calha. Vejo e ouço tudo. O homem a meu lado está distraído, achando que sua presença me faz sentir segura. Não lhe ocorre que seja o contrário.

Viramos na Hudson Street e chegamos à minha modesta casa geminada, que tem sua própria entrada no térreo. Enquanto tiro a chave, ele fica sob a

luz amarelada do p3rtico, onde insetos voam e batem na lâmpada. É cavalheiro dos pés à cabeça, esperando que eu entre em segurança.

— Obrigada pelo jantar e pela escolta armada — digo com um sorriso.

— Ainda não sabemos do que se trata. Portanto, tenha cuidado.

— Boa noite — falo, inserindo a chave na fechadura, e, de repente, fico imóvel.

É minha respiração brusca que o alerta.

— O que foi?

— Não está trancada — sussurro.

Vejo que a porta está encostada. Zheng Yi já está fora da bainya, na minha mão: nem me lembro de tê-la tirado. Meu coração martela enquanto empurro a porta com o pé. Ela se abre por completo e vejo apenas escuridão pela frente. Dou um passo adiante, mas o detetive Frost me puxa de volta.

— Espere aqui — ordena ele, sacando a arma, entrando e acendendo a luz.

Da porta, vejo-o movendo-se por minha modesta casa, passando pelo sofá marrom, pela poltrona listrada que James e eu compramos havia tantos anos, logo que chegamos de Taiwan. Móveis que nunca tive coragem de trocar, porque meu marido e minha filha haviam se sentado neles. Mesmo na mobília, os espíritos dos entes queridos permanecem. Enquanto Frost se dirige à cozinha, caminho até o meio da sala e permaneço imóvel, inalando o ar, vasculhando o aposento. Meu olhar se detém na estante. No porta-retratos vazio. Sinto um arrepio de medo.

Alguém esteve aqui.

Da cozinha, Frost pergunta:

— Está tudo em ordem?

Não respondo e vou em direção à escada.

— Iris, espere — diz ele.

No entanto, já estou subindo os degraus, movendo-me silenciosamente. Meu coração está disparado. Enviando sangue para membros e músculos. Seguro a espada com ambas as mãos enquanto sigo até a porta do meu quarto.

Dispersa as nuvens e vê o sol.

Aspiro o ar e logo sinto que um intruso esteve lá, deixando seu cheiro de agressão. Há um odor desagradável, e, durante algumas batidas do coração, não consigo me forçar a avançar e encontrar o inimigo. Ouço o detetive Frost subir a escada correndo. Ele me dá cobertura, mas o que me aterroriza é o que está à frente.

Use as sete estrelas para montar no tigre.

Atravesso a soleira exatamente quando Frost acende a luz. O quarto surge de repente, de uma forma chocante. A fotografia desaparecida está sobre meu travesseiro, presa pela lâmina de uma faca. Só quando ouço Frost apertando as teclas do seu celular me viro para ele.

— O que está fazendo? — pergunto.

— Ligando para minha parceira. Ela precisa saber disto.

— Não ligue. Por favor. Vocês não sabem nada sobre isto.

Ele me olha de repente com uma intensidade que me faz perceber que o subestimei.

— E você sabe?

Jane estava de pé no quarto de Iris Fang, olhando para a fotografia atravessada por uma faca de açougueiro. Era um retrato de Iris muito mais jovem, o rosto radiante e sorrindo enquanto segurava um bebê nos braços.

— Ela disse que a faca é da própria cozinha — disse Frost. — E o bebê é a filha, Laura. Esta foto deveria estar num porta-retratos, lá embaixo, na estante. Quem invadiu a tirou da moldura e a trouxe aqui para cima, onde ela a veria com certeza.

— Ou a mensagem. Enfiar uma faca no travesseiro não é desejar bons sonhos, com certeza. O que será isso?

— Ela não sabe — respondeu Frost, baixando a voz, para que Iris não o ouvisse lá debaixo. — Pelo menos, é o que diz.

— Acha que não está sendo sincera conosco?

— Não sei. O fato é que...

— O quê?

Frost baixou ainda mais a voz:

— Ela não queria que eu ligasse para você. Na verdade, me pediu para esquecer a coisa toda. Isso não faz sentido para mim.

Nem para mim, pensou Jane, franzindo o cenho diante da faca, que tinha sido enfiada até o cabo, pressionando o retrato contra a fronha. Era um ato de puro ódio, com a intenção de aterrorizar.

— Qualquer um estaria gritando por proteção policial.

— Ela insiste que não precisa. Diz que não está com medo.

— Você tem certeza de que alguém esteve realmente aqui? — sugeriu Jane.

— O que você está querendo dizer?

— Que ela mesma pode ter feito isto. Pegando uma faca da própria cozinha.

— Por que faria isto?

— Explicaria o porquê de não estar assustada.

— Mas a coisa não foi assim.

— Como é que você sabe?

— Porque eu estava aqui quando ela encontrou a cena.

Jane virou-se para ele.

— Você veio até o quarto dela?

— Não me olhe assim. Acompanhei-a até em casa, só isso. Notamos que a porta da frente estava aberta, aí entrei para verificar.

— OK.

— Foi só isso!

Por que parece tão culpado então? Ela olhou para a foto mutilada.

— Se eu chegasse em casa e encontrasse uma coisa destas, ficaria apavorada. Por que ela não quer que investiguemos o caso?

— Pode ser algo cultural em relação à polícia. Tam diz que os moradores de Chinatown têm um pé atrás com a gente.

— Eu ficaria com um pé atrás em relação a quem fez isto — falou Jane, virando-se para a porta. — Vamos ter uma conversa com a Sra. Fang.

Ela encontrou Iris sentada no sofá marrom, desbotado, parecendo calma demais para uma mulher cuja casa acabara de ser arrombada. O detetive Tam andava de um lado para o outro, com o celular colado ao ouvido. Ele olhou para Jane com uma expressão de *também não sei o que está acontecendo aqui*.

A detetive sentou-se em frente a Iris e estudou-a por um momento, sem dizer palavra. A mulher devolveu o olhar, como se entendesse que aquilo era um teste e já estivesse preparada para o desafio. Não portava o semblante de uma vítima.

— O que acha que está acontecendo, Sra. Fang? — perguntou Jane.

— Não sei.

— Sua casa já tinha sido invadida antes?

— Não.

— Há quanto tempo mora aqui?

— Há quase 35 anos. Desde que meu marido e eu imigramos para este país.

— Conhece alguém que possa ter feito isso? Talvez um homem com quem estivesse se relacionando e que tenha ficado com raiva por ter sido rejeitado.

— Não — respondeu sem sequer parar para pensar, como se aquela fosse a única resposta que estivesse preparada para dar. — Não tem homem nenhum. Nem necessidade de a polícia se envolver nisto.

— Alguém invade a sua casa e crava uma faca de cozinha no travesseiro com a sua foto. A mensagem não pode ser mais clara. Quem a está ameaçando?

— Não sei.

— E ainda assim não quer que investiguemos.

A mulher olhou-a de frente, sem sinal de medo. Era como olhar para poças de água negra, que não revelavam nada. Jane recostou-se e esperou um instante. Viu Tam e Frost parados em volta, acompanhando a conversa com atenção. Três pares de olhos estavam focados em Iris, e o silêncio perdurava. Nem assim a mulher perdia a pose.

Hora de usar outra abordagem.

— Tive uma conversa muito interessante hoje — falou Jane —, com Patrick Dion, ex-marido de uma das vítimas do Red Phoenix. Ele me contou que todos os anos, em março, você envia lembretes para ele e para as outras famílias.

— Não mandei lembrete para ninguém.

— Há sete anos que vêm recebendo. Sempre no aniversário do massacre no Red Phoenix. As famílias acham que é você quem manda cópias dos obituários dos seus entes queridos. Tentando trazer de volta as más lembranças.

— Trazer de *volta* as lembranças? — disse Iris, rija. — Que tipo de famílias são essas, que precisam ser *lembradas*? — Pela primeira vez, a agitação transbordava em sua voz, fazendo com que suas mãos tremessem. — Vivo com as minhas lembranças. Elas nunca me abandonam, nem mesmo quando durmo.

— Você recebeu algum lembrete?

— Não. Ninguém precisa *me* lembrar. De todas as famílias, parece que sou a única que faz perguntas. Que exige respostas.

— Se não é você quem envia essas mensagens, sabe quem poderia estar fazendo isso?

— Talvez alguém que ache que a verdade foi abafada.

— Como você?

— Mas não tenho medo de dizer isto.

— E de forma bem pública. Sabemos que colocou um anúncio no *Globe* mês passado.

— Se seu marido fosse assassinado, e você soubesse que o criminoso nunca foi punido, não faria a mesma coisa? Não importa quantos anos tivessem passado?

Durante um momento, as duas mulheres se encararam. Jane imaginou-se acordando todo dia naquela casa esquelética, vivendo com uma dor inexprimível, obcecada pela felicidade perdida. Buscando razões, uma explicação para a vida arruinada. Sentada naquela sala, na poltrona surrada, sentiu nas costas o peso do desânimo, puxando-a para baixo, sufocando toda alegria. Esse não é sequer meu mundo, pensou. Posso ir para casa e beijar meu marido. Abraçar minha filha e colocá-la na cama. Iris, entretanto, estava presa ali.

— Foi há 19 anos, Sra. Fang — disse Jane. — Entendo que não deva ser fácil seguir adiante. Mas as outras famílias querem. Patrick Dion e Mark Mallory não têm nenhuma dúvida de que Wu Weimin foi o assassino. Talvez seja hora de a senhora aceitar o que eles já conseguiram há anos.

O queixo de Iris ergueu-se, e seus olhos tornaram-se duros como pedra.

— Não vou aceitar nada menos que a verdade — retorquiu.

— Como sabe que esta *não* é a verdade? Segundo o relatório da polícia, as provas contra Wu Weimin eram irrefutáveis.

— A polícia não o conhecia.

— E a senhora tem certeza de que o conhecia?

— Sim, completamente. E essa é minha última chance de consertar as coisas.

Jane franziu o cenho.

— Como assim? Sua última chance?

Iris respirou fundo e levantou a cabeça. O olhar que lançou a Jane foi digno e ao mesmo tempo calmo.

— Estou doente — respondeu.

Fez-se silêncio na sala. Aquela simples declaração deixou a todos atordoados. Iris mantinha-se completamente composta, olhando para Jane como se a desafiando a sentir qualquer piedade.

— Tenho uma forma crônica de leucemia — continuou a mulher. — O médico me disse que ainda posso viver mais dez anos. Talvez até vinte. Em alguns dias me sinto perfeitamente bem. Em outros, me sinto tão cansada que mal posso levantar a cabeça do travesseiro. Em algum momento, essa doença vai me matar, mas não tenho medo. Apenas me recuso a morrer sem saber a verdade. Sem ver a justiça sendo feita. — Ela hesitou, e o primeiro indício de medo surgiu em sua voz: — Sinto o tempo escoando entre os dedos.

Frost foi até Iris e pôs a mão sobre o seu ombro, por detrás. Foi um gesto de simpatia, que qualquer um poderia fazer, mas Jane ficou preocupada com aquele toque e o olhar de dor que viu nos olhos dele.

— Ela não pode ficar sozinha aqui esta noite — disse Frost. — Não é seguro.

Tam falou:

— Acabei de falar com Bella Li. A Sra. Fang pode passar a noite com ela enquanto a perícia investiga a cena.

Frost ofereceu:

— Eu a levo até lá de carro.

— Não — falou Jane. — Tam a leva. Por que não faz uma mala, Sra. Fang? — Levantou-se da cadeira. — Detetive Frost, pode ir lá fora comigo? Precisamos checar o perímetro.

— Mas...

— Frost.

Ele olhou para trás e para a frente, entre Iris e Jane, e por fim seguiu a colega, cruzando a porta e saindo para a noite nebulosa.

No instante em que a porta fechou, ela disse:

— Você quer me dizer o que está acontecendo?

— Gostaria de poder. É óbvio que alguém está tentando assustá-la. Impedi-la de fazer perguntas.

— Não, estou falando de *ocê*. Como é que acabou saindo para jantar com ela. Transformando-se no cavaleiro branco dela.

— Vim para perguntar sobre o que aconteceu com a filha. Você sabe disso.

— Como um interrogatório acaba em jantar?

— Estávamos com fome. Calhou de acontecer.

— Acidentes acontecem. Mas sair para jantar com alguém que se está interrogando? Isso é outra coisa, definitivamente.

— Ela não é suspeita.

— Não sabemos.

— Pelo amor de Deus, Rizzoli, ela é uma vítima. Perdeu o marido numa tragédia e agora tudo o que quer é justiça.

— Não sabemos o que ela quer de fato. E, francamente, não consigo imaginar o que você quer, tampouco.

O brilho da luz amarela do pórtico, difuso na neblina, emoldurava a cabeça de Frost como um halo fantasmagórico. São Barry, o escoteiro, pensou Jane. O policial em quem se podia confiar que sempre faria a coisa certa. Agora ali, diante dela, evitando olhá-la, parecendo tão culpado.

— Tenho pena dela — disse ele.

— Só isso?

— E eu só queria... — suspirou Frost. — Faz 19 anos que o marido morreu, e ela ainda o ama. Ainda acende a chama por ele. Alice não conseguiu fazer isso nem dez anos antes de me deixar. Olho para Iris e penso: Por que não me casei com alguém como ela?

— A mulher quase tem idade para ser sua mãe.

— *Não* é disso que estou falando. De sair com ela! E o que a idade tem a ver com qualquer coisa? Estou falando de fidelidade. De amar alguém a vida toda, aconteça o que acontecer. — Deu as costas, e prosseguiu em voz baixa: — Nunca vou saber o que é isso.

A porta da frente abriu-se e os dois viraram-se enquanto Tam saía com Iris. Ela acenou com a cabeça para Frost, exibiu um sorriso cansado e depois entrou no carro. Mesmo depois de as lanternas traseiras desaparecerem na neblina, Frost ainda olhava em sua direção.

— Tenho que admitir — disse Jane, pensativa. — Agora ela me surpreendeu.

Frost virou-se.

— Como assim?

— Você está certo sobre uma coisa. Ela realmente incomodou alguém. Alguém com ódio suficiente ou que se sente ameaçado o suficiente para invadir a casa dela e enfiar uma faca no seu travesseiro.

— E se ela estiver certa sobre o massacre? E se o cozinheiro não for o culpado?

Jane balançou a cabeça, concordando.

— Acho que é hora de darmos uma boa olhada no Red Phoenix.

Oculto por trás de altas sebes, a propriedade de Patrick Dion, em Brookline, era um jardim do Éden particular, com bosques e gramados, onde aleias serpenteavam por entre zonas de sombra e canteiros de flores ensolarados. O portão de ferro da entrada encontrava-se aberto, e, quando Jane e Frost seguiram de carro, vislumbraram a residência através de uma linha de fantasmagóricas bétulas brancas. Era uma imensa construção colonial, assentada sobre uma elevação, com vista para o espaçoso terreno de Dion.

— O que afinal de contas é um investidor de risco? — perguntou Frost, quando passavam por uma quadra de tênis cercada de bosques frondosos. — Escuto essa palavra o tempo todo.

— Acho que eles usam dinheiro para ganhar dinheiro — respondeu Jane.

— Mas como é que se ganha o dinheiro para começar?

— Dos amigos que têm.

— Tenho que fazer novos amigos, então.

Ela parou no local reservado aos automóveis, onde havia dois carros estacionados, e contemplou a mansão.

— Mas pense bem. Você tem todo esse dinheiro, esta casa linda. Depois sua mulher troca você por outro homem. E sua filha é raptada na rua. Prefiro ser pobre. — Jane olhou para ele. — OK, agora vamos precisar ser cautelosos lá dentro. Pelo que Dion mencionou, Tam não os deixou exatamente encantados.

Frost balançou a cabeça.

— Temos que fazer com que esse garoto diminua o ritmo. Ele entra em todas a cem por hora. Parece um piloto de Fórmula 1.

— Mas sabe quem ele me lembra?

— Quem?

— Eu. Ele diz que quer entrar para a Unidade de Homicídios antes dos 30 — falou Jane, abrindo a porta. — Talvez consiga.

Eles subiram alguns degraus de granito até a porta da frente, mas antes que Jane pudesse tocar a campainha a porta se abriu e um homem grisalho surgiu diante deles. Embora tendo já quase 70 anos, ainda estava em forma e era belo, mas havia certa magreza em seu rosto, e as calças largas diziam a Jane que ele perdera peso recentemente.

— Vi seu carro se aproximando — falou ele. — Sou Patrick Dion.

— Detetive Rizzoli. E este é meu colega, o detetive Frost.

O aperto de mão de Patrick era firme, assim como seu olhar.

— Entrem, por favor. Estamos todos na sala.

— O Sr. Mallory está aqui?

— Sim. E convidei Mary Gilmore também. Uma frente unida, porque estamos todos chateados com isso e queremos saber como encontrar uma solução.

Ao entrarem na casa, Jane viu pisos de madeira encerados e um gracioso corrimão, que se elevava em direção a uma galeria alta, no segundo andar. Foi apenas um vislumbre, pois Patrick logo levou-os para a sala da frente, onde os outros dois visitantes já os esperavam.

Mark Mallory levantou-se do sofá com elegância atlética. Devia estar na casa dos 30 anos, em forma e bronzeado, sem um fio branco na cabeleira escura. Jane examinou-lhe o cinto de crocodilo, o *top-sider* Sperry e o relógio Breitling, todos os pequenos indícios que diziam: *Tenho mais dinheiro do que você jamais terá*. Seu aperto de mão foi mecânico, sinal de que estava impaciente para resolver o assunto em questão.

A terceira pessoa na sala seria difícil de notar se Jane já não tivesse sido avisada de sua presença. Mary Gilmore era mais ou menos da idade de Patrick, mas tão magra e curvada que parecia quase invisível, enterrada numa poltrona imensa, perto da janela. Quando a mulher fez menção de se colocar de pé, com dificuldade, Frost aproximou-se prontamente.

— Por favor, não se dê o trabalho, Sra. Gilmore. Pode ficar sentada, sim?
— insistiu Frost, ajudando-a a se recostar de volta na poltrona.

Observando a mulher sorrir para ele, Jane pensou: O que será que Frost tem com mulheres mais velhas? Ele as ama, e elas o amam.

— Minha filha queria vir também — disse a Sra. Gilmore. — Mas tinha que trabalhar, então trouxe a correspondência que lhe mandaram. — Apontou com a mão artrítica para a mesa de centro. — Veio pelo correio no mesmo dia em que a minha chegou. Todo ano estes lembretes chegam no dia 30 de março, dia em que meu Joey morreu. É como se ela nos vigiasse. Um assédio emocional. Será que a polícia pode fazer alguma coisa que a detenha?

Sobre a mesa de centro havia três envelopes. Antes de tocá-los, Jane pôs a mão no bolso e tirou um par de luvas.

— Não adianta pôr luvas — disse Mark. — Nunca têm digitais nas cartas ou nos envelopes.

Jane franziu o cenho para ele.

— Como sabe que não há digitais?

— O detetive Ingersoll as analisou no laboratório forense.

— Ele sabe sobre isto?

— Ele também as recebe. Como todos que têm alguma ligação com as vítimas, até os sócios comerciais do meu pai. Sabemos de quase uma dúzia de pessoas. Vem acontecendo há anos, e o laboratório nunca encontra nada nos envelopes ou na correspondência. Ela deve usar luvas quando envia.

— A Sra. Fang nega esses envios.

Mark bufou e disse:

— Quem mais faria isso? Foi ela quem pôs o anúncio no *Globe*. É obcecada por esta história.

— Mas ela nega ter enviado qualquer coisa.

Com as mãos enluvadas, Jane pegou o primeiro envelope, endereçado à Sra. Mary Gilmore. Tinha um selo de Boston e faltava o endereço do remetente. Ela retirou o conteúdo: uma única folha de papel dobrada. Era uma cópia do obituário de Joseph S. Gilmore, 25 anos, morto no episódio de assassinato seguido de suicídio, ocorrido no restaurante de Chinatown. Deixara a mãe, Mary, e uma irmã, Phoebe Morrison. Missa celebrada na

igreja de Santa Mônica. Jane virou a folha e viu uma única frase escrita, em letras maiúsculas.

Sei o que aconteceu de verdade.

— É a mesma maldita mensagem que recebi — disse Mark. — A mesma coisa que recebemos todo ano. Só que recebo o obituário do meu pai.

— E eu o de Dina — completou Patrick, em voz baixa.

Jane pegou o envelope endereçado a Patrick Dion. Dentro estava a cópia do obituário de Dina Mallory, 40 anos, morta com o marido, Arthur, na tragédia do Red Phoenix. Deixara uma filha de um casamento anterior, Charlotte Dion. No verso estava escrita a mesma frase da correspondência de Mary Gilmore:

Sei o que aconteceu de verdade.

— O detetive Ingersoll nos disse que o envelope é padrão, se vende aos milhares na Staples — disse Mark. — A tinta é igual à de qualquer caneta Bic. O laboratório forense encontrou grãos microscópicos de amido dentro dos envelopes, indicando que o remetente estava usando luvas de látex. Os selos e os envelopes são autoadesivos, então não há nenhum DNA. Todo ano chega na minha caixa de correio no mesmo dia. Em 30 de março.

— O dia do massacre — disse Jane.

Mark assentiu com um aceno de cabeça.

— Como se precisássemos que alguém nos lembrasse da data.

— E a letra? — perguntou Jane. — Varia?

— É sempre a mesma letra de imprensa. Com a mesma tinta preta.

— Mas este ano o conteúdo está diferente — observou a Sra. Gilmore, numa voz tão baixa que quase se perdeu em meio à conversa.

Frost, que se encontrava mais próximo a ela, tocou-a gentilmente no ombro.

— Como assim, senhora?

— Antes, em todos os outros anos, a frase era: *Vocês não querem saber a verdade?* Mas este ano está diferente; diz: *Sei o que aconteceu de verdade.*

— Basicamente é a mesma bobagem — falou Mark. — Dita de forma um pouco diferente.

— Não, o significado é completamente distinto este ano — replicou a Sra. Gilmore, olhando para Jane. — Se ela sabe de alguma coisa, por que não aparece e nos conta a verdade?

— Nós todos sabemos qual é a verdade, Sra. Gilmore — retrucou Patrick, com paciência. — É a mesma resposta que conhecemos há 19 anos. Tenho confiança absoluta de que o Departamento de Polícia de Boston sabia o que estava fazendo quando encerrou o caso.

— Mas e se estivessem errados?

— Sra. Gilmore — interrompeu Mark —, estes lembretes têm apenas um objetivo: nos fazer prestar atenção nela. Todos sabemos que a mulher não é exatamente equilibrada.

— Como assim? — perguntou Frost.

— Patrick, conte a eles o que você descobriu sobre a Sra. Fang.

O homem mais velho relutou um pouco em falar.

— Não sei se é necessário entrar neste assunto agora.

— Gostaríamos de ouvir, Sr. Dion — insistiu Jane.

Patrick olhou para as mãos pousadas no colo.

— Alguns anos atrás, quando o detetive Ingersoll começou a investigar essas correspondências, ele me contou que a Sra. Fang sofre de, vamos dizer, ilusões de grandeza. Acha que descende de uma antiga linhagem de guerreiros. Acredita que é sua missão sagrada nesta vida, como guerreira, descobrir o assassino do marido e se vingar.

— Dá para acreditar? — perguntou Mark, rindo. — Parece coisa de novela chinesa. A mulher é completamente doida.

— Ela é mestra em artes marciais — observou Frost. — Os alunos creem nela, e é de se imaginar que descobririam se ela fosse uma fraude.

— Detetive Frost — disse Patrick —, não estamos dizendo que ela seja uma fraude. Mas as pretensões dela devem lhe parecer um pouco absurdas, não? Sei que as artes marciais estão impregnadas de tradições antigas, mas grande parte é imaginação. Coisas de lendas e filmes de Jackie Chan. O que acho, e o detetive Ingersoll também, é que a Sra. Fang ficou profundamente traumatizada pela morte do marido. Nunca a aceitou. E a forma de ela lidar com o sofrimento é ficar buscando um significado mais profundo, alguma coisa que dê sentido à morte dele e a transforme em algo mais que um ato aleatório cometido por um louco. Ela precisa provar que algo maior matou o marido, e nunca vai parar de procurar por esse inimigo sem nome, porque é a única coisa que dá algum propósito à sua vida. — Ele olhou tristemente em torno, para Mark e Mary Gilmore. — Mas nós sabemos a verdade. Que foi apenas um crime sem sentido, cometido por um homem desequilibrado.

Arthur, Dina e Joey morreram sem qualquer razão. Não é fácil aceitar, mas nós aceitamos. A Sra. Fang não consegue.

— Então temos que ficar aguentando o assédio — completou Mark, apontando para as cartas na mesa de centro. — E não conseguimos fazer com que ela pare de enviá-las.

— Mas não há provas de que é ela quem manda estas cartas — contrapôs Frost.

— Bem, nós sabemos que é ela quem está por trás *disto* — disse Mark, tirando do bolso um recorte dobrado do *Boston Globe*.

Era o anúncio de um quarto de página que o detetive Tam já tinha descrito a Jane, um retângulo simples, emoldurado em preto. Sob a palavra inocente, havia uma foto do cozinheiro do Red Phoenix, Wu Weimin, sorrindo. Embaixo, estavam a data do massacre e uma única frase: **A**

VERDADE NUNCA FOI DITA.

— Com este anúncio, a coisa ficou muito pior — continuou Mark. — Ela conseguiu que a cidade inteira prestasse atenção às suas ilusões. Onde isso vai parar? E quando?

— Algum de vocês já falou com a Sra. Fang sobre o assunto? — perguntou Jane, olhando em volta, e seu olhar parou em Mark Mallory.

Ele bufou.

— Eu, por mim, não perco meu tempo conversando com ela.

— Então você nunca foi à casa dela? Não tentou confrontá-la?

— Por que está perguntando isto para *mim*?

— O senhor parece o mais irritado com a história — observou Jane.

Estaria Mark, porém, irritado o bastante para invadir a casa de Iris? Cravar uma mensagem em seu travesseiro? Ela não o conhecia suficientemente bem para ter uma ideia do que era capaz.

— Olha, estamos todos chateados — disse Patrick, embora sua voz soasse mais cansada que outra coisa. — Mas sabemos também que não seria sensato estabelecer qualquer contato com essa mulher. Liguei para o detetive Ingersoll na semana passada, achando que ele poderia intervir em nosso nome. Mas ele não retornou a ligação ainda.

— O detetive está fora da cidade esta semana — informou Jane, juntando as correspondências e colocando-as em envelopes de evidências. — Vamos falar com ele sobre isto quando retornar. Nesse meio-tempo, me avisem, por favor, se receberem mais alguma coisa deste tipo.

— E nós apreciaríamos se vocês nos mantivessem informados — replicou Patrick.

Mais uma vez, ela apertou a mão de todos. De novo, o aperto de Mark foi como uma dispensa brusca, como se já tivesse chegado à conclusão de que a polícia era inútil para ele. A mão de Patrick, contudo, demorou na sua, e ele os levou até a porta. Era óbvio que relutava em deixá-los ir.

— Podem me ligar a qualquer hora — disse. — Sobre este assunto ou... — houve uma hesitação, e uma sombra pareceu passar sobre seus olhos —... qualquer outra coisa.

— Lamentamos que isso tenha sido mencionado novamente, Sr. Dion — replicou Jane. — Posso ver que é difícil para o senhor.

— Em especial porque está tão ligado ao... outro acontecimento — falou ele, hesitando de novo, os ombros caídos. — Imagino que saiba sobre minha filha.

Jane fez um sim com a cabeça.

— Conversei com o detetive Buckholz sobre Charlotte.

Apenas a menção ao nome da filha fez seu rosto contrair-se de dor.

— A morte de Dina foi difícil. Mas nada se compara a perder uma filha. Minha única filha. Estas cartas e o anúncio no jornal trazem tudo de volta. Isso é o que mais dói, detetive. É por isso que quero que acabe.

— Vou fazer o possível, Sr. Dion.

Embora já tivessem apertado as mãos, ele segurou a sua outra vez, uma despedida que deixou Jane deprimida e quieta, enquanto ela e Frost caminhavam até o carro. Ela destravou as portas, mas não entrou de imediato. Contemplou o gramado, as árvores, as aleias que levavam até as sombras mais pronunciadas da tarde. Pensou: Ele é dono disso tudo e, ainda assim, não tem nada, e é possível ver isso em seu rosto. Na boca curvada para baixo, no encovado dos olhos. Dezenove anos depois, o fantasma da filha ainda o atormentava, como aconteceria com qualquer pai. Ter um filho significava que o coração está sempre à mercê do mundo.

— Detetives?

Jane virou-se e viu a Sra. Gilmore descendo os degraus do pórtico. Ela caminhou até eles com sria determinação, a coluna inclinada para a frente, numa curvatura de rainha-mãe.

— Tenho que dizer isso antes de vocês irem embora. Sei que Patrick e Mark estão convencidos de que o assunto foi resolvido. De que não há dúvida sobre o que aconteceu no restaurante. Mas e se estiverem errados? E se realmente *não* soubermos a verdade?

— Então a senhora tem dúvidas — falou Jane.

A boca da mulher fechou-se numa linha dura.

— Vou admitir. Meu filho, Joey, não era nenhum santo. Eu o criei para ser um bom garoto, e tentei, de verdade. Mas havia muitas tentações, e  fácil se associar às pessoas erradas — disse a mulher, olhando duro para Jane. — Você provavelmente sabe que Joey se meteu em encrenca.

— Sei que trabalhava para Kevin Donohue.

 menção do nome, a Sra. Gilmore não se conteve:

— Salafrrio! Toda a família Donohue . Mas o meu Joey admirava o poder e gostava de dinheiro fácil. Achava que seria Donohue quem lhe mostraria o caminho. Quando se deu conta de em que estava envolvido, não conseguiu mais sair. Donohue não deixava.

— A senhora acha que ele mandou matar seu filho?

—  o que me pergunto desde o início.

— Não há nenhuma evidência disso, Sra. Gilmore.

A mulher tossiu forte, com os brônquios.

— Você acha que Donohue não conseguiria subornar uns policiais? Ele podia influenciar qualquer investigação.

— Esta é uma acusação sria.

— Sou uma garota do Sul. Sei o que se passa nesta cidade, e o que o dinheiro pode comprar — falou apertando os olhos, fixos em Jane. — Tenho certeza de que você também, detetive.

A acusação implícita fez Jane retesar-se.

— Vou dar às suas preocupações a atenção que merecem, Sra. Gilmore — respondeu, com calma, entrando no carro. Enquanto ela e Frost afastavam-se, viu a mulher pelo espelho retrovisor, ainda de p, no lado de fora, os olhos fixos neles.

— Essa — rosnou Jane — não é uma senhora boazinha.

Frost deu uma risada incrédula.

— Foi impressão minha ou ela nos acusou de receber suborno?

— Foi exatamente o que fez.

— Parecia tão meiga.

— Para você, todas elas são meigas. Nunca encontrou uma de quem não gostasse.

Ou que não gostasse de você.

O celular de Frost tocou. Enquanto o colega atendia, Jane pensou na facilidade com que ele conseguia encantar senhoras de idade. Parecia ter feito progressos com Iris Fang, que ainda era jovem o bastante para ser bonita e impressionante. Lembrou-se do que Patrick dissera sobre ela: *profundamente traumatizada, ilusões de grandeza, acredita descender de guerreiros*. Iris poderia ser uma pessoa iludida, mas alguém de verdade tinha invadido sua casa e enfiado uma faca em seu travesseiro. *Com quem você foi mexer, Iris?*

Frost suspirou ao desligar o celular.

— Acho que nosso dia ainda não terminou.

— Quem era?

— O corretor do prédio da Knapp Street. Estive tentando falar com ele o dia todo. Falou que está saindo da cidade esta noite, mas se quisermos ver o prédio nos encontra em uma hora.

— Isso quer dizer que estamos voltando para Chinatown?

Frost fez que sim com a cabeça.

— De volta a Chinatown — respondeu.

Na luz fraca do crepúsculo, a Knapp Street era como um cânion cheio de sombras, delineado na obscuridade pelos prédios de tijolos de quatro andares. Jane e Frost estavam em frente ao que outrora havia sido o restaurante Red Phoenix e tentavam enxergar seu interior, mas para além das janelas com grades ela via apenas cortinas leves, rasgadas e quase translúcidas pelo efeito do tempo.

Frost olhou o relógio.

— O Sr. Kwan já está 15 minutos atrasado.

— Você não tem o celular dele?

— Não creio que ele tenha celular. Deixei vários recados na secretária eletrônica, no escritório.

— Um corretor sem celular?

— Eu só espero que possamos nos entender. Ele tinha um sotaque chinês pesado.

— Podíamos chamar Tam aqui. Onde ele está?

— Falou que viria.

Jane voltou para a rua e deu uma olhada na escada de incêndio enferrujada e nas janelas fechadas com tábuas. Uma semana antes, ela e o pessoal da perícia haviam andado por aquele mesmo quarteirão de telhados, em busca de cartuchos de balas. Dobrando a esquina, ficava o beco onde a mão amputada da vítima fora encontrada. Essa rua e esse prédio pareciam ser o marco zero de tudo que tinha acontecido.

— Parece estar abandonado há muito tempo. No centro do bairro, era para ser um imóvel cotado.

— Exceto pelo fato de ser uma cena de crime. Tam diz que nesta área eles de fato acreditam em fantasmas. E no azar de um prédio mal-assombrado. — Frost hesitou, olhando para o beco. — Será que aquele é o nosso homem?

Um chinês idoso mancava na direção deles, como se tivesse algum problema no quadril, mas movia-se em velocidade surpreendente, com um Reebok imaculadamente branco nos pés e desviando com facilidade de um saco de lixo, enquanto abria caminho em meio à calçada irregular. O paletó era vários tamanhos maior que ele, mas usava-o com garbo, como um professor vestido com elegância, dando um passeio noturno.

— Sr. Kwan?

— Olá, olá. Você detetive Frost?

— Sim, senhor. E esta é minha colega, a detetive Rizzoli.

O homem sorriu, revelando dois reluzentes dentes de ouro.

— Vou dizer a vocês: sempre cumpro a lei, OK? OK? Tudo sempre legal.

— Senhor, não foi por isso que lhe telefonei.

— Local muito bom aqui, Knapp Street. Três apartamentos lá em cima. Embaixo, espaço muito bom para negócios. Talvez restaurante ou loja.

— Sr. Kwan, gostaríamos de dar uma olhada lá dentro.

— Atrás, duas vagas para inquilino estacionar carro...

— Ele vai nos mostrar ou nos vender? — resmungou Jane, baixinho.

— ... corretora em Hong Kong não quer administrar mais. Então vendem por preço muito bom.

— Então por que não vendeu ainda? — perguntou Jane.

A pergunta pareceu pegá-lo de surpresa, interrompendo de forma abrupta a lábia de vendedor. Olhando para ela na semiescuridão, suas rugas formaram uma careta.

— Coisa ruim aconteceu aqui — admitiu ele, por fim. — Ninguém quer alugar nem comprar.

— Senhor, estamos aqui só para ver o lugar — disse Frost.

— Por quê? Vazio dentro, nada para ver.

— É o trabalho da polícia. Só abra a porta, por favor.

Com relutância, Kwan tirou um chaveiro enorme, ruidoso como o de um carcereiro. No beco escuro, levou um tempo incalculável para encontrar

a chave certa e inseri-la no cadeado. O portão abriu com um rangido ensurdecedor, e eles entraram no que havia sido o restaurante Red Phoenix. O Sr. Kwan acionou o interruptor, e uma única lâmpada, nua, acendeu-se no alto.

— É a única luz aqui? — perguntou Jane.

O corretor olhou para o teto e deu de ombros.

— Está na hora de comprar outras — disse.

Jane foi até o centro daquele espaço sombrio e olhou em volta. Como dissera Kwan, o lugar encontrava-se vazio, e ela viu um chão de linóleo, rachado e amarelado pelo tempo. Apenas o caixa, embutido no balcão, oferecia algum indício de que ali havia sido o salão de um restaurante.

— Limpamos, pintamos — disse o Sr. Kwan. — Deixamos exatamente como era antes, mesmo assim ninguém quis comprar. — Balançou a cabeça, contrariado. — Chineses muito supersticiosos. Não querem nem entrar.

Não os culpo, pensou Jane, sentindo um hálito frio como que lhe percorrendo a pele. A violência deixava uma marca, uma mancha psíquica que não podia nunca ser limpa apenas com água e sabão. Em uma região tão isolada como Chinatown, todos se lembrariam do que acontecera naquele prédio. Estremeceriam ao passar pela Knapp Street. Mesmo que fosse demolido e construíssem outro espaço no lugar, esse local sangrento permaneceria para sempre atormentando a mente daqueles que sabiam de sua triste história. Jane olhou para o linóleo, o mesmo chão onde sangue havia corrido. Embora as paredes estivessem pintadas e os buracos de balas tapados, nas emendas e nos cantos do piso ainda existiam vestígios químicos de sangue. Uma foto da cena do crime, que havia estudado anteriormente, voltou-lhe à cabeça. Era a imagem de um corpo dobrado, caído em meio a cartões de propaganda.

Aqui é o lugar onde Joey Gilmore morreu.

Olhou para o outro lado do balcão, onde ficava o caixa, e a lembrança de outra foto da cena superpôs-se àquele pedaço de chão: o corpo de James Fang, os óculos tortos, vestido num impecável paletó de garçom e calças pretas. Ele desabara na área atrás da caixa registradora, cédulas de dólar espalhadas ao redor.

Jane virou-se. Observou o canto onde antes houvera uma mesa para quatro. Imaginou Dina e Arthur Mallory sentados ali, bebericando chá,

esquentando-se depois do frio daquela noite de março. Essa imagem desapareceu de repente, substituída pelas fotos da polícia, tiradas horas depois. Arthur Mallory, ainda na cadeira, caído para a frente, sobre as xícaras derrubadas. E a alguns centímetros de distância, a esposa, Dina, esparramada de bruços, a cadeira virada, no pânico de escapar. Naquele salão vazio, Jane podia ouvir o eco dos tiros, o estilhaçar das louças.

Ela se voltou em direção à cozinha, onde Wu Weimin tinha morrido. De repente, não quis passar por aquela porta. Foi Frost quem a transpôs primeiro, que acionou o interruptor. Outra vez, uma única lâmpada se acendeu. Jane o seguiu e, na luz baça, viu o fogão enegrecido, uma geladeira e bancadas de aço inoxidável. O chão de concreto revelava as marcas do tempo.

A detetive foi até a porta da despensa. Ali, com o corpo bloqueando a entrada, foi onde Wu Weimin, o cozinheiro, dera seu último suspiro. Olhando para o chão, quase imaginou que ele estava mais escuro naquele local, o concreto ainda manchado pelo sangue antigo. Lembrou-se de como o rosto permanecera estranhamente intacto, a não ser pela solitária bala cravada na têmpora, que ricocheteara dentro do crânio, destruindo substância cinzenta, mas sem matá-lo de imediato. Eles sabiam disso por causa do quão copiosamente havia sangrado durante seus momentos finais, enquanto o coração continuava a bombear e o ferimento deixava vazar um mar de sangue que desceu pelos degraus da despensa.

Jane abriu a porta e viu uma escada de madeira que descia até a escuridão. Um fio estreito pendia do alto. Ela deu um puxão, mas nada aconteceu: a lâmpada estava queimada.

Frost atravessou a cozinha até a outra porta.

— Esta dá para fora?

— Para fundos do prédio — respondeu o Sr. Kwan — Estacionamento.

Frost abriu a porta e viu um portão trancado.

— O beco é ali. O relatório diz que foi por aqui que a esposa do cozinheiro entrou. Ouviu um tiro, desceu para ver se o marido estava bem e o encontrou morto na cozinha.

— Então, teoricamente, se esta porta estava destrancada, qualquer intruso podia ter entrado por aí — disse Jane.

Kwan olhou para um detetive e depois para o outro, parecendo confuso.

— Que intruso? Cozinheiro, ele se matou.

— Estamos reexaminando o incidente, Sr. Kwan — disse Frost. — Para ter certeza de que nada escapou à investigação.

O corretor balançou a cabeça, desanimado.

— Isso foi coisa muito ruim para Chinatown — murmurou ele, descartando toda a esperança de livrar-se daquele prédio amaldiçoado. — Melhor esquecer isso — disse, apertando os olhos ao ver as horas. — Se já terminaram, vamos embora, OK? Vou fechar.

Jane olhou para cima, na direção do segundo andar.

— Wu Weimin e a família moravam no segundo andar — falou. — O senhor pode nos levar até o apartamento deles?

— Nada para ver — respondeu Kwan.

— Mesmo assim, precisamos dar uma olhada lá.

Ele deu um suspiro profundo, como se os dois estivessem lhe pedindo um favor sobre-humano. Mais uma vez, puxou o pesado chaveiro e iniciou o cuidadoso processo de localizar a chave certa. A julgar pela quantidade delas, que tilintavam, aquele homem parecia controlar metade das propriedades em Chinatown. Por fim, encontrou a certa e conduziu-os para fora da cozinha, pela porta que dava no beco dos fundos.

Como a entrada da frente do restaurante Red Phoenix, a porta que levava aos apartamentos dos andares de cima encontrava-se protegida por um portão de ferro. As sombras haviam se transformado em noite, e Frost teve de acender a lanterna a fim de iluminar a fechadura, para que Kwan enfiasse a chave. Dobradiças enferrujadas rangeram quando ele abriu o portão, e, ainda assim, outra chave teve de ser inserida em mais uma fechadura antes que conseguisse abrir a porta interna.

Dentro, escuridão. Com a luz da escada queimada, Jane acendeu então a própria lanterna e viu degraus que levavam para cima; o corrimão liso pela oleosidade das incontáveis mãos que haviam deslizado por sua madeira. A escuridão parecia ampliar o som dos sapatos rangendo nos degraus, e ela ouvia a respiração difícil do Sr. Kwan atrás deles, enquanto subiam.

No topo do lance, Jane parou diante da porta para o apartamento do segundo andar. Estava destrancada, mas mesmo assim não queria abri-la, não queria ver o que se escondia lá dentro. Ficou paralisada, a mão parada sobre a maçaneta, o metal frio como gelo contra sua pele. Apenas quando ouviu o Sr. Kwan alcançar o último degrau, ofegando atrás dela, abriu por fim a porta.

Ela e Frost entraram no que havia sido a casa de Wu Weimin.

As janelas encontravam-se fechadas com tábuas, isolando qualquer raio de luz do lado de fora. Apesar de o apartamento estar vazio havia anos, ela sentia o cheiro deixado por quem tinha morado ali. A fragrância fantasmagórica de incenso e de laranjas ainda pairava no ar, presa à escuridão tumular. Quando o feixe da lanterna cruzou o chão de madeira, Jane viu os furos e arranhões de um século de uso, cicatrizes deixadas pelo arrastar de pernas de cadeira e mobília.

Ela foi até uma porta na extremidade do aposento, e, quando passou por ela, o cheiro de incenso e a presença de fantasmas pareceram mais fortes. As janelas também estavam cobertas por tábuas, e sua lanterna parecia fraca demais para romper a cortina de escuridão. O feixe passeou pela parede, por sobre marcas de velhos buracos de pregos e manchas de mofo.

Um rosto encarava Jane.

Ela arfou e deu um pulo para trás, colidindo com Frost.

— O que foi?

O choque havia-lhe congelado a voz: tudo que conseguia fazer era apontar a luz para o retrato emoldurado, preso à parede. Quando se aproximou, o cheiro de incenso tornou-se insuportável. Sob o quadro havia uma mesa baixa, onde viu restos de varetas, queimadas até o fim, em meio a montes de cinzas. Em um prato de louça, havia cinco laranjas.

— É ele — murmurou Frost. — É uma foto do cozinheiro.

Jane precisou de um momento para vê-la, mas quando contemplou o rosto percebeu que ele estava certo.

O homem na foto era de fato Wu Weimin, mas não se tratava de nenhum maníaco homicida olhando para eles. Naquele retrato, ele sorria enquanto segurava uma vara de pescar, com um boné do Boston Red Sox enfiado de modo jovial na cabeça. *Um homem feliz num dia feliz.*

— Isto parece uma espécie de santuário em memória dele — disse Frost.

Jane pegou uma laranja do prato e cheirou-a. Viu que o pequeno caule era verde. Verdadeira, pensou, e virou-se para o Sr. Kwan, que mal podia distinguir na porta.

— Quem mais tem a chave deste prédio?

— Ninguém — respondeu ele, sacudindo as chaves de carcereiro. — Eu tenho a única chave.

— Mas estas laranjas estão frescas. Alguém esteve aqui recentemente. Deixou esta oferenda e queimou o incenso.

— Essas chaves *sempre* comigo — insistiu ele, balançando de forma ruidosa o chaveiro para enfatizar.

— O portão lá de baixo tem ferrolho — observou Frost. — Não tem como arrombar a fechadura.

— Então como alguém pôde... — Ela emudeceu e virou-se em direção à porta.

Ouviam-se passos na escada.

Na mesma hora, sacou a arma e segurou-a com ambas as mãos. Empurrando o Sr. Kwan para o lado, saiu rapidamente do quarto. Enquanto abria caminho pela sala, sentia o coração martelar e ouvia os passos de Frost à sua direita. O cheiro de incenso, mofo e suor, uma quantidade de detalhes inundavam-lhe os sentidos de uma só vez. Todavia, era na entrada da escada que estava concentrada, um portal negro para algo que subia agora em direção a eles. Uma coisa que de repente tomou a forma de um homem.

— Parado! — ordenou Frost. — Departamento de Polícia de Boston!

— Caramba, Frost — disse Tam, dando uma risada tensa. — Sou eu.

Atrás dela, Jane ouviu o Sr. Kwan soltar uma exclamação de medo.

— Quem é ele? Quem é ele?

— Caramba, Tam! — exclamou Frost, com um suspiro de alívio, enquanto recolocava a arma no coldre. — Podia ter estourado os seus miolos.

— Você me disse para vir encontrar vocês aqui, não? Era para ter chegado mais cedo, mas fiquei preso no trânsito, na volta de Springfield.

— Você conversou com o dono do Honda?

— Sim. Falou que o carro foi levado logo da porta de casa. E que o GPS não era dele — respondeu Tam, cortando o ar com o feixe da lanterna. — Então, o que está acontecendo aqui?

— O Sr. Kwan está nos mostrando o prédio.

— Está fechado com tábuas há anos. O que há para se ver?

— Mais do que esperávamos. Este é o apartamento de Wu Weimin.

A lanterna de Tam revelava manchas de mofo e reboco caindo do teto.

— Este lugar parece da época das tintas à base de chumbo.

— Não tem tinta de chumbo aqui — protestou Kwan. — Nem amianto, também.

— Mas olha o que encontramos — cortou Jane, virando-se para o quarto. — Tem gente visitando o apartamento. E deixam... — Ela parou, a lanterna apontada para a parede nua.

— Deixam o quê?

Devo estar olhando para o lugar errado, pensou Jane, e mudou o foco. Outra vez, viu parede nua. Passou o feixe da lanterna por todo o aposento, até chegar à pequena mesa com os restos de incenso e as laranjas. Acima, a parede estava vazia.

— Que diabos? — murmurou Frost.

Em meio às marteladas do próprio coração, Jane ouviu três coldres abrindo-se ao mesmo tempo. Quando sacou a arma, sussurrou:

— Tam, leve o Sr. Kwan para a escada e fique com ele. Frost, do meu lado.

— Por quê? — protestou o Sr. Kwan, enquanto Tam empurrava-o para fora do aposento. — O que está acontecendo?

— Aquela porta ali — murmurou ela, a lanterna iluminando um retângulo negro.

Juntos, ela e Frost aproximaram-se, a luz das lanternas entrecruzando-se, vasculhando cada canto escuro. A própria respiração parecia-lhe um bramido nos ouvidos, cada sentido aguçado como pontas de diamante. Ela registrava o cheiro da escuridão, os vislumbres estroboscópicos da lanterna, indo de um lado para o outro. O peso da arma, maciço e tranquilizador. *No telhado, a vítima também estava com uma arma, e isso não a salvou.*

Pensou em lâminas cortando ossos do punho, pescoço, traqueia, e teve medo de passar por aquela porta e confrontar o que esperava do outro lado.

Um, dois, três. Vamos.

Jane foi primeiro, agachando-se enquanto balançava o feixe de luz ao redor. Ouvia a respiração forte de Frost atrás de si quando vislumbrou um vaso sanitário de louça e uma banheira enferrujada. Nenhum bicho-papão com uma faca.

Outra porta.

Frost foi na frente dessa vez, entrando num quarto onde o papel de parede estava se soltando, como se quisesse trocar de pele. Nenhum móvel,

nem lugar para se esconder.

Mais uma porta, e estavam de volta à sala. Jane foi até a escada, onde Tam e o Sr. Kwan aguardavam.

— Nada? — perguntou Tam.

— Aquela foto não saiu dali sozinha.

— Ficamos aqui na escada o tempo todo. Não passou ninguém.

Jane repôs a arma no coldre.

— Então como é que pode...

— Rizzoli! — chamou Frost. — Veja isto aqui!

Eles o encontraram ao lado da janela, no quarto onde o retrato havia estado. Como todas as outras janelas, aquela também tinha sido fechada com uma tábua, mas, quando Frost empurrou a madeira, ela se afastou com facilidade, presa por um único prego, na parte de cima da moldura. Jane pôs a cabeça pela abertura e viu que a janela dava para a Knapp Street.

— A escada de incêndio fica aqui — falou Frost, enfiando a cabeça para fora e olhando acima, na direção do telhado. — Ei, tem alguma coisa subindo aqui!

— Vai atrás! — disse Jane.

Frost pôs-se de pé sobre o peitoril, atrapalhado com os braços e as pernas longas, e pulou para a escada. Tam foi logo atrás, movendo-se com a graça de um acrobata. A última a passar pela janela foi Jane, e, quando pisou na grade de metal do patamar, vislumbrou a rua lá embaixo. Viu caixotes despedaçados, garrafas quebradas. Uma queda perigosa, sob qualquer ângulo que se olhasse. Forçou-se a concentrar-se na escada acima, onde Frost subia os degraus, anunciando ruidosamente para o mundo inteiro que estavam numa perseguição.

Ela subia atrás de Tam, suas mãos agarrando o metal escorregadio, a brisa gelando o suor em seu rosto. Ouvia Frost resmungar, via o contorno de suas pernas debatendo-se contra o céu noturno, enquanto escalava o beiral para alcançar o telhado. Jane sentia os movimentos dele se propagarem pelos degraus de ferro, enquanto a escada de incêndio tremia, e, durante um instante de pânico, achou que os suportes não aguentariam, que o peso de três corpos faria a estrutura claudicante soltar-se, produzindo um guincho metálico e lançando-os na calçada abaixo. Ficou imóvel, agarrada a um degrau, receosa de que até uma rajada de vento os arremessasse em direção ao desastre.

Um grito vindo de cima fez com que todos os pelos de sua nuca se arrepiassem. *Frost.*

Olhou para cima, esperando ver o corpo caindo em sua direção, mas tudo que conseguiu ver foi Tam escalando os últimos degraus e desaparecendo no telhado. Ela seguiu atrás, morta de medo. Quando chegou ao beiral, um pedaço de telha se quebrou ao seu toque e caiu, desaparecendo na escuridão abaixo. Com mãos trêmulas, Jane conseguiu erguer-se até o telhado e rastejar por ele. Viu Tam agachado a poucos metros.

Frost. Cadê o Frost?

Ficou de pé e vasculhou o telhado. Vislumbrou uma sombra escapando, movendo-se com tanta rapidez que parecia um gato, fugindo com graça felina para a escuridão. Sob o céu noturno, Jane viu telhados vazios, misturando-se uns com os outros, uma paisagem aérea de declives e vales, chaminés espetadas e dutos de ventilação. Mas nada de Frost.

Meu Deus, ele foi abatido. Está no chão, em algum lugar, moribundo ou morto.

— Frost? — gritava Tam, enquanto dava a volta no telhado. — *Frost?*

Jane pegou o celular.

— Aqui é a detetive Rizzoli. Estou na esquina da Beach com a Knapp Street. Agente ferido.

— Ele está aqui! — berrou Tam. — Me ajuda a puxá-lo!

Ela deu meia-volta e viu Tam ajoelhado na beira do telhado, como se estivesse para mergulhar em direção à rua, lá embaixo. Jane enfiou o telefone no bolso e correu até ele. Viu Frost agarrado com ambas as mãos à calha pluvial, os pés debatendo-se a quatro andares de altura. Tam deitou-se de frente e agarrou o punho esquerdo do colega. O telhado inclinava-se ali, e um movimento equivocado poderia fazer os dois deslizarem pela borda. Jane deitou-se também, ao lado de Tam, e segurou o punho direito de Frost. Juntos, puxaram, arrastando-o para cima, por sobre telhas esponjosas, que rasgavam o casaco de Jane e lhe arranhavam a pele. Com um gemido alto, Frost baqueou no telhado, ao lado deles, onde se esparramou, ofegante.

— Meu Deus — murmurou ele. — Pensei que eu já estivesse morto!

— Mas que droga foi essa? Você escorregou e caiu? — perguntou Jane.

— Estava perseguindo aquela coisa, mas juro, ela *voava* sobre o telhado, como um morcego dos infernos.

— Do que você está falando?

— Vocês não viram? — falou Frost, sentando-se.

Mesmo na escuridão, Jane podia ver que estava pálido e trêmulo.

— Não vi nada — disse Tam.

— A coisa estava bem aqui, exatamente onde você está. Virou-se e olhou diretamente para mim. Dei um pulo para trás e perdi o equilíbrio.

— Coisa? — perguntou Jane. — Estamos falando de um homem ou do quê?

Frost exalou, trêmulo. Virando-se, contemplou a vastidão dos telhados de Chinatown.

— Não sei — respondeu, finalmente.

— Como não sabe?

Frost pôs-se vagorosamente de pé e ficou olhando na direção em que a coisa — seja lá o que fosse — havia fugido:

— Movia-se rápido demais para ser um homem. É tudo que posso dizer.

— Está escuro aqui, Frost — falou Tam. — Quando se está com toda a adrenalina, é difícil ter certeza do que se vê.

— Sei que parece loucura, mas havia *algo* aqui, uma coisa que nunca vi antes. Vocês têm que acreditar em mim!

— OK — disse Jane, dando-lhe um tapinha no ombro. — Acredito em você.

Frost olhou para Tam.

— Mas você, não.

Na escuridão, viram Tam dar de ombros.

— É Chinatown. Coisas estranhas acontecem aqui — falou ele, rindo. — Talvez aquele passeio fantasmagórico seja mais real do que imaginamos.

— Não era um fantasma — retrucou Frost. — Estou dizendo. Era de carne e osso, parado bem aqui. Era *real*.

— Ninguém viu, só você — replicou Tam.

Frost afastou-se, andando pelo telhado, e ficou olhando para a rua lá embaixo.

— Pode não ser inteiramente verdade.

Jane seguiu-o até a borda e viu a escada de incêndio pela qual haviam subido momentos antes. Abaixo, estava a Knapp Street, pouco iluminada pela luz de um poste.

— Está vendo? — perguntou Frost, apontando para um canto, para algo preso ao prédio.

Uma câmera de segurança.

Mesmo às nove e meia da noite, os funcionários da Dedham Security estavam trabalhando, monitorando propriedades em toda a área da Grande Boston.

— Em geral, um bandido começa a trabalhar depois que escurece — comentou Gus Gilliam, enquanto conduzia o trio de detetives por uma muralha de monitores de segurança. — Então precisamos estar acordados também. Se algum dos nossos alarmes é obstruído, entramos em contato com o Departamento de Polícia de Boston na mesma hora. — Ele estalou os dedos. — Se precisarem de um sistema de segurança algum dia, falem conosco.

Tam examinava os vídeos nas telas.

— Uau! — exclamou. — Vocês realmente têm olhos pela cidade toda.

— Em todo o condado de Suffolk. E as *nossas* câmeras funcionam mesmo. Metade das câmeras de segurança que se vê por aí pela cidade é de fachada, não grava porcaria nenhuma. Então, para o bandido, é uma loteria. Ele não sabe quais câmeras estão funcionando e quais não estão. Mas quando veem uma, tendem a ficar inibidos e buscam outros alvos. Assim, uma simples câmera à vista já é um elemento de dissuasão.

— Que sorte a câmera da Knapp Street ser de verdade — falou Jane.

— É. Temos cerca de 48 horas de vídeo armazenadas nela — replicou ele, levando-os para uma sala nos fundos, onde já havia quatro cadeiras em torno de um monitor. — Em geral, somos notificados com antecedência suficiente, depois de algum incidente, para salvar as gravações relevantes.

Essa câmara em particular foi instalada faz uns cinco anos. Da última vez que nos pediram para pegar algum registro nela, surpreendemos um garoto quebrando uma janela. — Sentou diante da tela. — Vocês disseram que estão interessados no patamar do segundo andar de uma escada de incêndio?

— Espero que ele esteja no campo de visão da sua câmara — disse Jane. — O prédio em questão fica a uns 20, 25 metros de distância.

— Não sei. Pode ser longe demais para se ter muitos detalhes, e o segundo andar talvez não esteja visível. Além do mais, estamos falando de baixa resolução. Mas vamos dar uma olhada.

Depois que os três detetives se aproximaram do monitor, Gilliam clicou no ícone de PLAY, e uma visão ao vivo da Knapp Street apareceu. Dois pedestres podiam ser vistos passando, em direção à Kneeland Street, de costas para a câmara.

— Vejam — falou Frost. — Só dá para ver um pedaço da escada de incêndio.

— A janela não, infelizmente — acrescentou Jane.

— Pode ser o suficiente — arriscou Frost, inclinando-se mais para perto, a fim de ler a data e hora da gravação. — Volte umas duas horas. Para sete e meia. Vamos ver se conseguimos pegar um vislumbre do nosso invasor.

Gilliam voltou para 7:30 pm.

Às 7:35 pm, uma senhora de idade caminhava vagarosamente pela Knapp Street, carregando sacolas de mercearia.

Às 7:50 pm, Johnny Tam apareceu ao lado de fora do restaurante Red Phoenix. Olhou pela janela, depois para o relógio e desapareceu pelo portão da frente. Um momento depois, reapareceu e levantou a cabeça para as janelas do apartamento acima. Dando a volta em direção aos fundos do prédio, sumiu ao dobrar a esquina.

Às 8:06 pm, alguma coisa surgiu na escada de incêndio. Era Frost, saindo desajeitadamente pela janela. Pôs-se de pé e subiu, desaparecendo de vista.

— Como é que pode? — murmurou ele. — Não tem nada na minha frente. Tenho certeza de que persegui alguma coisa subindo aquela escada.

— Não aparece — falou Jane.

— E lá está você, Rizzoli. Como é que Tam também não aparece? Ele saiu logo depois de mim.

Tam bufou e disse:

— Talvez eu seja um fantasma.

— O problema é o campo de visão — disse Gilliam. — Estamos pegando apenas um lado da escada de incêndio, então a câmera não registra quem faz uma entrada e saída, vamos dizer, mais graciosa.

— Em outras palavras, Frost e eu somos péssimos assaltantes de prédio — comentou Jane.

Gilliam sorriu e falou:

— Já o detetive Tam, aqui, se daria muito bem.

Jane suspirou.

— Então não pegamos nada com essa câmera.

— Supondo-se que tenha sido a única vez que o intruso entrou.

Jane lembrou-se do cheiro de incenso e das laranjas frescas no prato. Alguém visitava com frequência o apartamento, deixando oferendas em memória de Wu Weimin.

— Volte — disse ela. — Duas noites atrás, e depois deixe rodar.

Gilliam assentiu com um aceno de cabeça.

— Vale a pena dar uma olhada.

No monitor, o tempo voltou para 9:38 pm, 48 horas antes. Enquanto o vídeo avançava outra vez para 10:00 pm; depois 00:00 am, pedestres passavam, seus movimentos acelerados e trêmulos. Às 2:00 am, a Knapp Street encontrava-se deserta, e eles só viam um ângulo imutável da calçada, pela qual apenas um solitário pedaço de papel circulava.

Às 3:02 am, Jane viu algo.

Era pouco mais que uma sombra, mas foi o bastante para fazê-la dar um pulo na cadeira.

— Pare. Volte! — mandou.

Gilliam rebobinou o vídeo e congelou a imagem na sombra que escurecia a escada de incêndio.

— Não dá para ver muita coisa — disse Tam. — Pode ser apenas a sombra de um gato.

— Se alguém entrou no prédio — falou Frost —, vai ter que sair, certo?

— Então vamos ver o que acontece — propôs Gilliam, avançando o vídeo.

Eles assistiam enquanto os minutos passavam. Viram dois homens claramente bêbados, cambaleando pela Knapp Street e depois dobrando a

esquina.

Segundos depois, Jane prendeu a respiração.

— *Ali* — disse.

Gilliam congelou a imagem e viu uma sombra agachada na escada de incêndio. Em voz baixa, falou:

— Que diabos é aquilo?

— *Falei* que tinha visto algo — disse Frost, exultante. — Foi *isso*.

— Nem sei o que é isso que estamos vendo — comentou Tam. — Não dá para ver o rosto, nem para ter certeza se é um homem.

— Mas é bípede — retrucou Frost. — Vejam como se agacha. Como se fosse dar um salto.

O celular de Jane tocou. O ruído deu-lhe tamanho susto que ela precisou respirar fundo e limpar a garganta antes de atender.

— Detetive Rizzoli.

— Você deixou uma mensagem na minha caixa postal — disse uma voz de homem. — Estou retornando a ligação. Aqui é Lou Ingersoll.

Ela se sentou ereta na cadeira e falou:

— Detetive Ingersoll, estamos tentando encontrá-lo a semana toda. Precisamos falar com você.

— Sobre o quê?

— Um homicídio em Chinatown. Aconteceu quarta passada, à noite. A vítima é desconhecida, de 30 e poucos anos.

— Você sabe que me aposentei do Departamento de Polícia de Boston há 16 anos? Por que quer me fazer perguntas sobre isso?

— Achamos que essa morte pode ter alguma relação com um antigo caso seu. O massacre do Red Phoenix.

Houve um longo silêncio.

— Não quero falar sobre isso por telefone — disse ele.

— E que tal pessoalmente?

Ela ouvia os passos dele. A respiração forte.

— OK, acho que o veículo se foi. Devia ter anotado o número da placa.

— Que veículo?

— A van que estava estacionada do outro lado da rua desde que cheguei em casa. Provavelmente era o mesmo filho da mãe que invadiu minha casa enquanto eu estava fora, no norte.

— O que está acontecendo exatamente?

— Venha até aqui agora e lhe explico minha teoria.

— Estamos em Dedham. Vamos levar uma meia hora, talvez mais. Tem certeza de que não podemos falar sobre isso agora?

Jane ouviu de novo o som de passos.

— Não quero falar nada por telefone — insistiu o ex-policia. — Não sei quem pode estar escutando, e prometi mantê-la fora disso. Então prefiro esperar até vocês chegarem aqui.

— Do que você está falando?

— Das garotas, detetive — disse ele. — É sobre o que aconteceu com aquelas garotas.

— Pelo menos agora você acredita em mim — disse Frost, enquanto ele e Jane voltavam de carro para Boston. — Agora que você mesma viu.

— Não sabemos o que vimos naquele vídeo — replicou ela. — Deve haver uma resposta lógica.

— Nunca vi um homem se mover tão rápido.

— Então o que você acha que era?

Frost olhou pela janela.

— Sabe, Rizzoli, tem um monte de coisa neste mundo que a gente não entende. Coisas muito antigas, muito estranhas, que não aceitaríamos como possibilidades. — Ele hesitou. — Já namorei uma chinesa.

— É mesmo? Quando?

— Quando estava no colégio ainda. Ela e a família tinham acabado de vir de Xangai. Era um doce, tímida. E muito antiquada.

— Talvez você devesse ter casado com ela, em vez de ter se casado com Alice.

— São percepções tardias. Mas não teria dado certo, porque a família era absolutamente contra qualquer rapaz branco. Mas a bisavó era a meu favor. Acho que gostava de mim porque eu era o único que dava atenção a ela.

— Puxa, Frost... Será que existe alguma senhora idosa viva que não goste de você?

— Eu gostava de ouvir as histórias dela. Ela falava e Jade traduzia para mim. O que me contava sobre a China, cara, se uma fração daquilo fosse

verdade...

— Como o quê?

Ele a encarou.

— Você acredita em fantasmas?

— Com quantas pessoas mortas já tivemos contato? Se os fantasmas fossem reais, seríamos as pessoas certas para ter visto um.

— A bisavó de Jade dizia que existiam fantasmas em tudo quanto é lugar na China. Porque o país era muito velho, e milhões e milhões de almas já tinham passado por lá. Elas têm que ir para algum lugar. Se não estão no céu, só podem estar aqui. Bem à nossa volta.

Jane freou diante de um sinal. Enquanto esperava que ficasse verde, pensou em quantas almas poderiam ainda estar naquela cidade. Quantas estariam naquele exato lugar, onde duas ruas se cruzavam. Bastava acrescentar todos os mortos, de século em século, e Boston seria por certo uma cidade assombrada.

— A velha Sra. Chang me contava coisas que pareciam loucura, mas *ela* acreditava. Sobre homens santos que andavam sobre a água. Monges guerreiros que voavam pelo ar e se tornavam invisíveis.

— Parece que ela assistia a muitos filmes de kung fu.

— Mas as lendas se baseiam em alguma coisa, você não acha? Talvez as nossas mentes ocidentais sejam muito fechadas para aceitar o que não conseguimos entender, e tem muito mais coisa acontecendo neste mundo do que temos consciência. Você não sente isso em Chinatown? Toda vez que vou lá, me pergunto sobre o que não estou vendo, todos os indícios ocultos que sou cego demais para notar. Vou naquelas lojas empoeiradas que vendem ervas e vejo aquelas coisas estranhas, secas, nos vidros. Para a gente, é só um engodo, mas e se elas podem realmente curar o câncer? Ou fazerem você viver até os cem anos? A China é uma civilização de 5 mil anos. Eles devem saber das coisas. De segredos que nunca vão nos contar.

Pelo espelho retrovisor, Jane podia ver o carro de Tam bem atrás do deles. Perguntou-se o que ele acharia daquele assunto, se ficaria ofendido com essa conversa sobre os exóticos e misteriosos chineses. O sinal ficou verde.

Enquanto atravessava o cruzamento, disse:

— Eu não falaria isso perto de Tam.

Frost balançou a cabeça.

— Provavelmente ele ficaria irritado — concordou. — Não que eu seja racista. Já namorei uma garota chinesa.

— E *este* último comentário certamente o irritaria.

— Só estou tentando entender, abrir a cabeça para aquilo que não estamos vendo.

— O que não estou vendo é como isso tudo se encaixa. Uma mulher morta no telhado. Um caso antigo de assassinato seguido de suicídio. E agora Ingersoll, reclamando de uma van observando a sua casa. E alguma coisa a ver com garotas.

— Por que não quis falar por telefone? Quem ele acha que pode estar escutando?

— Não quis me dizer.

— Toda vez que alguém começa a falar sobre estar com o telefone grampeado, um alarme soa na minha cabeça. Ele parecia paranoico?

— Parecia preocupado. E mencionou uma *mulher*. Disse que tinha prometido mantê-la fora disso.

— Iris Fang?

— Não sei.

Frost olhou para a rua diante de si.

— Um ex-policial como ele provavelmente está armado. É melhor irmos com calma. Para não assustá-lo.

Quinze minutos depois, Jane parava o carro em frente à residência de Ingersoll, e Tam estacionou atrás. Todos saíram dos respectivos carros. Ouviu-se o barulho das portas batendo ao mesmo tempo. Na casa de três andares, as luzes estavam acesas, mas quando Frost tocou a campainha ninguém atendeu. Ele tocou de novo e bateu na janela.

— Vou ligar para ele — disse Jane, digitando o número de Ingersoll no celular.

Podiam ouvir o telefone tocando em algum lugar dentro da casa. Quatro toques, e depois a secretária eletrônica atendeu com uma mensagem seca: *Não estou em casa. Deixe seu recado.*

— Não vejo ninguém lá dentro — falou Tam, tentando enxergar através da janela da frente, guarnecida de cortina.

Jane desligou e disse a Frost:

— Continue tocando a campainha. Tam, vamos até os fundos. Talvez ele não esteja nos ouvindo.

Ela e Tam deram a volta na casa. Ainda podiam ouvir Frost batendo na porta da frente. O caminho estreito entre as casas estava escuro e era cheio de mato. Jane sentia o cheiro de folhas úmidas, os pés afundando na grama fofa. Por uma janela, vislumbrou o brilho azulado da televisão de Ingersoll e deteve-se, olhando para a sala, onde imagens cintilavam na tela. Numa mesa de centro, via-se um celular e um sanduíche pela metade.

— Esta janela não está trancada — falou Tam. — Posso entrar por ela. Devo?

Eles se entreolharam na penumbra, ambos considerando as consequências de entrar numa casa sem permissão ou mandado.

— Ele nos convidou — observou a detetive. — Talvez esteja só no banheiro, onde não pode nos escutar.

Tam abriu a janela. Em segundos, já tinha pulado o parapeito e penetrado na casa sem um único som. Como é que fazia aquilo?, admirava-se Jane, considerando a altura da janela. O homem daria realmente um espetacular ladrão de casas.

— Detetive Ingersoll? — chamou Tam, quando entrou no aposento seguinte. — É o Departamento de Polícia de Boston. Você está aí?

Jane considerou a possibilidade de também tentar entrar pela janela, depois decidiu que, quando conseguisse por fim escalar o parapeito, Tam já teria aberto a porta da frente.

— Rizzoli, ele está aqui! Abatido!

O grito de Tam acabou com qualquer hesitação. Ela agarrou o parapeito e já estava para se lançar de cabeça pela janela quando ouviu um barulho no mato e o som de passos na escuridão.

Fundos da casa. Suspeito em fuga.

Ela saiu em seu encalço e chegou à parte de trás da residência, a tempo de ver uma sombra escalando a cerca e caindo do outro lado.

— Frost! Preciso de cobertura! — gritou ela, correndo para a cerca.

A adrenalina a fez subir e pular, deixando-lhe farpas na mão. Aterrissou do outro lado, e o impacto dos sapatos batendo na calçada subiu pelas canelas.

A presa estava à vista. *Um homem.*

Ouviu alguém escalando a cerca atrás dela, mas não conferiu quem era, se Frost ou Tam. Mantinha-se concentrada na figura à frente. Estava ganhando terreno sobre ele, aproximando-se o bastante para ver que estava todo de preto. Vestido para o crime, definitivamente. *Mas não era rápido o suficiente para correr mais que essa policial.*

Quem vinha atrás ficou longe, mas ela não diminuiu a velocidade, sem dar à presa qualquer chance de escapar. Já estavam a cerca de 10 metros um do outro.

— Polícia! — gritou. — Pare!

O sujeito disparou para a direita, escapando por entre as casas.

Aquilo a deixou furiosa. Embalada pela indignação, dobrou a esquina correndo e se viu num beco. Estava escuro ali, bem escuro. Seus passos produziam eco enquanto avançava. Mais alguns, e ela diminuiu a velocidade, parando.

Onde está ele. Para onde foi?

Sacando a arma, com o coração saindo-lhe pela boca, perscrutou a escuridão. Viu latas de lixo e escutou o ruído de vidro quebrado.

A bala atingiu-lhe as costas, bem entre os ombros. O impacto a fez voar e cair de barriga no chão, arranhando as palmas da mão na calçada. A arma escapou-lhe da mão. O colete à prova de balas a salvara, mas a força do impacto tirou-lhe o ar dos pulmões e deixou-a atordoada. Sua pistola estava em algum lugar fora de alcance.

Passos aproximaram-se lentamente, e ela pôs-se de joelhos, tateando em volta, buscando a arma.

Os passos detiveram-se bem atrás dela.

Jane se virou e deu com a silhueta de um homem parado. A escuridão escondia-lhe o rosto, mas havia luz suficiente no beco, vinda de um poste distante, para que o visse erguer a arma. Vislumbrou o ligeiro brilho da pistola que apontava para sua cabeça. Iria ser um fim rápido e eficiente, sem assassino e vítima encarando-se nos olhos. Gabriel, pensou ela. Regina. Nunca tive a chance de dizer a eles o quanto amo os dois.

Ouviu a morte sussurrando na noite, sentiu-a sibilando como o vento junto a seu ouvido. Algo lhe borrifou o rosto e ela piscou. Quando abriu os olhos outra vez, a silhueta que pairava acima já estava se inclinando para a frente. Caiu sobre suas pernas como uma árvore derrubada. Presa sob o

peso do homem, Jane sentiu um líquido morno impregnando-lhe as roupas. Reconheceu muito bem aquele cheiro de cobre.

Alguma coisa respirava na escuridão, algo que agora surgia onde o atirador estivera segundos antes. Ela não via o rosto, apenas uma forma oval escura e um halo de cabelos prateados. Não dizia uma palavra, mas, quando se afastou, algo brilhou em sua mão, um arco reluzente de luz refletida, que desapareceu imediatamente. Jane ouviu o que julgou ser o vento, enquanto sombras se sobrepunham. Depois, viu-se só, ainda presa contra a calçada dura por um homem que derramava as últimas gotas de sangue em sua roupa.

— Rizzoli? *Rizzoli!*

Ela tentou se livrar daquele peso morto que lhe prendia as pernas.

— Estou aqui! Frost!

A luz de uma lanterna piscou a distância. Aproximou-se, vasculhando o beco de um lado para o outro.

Com um gemido de esforço, Jane conseguiu por fim empurrar o corpo para longe. Estremecendo ao contato da carne morta, arrastou-se para trás.

— Frost — disse.

A luz bateu diretamente em seus olhos, e ela levantou a mão para protegê-los.

— Meu Deus — gritou Frost. — Você está...

— Estou bem. Está tudo OK! — falou, respirando fundo e sentindo ainda a dor do impacto da bala no colete. — Pelo menos, acho que sim.

— Mas todo esse sangue...

— Não é meu. É dele.

Frost apontou o feixe da lanterna para o corpo, e ela respirou tão fundo, atordoada, que as costelas chegaram a doer. O corpo estava caído de bruços, e a cabeça decepada havia rolado alguns metros de distância. Os olhos estavam fixos neles, a boca aberta, como se numa última expressão de surpresa. Jane ficou boquiaberta diante do pescoço tão bem-decapitado e de repente percebeu sua calça ensopada, o tecido colando-se às pernas. A noite começou a girar, ela cambaleou e encostou-se contra uma casa, onde deixou a cabeça pender, lutando desesperadamente contra a vontade de vomitar.

— O que aconteceu? — perguntou Frost.

— Eu vi — sussurrou ela. — A coisa. A criatura do telhado. — As pernas pareciam estar derretendo sob si, enquanto deslizava para baixo, sentando-se apoiada à parede. — A coisa acabou de salvar minha vida.

Passou-se um longo silêncio. O vento percorria o beco, espalhando areia que feria os olhos e acertava-lhe o rosto. Era para eu estar morta, pensou. Caída aqui com uma bala na cabeça. Em vez disso, vou para casa. Abraçar meu marido e beijar minha filhinha. E devo esse milagre ao que quer que tenha surgido no meio da noite.

Ela levantou a cabeça e olhou para Frost.

— Você deve ter visto — disse. — Foi bem agora.

— Não vi nada.

— Deve ter passado correndo por você quando entrou no beco.

Ele balançou a cabeça.

— É como o que aconteceu no telhado. Fui o único a ver, e você não acreditou em mim.

Ela olhou novamente para o corpo. Em direção à arma ainda presa na mão do cadáver decapitado.

— Agora eu acredito.

Ao estacionar o carro, Maura viu três policiais de pé ao lado da fita que isolava a cena do crime. Todos olharam em sua direção e provavelmente reconheceram o Lexus preto. Assim, sabiam que a patologista havia chegado. Porém, quando saltou do carro e caminhou para falar com eles, deram-lhe as costas e continuaram a conversar entre si. Apenas no momento em que se anunciou, se deram ao trabalho de olhá-la.

— A detetive Rizzoli está na casa? — perguntou.

— Não sei, senhora — respondeu um dos patrulheiros. — Por que não dá uma conferida?

Estaria sendo pouco prestativo de propósito? Era impossível afirmar com base em sua expressão calculadamente neutra. Ao abaixar-se para passar sob a fita e caminhar em direção à porta da frente, ouviu-os gargalhar e se perguntou se estavam rindo dela. Maura se perguntava se era aquilo o que teria de suportar a cada cena de crime em que fosse. Os olhares, os cochichos, a hostilidade maldisfarçada. Ela se deteve diante da porta para colocar os protetores de sapatos, com cuidado para não perder o equilíbrio e dar-lhes mais uma causa para hilaridade. Ao endireitar-se, a porta se abriu e o detetive Tam parou, olhando para ela.

— Dra. Isles. Desculpe por fazê-la sair a esta hora da noite.

— As duas vítimas estão aqui, na casa?

— Uma na cozinha. A segunda, a alguns quarteirões daqui, num beco.

— Como a número dois acabou tão longe da número um?

— O homem estava tentando fugir de Rizzoli. Acho que ela é uma garota difícil de a gente se livrar.

Tam conduziu Maura do vestibulo, passando pelo corredor. Arrastando os pés, com os protetores, seguiu-o até a cozinha e ficou surpresa ao ver o comandante da Unidade de Homicídios do Departamento de Polícia de Boston de pé ao lado de Barry Frost. Era raro encontrar o tenente Marquette numa cena de crime, e sua aparição ali indicava que havia algo de muito especial naquele homicídio.

A vítima estava caída de lado sobre o piso de lajotas, o rosto descansando sobre uma poça de sangue que já começava a coagular. Era um homem branco, corpulento, na casa dos 70 anos, vestindo calça bege, camisa de malha e meias escuras. Uma pantufa ainda estava no pé. O ferimento a bala, na têmpora esquerda, deixava pouca dúvida quanto à causa da morte. Maura não se aproximou de imediato do corpo, mas permaneceu por um momento onde estava, vasculhando o chão à procura da arma. Não viu nenhuma perto do cadáver. *Não foi suicídio.*

— Ele era policial — disse Jane, em voz baixa.

Maura não a tinha visto aproximar-se. Deu meia-volta e contemplou sua blusa manchada de sangue. Em vez do terninho escuro habitual, Jane vestia uma calça de moletom larga. Uma mudança de roupa emergencial, obviamente.

— Meu Deus, Jane!

— As coisas ficaram meio complicadas por aqui.

— Você está bem?

Jane fez sim com a cabeça e olhou para o homem morto.

— Não posso dizer o mesmo dele — replicou.

— Quem é?

O tenente Marquette respondeu:

— Detetive Lou Ingersoll. Aposentou-se da Unidade de Homicídios há 16 anos. Era um dos nossos, Dra. Isles. Merece o nosso melhor esforço.

Estaria sugerindo que ela não se esforçaria pela vítima? Que uma patologista que havia traído a corporação trairia esse policial também? Com as bochechas em brasa, ela se agachou ao lado do corpo. Levou alguns segundos para registrar o nome. Lou Ingersoll.

Maura levantou a cabeça e olhou para Tam.

— Foi este o homem que trabalhou no massacre do Red Phoenix.

— Você já o conhecia? — perguntou Jane.

— O detetive Tam e eu discutimos o caso quando ele me trouxe os registros de necropsia.

Jane voltou-se para Tam.

— Não sabia que você a tinha consultado — disse.

Tam deu de ombros.

— Só queria a opinião da Dra. Isles. Caso tenha havido algum erro 19 anos atrás.

— Detetive Rizzoli? — chamou um perito em pé na porta da cozinha, com fones de ouvido pendurados no pescoço. — Varremos o local com um scanner de radiofrequência, e você está certa. Tem um sinal vindo do telefone fixo dele.

— Sinal? — perguntou Marquette, olhando para Jane.

— Ingersoll achava que alguém estava monitorando as suas ligações — respondeu Jane. — Para ser honesta, estou até meio surpresa de que tenhamos realmente encontrado algo.

— Por que alguém grampearia o telefone dele?

— Não seria pelos motivos normais. Era viúvo há 18 anos, logo não existe nenhum divórcio turbulento. Ele tem uma filha, e ela não faz a menor ideia do que está acontecendo. — Jane olhou para o morto. — Isto está cada vez mais estranho. Ele se queixou de uma van observando a casa. Disse que alguém a invadiu enquanto ele estava fora. Para mim, tinha parecido conversa de doido.

— Não tão doido assim — replicou Marquette, olhando para o perito. — Você já checkou o celular dele?

— Não detectamos nenhum sinal. Está sem bateria. Assim que recarregar, vamos dar uma olhada na lista de chamadas.

— Vamos pegar todos os registros telefônicos, do celular e do fixo. E ver com quem ele vinha falando ultimamente.

Maura ficou de pé.

— Entendi que tem uma segunda vítima?

— O atirador — falou Jane. — Ou, pelo menos, o homem que supomos ser o atirador. Eu o persegui por alguns quarteirões.

— Você mesma o liquidou?

— Não.

— Quem, então?

Jane respirou fundo, como se estivesse se preparando para o que viria depois.

— Não é fácil de explicar — replicou. — Tenho que mostrar a você.

Elas saíram para a rua, onde já havia uma multidão reunida, hipnotizada pela invasão de policiais no bairro. Jane abriu caminho em meio aos curiosos e dobrou a esquina com Maura, até uma transversal tranquila. Embora caminhasse com seu habitual passo rápido, a valentia havia desaparecido, dando lugar a ombros caídos, como se a noite a tivesse abatido e lhe roubado a confiança.

— Você tem certeza de que está bem? — perguntou Maura.

— Tirando meu terninho destruído? Sim, estou ótima.

— Você não parece ótima. Jane, fale comigo.

Jane diminuiu o passo e parou. Olhava para a rua como se tivesse medo de encarar Maura, receosa de revelar o quão vulnerável se sentia naquele momento.

— Eu não devia estar aqui agora — murmurou. — Devia estar morta, como Ingersoll. Caída no beco com uma bala na cabeça. — Olhou para as mãos e fez uma careta, como se as estranhasse, como se elas pertencessem a outra pessoa. — Veja só isto. Estão tremendo.

— Você disse que perseguiu o criminoso.

— Persegui, sim. Mas fui imprudente. Eu o segui até um beco. E foi então que caí. — Ela se abraçou, como se de repente sentisse frio. — Fui salva pelo meu presente de aniversário. Lembra que o Gabriel me comprou um colete à prova de balas? Como nós duas rimos disso! Tão romântico, tudo que uma mulher quer. Quando ele soube que eu não estava usando, ficou realmente aborrecido comigo. Então, só para manter a paz em casa, vesti o colete hoje de manhã. Como vou ouvir agora! Que ele estava certo.

— Ele já sabe o que aconteceu?

— Ainda não liguei para ele. — Jane secou o rosto com a manga da camisa. — Não tive tempo.

— Você precisa ir para casa. Agora.

— No meio disto tudo?

— Jane, você não está se aguentando em pé. Sua equipe pode muito bem trabalhar na cena.

— Certo, mas com Marquette aqui? Vendo que não aguento uma bobagem dessas, como levar um tiro pelas costas? Porra nenhuma! — Ela deu meia-volta e seguiu em frente, como se tivesse pressa para resolver aquilo. Para provar que estava à altura da tarefa.

Ah, Jane, pensou Maura. Você já mostrou seu valor tantas vezes, mas parece que nunca é o suficiente. Vai ser sempre a novata, lutando para obter reconhecimento. Com medo de mostrar fraqueza.

Elas chegaram a outra barreira de fita, onde um patrulheiro guardava a entrada de um beco. Outra vez, Maura foi recebida com fria indiferença. Enquanto colocava novos protetores de sapatos e abaixava-se para entrar, sentiu o policial observando-a, e foi um alívio escapar de seu olhar, seguindo Jane na escuridão do beco.

— E aqui está o cavalheiro número dois — anunciou Jane, apontando a lanterna para a calçada.

A observação em tom leviano não preparou Maura para o horror caído a seus pés.

A decapitação havia sido total. A cabeça, protegida por uma touca escura de malha, parara a poucos metros de distância do tronco — de um homem branco, de 40 anos talvez. O corpo, totalmente vestido de preto, encontrava-se de bruços, como se em meio a um nado de peito, no mar do próprio sangue. Imóvel na rigidez cadavérica, a mão ainda segurava a arma. Balançando a lanterna, Maura viu jorros em forma de arcos falhos na parede, poças congeladas, como pudins negros sobre a calçada.

— Conheça o idiota que arruinou meu terninho favorito — disse Jane.

Maura franziu o cenho diante do tronco sem cabeça. Da arma na mão do homem.

— Este é o homem que você perseguiu desde a casa?

— É. Desde o quintal do Ingersoll. Ele ganhou uma rodada e me acertou pelas costas. Ainda dói para caramba.

— E como ele acabou...

— Um terceiro participante surgiu. Se você tem alguma dúvida quanto à maneira da morte, é só me perguntar, porque eu estava aqui. No chão, e esse cara ia me enfiar uma bala na cabeça. Achei que já estava morta, que... — Ela engoliu em seco. — Aí ouvi um barulho, uma coisa cortando o ar. Ele caiu em cima de mim. — Baixando os olhos, Jane disse, com suavidade: — E eu ainda estou viva.

— Você viu quem fez isso?

— Só uma sombra. De cabelo prateado.

— Só isso?

Jane hesitou. Então falou:

— Uma espada. Acho que tinha uma espada.

Maura olhou para o corpo e sentiu uma rajada de vento varrer o beco. Perguntou-se se o golpe fatal havia soado como aquele sussurro. Lembrou-se da mão decepada da desconhecida, juntas e tendões tão bem-separados. Seu olhar aguçou-se na direção da arma, na mão do morto.

— É uma pistola com silenciador.

— É. Está vestido de preto e carrega uma arma especial. Exatamente como a mulher do telhado.

— Não é um arrombador de casas comum. — Maura ergueu o olhar. — Por que o telefone do Ingersoll estava grampeado?

— Ele não teve tempo de dizer, mas era óbvio que estava preocupado e queria conversar. Alguma coisa sobre garotas. *É sobre o que aconteceu com aquelas garotas*, ele falou.

— Que garotas?

— Acho que tem a ver com o Red Phoenix. Você sabia que as filhas de duas das vítimas desapareceram?

Maura ouviu o som de vozes e de portas de carro batendo. Olhou para o beco e viu as luzes das lanternas da perícia se aproximando.

— Agora definitivamente vou ler os arquivos que Tam me passou.

— Por que ele fez isso? Fiquei surpresa ao saber que ele tinha jogado essa para cima de você.

— Queria uma opinião imparcial. Acho que Tam não acredita que o cozinheiro tenha se suicidado.

— E o que você acha?

— Ainda não tive tempo de ler nada. Rato está lá em casa esta semana, tenho passado a maior parte do tempo com ele — falou Maura, virando-se para ir embora. — Essas necropsias serão a primeira coisa que farei amanhã de manhã. Apareça lá, se quiser.

— Vai fazer as duas?

A pergunta pareceu estranha a Maura, e ela olhou para trás.

— Por que não?

— Ingersoll era policial. Só achei que estamos vivendo um momento delicado agora. Com você e o julgamento do Graff.

Maura sentiu o desconforto na voz de Jane e soube o motivo.

— Não tenho mais permissão para fazer necropsias em policiais? — perguntou à queima-roupa.

— Eu não falei isto — defendeu-se a detetive.

— E nem precisa. Tenho absoluta consciência do que está sendo dito, toda vez que um policial me olha, ou se recusa a me olhar. Me consideram a inimiga.

— Vai passar, Maura, mas leva um tempo.

Até eu depor contra o próximo.

— Não vou ser politicamente incorreta — disse Maura. — Vou pedir ao Dr. Bristol que faça a necropsia do Ingersoll.

Ela se abaixou para passar sob a fita que delimitava a cena do crime e se afastou, cruzando com a equipe da perícia. O aperto no coração começou a se desfazer apenas quando o beco estava a um quarteirão de distância. *Vai passar, Maura*, dissera Jane. Será? Policiais têm boa memória. Lembram-se de detalhes de casos ocorridos décadas atrás e alimentam ressentimentos, nunca esquecendo quem estava com eles ou contra eles. Sempre vou ser colocada na segunda categoria, pensou. Daqui a vinte anos, ainda vão se lembrar de que ajudei a mandar um deles para a prisão.

Quando retornou à casa de Ingersoll, mais veículos oficiais haviam chegado. Ela hesitou, cega pelas luzes que piscavam e pela atmosfera carnavalesca de confusão. De repente, os soluços de uma mulher abafaram a conversa de rádios policiais.

— Me deixem vê-lo! Preciso ver meu pai!

— Senhora, por favor. Não pode entrar — disse um patrulheiro, contendo-a. — Alguém vai vir lhe dizer algo assim que for possível.

— Mas é meu *pai*. Tenho o direito de saber o que aconteceu com ele!

— Padre Brophy — chamou o policial. — Pode ajudar esta senhora, por favor?

Um homem alto, vestindo um colarinho de padre, abriu calmamente caminho em meio à multidão. Como sacerdote do Departamento de Polícia de Boston, Daniel Brophy era chamado com frequência a cenas de tragédias. Maura não ficou surpresa ao vê-lo, mas a visão atordoou-a mesmo assim.

Ela observou com olhos ávidos Daniel levando a filha de Ingersoll para longe da fita que demarcava a cena do crime. Pareceria mais magro? O rosto estaria mais atormentado, o cabelo mais grisalho? *Você sente a minha falta como sinto a sua?*

Ele guiou a mulher soluçante até uma viatura e, de repente, viu Maura. Seus olhares fixaram-se um no outro. Por um momento, o mundo desapareceu e ela enxergou apenas Daniel. Sentia o martelar do próprio coração, frenético como as asas de um pássaro moribundo.

Maura ainda o mirava quando ele se afastou, apertando a mulher soluçante contra o ombro.

Jane estava diante da caixa de luz do necrotério, estudando os raios X do morto. As estruturas ósseas dele pareciam normais, exceto por um detalhe macabro: o crânio fora separado do corpo, cortado precisamente entre a terceira e a quarta vértebras cervicais. Embora Tam e Frost já estivessem junto à mesa de necropsia, aguardando o início do procedimento, Jane permanecia imóvel onde estava, ainda despreparada para encarar o que havia debaixo do lençol. Radiografias eram coisas abstratas, uma anatomia em desenho animado, em preto e branco. Não parecem nem cheiram a carne; não têm rosto. Assim, ela demorou mais do que precisava, concentrada nas sombras que representavam os pulmões e o coração, o mesmo coração que fizera sangue espirrar em suas roupas na noite anterior. Se não fosse por meu salvador anônimo, os meus raios X estariam agora pendurados aqui, pensou. E meu corpo, sobre a mesa.

— Jane? — chamou Maura.

— É difícil imaginar uma lâmina suficientemente afiada para fazer isto com um golpe só — disse ela, os olhos ainda fixos na radiografia.

— É uma questão de anatomia — replicou Maura. — O ângulo em que a lâmina atinge a junta. Na Idade Média, um carrasco experiente decapitava um prisioneiro com um golpe só. Se precisasse atingir muitas vezes, era um sinal claro de incompetência. Ou de que estava bêbado.

— Que imagem agradável para se começar uma manhã — comentou Tam.

Maura puxou o lençol.

— Ainda não tiramos a roupa — falou ela. — Imaginei que vocês todos iriam querer estar aqui na hora.

Não, não quero estar, pensou Jane. Não quero ver isso. Mas obrigou-se a virar-se para a mesa. Embora o que estivesse ali não a surpreendesse, mesmo assim respirou fundo diante da cabeça decepada. Ainda não sabia nada sobre aquele homem, nem nome nem origem. As únicas pistas que tinham até então vinham dos itens retirados de seu bolso na noite anterior: um pente de balas, um rolo de dinheiro e as chaves de uma van Ford roubada que ficara estacionada a dois quarteirões da casa de Ingersoll. Ele não portava nenhum tipo de identificação.

Tam inclinou-se sobre a mesa, a expressão inabalada enquanto olhava mais de perto a cabeça decepada. Nem piscou quando Maura retirou a touca da vítima, revelando cabelos castanhos muito bem-cortados. O rosto do morto não tinha nada de especial, com nariz, boca e queixo normais. Do tipo que se esquece um segundo depois de se passar por ele na rua.

Já haviam coletado material das mãos dele, e suas digitais tinham sido tiradas na noite anterior. Os dedos ainda estavam manchados de tinta roxa. Maura e Yoshima trabalharam juntos para retirar as roupas, arrancando moletom, calça, cueca e meia. O corpo decapitado era forte e musculoso. Havia uma cicatriz em diagonal no joelho direito: lembrança de alguma antiga cirurgia. Jane olhou para ela e pensou: agora sei por que o alcancei com tanta facilidade ontem à noite.

Sob a lente de aumento, Maura examinou os tecidos moles que tinham sido cortados, em busca de irregularidades e contusões.

— Não vejo nenhuma marca de serrilhado — disse ela. — O ferimento é uniforme, sem cortes secundários. Foi de um golpe só.

— Foi o que falei a você — replicou Jane. — Foi com uma espada. De uma tacada só.

Maura levantou os olhos.

— Por mais confiável que seja a testemunha, sempre faço questão de confirmar. — Ela voltou o olhar para a incisão. — O corte foi feito num ângulo estranho. Que mão segurava a espada, direita ou esquerda?

Jane hesitou.

— Não vi o golpe em si. Mas, quando se afastou, a espada estava... na mão direita.

— Tem certeza?

— Sim. Por quê?

— Porque o corte começa baixo na direita e vai subindo até o lado esquerdo do pescoço.

— E?

— A vítima tem cerca de 1,77m. Se o assassino atacou por trás, cortando da direita para a esquerda, provavelmente era mais baixo — falou Maura, olhando para Jane. — Você concorda?

— Eu estava caída de costas. Desse ângulo, todo mundo parece alto, em especial alguém com uma espada enorme. — Ela respirou fundo, notando de repente que Maura a estava observando com aquela perspectiva analítica que tanto a irritava. Um olhar que lhe tirava a privacidade, fazendo-a sentir-se como um espécime boiando no formol.

Jane afastou-se abruptamente da mesa.

— Acho que não preciso ver mais nada disto. O que essa necropsia vai nos dizer? Surpresa! Alguém cortou a cabeça dele — disse, atirando o jaleco na lata de lixo contaminado. — Vocês, rapazes, ficam até o fim. Vou falar com o laboratório de criminologia, descobrir se o celular de Ingersoll revelou alguma coisa.

A porta da antessala abriu-se de repente, e Jane ficou surpresa ao ver o marido entrar.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela.

O agente especial Gabriel Dean estava acostumado às salas de necropsia. Fora o caso de um serial killer que o havia feito conhecer Jane, e, ao longo daquela investigação, eles passaram mais que algumas horas malcheirosas juntos, curvados sobre cadáveres encontrados em vários estágios de decomposição. Gabriel já tinha colocado jaleco e protetores de sapatos; seu rosto parecia concentrado e sério enquanto enfiava as luvas e se aproximava da mesa.

— Esse é o cara do beco? — perguntou sem rodeios. — O que quase matou você?

— Bom dia para você também, querido — falou Jane. Ela olhou para Tam e prosseguiu: — Caso esteja se perguntando quem será este visitante inesperado, é meu marido, Gabriel. E não tenho ideia do que está fazendo aqui.

A atenção de Gabriel permanecia fixa no cadáver.

— O que sabemos sobre ele até agora?

— Sabemos? Desde quando você entrou para a equipe? — perguntou Jane.

— Desde que esse cara atirou em você.

— Gabriel — suspirou ela. — Podemos conversar sobre isto depois.

— A hora de conversar sobre isto é agora.

Ela contemplou o marido, tentando entender o que estava acontecendo ali. Buscou ler seu rosto, pálido sob as luzes do necrotério.

— O que significa isto tudo?

— Tem a ver com as digitais.

— O AFIS, o Sistema Automático de Identificação, ainda não deu nenhuma resposta sobre ele.

— Estou falando das digitais da desconhecida — replicou Gabriel. — Da mulher no telhado.

— Também não conseguimos nenhuma identificação dela ainda — falou Maura. — Ela não está no banco de dados do FBI.

— Mandei um pedido de identificação para a Interpol — disse ele. — Porque para mim está claro que isso é só parte de uma coisa muito maior. Grande mesmo. Pensem em como a mulher estava vestida. A arma que carregava. O fato de que não trazia identidade e estava dirigindo um carro roubado. — Gabriel olhou para o cadáver. — Como esse cara.

— E a Interpol já respondeu? — perguntou Jane.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Uma hora atrás. A mulher está no banco de dados deles. Não o nome, mas as digitais. E elas apareceram em componentes de um carro-bomba que explodiu em Londres, há dois anos. A explosão matou o motorista, um empresário americano.

— Estamos falando de *terrorismo*? — perguntou Tam.

— A Interpol acha que a bomba foi colocada pelo crime organizado. Um assassinato pago. A mulher no telhado era claramente uma profissional, e acho que esse cara aqui também — falou ele, olhando para Jane. — Um colete à prova de balas não vai salvar você, Jane. Não de pessoas como essas.

Jane riu, surpresa.

— Nossa, parece que tiramos a sorte grande, não?

— Você tem uma filha — disse Gabriel. — *Nós* temos uma filha. Pense nisso.

— No que você quer que eu pense?

— Se o Departamento de Polícia de Boston consegue lidar com este caso.

— Pode parar por aí. Podemos conversar sobre isto na sala ao lado, por favor? — Jane olhou na direção dos colegas. — Com licença — murmurou, saindo pela porta vaivém.

Só depois que ela e Gabriel estavam no corredor, e não podiam ser ouvidos, foi que ela explodiu:

— O que você acha que está fazendo aqui?

— Tentando manter minha mulher viva.

— Aqui é o meu território, OK? Eu decido o que acontece aqui.

— Você tem alguma ideia de com o que está lidando?

— Vou descobrir.

— Enquanto isso, fica levando tiro e colecionando cadáveres.

— É. Está virando uma bela de uma coleção.

— Que inclui um policial. Ingersoll sabia como se defender, e agora está num saco para cadáveres.

— Você quer que eu saia, então? Que corra para casa e me esconda debaixo da cama? — Ela bufou. — Isso não vai acontecer *mesmo*.

— Quem contrata assassinos profissionais, Jane? Quem manda alguém matar um ex-policial não tem medo do Departamento de Polícia de Boston. Não tem medo de você. Isso só pode ser coisa do crime organizado. Da máfia russa. Ou chinesa...

— Kevin Donohue — disse ela.

Gabriel hesitou.

— A máfia irlandesa?

— Estamos procurando provas contra ele. Um dos seus homens, chamado Joey Gilmore, morreu no massacre de Chinatown. A mãe de Gilmore acha que alguém foi pago para matar o filho, a mando de Donohue. Ingersoll foi o detetive responsável pela investigação do massacre.

— Se for Donohue, ele tem tentáculos muito longos. Talvez no próprio Departamento de Polícia de Boston.

Ela olhou para o marido.

— O FBI pode fazer essa acusação?

— Não existem provas suficientes. Mas vou dizer uma coisa, ele não é alguém com quem se queira mexer, Jane. Se Donohue tiver um canal dentro do Departamento de Polícia de Boston, ele já sabe o que você anda investigando. E que está atrás dele.

Ela pensou em todos os policiais que apareceram na casa de Ingersoll na noite anterior, inclusive o tenente Marquette. Quantos a teriam observado, anotado o que dissera, o que estava planejando? Que parcela dessa informação já teria vazado para Donohue?

— A noite passada foi um milagre — falou Gabriel. — Você sobreviveu. Talvez deva levar esse milagre para casa e saboreá-lo um pouco.

— E sair do caso? É isto que está me pedindo?

— Tire uma licença. Você precisa de tempo para se recuperar.

— *Não* — retrucou ela, aproximando-se tanto dele que precisou esticar o pescoço para mirá-lo nos olhos. Gabriel não recuou; nunca o fazia.

— Não preciso ouvir isso de você — continuou ela. — Não agora.

— Quando devo dizer então? No seu funeral?

O celular dela tocou, quebrando o silêncio entre eles. Jane o pegou e atendeu com secura:

— Rizzoli.

— Hum, este não é um bom momento, detetive?

— Quem é?

— Erin, do laboratório criminal.

Jane relaxou.

— Desculpe. O que tem para me dizer?

— Lembra daqueles pelos estranhos na roupa da vítima? Que eu não conseguia identificar?

— Claro. Os prateados.

— Mal posso esperar para explicar o que são.

A conversa com Gabriel ainda estava na cabeça de Jane enquanto ela e Frost dirigiam para a Schroeder Plaza. Ele conhecia bem demais o humor da parceira, por isso permaneceu em silêncio a maior parte do percurso. Quando ela entrou na garagem para estacionar, porém, o detetive disse num tom melancólico:

— Sinto falta dessa parte da vida de casado.

— Que parte? — perguntou Jane.

— A de ter alguém que se preocupa com você. Que perturba você para que não corra riscos sem necessidade.

— E desde quando isso é uma coisa boa?

— E não é? Quer dizer que alguém ama você e não quer perdê-lo.

— Quer dizer que tenho que combater em duas frentes. Fazer meu trabalho enquanto Gabriel tenta me pôr numa camisa de força.

— E se ele não tentasse? Já pensou nisso? Como seria se não se preocupasse e não dissesse nada? Como seria não estar casada?

Ela parou numa vaga e desligou o motor.

— Ele não quer que eu trabalhe neste caso — disse.

— Também não sei se quero trabalhar nele. Depois de tudo que já passamos.

Ela o olhou.

— Você está assustado?

— Sim, e não tenho medo de admitir isto.

Eles ouviram uma porta batendo. Viraram-se e viram Tam saindo de seu carro, algumas vagas depois.

— Aposto que ele não se assusta — murmurou Jane. — Acho que nada mexe com o nosso Bruce Lee.

— Deve ser teatro. Ele precisaria ser doido para não ter medo de Donohue e seus capangas.

Jane abriu a porta.

— Vamos — falou ela —, antes que alguém ache que estamos aqui namorando ou fazendo sabe lá Deus o quê.

Quando chegaram ao laboratório criminal, Tam já estava sentado diante do microscópio de Erin Volchko, examinando uma lâmina.

— Aí estão vocês dois — disse Erin. — O detetive Tam e eu estávamos vendo umas amostras de pelo de primatas.

— Algum deles parece com os da nossa vítima? — perguntou Jane.

— Sim, mas o microscópio não consegue detectar a espécie exata. Por isso usei uma técnica diferente.

Numa bancada, Erin abriu uma página impressa com colunas, em vários tons de cinza.

— Estes são padrões de queratina — explicou a pesquisadora. — Pelos têm componentes diferentes de proteína, que podem ser separados por

eletroforese. O que se faz é lavar e secar a amostra, dissolvê-la numa solução de produtos químicos e colocar essas proteínas dissolvidas sobre uma camada fina de gel. Depois a submetemos a uma corrente elétrica. Isso faz com que as várias proteínas migrem pelo gel em proporções diferentes.

— E o resultado são essas colunas cinza.

— Sim. Depois de pratear e enxaguar para aprofundar o contraste.

Frost deu de ombros.

— Não parece muito empolgante.

— Mas quando enviei esse padrão por e-mail para o Laboratório Forense de Vida Selvagem, no Oregon, eles puderam compará-lo no seu banco de dados de padrões de queratina.

— Existe um banco de dados para isso? — perguntou Tam.

— Claro. Os cientistas que trabalham com vida selvagem dão suas contribuições. Se a alfândega dos Estados Unidos apreende um carregamento de peles de animais, precisa saber se elas são de alguma espécie ameaçada. O banco de dados os ajuda a identificar de que animal vem a pele — disse Erin, abrindo uma pasta e tirando dela outra tabela de padrões de queratina. — Eles compararam nossos pelos com esses. Vocês vão notar que as faixas de proteína se encaixam quase perfeitamente com as de uma espécie em particular.

Os olhos de Jane iam de uma folha à outra.

— Coluna número quatro — falou.

— Correto.

— O que é o número quatro?

— É um primata não humano, como eu tinha imaginado antes. Um macaco do Velho Mundo, do gênero *Semnopithecus*. Essa espécie em particular é conhecida como langur cinza.

— Cinza? — disse Jane, levantando a cabeça.

Erin fez que sim com a cabeça.

— Da mesma cor dos pelos encontrados na vítima. Esses macacos são grandes, de rosto negro e pelos cinzentos ou louros. Vivem no sul da Ásia, da China até a Índia, são terrestres e arbóreos. — Ela hesitou. — Quero dizer, vivem tanto no chão quanto nas árvores. — Erin virou-se para o computador e fez uma pesquisa de imagens no Google. — Aqui está uma foto. Esta é a aparência deles.

O que Jane viu na tela fez com que suas mãos ficassem de repente frias. *Rosto negro. Pelo prateado.* Sentiu a dor nas escápulas, onde a bala acertara o colete. Lembrou-se do sangue quente salpicando em seu rosto e da silhueta pairando sobre ela no beco, a cabeça encimada por pelos prateados.

— Que tamanho têm esses macacos? — perguntou em voz baixa.

— Os machos medem cerca de 80 centímetros de altura.

— Tem certeza de que não crescem mais?

— Não são chimpanzés. São apenas macacos.

Jane olhou para Frost. Viu seu rosto pálido, os olhos estupefatos.

— Foi o que você viu, não? — indagou ela. — No telhado.

Erin franziu o cenho e falou:

— O que você viu?

Frost balançou a cabeça.

— Tinha mais que 80 centímetros.

Jane assentiu com a cabeça.

— Concorde.

Erin olhava de um para o outro.

— Vocês *dois* viram essa coisa? — perguntou, incrédula.

— Tinha essa aparência — disse Frost. — E cabelo prateado. Mas não podia ser um macaco. Que macaco carregaria uma espada por aí?

— *Isso* está me dando arrepios — falou Erin, em voz baixa. — Considerando-se o tipo de macaco que é. Na Índia, eles também são chamados de hanuman langur. Hanuman é um deus hindu conhecido como Macaco Guerreiro.

O mesmo arrepio que Erin acabara de sentir tocou de repente como um sopro a nuca de Jane. Pensou na criatura do beco. Lembrou-se do brilho da espada quando se virou e desapareceu na escuridão.

— Seria igual ao Rei dos Macacos? — interveio Tam. — Porque conheço a lenda. Existe uma versão chinesa, também. Minha avó me contava as histórias.

— Quem é o Rei dos Macacos? — perguntou Jane.

— Na China, seu nome é Sun Wukong. Ele nasceu de uma rocha sagrada e, no começo, não passa de um macaco de pedra. Então transforma-se em uma criatura de carne e osso e é coroado Rei dos Macacos. Torna-se

um guerreiro e vai ao céu aprender a sabedoria dos deuses. Mas, quando chega lá, se mete em todo tipo de confusão.

— É um personagem mau, então? — perguntou Frost.

— Não, não é mau. Só impulsivo e travesso, como um macaco de verdade. Existem vários livros com histórias sobre ele. Sobre como ele come todos os pêssegos do pomar celestial. Bebe demais e rouba um elixir mágico. Se mete em rixas com os Imortais, que não sabem como lidar com ele. Então o expulsam do céu e o trancam por um tempo numa prisão na montanha.

Frost riu.

— Ele parece com uns caras que estudavam na minha escola.

— E o que acontece com ele depois? — disse Jane.

— Sun Wukong passa por uma série de aventuras na Terra. Às vezes, causa problemas. Às vezes, faz boas ações. Não me lembro de todas as histórias, mas sei que tem um bocado de combates mágicos, monstros fluviais e animais que falam. Como os contos de fadas de vocês.

— Os contos de fada não são de verdade — afirmou Jane. — Não deixam cair pelos em vítimas reais.

— Só estou contando o que as lendas falam sobre ele. É uma criatura complexa, às vezes prestativa, às vezes destrutiva. Mas, quando confrontado com uma escolha entre o bem e o mal, o Rei dos Macacos quase sempre escolhe fazer a coisa certa.

Jane deu uma olhada na foto que estava na tela do computador de Erin. No rosto que, apenas um momento antes, a apavorara tanto.

— Então ele não é mau — falou ela.

— Não — replicou Tam. — Apesar de seus defeitos e do caos que gera às vezes, o Rei dos Macacos está do lado da justiça.

Um cheiro bom de frango assado com alecrim saía da cozinha de Angela Rizzoli e, na sala de jantar, talheres e louças tilintavam, enquanto o detetive aposentado Vince Korsak punha a mesa. Lá fora, no pátio, a filha de Jane, Regina, ria e soltava gritinhos de alegria no balanço, empurrada pelo pai, Gabriel. Jane, porém, encontrava-se alheia àquilo tudo, sentada no sofá da mãe, lendo meia dúzia de livros, emprestados da biblioteca, espalhados na mesa de centro diante dela. Eram obras sobre primatas asiáticos e os langures cinza. E sobre o Rei dos Macacos. Descobriu que as aventuras de Sun Wukong apareciam não apenas em livros, mas também em filmes, óperas, números de danças e até em programas de televisão chineses para crianças.

Numa coletânea de contos folclóricos, Jane encontrou uma introdução à lenda. Embora as histórias tivessem sido escritas no século XVI, por um autor chamado Wu Cheng'en, eram mais antigas e pareciam datar de uma época de fantasmas e magia, uma era em que deuses e monstros combatiam no céu e na terra.

E uma das rochas daquela terra, uma rocha da época da criação que conhecia o doce perfume do vento, o brilho do luar e o favor dos deuses, expeliu um ovo de pedra. Esse ovo tornou-se um macaco que podia correr, saltar e escalar, um macaco com olhos que lançavam feixes de luz tão brilhantes que até o Imperador de Jade, no céu, se espantava.

O macaco de pedra, sem pai nem mãe, logo se tornou rei de todos os macacos. Eles viviam em perfeita harmonia, até que um dia o Rei dos Macacos compreendeu que a Morte aguardava a todos. Assim, decidiu aprender o segredo da imortalidade, uma jornada que o levou ao céu e à tentação, a danos e à prisão. Enquanto marchava para a própria execução, para ser queimado num crisol com chamas alquímicas, o Rei dos Macacos se libertou, e sua batalha para sobreviver virou o céu de cabeça para baixo, até os deuses serem forçados a aprisioná-lo na Montanha dos Cinco Elementos.

Ali ele espera em escuridão total ao longo dos séculos, até o dia em seja necessário. O dia em que o mal estiver no mundo, e o Rei dos Macacos terá de ressurgir para conduzir a luta.

Jane virou a página e deu com uma imagem de Sun Wukong, segurando um longo bastão de combate. Embora fosse apenas uma ilustração, aquela visão do Rei dos Macacos fez com que os pelos de seu braço se arrepiassem. Viu dentes aguçados saindo de uma boca negra, uma coroa de cabelos prateados, e não conseguia afastar os olhos da ilustração.

Lembrou-se de uma tarde no zoológico quando tinha 6 anos, e o pai a erguera para que visse os macacos-aranha. Eles a olharam uma vez e um caos terrível irrompeu na jaula, com os animais gritando e pulando nos galhos, como se tivessem acabado de ver o rosto do próprio Satã. Um funcionário do zoológico veio correndo e ordenou a todos: *Afastem-se, afastem-se! Não sei o que os está assustando!* No entanto, enquanto o pai a levava para longe daquela gaiola de macacos histéricos, Jane sabia que havia sido ela quem os amedrontara. Era com ela que estavam aterrorizados. O que teriam visto além da garota de 6 anos com cachos escuros?, perguntava-se. Ou havia algo mais que teriam detectado na ocasião? Algo sobre quem e o que ela se tornaria um dia?

— E como está indo com os livros sobre macacos?

A voz de Korsak a fez erguer a cabeça. Ele estava usando sua melhor roupa de domingo, ou, pelo menos, a melhor que era capaz de combinar

para ir jantar na casa de Angela Rizzoli. Felizmente, não havia manchas de ketchup na camisa polo branca e na calça Dockers cáqui. Após um ataque cardíaco anos antes, perdera 15 quilos numa dieta saudável para o coração, mas o peso estava começando a retornar, e, apesar de um buraco recém-feito no cinto, a barriga não parava de crescer.

— É para um caso — disse Jane, fechando o livro que estivera lendo, aliviada por livrar-se da imagem de Sun Wukong.

— É. Já estou sabendo de tudo. Mais um caso estranho para você. Começou com aquela mulher morta no telhado, não foi? Me dá vontade de voltar para a frente de batalha.

Jane olhou para ele e pensou: *Essa barriga chegaria na frente mesmo...*

Korsak afundou numa poltrona: a mesma em que o pai de Jane costumava sentar-se. Era estranho vê-lo recostado no antigo ninho de Frank Rizzoli, mas o pai dela perdera todos os direitos àquela cadeira no dia em que abandonara Angela e fora viver com a Vagabunda. Era como todos a chamavam agora, embora soubessem muito bem seu nome. Sandie Huffington, Sandie-com-e. Jane tinha conhecimento de tudo sobre ela, inclusive quantas multas de trânsito recebera nos últimos dez anos. Três. Por causa da Vagabunda, Vince Korsak estava sentado naquela poltrona, gordo e feliz, graças às habilidades culinárias de Angela.

Jane preferia não pensar sobre todas as outras formas que Angela tinha de fazê-lo feliz.

— Chinatown — resmungou Korsak. — Lugar estranho. A comida é boa.

Era óbvio que ele mencionaria comida.

— O que você lembra sobre a tragédia do Red Phoenix? — perguntou ela. — Deve ter ouvido os comentários na época.

— Foi um choque para todos. Por que um cara com uma garota bonita atiraria em quatro pessoas e depois estouraria os miolos? Nunca fez sentido para mim — falou ele, balançando a cabeça. — E com uma menina tão linda também. Uma verdadeira filhinha do papai.

Aquilo a surpreendeu.

— Você conhecia a família do cozinheiro?

— Na verdade, não. Mas eu costumava comer muito lá. Esses chineses não conhecem folga, então o lugar estava sempre aberto, a qualquer hora.

Dava para sair tarde do turno da noite e ainda pegar um jantar lá. Uma vez eu estava no Red Phoenix às dez da noite de um domingo, e a garotinha trouxe meu biscoito da sorte. Talvez soe como escravidão infantil. Mas ela parecia feliz por estar passando um tempo com o pai.

— Tem certeza de que era a filha do cozinheiro? Ela devia ser muito pequena.

— E era muito pequena. Uns 5 anos talvez? Era uma coisinha fofa — acrescentou ele, dando um suspiro de tristeza. — Não dá para acreditar que um pai pudesse fazer aquilo, deixando mulher e filha. Isso sem falar nas outras famílias que destruiu. Algumas semanas depois, a filha de uma das vítimas foi raptada.

— Charlotte Dion.

— Era esse o nome? Só lembro que parecia uma tragédia grega. Desgraça depois de desgraça.

— E sabe o que é mais estranho? — disse Jane. — Dois anos antes, a filha de outra das vítimas também foi raptada. A filha do garçom. Desapareceu no caminho da escola para casa.

— Não brinca? Não sabia dessa. — Korsak ficou pensando naquilo por um instante. — Que loucura. Faz a gente pensar se não foi mais que coincidência.

— Uma das últimas coisas que o detetive Ingersoll me disse por telefone foi algo sobre garotas. *É sobre o que aconteceu com aquelas garotas.* Foram essas suas palavras.

— Aquelas duas? Ou outras garotas?

— Não sei.

Ele balançou a cabeça.

— Todos esses anos, e aqui estamos nós ainda falando delas. É estranho pensar que provavelmente agora não passam de esqueletos. — Ele hesitou. — Mas não quero ficar pensando nestas coisas hoje à noite. Vamos servir um pouco de vinho.

— Pensei que você fosse um homem de cerveja.

— Sua mãe me converteu. E o vinho é melhor para o coração, você sabe — falou ele, levantando-se da poltrona. — Hora de falar de coisas alegres, OK?

Não sobre gente morta, pensou Jane. Nada de tiroteios com vítimas fatais e garotas raptadas. Quando, no entanto, Gabriel entrou na casa, segurando a pequena mão de Regina, Jane não conseguiu deixar de pensar em Charlotte Dion e Laura Fang. Ela foi ajudar a mãe a trazer os pratos para a mesa, uma sucessão de iguarias cada vez mais impressionantes. Batatas assadas crocantes. Vagens regadas no azeite de oliva. E, por fim, duas suntuosas galinhas assadas, cheirando a alecrim. Contudo, mesmo já sentados para comer, enquanto amarrava o babador em torno do pescoço de Regina e cortava-lhe a carne em pequenos pedaços, Jane estava pensando em garotas desaparecidas e pais arrasados. Como uma mãe poderia seguir adiante com sua vida? Perguntou-se se Iris Fang já teria pensado em pôr fim à própria infelicidade. Jogar-se de um telhado, tomar um punhado de comprimidos para dormir. Muito mais fácil que viver com aquela dor, diariamente, sentindo a falta de entes queridos que jamais veria de novo.

— Não gostou da comida, Janie? — perguntou Angela.

Jane olhou para a mãe, que tinha o dom sobrenatural de saber exatamente o que havia de errado com cada conviva sentado à sua mesa.

— Está ótima, mãe. Você se superou esta noite.

— Então por que não está comendo?

— Estou.

— Você comeu um pedaço de galinha e depois começou a remexer a comida no prato. Espero que não esteja de dieta, porque não precisa perder peso, querida.

— Não estou de dieta.

— Todas essas garotas, estão sempre de dieta. Passando fome à base de salada, e para quê?

— Não estão fazendo isso por causa dos homens — balbuciou Korsak, com a boca cheia de batata. — Os caras gostam de mulheres que tenham um pouco de carne. — E piscou para Angela. — Veja a sua mãe. Tem o corpo que uma mulher deve ter.

Jane não podia ver o que estava acontecendo por debaixo da mesa, mas a mãe de repente deu um pulo na cadeira, rindo.

— Vincent! Comporte-se.

Por favor, comporte-se. Porque não aguento mais assistir a isto.

— Acho que esta é uma boa hora de mencionar você sabe o quê — disse Korsak, cortando seu pedaço de galinha.

Nunca quatro palavras pareceram tão ameaçadoras. Jane levantou o queixo e olhou para a mãe.

— O que é “você sabe o quê”?

— Uma coisa que a gente vem conversando já há um tempo — disse Angela. — Vince e eu.

Jane olhou para o marido, mas como sempre Gabriel estava com sua cara de agente do FBI, sem nenhuma expressão, mesmo já tendo provavelmente adivinhado para onde a conversa ia.

— Bem, vocês sabem que Vince e eu já estamos juntos há um bom tempo — começou Angela.

— Há um bom tempo? Mas só faz o quê? Um ano e meio?

— Isso é mais do que tempo para se conhecer uma pessoa, Janie. Para ver que tem bom coração — disse Angela, sorrindo para Korsak, e os dois se inclinaram para trocar um beijo estalado na boca.

— Você namorou papai durante três anos — observou Jane. — E olha no que deu.

— Eu tinha 15 anos quando conheci seu pai. Ele foi meu segundo namorado.

— Com 15 anos você já tinha tido namorado?

— A questão é que eu era só uma garota e não sabia o que o mundo tinha a oferecer. Casei muito jovem, tive filhos muito jovem. Agora sei o que quero.

Jane olhou para Korsak e pensou: Você não pode estar se referindo a *ele*.

— É por isso que queríamos que viessem jantar aqui hoje, meu amor. Você e Gabriel vão ser os primeiros a saber. Ainda não contei a Frankie e Mike porque, bem, você sabe como eles são. Ainda apegados ao seu pai e coisa e tal, apesar do fato de ele estar dormindo com a Vagabunda — disse Angela, respirando fundo para se acalmar. A simples menção à mulher fazia sua voz subir uma oitava. — Seus irmãos não vão entender. Mas você é minha filha e sabe o que nós mulheres temos que suportar neste mundo. Sabe como as coisas são injustas.

— Mamãe, não há necessidade de se precipitar.

— Mas não estamos nos precipitando. Vamos ter um longo e belo noivado e queremos fazer as coisas à moda antiga. Encomendar convites de verdade a um tipógrafo. Alugar um salão de festas grande e um serviço de bufê. E podemos sair juntas para comprar as roupas, Janie! Ia ser ótimo, só você e eu! Estou pensando num tom de pêssego ou lavanda, já que eu não... bem, você sabe.

Jane olhou para Korsak a fim de ver como ele estava reagindo àquela lista de compras femininas, mas ele apenas sorria como um marinheiro feliz.

— Dessa vez, vou com calma e aproveitarei cada minuto do meu casamento — afirmou Angela. — E isso vai dar a seus irmãos uma chance de se acostumarem com a ideia.

— E quanto ao papai?

— O que tem ele?

— Como vai se acostumar?

— Isso é problema dele — retrucou Angela, seu olhar sombrio. — É melhor ele não tentar chegar ao altar primeiro. Ah, eu o vejo fazendo isso. Se casando rápido com a Vagabunda só para me incomodar. — Ela olhou para Korsak. — Pensando bem, talvez seja melhor anteciparmos nossa data.

— Não! Mamãe, espere, esqueça que mencionei o papai.

— Queria poder esquecê-lo, mas ele sempre vai estar aí, como um espinho no pé. Que não dá para arrancar e nem para fingir que não está lá. Sempre me provocando. Espero que você nunca precise saber o que é isso, Janie. — Ela hesitou e olhou para Gabriel. — Claro que não vai. Você tem esse homem maravilhoso.

Um homem maravilhoso que ainda se incomoda por eu ser policial.

Gabriel mantinha-se sabiamente fora da conversa, concentrado em colocar pequenos pedaços de batata na boca de Regina.

— Agora vocês já sabem da novidade — disse Korsak, erguendo um copo de vinho. — Um brinde à família!

— Venha, Jane! Gabriel! — conclamou Angela. — Vamos todos brindar! Estoicamente, Jane ergueu o copo e murmurou:

— À família.

— Pense só — falou Korsak, rindo enquanto lhe dava um soco de felicidade no braço. — Agora você pode me chamar de papai.

— Você sabia que isso ia acontecer — dizia Gabriel, enquanto voltavam para casa, com Regina adormecida no banco traseiro do carro. — Eles eram duas pessoas solitárias, e veja como parecem felizes agora. Se completam perfeitamente.

— É. Ela cozinha. Ele come.

— Podiam fazer coisas muito piores.

— Os dois ainda estão se recuperando. É cedo demais para se casarem.

— A vida é curta, Jane. Você devia saber disso melhor que muita gente. Pode acabar num segundo. Basta uma estrada congelada, um motorista bêbado.

Ou uma bala num beco escuro. Sim, ela sabia, porque vira muitas vezes vidas serem abreviadas. Vira como cada morte provoca repercussões entre os vivos. Recordou-se do rosto devastado da mãe de Joey Gilmore e do sofrimento nos olhos de Patrick Dion enquanto falava da filha, Charlotte. Mesmo 19 anos depois, essas repercussões ainda afetavam os sobreviventes.

— Tenho medo de dar essa notícia para os meus irmãos — disse ela.

— Acha que eles não vão aceitar bem?

— Frankie vai ter um ataque. Ele odeia a ideia de mamãe com outro homem, você sabe...

— Dormindo junto?

Jane estremeceu.

— Eu admito, é isso que me dá arrepios. Gosto do Korsak. É um cara decente e vai tratá-la bem. Mas, não sei, é minha mãe.

Gabriel riu.

— E sua mãe ainda faz sexo. Aceite isso. Ligue para o Frankie e acabe logo com essa história.

Quando chegou em casa, todavia, Jane adiou a missão e nem chegou perto do telefone. Em vez disso, pôs uma chaleira no fogo e sentou-se à mesa da cozinha, a fim de dar outra olhada nos livros da biblioteca. A ilustração do Rei dos Macacos parecia olhar para ela, as patas brandindo o bastão, uma imagem tão ameaçadora que apenas com relutância ela tocou no livro para virar a página.

Capítulo Nove. A história de Chen O.

A grande cidade de Chàng-an havia muito era a capital de toda a China. Naquela época, Tai Tsing, da dinastia Tang, estava no trono. A terra vivia em paz.

Era um começo irresistivelmente agradável para uma história sobre um jovem virtuoso e erudito chamado Chen O. Após desposar uma beldade, foi nomeado governador de uma região distante. Na companhia da esposa grávida e dos criados, partiu pelos campos verdejantes e cheios de flores para o novo posto. Quando chegaram, entretanto, a uma travessia de rio, a fábula encantadora transformou-se de repente numa história sangrenta de matança em que bandidos armados os atacaram. Não era afinal uma narrativa graciosa, mas um enredo cheio de gritos e terror, de corpos massacrados e atirados no rio caudaloso. Apenas uma pessoa não foi abatida naquela noite: a esposa grávida, raptada por sua beleza, aprisionada pelos assassinos enquanto esperava o nascimento do filho condenado.

O assobio da chaleira arrancou Jane da história. Ela levantou a cabeça e viu Gabriel desligar o gás e colocar a água quente no bule. Não o ouvira sequer entrando na cozinha.

— Leitura fascinante? — perguntou ele.

— Meu Deus, o livro é assustador — replicou Jane, estremecendo. — Eu não leria por nada essas histórias para a minha filha. Veja esta: “A história de Chen O.” É sobre um massacre numa travessia de rio, e a única sobrevivente é uma mulher grávida, que é capturada pelos assassinos.

Ele trouxe o bule para a mesa e sentou-se em frente a ela. Durante toda a noite, estivera calado, e ela notou que a história o fez franzir a testa. Uma leve carranca que só agora ela observava, à claridade da cozinha.

— Sei que não posso mudar sua opinião quanto ao caso — falou Gabriel. — Só quero manifestar outra vez minha preocupação.

Ela suspirou.

— Preocupação registrada — disse.

— Jane, não consigo tirar isso da cabeça. Sua cara quando voltou para casa naquela noite. Arrasada. Sangue na roupa toda. Não via você tão abalada desde...

Ele não disse o nome, mas os dois sabiam que ele estava pensando no monstro que inadvertidamente os aproximara. O homem que tinha feito as

cicatrizes nas mãos dela, cujas pegadas sangrentas ainda percorriam os pesadelos da detetive.

— Você se lembra do que faço para ganhar a vida? — falou ela.

Gabriel fez que sim com a cabeça.

— E eu sabia que haveria épocas assim. Só não imaginei que seria tão difícil conviver com isso.

— Você se arrepende? — perguntou Jane, em voz baixa.

— De me casar com uma policial?

— De se casar comigo.

— Deixe eu ver — falou ele, coçando o queixo e soltando um *hummm* exagerado. — Preciso pensar.

— *Gabriel.*

Ele se virou quando o telefone tocou.

— Por que você está fazendo essa pergunta? — disse ele, atravessando a cozinha para atender. — Não me arrependo de nada. Só estou dizendo que não gosto do que está acontecendo e daquilo com que você está tendo de lidar.

— Também não gosto muito — retrucou ela, olhando outra vez para o livro e a história de Chen O.

Como o Red Phoenix, era uma história de massacre. E de uma mulher raptada, pensou, lembrando-se de Charlotte Dion.

— É para você, Jane — chamou Gabriel, de pé, com o telefone na mão e um olhar de preocupação no rosto. — Ele não quer dizer o nome.

Ela atendeu. Sentiu o marido observando-a enquanto dizia:

— Detetive Rizzoli.

— Sei que você anda fazendo perguntas sobre mim, então vamos ao que interessa. Vamos conversar nós dois, cara a cara. Amanhã às quatro, na minha casa. Só você e mais ninguém. Pode dizer ao seu marido que ele não tem nada com que se preocupar.

— Quem está falando? — perguntou ela.

— Kevin Donohue.

Ela olhou apreensiva para Gabriel, mal conseguindo manter a voz firme quando disse:

— Do que se trata, Sr. Donohue?

— Do Red Phoenix. Sua investigação está saindo demais dos trilhos. Acho que é hora de pôr as coisas em pratos limpos.

Embora Frost e Tam estivessem observando-a de dentro de seus carros estacionados, Jane sentia-se perigosamente só e exposta quando tocou a campainha, junto ao portão da frente de Kevin Donohue. Um momento depois, dois homens troncados caminharam em sua direção, ambos revelando o volume protuberante de armas sob seus casacos. Não lhe fizeram nenhuma pergunta, apenas abriram-lhe o portão e trancaram-no outra vez. Ao passar sob um arco, viu uma câmera de segurança presa a ele. Cada movimento seu estava sendo monitorado.

Seguindo os homens até a entrada, observou a ausência de árvores e arbustos. Havia somente um gramado amplo e um acesso para carros, guarnecido por postes feios, onde mais câmeras de segurança encontravam-se instaladas. Ali estava a evidência clara de que ser um príncipe da máfia irlandesa tinha suas desvantagens. Era necessário estar sempre olhando por sobre o ombro porque, em algum lugar, havia uma bala com endereço certo.

Mesmo sendo tão rico, Donohue tinha um gosto infaustamente prosaico, o que se tornou aparente assim que Jane entrou na casa e viu os quadros, em tons pastel, pendurados nas paredes. Assemelhavam-se àquelas paisagens produzidas em série, à venda em qualquer shopping center local. Sua escolta conduziu-a até a sala de estar, onde um homem enorme, inflado como um sapo, estava sentado em uma poltrona descomunal. Aparentava ter 60 e poucos anos, era bem-barbeado e apresentava sinais de calvície e olhos azuis brilhantes sob as pálpebras pesadas. Ela não precisou ser

apresentada: já sabia que aquele Jabba o Hutt era Kevin Donohue, famoso pelo enorme apetite e o igualmente enorme mau humor.

— Dê uma vasculhada nela, Sean — disse alguém.

Jane não notara que havia outro homem na sala, um sujeito magro e de aparência nervosa, vestindo um terno.

Um dos membros da escolta foi até ela, segurando um scanner de radiofrequência, e ela protestou:

— Ei, o que está acontecendo?

— Sou o advogado do Sr. Donohue — apresentou-se o homem magro.
— Antes de ele conversar com você, precisamos ter certeza de que não trouxe nenhum microfone. E tem que nos entregar seu celular.

— Isto não estava no acordo.

— Detetive Rizzoli — rosnou Donohue. — Estou lhe concedendo o privilégio de ficar com a arma, em retribuição pela vinda voluntária até aqui. Mas não quero nenhuma gravação desta conversa. Se está preocupada com a própria segurança, tenho certeza de que seus parceiros estacionados lá fora vão vir correndo resgatá-la ao primeiro sinal de perigo.

Por um instante, Jane e Donohue trocaram olhares. Então ela entregou o celular ao advogado e ficou imóvel, enquanto o guarda-costas a escaneava em busca de sinais de rádio. Só depois de Sean anunciar que a visitante estava limpa foi que Donohue indicou o sofá, convidando-a a sentar-se. Ela escolheu, no entanto, uma poltrona, de forma que seus olhos ficassem no mesmo nível dos dele.

— A sua reputação a precede — disse Donohue.

— A sua também.

Ele riu.

— Vejo que os rumores são verdade.

— Rumores?

Ele cruzou as mãos sobre a enorme barriga.

— Detetive Jane Rizzoli. Língua ferina. Buldogue perigosa.

— Vou tomar isso como elogio.

— É por isso que digo a você que vá cavar seus ossos em outro lugar. Está perdendo tempo comigo.

— Estou?

— Tem feito um monte de perguntas sobre mim. Assim como seu marido. É, sei tudo sobre ele, senhor agente especial Gabriel Dean. Isso é

que é um casal de agentes da lei! Ouça, não estou nem um pouco preocupado que você possa encontrar algo útil contra mim. Mas, com todas essas perguntas sendo feitas por aí, me faz parecer vulnerável diante dos meus adversários. Como se eu estivesse para cair. E se pareço enfraquecido, acabo atraindo os abutres — falou ele, inclinando-se para a frente, a barriga resvalando por sobre o cinto. — Você não vai encontrar nada, OK? *Nada* que me ligue ao Red Phoenix.

— E a Joey Gilmore?

Ele suspirou.

— Você andou conversando com aquela bruxa velha da mãe dele.

— Ela diz que você e Joey tiveram um desentendimento 19 anos atrás.

— Nada importante. Nada que fosse digno de uma bala.

— Nem tão desimportante assim, já que está trazendo gente de fora para limpar a barra agora.

— O quê?

Jane olhou para os dois guarda-costas de Donohue.

— Vou enfiar a mão no bolso para pegar umas fotos, OK? Não fiquem nervosos, garotos — falou ela, puxando duas fotos tiradas no necrotério e empurrando-as sobre a mesa de centro na direção de Donohue. — O pessoal que você contratou não consegue manter a cabeça no lugar.

Donohue examinou as imagens. De todas as fotos tiradas no necrotério que Jane poderia ter trazido, ela escolhera as duas mais grotescas. A vítima do telhado com a garganta aberta e a cabeça decepada do perseguidor do beco ao lado do tronco, sobre a mesa de necropsia. As imagens produziram o efeito desejado: o rosto de Donohue tornou-se tão pálido quanto o dos cadáveres.

— Por que está me mostrando isto, porra? — perguntou.

— Por que você contratou estes dois assassinos?

O advogado os interrompeu:

— Esta conversa chegou ao fim. Sean, Colin, levem a detetive Rizzoli até a saída.

— Cale a boca — disse Donohue.

— Sr. Donohue, não é do seu interesse continuar...

— Vou responder à pergunta dela, OK? — retrucou ele, olhando para Jane. — Não os contratei. Não sequer sei quem é esta mulher.

Donohue olhou para a foto da vítima do telhado com novo interesse e murmurou:

— Bela garota. Que desperdício.

— E o homem, você o reconhece?

— Talvez. Parece familiar. O que você acha, Sean?

O advogado olhou a foto. Falou, então:

— Acho que já o vi por aí. Não sei o nome, mas fica nessa área. Veio da Ucrânia ou da Rússia.

Donohue balançou a cabeça.

— Uma pena, esses garotos. Completamente desprovidos de valores morais. Vou dizer uma coisa, este cara nunca trabalhou para mim. — Ele olhou para Jane. — E acho que agora não vai nunca mais.

— Por que será que não acredito em você?

— Porque já decidi que sou culpado. Mesmo que eu jure sobre a Bíblia da minha mãe que não contratei estes dois — respondeu ele, já recuperado do choque inicial de ver as fotos, a cor e a pose lhe voltando. — Então talvez queira considerar a hipótese de sair do caminho.

— Está me ameaçando, Sr. Donohue?

— Você é uma garota esperta. O que acha?

— Acho que está assustado. Sabe que está encurralado.

— Por você? — Ele riu. — Você é a coisa que *menos* me preocupa.

— Me chamou de buldogue, lembra? Bem, vou continuar a cavar no seu quintal porque é lá que vou encontrar os ossos de Joey Gilmore.

— Escute aqui. O cozinheiro matou aquelas pessoas e depois meteu uma bala na própria cabeça. Todo mundo sabe que foi suicídio, mas aquela bruxa velha da mãe do Joey não consegue aceitar. Por isso me mandou aquela porra de carta.

Jane ficou imóvel.

— Você recebeu uma? — perguntou ela.

— Há algumas semanas. Uma cópia do obituário de Joey com uma mensagem imbecil que ela escreveu atrás. *Sei o que aconteceu de verdade*. Que diabos isso quer dizer?

— Se a Sra. Gilmore é a razão pela qual está investigando o Sr. Donohue — disse o advogado —, não perca seu tempo.

— Como sabe que é Mary Gilmore quem está mandando essas correspondências? — perguntou Jane. — Ela assinou a sua? Constava o endereço do remetente?

O advogado franziu o cenho quando registrou o que Jane havia dito.

— Correspondências? — perguntou. — No plural? Está dizendo que ela enviou mais de uma?

— Há outras. Enviadas a todos os membros das famílias das vítimas do Red Phoenix. São semelhantes à que o Sr. Donohue recebeu.

O advogado pareceu confuso.

— Isto não faz sentido. Por que a Sra. Gilmore iria perturbar outras pessoas com essas correspondências?

— Talvez não seja ela quem as envie — sugeriu Jane.

O advogado e Donohue entreolharam-se.

— Precisamos repensar isso — disse o advogado. — É óbvio que tem alguma coisa acontecendo. Se não é Mary Gilmore quem está fazendo isso...

Donohue cerrou os punhos roliços.

— Então eu quero saber quem é — completou ele.

Maura despertou logo depois do amanhecer e ficou feliz de ver que o sol brilhava. Ia fazer panquecas e salsichas para o garoto, e depois eles sairiam para passear por Boston. O primeiro ponto de parada era a Freedom Trail e o North End. Em seguida, fariam um piquenique e dariam uma corrida com o cachorro na reserva de Blue Hills. Ela planejava um dia repleto de tantas atividades que haveria pouco tempo para silêncios constrangedores, para todo e qualquer sinal de que eram ainda estranhos um para o outro. Seis meses atrás, nas montanhas de Wyoming, confiara sua vida a Julian “Rato” Perkins. Agora tinha de reconhecer que aquele adolescente grande e desajeitado, de pés enormes, ainda lhe era um mistério. Gostaria de saber se o garoto se sentiria da mesma forma em relação a ela. Será que se preocupava com a possibilidade de que o abandonasse, como todos em sua vida tinham feito?

Maura vestiu jeans e camiseta, trajes apropriados para brincar com o cachorro. Pensou nos sanduíches de frango com abacate que planejava fazer, e ficou imaginando se Rato gostaria. Já teria provado abacate, broto de alfafa e estragão? Sei tão pouco sobre ele, pensou. E, no entanto, já é uma parte da minha vida.

Ela atravessou o corredor e percebeu que a porta do quarto dele estava aberta.

— Rato? — chamou. Enfiou a cabeça no cômodo, mas não o viu.

Na cozinha, encontrou-o sentado diante do laptop que ela havia deixado sobre a mesa na noite anterior. O cachorro estava deitado a seus pés, e as

orelhas de Urso ergueram-se ao ver Maura, como se, por fim, aparecesse alguém que lhe daria um pouco de atenção. Olhando por sobre o ombro do garoto, surpreendeu-se de ver na tela uma imagem de necropsia.

— Não veja isso — disse ela. — Eu devia ter fechado tudo ontem à noite.

Ela fechou a janela, e a foto tirada no necrotério desapareceu. Rapidamente, recolheu todas as pastas do caso Red Phoenix e as pôs sobre o balcão.

— Por que não me ajuda a fazer o café?

— Por que ele fez isso? — perguntou o garoto. — Por que mataria pessoas que nem conhecia?

Maura notou seus olhos perturbados.

— Você leu o relatório da polícia?

— Estava aqui em cima da mesa, e não consegui me conter. Mas não faz sentido para mim. Por que alguém faria isso?

Ela puxou uma cadeira e se sentou em frente a ele.

— Às vezes, Rato, não há como explicar essas coisas. Lamento ter que ficar repetindo isso, mas não tenho a menor ideia de por que as pessoas fazem esse tipo de coisa. Por que afogam seus bebês, estrangulam as esposas ou matam a tiros os colegas de trabalho. Vejo o resultado dos seus atos, mas não sei explicar o que motiva essas pessoas. Só sei que acontece. E que elas são capazes de fazer coisas terríveis.

— Eu sei — murmurou ele, abaixando-se para olhar o cachorro, que descansava a enorme cabeça em seu colo, como se soubesse que era de conforto que o garoto precisava naquele momento. — Então é com isso que você trabalha?

— Sim, é.

— E você gosta?

— Não acho que *gostar* seja a palavra certa.

— Qual é a palavra certa?

— É desafiador. Interessante.

— E não te incomoda ver coisas assim?

— Alguém tem que falar pelos mortos. Sei como fazer isso. Eles me contam, seus corpos me contam, como morreram. Se foi de morte natural ou violenta. Sim, pode ser angustiante. Pode fazer você questionar o que

significa ser humano quando se vê o que as pessoas fazem umas com as outras. Mas esse é o trabalho que sinto que nasci para fazer, ser a voz deles.

— Você acha que eu poderia fazer isso? — perguntou o garoto, olhando para a pilha de pastas. — O seu tipo de trabalho?

— Você quer dizer ser patologista?

— Também quero saber as respostas — disse ele, olhando para Maura. — Quero ser igual a você.

— E isso — falou ela, com um sorriso — é a coisa mais lisonjeira que alguém já me disse.

— Em Evensong, meus professores me dizem que sou bom em reparar coisas que outras pessoas não percebem. Então acho que poderia fazer isso.

— Se você quer ser patologista, tem que tirar notas muito boas na escola.

— Eu sei.

— Tem que ir para a faculdade e, depois, fazer mais quatro anos de escola de medicina. Aí, tem que fazer residência e mais uma pós-graduação em patologia forense. Isso requer muitos anos e muita dedicação, Rato.

— Está tentando me dizer que eu não conseguiria?

— Estou dizendo que você tem que querer de verdade.

Ela olhou dentro dos olhos escuros do garoto e achou que podia vislumbrar o homem que ele um dia se tornaria. Intenso e absolutamente fiel. Um homem que não só falaria pelos mortos, mas que lutaria por eles também.

— Você tem que estudar ciência, porque só ela vai te ajudar a provar sua hipótese no banco das testemunhas. Intuição não basta.

— E se a sua intuição for muito forte?

— Nunca é tão convincente quanto o que uma gota de sangue pode contar.

— Mas a intuição te diz quando alguma coisa não está certa. Como naquela foto.

— Que foto?

— A do chinês que se matou. Vou mostrar — falou ele, levantando-se e trazendo o laptop, com as pastas, de volta para a mesa.

Com alguns cliques no mouse, ele abriu de novo a imagem do corpo de Wu Weimin, caído na cozinha do Red Phoenix.

— A polícia disse que ele deu um tiro na própria cabeça — falou Rato.

— Isso.

— Olha o que está no chão ao lado dele.

Na noite anterior, ela dera apenas uma olhada superficial nas fotos. Já era tarde, tivera um dia longo com o garoto e ficara sonolenta após dois copos de vinho. Concentrou-se com mais atenção agora no cozinheiro morto, e na arma que ainda estava presa à sua mão. Perto de seu ombro, havia um cartucho de bala usado.

Rato apontou para o que ela não tinha percebido, na periferia da foto. Um segundo cartucho.

— O relatório diz que ele tinha uma bala na cabeça — falou o adolescente. — Mas se atirou duas vezes, para onde foi a outra bala?

— Pode ter ido parar em qualquer lugar da cozinha. Naquelas circunstâncias, a polícia provavelmente não viu razão para procurar.

— E por que ele atirou duas vezes?

— Já vi isso antes em suicídios. A vítima precisa tomar coragem para se matar e, às vezes, erra o tiro da primeira vez. Ou a arma falha. Já vi um suicídio em que a vítima disparou mais de duas vezes na cabeça. Outra atirou com a mão não dominante. E teve um homem que... — Maura hesitou, horrorizada por de repente estar tendo aquela conversa com um garoto de 16 anos.

Ele, porém, olhava-a com a mesma calma de um colega profissional.

— Mas é com certeza uma preocupação a ser levada em conta — disse ela. — Está claro que a polícia deve ter considerado isso.

— Mas não os fez mudar de ideia. E ainda dizem que ele matou aquelas quatro pessoas, mesmo sem conseguir explicar por quê.

— Como poderiam? Tão pouca gente conhecia de fato o cozinheiro.

— Assim como ninguém nunca me conheceu — falou ele, em voz baixa.

Agora Maura compreendia o que estava de fato perturbando o garoto. Ele também fora chamado de assassino, julgado por pessoas que mal o conheciam. Quando Rato olhava para Wu Weimin, o que ele via era a si mesmo.

— Tudo bem — admitiu ela. — Vamos supor que o sujeito não tenha se matado. Vamos dizer que foi tudo encenado para parecer um suicídio. O que significa que outra pessoa deve ter matado as outras quatro e depois assassinado o cozinheiro.

Rato fez que sim com a cabeça.

— Pense nisso — prosseguiu Maura. — Imagine que você é o cozinheiro. Que está na cozinha e alguém começa a atirar no salão ao lado. A arma não tinha silenciador, você ia ouvir os tiros.

— E como é que ninguém mais escutou? O relatório diz que havia pessoas nos três apartamentos de cima, mas elas só ouviram um único disparo. Por isso ninguém chamou logo a polícia. Depois, a esposa do cozinheiro desceu e encontrou o corpo do marido.

— Quanto você leu sobre isso?

— Quase tudo.

— Mais que eu — confessou ela, abrindo a pasta e pegando o relatório feito por Staines e Ingersoll.

Quando o detetive Tam lhe entregara o material, Maura não tinha gostado daquele trabalho extra, e o deixara de lado até a noite anterior, quando dera às fotos apenas uma rápida atenção. Agora, leu o relatório policial do começo ao fim, e confirmou o que Rato acabara de lhe dizer. Sete testemunhas diferentes declararam ter ouvido apenas um disparo, apesar de um total de nove cartuchos de bala terem sido encontrados no restaurante Red Phoenix.

Seu sexto sentido começou a latejar. Uma sensação inquietante de que alguma coisa não estava certa, como o garoto havia dito.

Ela abriu o relatório da necropsia de Wu Weimin. Segundo o patologista, o cozinheiro fora encontrado caído de lado, as costas apoiadas contra a porta fechada da despensa. A mão direita — que segurava a arma — havia sido periciada, e o resultado fora positivo para resíduo de pólvora. Alheia ao fato de que Rato a estava observando, Maura clicou nas fotos da necropsia do cozinheiro. A bala fatal tinha sido disparada contra a têmpora direita, e um close mostrava que o tiro fora dado com a arma encostada na cabeça: as bordas do ferimento encontravam-se chamuscadas e escurecidas, num machucado em formato de anel, provocado pela pressão dos gases que saem do cano. Não havia ferimento de saída. Ela clicou na radiografia do crânio e viu fragmentos metálicos espalhados no interior. Um projétil de ponta côncava, pensou, projetado para expandir-se e desintegrar-se, transferindo sua energia cinética diretamente para os tecidos. Dano máximo com penetração mínima.

Maura passou para os outros arquivos.

O segundo relatório de necropsia era o de James Fang, 37 anos, encontrado caído atrás do balcão do caixa. Fora atingido uma vez, na cabeça. A bala entrara acima da sobrancelha esquerda.

O terceiro era o de Joey Gilmore, 25 anos. O corpo caíra em frente ao caixa, filipetas de entrega espalhadas pelo chão, ao redor dele. Havia sido atingido uma vez, na parte de trás da cabeça.

As duas últimas vítimas foram Arthur e Dina Mallory, ambos encontrados perto de uma mesa de canto, onde estavam sentados. Arthur recebera dois tiros, um na parte de trás da cabeça e outro na coluna. A esposa tomara três, as balas penetrando na face, no meio das costas e no crânio. Examinando o resumo do patologista, Maura viu que tinha chegado à mesma conclusão que ela: Dina Mallory estava se movendo quando foi atingida nas primeiras duas vezes, provavelmente tentando fugir de seu atacante. Maura já ia deixar de lado o relatório quando notou uma frase que descrevia a dissecação do estômago e do duodeno.

Baseado no volume de conteúdo gástrico, que parece incluir fragmentos de espaguete com um molho à base de tomate, o período pós-prandial é estimado entre uma a duas horas.

Maura abriu o relatório da necropsia de Arthur Mallory e buscou o exame de seu estômago. Como era habitual nas necropsias, o órgão fora aberto e tivera seu conteúdo recolhido.

O conteúdo gástrico parece incluir queijo e carne, com fragmentos parcialmente digeridos de alface. O intervalo pós-prandial foi estimado entre uma a duas horas.

Aquilo não fazia sentido. Por que estariam os Mallory, com a barriga cheia do que parecia ser comida italiana, sentados num restaurante chinês?

A descrição do conteúdo gástrico, de alface e molho de tomate macerados, havia acabado com seu apetite.

— Este não é o modo de se começar um café da manhã — disse ela, fechando a pasta. — Está um dia lindo e vou fazer panquecas, que tal? Não quero mais pensar nisso.

— E a bala que falta? — perguntou Rato.

— Mesmo que pudéssemos encontrá-la agora, ela não modificaria as conclusões. Os corpos já foram enterrados ou cremados há muito tempo, e a cena do crime foi limpa. Para se reabrir um caso, é necessário ter novas provas forenses. Depois de tantos anos, não existe mais nada.

— Mas tem alguma coisa errada nisso tudo. Você também acha, não?

— OK — suspirou ela. — Vamos supor que o cozinheiro não se matou. Que alguém mais, uma pessoa desconhecida, entrou e começou a atirar. Por que o cozinheiro simplesmente não correu?

— Talvez não tivesse como sair.

— Tem uma saída na cozinha. O relatório diz que dá para um beco.

— A porta poderia estar trancada por fora.

Ela abriu as fotos da cena do crime no laptop. Eram imagens completamente impróprias para um garoto, mas ele levantara questões interessantes, e nada do que havia visto ou ouvido até então parecia tê-lo abalado.

— Aqui — disse ela, apontando para a saída da cozinha. — Parece que está encostada. Então não há motivo para ele não ter fugido. Se ouviu ruído de disparos no salão de jantar, qualquer pessoa de bom senso teria saído correndo por aquela porta dos fundos.

— E esta porta? — perguntou ele, apontando para a da despensa, bloqueada pelo corpo do cozinheiro. — Talvez ele estivesse indo se esconder lá embaixo.

— A despensa não tem saída. Não faz sentido ir nessa direção. Olhe para todas as evidências, Rato. Ele é encontrado com a arma na mão. Há resíduos de pólvora nela, o que significa que estava em contato com a arma quando foi disparada. — Maura hesitou, pensando de repente sobre o cartucho extra de munição.

A arma havia sido disparada duas vezes na cozinha, mas apenas um tiro fora ouvido. E a Glock tinha adaptador no cano, onde se poderia encaixar um silenciador. Ela tentou imaginar uma sequência alternada dos acontecimentos. Um assassino desconhecido executa Wu Weimin. Retira o silenciador e coloca a arma na mão do morto. Dispara uma última vez a fim

de plantar resíduo de pólvora na pele da vítima. Isso explicaria por que apenas um disparo fora ouvido e por que tinham dois cartuchos de bala na cozinha. Havia, contudo, um detalhe que não se conseguia explicar nesse cenário: por que Wu Weimin, tendo a chance de fugir pela porta de trás, preferira permanecer na cozinha.

Ela se concentrou na porta da despensa. No corpo do cozinheiro, caído em frente a ela. Bloqueando-a. De repente, pensou: talvez ele não pudesse fugir.

Porque teria uma boa razão para ficar.

— Luminol vai fazer este lugar brilhar feito árvore de Natal — disse Jane. — Segundo o corretor, tudo o que se fez depois do acontecido foi lavar as paredes e limpar o chão. O linóleo nunca foi substituído. Então não sei o que esse exercício vai provar.

— Só vamos saber depois de olhar, não é? — replicou Maura.

Elas estavam do lado de fora do antigo restaurante Red Phoenix, aguardando o pessoal da perícia chegar. Era necessário escuridão total para examinar de forma adequada o interior, e o entardecer estava então se transformando em noite, trazendo consigo um frio úmido, que fez Maura desejar ter trazido mais que uma capa de chuva. Na esquina da Knapp, um poste iluminava a rua, mas o trecho onde estavam encontrava-se mergulhado em sombras, e o prédio, com suas janelas gradeadas e porta com cadeado, assemelhava-se a uma prisão, impedindo a saída de seus fantasmas.

Jane deu uma olhada pela janela do restaurante e estremeceu visivelmente.

— Já estivemos lá dentro — falou a detetive. — É um lugar pavoroso e deve estar cheio de baratas. Só tem paredes nuas e aposentos vazios. Não sobrou nada para se ver.

— O sangue ainda vai estar lá — contrapôs Maura. — Água e sabão só limpam as evidências visíveis: o fantasma químico do sangue permanece nos pisos e nas paredes. O luminol consegue revelar manchas e marcas antigas, que podem ter sido negligenciadas durante a investigação original.

O brilho de um farol a fez virar-se quando um veículo dobrou a esquina e parou. Frost e Tam saltaram dele.

— Vocês estão com a chave? — perguntou Jane.

Frost tirou-a do bolso.

— Tive que empenhar nossas vidas para que o Sr. Kwan a entregasse.

— Qual é o problema? Não tem nada para ser roubado lá.

— Ele falou que se nós danificássemos qualquer coisa, o valor de revenda seria prejudicado.

Jane bufou e replicou:

— Posso melhorar o valor de revenda com um pedaço de dinamite.

Frost destrancou a porta e tateou em busca do interruptor. Nada aconteceu.

— A lâmpada deve ter finalmente queimado — comentou ele.

Na escuridão além da soleira, algo se moveu, assustado com a invasão súbita. Maura ligou a lanterna e viu meia dúzia de baratas fugirem do feixe de luz, desaparecendo sob o balcão da caixa registradora.

— Argh — exclamou Frost. — Aposto que tem mais de mil passeando ali embaixo.

— Muito obrigada — resmungou Jane. — Agora essa imagem nunca mais vai sair da minha cabeça.

As quatro lanternas moveram-se para cima e para baixo, cruzando a escuridão. Como Jane descrevera, o salão era apenas parede e piso nus, mas, quando Maura olhava para ele agora, a imagem era substituída pela das fotos. Viu Joey Gilmore caído perto do balcão. Atrás deste, James Fang estava encolhido. Ela foi até o canto onde os Mallory morreram e imaginou os corpos como caíram. Arthur, de cara na mesa. Dina, esticada no chão.

— Olá! — disse uma voz vinda do beco. — Detetive Rizzoli?

— Estamos aqui dentro — respondeu Jane.

Um novo par de feixes de luz juntou-se aos deles quando dois homens da perícia entraram.

— Está suficientemente escuro — observou um deles. — E não tem mobília para empurrar, isso vai facilitar as coisas. — Agachou-se e examinou o chão. — É o mesmo linóleo?

— Foi o que nos disseram — respondeu Tam.

— Parece ser. Linóleo marcado, cheio de buracos e rachaduras. Deve se iluminar muito bem. — O homem gemeu enquanto se levantava, a barriga

parecendo estar no oitavo mês de gestação.

O colega, muito mais magro e alto, perguntou:

— O que vocês estão esperando encontrar aqui?

— Não temos certeza — disse Jane.

— Deve haver alguma razão para vocês estarem aqui outra vez 19 anos depois.

No silêncio, Maura sentiu o rosto enrubescer e se perguntou se a responsabilidade de tudo aquilo iria recair sobre seus ombros. Mas então Jane falou:

— Temos razão para crer que não foi um assassinato seguido de suicídio.

— Então estamos procurando por passos sem explicação? Evidências de um intruso ou algo assim?

— Seria um começo.

Seu colega mais robusto suspirou.

— OK, vão receber o pacote completo. É isso o que querem? Pois é isso que vão ter.

— Ajudo vocês a descarregar a van — ofereceu-se Tam.

Os homens trouxeram equipamento de iluminação e de gravação, fios elétricos e reagentes químicos. Embora todas as lâmpadas do restaurante tivessem queimado, as tomadas ainda funcionavam, e, quando eles ligaram uma extensão para iluminar o salão de jantar, o brilho das lâmpadas ficou ofuscante como a luz do sol. Enquanto um dos peritos fazia um vídeo do recinto, o colega tirava produtos químicos de um isopor. Só então, com a claridade, Maura reconheceu os dois homens da cena do crime no telhado.

Vagarosamente, o operador de vídeo fez uma panorâmica com a câmera e parou.

— OK, Ed? — disse o sujeito. — Está pronto para começar?

— Assim que todos estiverem equipados — respondeu Ed. — As máscaras estão naquela caixa ali em cima. Devem dar para todos.

Tam entregou a Maura um par de óculos de proteção e uma máscara respiratória, que ela colocou sobre o rosto para se proteger dos vapores do luminol. Só depois de todos terem posto as máscaras foi que Ed — pelo menos agora ela sabia o nome daquele homem alto — começou a misturar os reagentes químicos. Ele balançou a solução num recipiente, depois a passou para um frasco com borrifador.

— Alguém pode ficar encarregado das luzes?

— Eu fico — ofereceu-se Frost.

— Vai ficar muito escuro aqui dentro. Melhor se posicionar perto da luz ou não vai encontrar o interruptor — aconselhou-o Ed, olhando em torno da sala. — Por onde vocês querem começar?

— Por esta seção — respondeu Jane, apontando para a área perto da caixa registradora.

Ed colocou-se em posição e depois dirigiu-se a Frost:

— Luzes.

O salão ficou negro, e a escuridão parecia ampliar o som do ar sendo inalado e exalado dentro da máscara respiratória de Maura. Ela mal ouvia o barulho do borrifador enquanto Ed soltava uma nuvem de luminol. Um padrão geométrico azul e verde brilhou no chão quando a substância reagiu com os antigos vestígios de hemoglobina. Onde quer que o sangue tenha pingado, jorrado ou escorrido, ele deixa atrás marcas de sua presença. Dezenove anos antes, ele havia penetrado naquele linóleo, alojando-se com tanta obstinação em rachaduras e frestas que não podia ser erradicado, nem mesmo com a limpeza mais completa.

— Luz.

Frost acionou o interruptor, e todos ficaram piscando com a claridade. O brilho verde e azul desaparecera: em seu lugar, estava o mesmo pedaço de chão que tinham visto antes.

Tam tirou os olhos do laptop, no qual havia carregado as fotos da cena do crime do Red Phoenix.

— Corresponde ao que vejo aqui — disse. — Nenhuma surpresa. Exatamente onde o corpo de Joey Gilmore foi encontrado.

Eles moveram a câmera e o tripé até o canto atrás do balcão, e todos ocuparam suas posições. As luzes apagaram-se outra vez; ouviram o barulho do luminol sendo borrifado enquanto outras partes do chão começavam a se iluminar em um padrão quadriculado. Fora ali que James Fang tinha morrido. A parede também se iluminou, revelando esguichos onde vestígios do sangue do garçom a tinham salpicado, como ecos pálidos de um grito.

Naquele prédio, havia ainda mais gritos a serem ouvidos.

O grupo deslocou-se para o canto onde os Mallory tinham perecido. Dois corpos significavam duas vezes mais respingos, e ali estavam os gritos

mais altos de todos, um espetáculo de horror, de jorros e manchas que brilharam na escuridão e desapareceram aos poucos.

Frost acendeu as luzes, e todos ficaram em silêncio por um instante, enquanto encaravam aquele trecho gasto de chão, que havia brilhado com tanta intensidade apenas um momento antes. Nada os surpreendera até então, mas, apesar disso, o que tinham visto era perturbador.

— Vamos para a cozinha — disse Jane.

Passaram por um pequeno corredor. Parecia mais frio na cozinha, tão gelado que um arrepio percorreu a pele de Maura. Ela viu uma geladeira, um sistema de ventilação antigo e um fogão. O chão era de concreto ali, para ser mais fácil de limpar, numa área onde gordura e molhos tinham mais probabilidade de cair. *E sangue, também.* Ela ficou tremendo ao lado da porta da despensa, enquanto a equipe trazia o equipamento do salão, inclusive as câmeras e os reagentes químicos. Com a cozinha totalmente iluminada então, Ed e o colega franziram o cenho diante do entorno.

— Tem uns utensílios de cozinha enferrujados aqui — falou Ed. — Vão reagir com o luminol e ficar claros.

— É no chão que temos de nos concentrar — disse Maura. — O cozinheiro foi encontrado bem aqui.

— Então vamos encontrar mais sangue. Que surpresa! — replicou Ed, num tom de sarcasmo inconfundível.

— Escute, se acha que isto é uma perda de tempo, me dê o frasco que eu mesma faço — rosnou Maura.

No silêncio súbito que se fez, os dois peritos entreolharam-se. Ed disse:

— Você quer nos contar o que está procurando, Dra. Isles? Para que isso realmente faça sentido?

— Vou dizer quando encontrar. Vamos começar com aquele corredor que vai dar no salão.

Ed fez sinal a Frost.

— Apague a luz.

A escuridão súbita foi tão completa na cozinha que Maura se sentiu balançar, desorientada pela falta de marcas visuais, da sensação de quem ou do que a cercava. Naquele breu, qualquer um poderia estar ao seu lado e ela não saberia. O frasco de luminol foi borrifado, e, quando faixas de azul e verde espalharam-se como mágica pelo chão, ela sentiu outro arrepio

percorrer-lhe a pele, como se um fantasma tivesse acabado de roçar nela. Sim, há fantasmas neste lugar, pensou, fantasmas do sangue jorrado que ainda se encontra neste piso. Ela ouviu outro borrifo, e mais áreas brilhantes materializaram-se.

— Vejo pegadas aqui — disse Ed. — Talvez tamanho 34 feminino.

— Elas estão nas fotos da cena do crime também — observou Tam. — A esposa do cozinheiro foi a primeira pessoa a entrar. Morava no apartamento que fica bem aqui em cima. Quando ouviu o disparo, entrou pela porta do beco e encontrou o marido. Seguiu seu sangue até o salão de jantar, onde encontrou as outras vítimas.

— Bem, é o que parece aqui. Impressões de passos que se movem para o salão.

— O cozinheiro estava exatamente onde estou agora — disse Maura. — Devemos nos concentrar aqui.

— Calma, doutora — retrucou o perito, e Maura percebeu sua irritação. — Vamos chegar aí.

— Já gravei esta seção.

— OK, vamos passar para a próxima.

Maura escutou o ruído de mais borrifos, e novas pisadas apareceram, um registro luminoso dos movimentos da esposa do cozinheiro aquela noite. Eles seguiram as pegadas na direção contrária, até de repente uma poça brilhante aparecer. Havia sido ali que o sangue de Wu Weimin fora retido, escorrendo do ferimento na têmpora. Maura tinha lido o relatório da necropsia, visto de perto a foto do que era apenas uma pequena perfuração, através de pele e crânio, que contradizia a devastação do cérebro. Ainda assim, por alguns instantes, o coração continuara batendo, e o sangue escorrera, formando uma poça coagulada. Tinha sido ali que a esposa se agachara ao seu lado, deixando a marca do sapato. *Seu corpo ainda devia estar quente.*

— Luzes.

Maura piscou diante do piso onde agora enxergava apenas concreto nu. Todavia, enquanto Ed tornava a encher o frasco com luminol, podia ainda ver aquela poça e a evidência da presença da esposa.

— Vamos terminar ali — disse Ed, apontando para a saída da cozinha que levava ao beco. — A esposa saiu pelo mesmo caminho que entrou?

— Não — respondeu Tam. — Segundo o relatório de Ingersoll, ela saiu correndo pela porta da frente, pela Knapp Street. Foi até a Beach Street para pedir ajuda.

— Então não deve ter nenhum sangue desse lado.

Tam deu uma olhada no laptop.

— Não vejo nenhum na foto da cena do crime — falou ele.

Maura viu Ed olhar para o relógio, um lembrete de que estava ficando tarde. O que tinham captado até então em vídeo era exatamente o que esperavam encontrar. Ela pensou no que aqueles dois homens iriam provavelmente dizer um para o outro mais tarde, comentários que circulariam sem dúvida entre o restante do Departamento de Polícia de Boston. *A Dra. Isles nos fez perder o maior tempo.*

Teria sido um erro?, perguntou-se. Desperdicei a noite de todo mundo, tudo porque dei ouvidos às dúvidas de um garoto de 16 anos? Entretanto, Maura havia também compartilhado das dúvidas de Rato. Após ele ter retornado à escola, deixando-a só, numa casa que parecia tristemente silenciosa e vazia, passara várias horas vasculhando todos os relatórios e fotos dos arquivos do Red Phoenix. Os detalhes confusos que o garoto havia percebido com tanta rapidez tornaram-se cada vez mais inquietantes para ela também.

— Vamos encerrar a coisa aqui e ir para casa — disse Jane, soando cansada e um pouco contrariada.

As luzes se apagaram outra vez, e Maura cerrou os punhos, feliz por seu rosto estar oculto na escuridão. Ouviu o frasco de luminol ser borrifado, espalhando sua névoa.

De repente, Ed deixou escapar:

— Ei, estão vendo isto?

— Luzes! — gritou Jane, e Frost acendeu a lâmpada.

Na claridade, ficaram todos em silêncio por um momento, contemplando o concreto nu.

— Isto não apareceu em nenhuma das fotos da cena do crime — comentou Tam.

Ed estava com a testa franzida.

— Vou passar de novo este vídeo — falou.

Enquanto ajuntavam-se em torno da câmara, ele rebobinou e apertou o PLAY. Brilhando na escuridão, havia três marcas verdes e azuis que se moviam numa linha, em direção à saída para o beco. Duas estavam borradas e manchadas, mas a terceira era uma pegada pequena, inconfundível.

— Talvez não tenham qualquer relação com o crime — disse Jane. — Estas manchas podem ser cumulativas, ao longo dos anos.

— *Dois* incidentes sangrentos na mesma cozinha? — falou Tam.

— Como explicar o fato de estas pegadas não estarem em nenhuma foto da cena do crime?

— Porque alguém as limpou — respondeu Maura, em voz baixa. — Antes de a polícia chegar.

Mesmo assim, os vestígios permanecem aqui, pensou ela. Invisíveis a olhos humanos, mas não ao luminol.

Os demais pareciam atordoados com o que acabara de ser revelado. Uma criança estivera naquela cozinha, havia pisado em sangue e deixado marcas pelo chão até a porta que dava para o beco.

— A despensa — lembrou-se Jane, correndo até a porta e abrindo-a.

Quando Maura pôs-se a seu lado, Jane apontou a lanterna para os degraus de madeira. Da escuridão abaixo, subia um cheiro de pedra úmida e mofo. O feixe de luz penetrou a sombra, e Maura vislumbrou barris grandes e gigantescas latas de óleo de cozinha, obviamente estragados após duas décadas de armazenamento.

— O cozinheiro morreu bem aqui, bloqueando esta porta — falou Jane, virando-se para Ed. — Vamos ver esses primeiros degraus.

Dessa vez, não houve olhares impacientes, nenhum suspiro ou olhadelas para o relógio. Os peritos moveram-se com agilidade para reposicionar a câmara e o tripé, apontando para os degraus da despensa. Todos se aproximaram quando a luz se apagou, e Ed soltou uma última nuvem de luminol. Só então eles viram que o sangue tinha escorrido da cozinha, acima, e gotejado até o primeiro degrau.

Degrau esse onde puderam enxergar a marca de um pequeno sapato.

— Alguém estava na despensa aquela noite, Sra. Fang. Uma criança que pode saber o que de fato aconteceu — diz a detetive Rizzoli. — Sabe quem era?

A policial me estuda, monitorando minha reação enquanto absorvo o que acaba de me dizer. Pela porta fechada, posso ouvir o barulho seco dos bastões de batalha e a voz dos meus alunos, cantando em uníssono enquanto praticam as manobras de combate. Entretanto, aqui no meu escritório, reina o silêncio enquanto peso as possíveis respostas. A falta de palavras já é uma reação, e a detetive Rizzoli está tentando entender seu significado, mas não permito que qualquer emoção me agite a superfície do rosto. Entre nós duas, isso é como um jogo de xadrez dentro de outro jogo de xadrez, com movimentos sutis que o detetive Frost, que também assiste à conversa, nem mesmo percebe.

Essa mulher é uma adversária. Olho diretamente para ela enquanto pergunto:

— Como sabe que havia alguém na despensa?

— Pelas pegadas que ficaram na cozinha e nos degraus da despensa. De uma criança.

— Mas isso aconteceu faz 19 anos.

— Mesmo depois de tantos anos, o sangue deixa marcas — explica Frost. Sua voz é mais gentil, como a de um amigo explicando pacientemente o que acha que não entendo: — Com certos reagentes químicos, é possível

ver onde o sangue esteve. E sabemos que uma criança saiu da despensa, pisou no sangue de Wu Weimin e foi da cozinha para o beco.

— Ninguém me contou isto antes. O detetive Ingersoll nunca mencionou nada.

— Porque ele não viu essas pegadas — comenta a detetive Rizzoli. — Quando a polícia chegou àquela noite, as marcas não estavam mais lá. — Ela se aproxima, tão perto que posso ver suas pupilas, parecidas com dois alvos de pontaria negros em íris cor de chocolate. — Quem faria isso? Quem iria querer esconder o fato de que havia uma criança na despensa?

— Por que pergunta a mim? Eu não estava nem no país. Estava em Taiwan visitando minha família quando isso aconteceu.

— Mas a senhora conhecia Wu Weimin e a esposa. Como eles, falava mandarim. A criança na despensa era a filha do casal, não? — pergunta ela. Tira do bolso um bloco de notas e lê: — Mei Mei, de 5 anos. — A detetive me encara. — Para onde foram a mãe e a filha?

— Como vou saber? Só consegui pegar um voo para casa três dias depois. A essa altura, já tinham partido. Fizeram as malas, levaram roupas e pertences. Não tenho ideia de para onde foram.

— Por que fugiram? Seria porque a esposa era ilegal no país?

Minha mandíbula se aperta, e a encaro.

— É de surpreender que *tivesse* fugido? Se eu fosse ilegal, detetive, e você achasse que meu marido tinha matado quatro pessoas, quanto tempo levaria para *me* algemar e *me* deportar? A menina podia ter nascido aqui, mas Li Hua, não. Ela queria que a filha crescesse nos Estados Unidos, você a culparia por evitar a polícia? Por permanecer nas sombras?

— Se ela limpou aquelas pegadas, destruiu provas importantes.

— Talvez para proteger a filha.

— A garota era testemunha. Podia ter mudado o curso da investigação.

— E você colocaria uma menina de 5 anos num tribunal e a faria testemunhar? Acha que os jurados acreditariam na filha de imigrantes ilegais, quando a cidade toda já chamava o pai dela de monstro?

Minha resposta a surpreende. Ela fica em silêncio, pensando na lógica do que acabo de dizer. Percebendo que os atos de Li Hua foram na verdade sensatos. Era a lógica de uma mãe desesperada para proteger a si e a filha de autoridades em que não confiava.

Frost diz, gentilmente:

— Não somos o inimigo, Sra. Fang. Só estamos tentando descobrir a verdade.

— Eu disse a verdade 19 anos atrás — observo. — Conte à polícia que Wu Weimin jamais poderia ferir alguém, mas isso não era o que queriam ouvir. Era muito mais fácil achar que ele era um chinês louco, e quem se importa com o que se passa na cabeça de um chinês? — Percebo a amargura em minha própria voz, mas não tento suprimi-la. Ela continua a escorrer, distinta e áspera: — Buscar a *verdade* é um trabalho árduo demais. Era isso o que a polícia achava.

— Não é o que eu acho — diz Frost, em voz baixa.

Olho para ele e vejo sinceridade em seus olhos. Na sala ao lado, a aula terminou, e ouço os alunos indo embora, a porta abrindo e fechando.

— Se Mei Mei estava naquela despensa — diz a detetive Rizzoli —, precisamos encontrá-la. Saber do que se lembra.

— E acreditariam nela?

— Depende do tipo de garota que é. O que pode nos contar sobre ela?

Penso nisso durante um instante, olhando para trás, através da neblina de 19 anos.

— Lembro que não tinha medo de nada. Nunca estava parada, sempre correndo e pulando. *O pequeno tigre*, era como o pai a chamava. Quando minha filha, Laura, tomava conta dela, voltava para casa exausta. Me dizia que jamais queria ter filhos, se acabassem sendo tão levados quanto Mei Mei.

— Era uma garota inteligente?

Dou-lhe um sorriso triste.

— Você tem filhos, detetive?

— Uma filha de 2 anos.

— E provavelmente acha que ela é a criança mais inteligente do mundo.

Foi a vez então de Rizzoli sorrir.

— Sei que é — respondeu.

— Porque todas as crianças parecem inteligentes, não é? Mei Mei era tão rápida, curiosa... — Minha voz some e engulo em seco. — Quando partiram, foi como perder minha filha outra vez.

— Para onde foram?

Balanço a cabeça.

— Havia um primo na Califórnia, acho. Li Hua tinha só 20 e poucos anos, e era tão linda. Pode ter se casado de novo. Ter usado um nome diferente.

— E a senhora não faz ideia de onde ela possa estar agora?

Hesito o suficiente para criar uma dúvida em sua cabeça. Fazê-la se perguntar se minha resposta será verdadeira. O jogo de xadrez entre nós continua, jogadas de movimento e contra-ataque.

— Não — respondo por fim. — Nem sei se está viva.

Alguém bate na porta, e Bella entra no escritório. Está corada por causa do esforço despendido na aula, e seu cabelo negro e curto está arrepiado, duro de suor. Ela abaixa a cabeça numa mesura.

— *Sifu*, a última aula do dia acabou. Vai precisar de mim?

— Espere um pouco. Já estamos terminando aqui.

Está claro para os dois detetives que não tenho nada mais a oferecer-lhes, e eles se viram para ir embora. Enquanto caminham para a porta, Rizzoli para e contempla Bella. É um olhar longo, especulativo, e posso quase ver os pensamentos em sua cabeça. *Mei Mei tinha 5 anos quando desapareceu. Que idade terá essa moça? Seria possível?* Mas Rizzoli não diz nada, faz apenas um gesto de adeus e deixa a academia.

Depois que a porta se fecha, digo a Bella:

— Nosso tempo está acabando.

— Eles já sabem?

— Estão mais perto da verdade — digo, respirando fundo, e fico preocupada por não conseguir me livrar do novo cansaço que me abate agora.

Estou participando de duas batalhas ao mesmo tempo, uma delas contra o inimigo que arde lentamente em minha medula óssea. Sei que um deles vai me tirar a vida.

A pergunta é: qual dos dois vai me matar primeiro?

Agora havia três garotas desaparecidas.

Jane bebericava um café meio frio e comia um sanduíche de salada de frango enquanto revisava a crescente pilha de pastas. Em cima da mesa, viam-se arquivos sobre a vítima do telhado, o massacre do Red Phoenix e os desaparecimentos de Laura Fang e Charlotte Dion. Ela acabava de criar mais um, sobre outra garota desaparecida: Mei Mei, a filha do cozinheiro, que sumira com a mãe havia 19 anos. Estaria agora com 24 anos, talvez casada e vivendo com um nome diferente. Não existiam fotos dela, digitais, nenhuma ideia sobre sua aparência. Talvez nem sequer residisse no país. Ou podia estar bem debaixo do nariz de todos, ensinando artes marciais numa academia em Chinatown, pensou Jane, recordando-se da assistente de rosto pétreo de Iris, Bella Li, cujos antecedentes já estavam sendo examinados.

Das três garotas, Mei Mei era a única com chances de estar viva. Era quase certo que as outras duas estavam mortas.

Jane voltou sua atenção para Laura Fang e Charlotte Dion. Para a surpreendente ligação entre as duas, apesar do abismo que lhes separava as vidas. Charlotte era rica e branca. Laura era filha de imigrantes chineses trabalhadores. Charlotte crescera numa mansão em Brookline, Laura, num apartamento mínimo de Chinatown. Duas garotas tão diferentes e, não obstante, ambas perderam os pais na tragédia do restaurante. Agora seus arquivos dividiam espaço igual sobre a mesa de Jane na Unidade de Homicídios: lugar onde ninguém queria terminar. Folheando as pastas,

ouvira o eco das últimas palavras de Ingersoll para ela: *É sobre o que aconteceu com aquelas garotas.*

Estaria se referindo a elas?

A propriedade de Patrick Dion não pareceu menos impressionante na segunda vez em que a viu.

Jane passou com o carro entre os pilares de pedra gêmeos que davam acesso à estrada particular, deixando para trás bétulas e lilases, até chegar ao gramado que conduzia à imensa mansão colonial. Quando parou sob o pórtico, Patrick saiu da casa para saudá-la.

— Obrigado por me receber de novo — disse ela, enquanto eles se cumprimentavam com um aperto de mãos.

— Há alguma novidade sobre Charlotte? — perguntou o homem, e era doloroso ver a esperança em seus olhos, ouvir o tremor em sua voz.

— Lamento se não fui clara quanto à razão da minha visita. Receio não ter nada de novo para contar.

— Mas disse ao telefone que queria falar sobre Charlotte.

— É algo ligado à nossa investigação atual. O assassinato em Chinatown.

— O que isso tem a ver com a minha filha?

— Ainda não sei, Sr. Dion. Mas ocorreram desdobramentos que me fazem pensar que o desaparecimento de Charlotte está ligado ao de outra garota.

— Isso já foi explorado anos atrás pelo detetive Buckholz.

— Quero dar mais uma olhada nisso. Mesmo tendo se passado 19 anos, não vou deixar que sua filha seja esquecida. Charlotte merece mais que isso.

Ela o viu disfarçar as lágrimas piscando algumas vezes, e percebeu que para ele a perda ainda era difícil, o sofrimento persistia. Pais nunca esquecem.

Com uma expressão desanimada, ele falou:

— Entre. Trouxe para baixo as coisas dela, que estavam no sótão, como você pediu. Por favor, leve o tempo que for necessário para examiná-las.

Ela o seguiu até o vestíbulo e ficou outra vez impressionada com os pisos encerados, de tábua corrida, e os retratos a óleo que pareciam ter no mínimo dois séculos de existência. Não pôde evitar comparar a casa com a residência

de Kevin Donohue, sua mobília vulgar e arte de shopping center. Ricos tradicionais *versus* novos-ricos. Patrick levou-a até a sala de jantar formal, onde janelas palladianas davam para um lago com ninfeias. Sobre a mesa de jacarandá, grande o bastante para acomodar uma dúzia de convivas, estava uma série de caixas de papelão.

— Isto foi o que guardei — explicou Patrick, com tristeza. — A maior parte das roupas, acabei dando para instituições de caridade. Charlotte teria aprovado, acho. Ela se importava com esse tipo de coisa, alimentar os pobres, dar abrigo aos necessitados. — Ele olhou para a sala e deu uma risada irônica. — Você provavelmente acha que soa hipócrita, não? Dizer isso, morando nesta casa, nesta propriedade. Mas minha filha tinha *de fato* um bom coração. Generoso. — Ele enfiou a mão numa das caixas e tirou uma calça jeans esfiapada. Olhou para ela, como se ainda pudesse vê-la pendendo dos quadris estreitos da filha: — Engraçado como jamais consegui doar isto. Jeans nunca saem de moda. Se um dia ela voltar, sei que vai querer esta calça — falou Patrick, colocando-a gentilmente de volta à caixa e dando um longo suspiro.

— Lamento muito, Sr. Dion, por trazer de volta todo este sofrimento para o senhor. Não lhe seria mais fácil se eu olhasse as caixas sozinha?

— Não, tenho que lhe explicar as coisas. Não vai saber o que algumas delas significam — disse, enfiando a mão em outra caixa e tirando um álbum de fotografias. Segurou-o por um instante, como se relutasse em soltá-lo. Quando o entregou a Jane, foi com ambas as mãos, um oferecimento precioso, que ela tomou com igual reverência.

— Provavelmente é isto o que você quer ver.

Ela o abriu. Na primeira página, havia a foto de uma mulher jovem e loura, segurando um recém-nascido de rosto vermelho. O bebê estava enrolado, como uma pequena múmia, numa manta branca. **NOSSA**

CHARLOTE, COM OITO HORAS DE

IDADE estava escrito embaixo, com todos os laços e floreios extravagantes de uma caligrafia feminina. Então aquela era Dina, ainda a

jovem esposa de Patrick. Antes de Arthur Mallory entrar em suas vidas e destruir o casamento dos dois.

— Charlotte era sua única filha? — perguntou Jane.

— Dina insistiu para que tivéssemos só uma. Na época, concordei. Mas agora...

Agora ele se arrepende, pensou a detetive. Arrepende-se de despejar todo o amor e toda a esperança sobre uma criança que perderia um dia. Jane virou as páginas e estudou outras fotos de Charlotte, loura e de olhos azuis, apenas engatinhando. Às vezes, Dina aparecia, mas Patrick não estava em nenhum retrato, exceto como uma sombra fugidia, lançada à margem da moldura, enquanto segurava a câmera. Jane chegou à última página do álbum, o ano em que Charlotte completara 4 anos.

Patrick entregou-lhe o volume seguinte.

Os anos pareciam acelerar-se naquele segundo álbum, a menina crescendo, mudando a cada poucas páginas. Após o alvoroço de atenção dedicado aos primeiros anos de um filho, depois que a novidade de ser pai se dissipa, a câmera só é utilizada quando uma ocasião especial assim o exige. A festa de aniversário de 5 anos. A primeira apresentação no balé. A visita a Nova York. De repente, o bebê rechonchudo transforma-se numa adolescente com uma expressão taciturna, posando com o uniforme da escola, no portão da Bolton Academy.

— Charlotte estava com 12 anos nessa foto — disse Patrick. — Me lembro que odiava esse uniforme. Dizia que o xadrez fazia as garotas parecerem gordas, e que era por isso que a escola as obrigava a usá-lo. Para que ficassem tão feias que não arrumassem encrenca com nenhum dos garotos.

— Ela não gostava de estudar na Bolton?

— Sim, gostava, com certeza. Mas admito que eu não ficava feliz por vê-la partir. Foi muito difícil para mim perder minha garotinha para o colégio interno. Dina insistia porque era a escola em que tinha estudado, o lugar onde uma garota podia *conhecer as pessoas certas*. Era assim que Dina falava. — Ele hesitou. — Meu Deus, isso deve soar tão superficial, mas minha esposa era completamente apegada a esse tipo de coisa. A que Charlotte fizesse as amizades certas e se casasse com o homem certo. — Fez uma

pausa e acrescentou, com ironia: — Acabou acontecendo o contrário, foi Dina quem encontrou marido na Bolton.

— Deve ter sido difícil para o senhor quando Dina foi embora.

Patrick deu de ombros, de forma resignada.

— Aceitei. O que podia fazer? E estranhamente gostei muito de Arthur Mallory. De toda a família, na verdade. Barbara, o filho, Mark. Eram todas pessoas decentes. Mas os hormônios são uma força irresistível. Acho que perdi minha esposa para Arthur na primeira vez em que puseram os olhos um no outro. Tudo que pude fazer foi ficar ali e assistir ao meu casamento acabar.

Jane chegou à última página e estudou a imagem final do álbum. Era a foto de um casamento, e, de pé, no centro, estavam os noivos, Dina e Arthur Mallory, ambos em trajes formais. Ao lado, os respectivos filhos: Mark junto ao pai e Charlotte, à mãe. Enquanto os recém-casados irradiavam felicidade, Charlotte parecia aturdida, como se não soubesse o que estava fazendo entre aquelas pessoas.

— Que idade tinha Charlotte nesta foto? — perguntou Jane.

— Teria uns 13.

— Parece um pouco perdida.

— Aconteceu tão rápido, acho que todos ficamos atordoados. Tínhamos conhecido os Mallory fazia apenas um ano, quando Charlotte e Mark participaram do espetáculo de Natal da Bolton Academy. No ano seguinte, todos nós estávamos outra vez presentes no espetáculo, mas então Dina já tinha me trocado por Arthur. E eu era mais um pai solteiro, criando sozinho uma filha.

— Charlotte ficou com o senhor depois do divórcio?

— Dina e eu discutimos o caso, e nós achamos que seria melhor se eu ficasse com a custódia, de forma que Charlotte pudesse permanecer na casa onde tinha crescido. Supostamente, de meses em meses, ela devia passar um fim de semana com Dina e Arthur, mas eles viajavam tanto que raramente estavam em casa.

— Não houve nenhuma batalha legal, nenhum cabo de guerra por causa da sua filha?

— Só porque duas pessoas se divorciam, isso não significa que não gostem uma da outra. Nós nos gostávamos. E fazíamos todos então parte de uma família maior. A ex-esposa de Arthur, Barbara, teve alguma dificuldade

em aceitar o divórcio, me parece, e continuou contrariada até o fim. Mas eu não via por que me apegar a ressentimentos. Isso se chama ser civilizado.

Fora aquilo que Ingersoll escrevera em seu relatório, que Patrick Dion e a esposa haviam se mantido em termos cordiais mesmo depois do divórcio. Agora, ouvindo aquilo da boca do próprio Patrick, ela acreditava.

— Passaram o último Natal deles aqui, comigo — falou ele. — Arthur, Dina e Mark. Ceamos juntos, nesta sala. Trocamos presentes. — Olhou para a mesa, como se visse os fantasmas ainda sentados. — Lembro que Charlotte estava ali, na cabeceira da mesa, perguntando a Mark sobre Harvard, se ele gostava de lá. Dina deu a ela um colar de pérolas. Comemos torta de abóbora de sobremesa. Depois levei Mark lá embaixo, até a marcenaria, porque ele adora trabalhos manuais. Um garoto de Harvard que prefere construir belos móveis. — Patrick piscou e olhou para a detetive, como se de repente se lembrasse da presença dela. — Agora todos se foram. Só sobramos Mark e eu.

— Vocês parecem muito ligados.

— Ah, ele é um rapaz muito bom. — Patrick parou e sorriu de repente. — Mark já está com 39, mas, na minha idade, qualquer um com menos de 40 parece um rapaz.

Jane pegou outro álbum na caixa: não um de família dessa vez, mas um anuário da Bolton Academy, com o brasão da escola em relevo dourado sobre couro marrom.

— Aí ela estava no segundo ano — falou Patrick, olhando a capa. — Foi um ano antes de... — Ele hesitou, o rosto ficou sombrio. — Pensei em processar a escola por negligência. Levaram minha filha para um passeio sem supervisão adequada. Lá estavam eles, num local público. Em Faneuil Hall! Deviam ter imaginado que algumas das crianças poderiam se afastar, ou que algum estranho poderia se aproximar delas. Mas os professores não prestaram atenção, e de repente minha filha tinha sumido. Eu estava do outro lado do oceano, onde não podia fazer nada para salvá-la.

— O senhor estava em Londres, certo?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Num encontro com investidores em potencial, aumentando minha maldita fortuna. Jogaria tudo fora, se ao menos pudesse... — De repente, pôs-se de pé. — Acho que preciso de uma bebida forte. Está servida?

— Não, obrigada. Estou dirigindo.

— Ah. A policial responsável. Me dê licença — falou ele, afastando-se.

Jane abriu o anuário da Bolton e viu a foto de Charlotte na última fileira. O cabelo louro solto sobre os ombros, os lábios ligeiramente curvos num sorriso melancólico. Era uma menina bonita, mas a tragédia já aparecia estampada em seus traços, como se soubesse que o futuro lhe reservava apenas sofrimento. Impressa sob a foto havia uma lista de interesses e atividades que cultivava. **TEATRO. ARTES.**

ORQUESTRA. TÊNIS.

Orquestra. Lembrou-se de que Charlotte tocava viola. E também que Laura Fang tocava violino. As garotas podiam ter crescido em universos diferentes, mas tinham a música como paixão em comum.

Folheou o livro até encontrar a seção de atividades, onde viu outra vez Charlotte, posando com outros alunos músicos. A garota estava sentada na segunda fileira dos instrumentos de corda, a viola apoiada no colo. A

legenda dizia: **CANDACE FORSYTH, DIRETORA DE MÚSICA, E A ORQUESTRA DA BOLTON ACADEMY.**

Ouviu Patrick retornando à sala de jantar, segurando um copo, no qual tilintavam cubos de gelo.

— Sua filha conhecia uma garota chamada Laura Fang? — perguntou Jane.

— O detetive Buckholz me fez a mesma pergunta, depois que Charlotte desapareceu. Conteí a ele que nunca tinha ouvido aquele nome. Só descobri mais tarde que Laura Fang era uma garota que desapareceu dois anos antes de Charlotte. Foi quando entendi por que ele me perguntou.

— O senhor não vê qualquer ligação entre as garotas? Charlotte nunca mencionou o nome de Laura?

Ele olhou para a foto da orquestra da Bolton e respondeu:

— Sua filha chega da escola e fala de uma pessoa ou outra. Como um pai pode se lembrar de todos os nomes?

Ele estava certo: era impossível esperar aquilo de um pai ou de uma mãe.

Jane foi para o fim do livro, para a seção de estudantes do último ano, e examinou as fotos de meninos de boa aparência, vestidos com os uniformes da Bolton: blazers azuis e gravatas vermelhas. Lá estava Mark Mallory, o rosto um pouco mais fino, o cabelo mais comprido e encaracolado. Já era um jovem bonito, destinado a Harvard. Sob a foto, estavam listados seus

interesses: **LACROSSE, ORQUESTRA, XADREZ, ESGRIMA, TEATRO.**

Orquestra outra vez. Afinal de contas, fora assim que os Dion e os Mallory haviam se conhecido: através dos filhos musicais no espetáculo de Natal.

— Não tenho muita certeza do quanto isso tudo pode ajudá-la — disse Patrick. — O detetive Buckholz me fez essas mesmas perguntas 19 anos atrás.

Ela levantou a cabeça e olhou-o.

— Talvez as respostas tenham mudado — replicou.

Quando Jane deixou Brookline e entrou para a esquerda na Massachusetts Turnpike, o sol da tarde batia em seus olhos. Chegou rápido a Worcester, mas o deslocamento rumo ao norte, a partir dali, foi lento, por estradas secundárias, onde o tráfego afunilava-se numa pista única, por causa de uma obra de recapeamento. Quando chegou à Bolton Academy, já eram quase cinco horas da tarde. Passou pelo portão da frente e por um acesso em curva, margeado por velhos e frondosos carvalhos. No prédio principal, três garotas estavam sentadas nos degraus de pedra, conversando. Nem se deram o trabalho de levantar o olhar enquanto Jane estacionava e saltava do carro. Pareciam ter 15 ou 16 anos, todas esguias e bonitas, perfeitamente desenhadas pela Mãe Natureza para darem conta de seu propósito biológico na Terra: atrair rapazes.

— Com licença. Estou procurando a Sra. Forsyth, a diretora de música — falou Jane.

As três deusas reagiram com olhares passivos. Mesmo com as saias xadrez e as blusas de algodão brancas, conseguiam fazer Jane sentir-se incrivelmente fora de moda.

— Ela está em Bennett Hall — respondeu uma das garotas por fim.

— Onde fica isso?

A garota estendeu um braço gracioso e apontou para um prédio imponente do outro lado do gramado.

— Ali.

— Obrigada.

Enquanto Jane atravessava o gramado, sentia os olhos das meninas seguindo-a, o espécime alienígena do mundo das pessoas comuns. Então um colégio interno era assim, muito menos divertido que Hogwarts. Mais parecido com o inferno das irmandades. Ela chegou aos degraus de Bennett Hall e olhou para as colunas brancas e o frontão esculpido. É como escalar o Monte Olimpo, pensou Jane, enquanto subia os degraus e entrava no prédio.

O som de um violino desafinado vinha do corredor à sua esquerda. Ela o seguiu até uma sala de aula, onde uma adolescente estava sentada, tocando com uma concentração tremenda, enquanto uma mulher de cabelos grisalhos franzia o cenho diante dela.

— Pelo amor de Deus, Amanda, o seu vibrato parece um fio de alta tensão! Só de ouvir me deixa nervosa. E você está praticamente estrangulando o espelho. Relaxe o punho. — A mulher puxou a mão esquerda da garota e a sacudiu com força. — Vamos, solte!

A aluna notou de repente Jane e ficou imóvel. A mulher virou-se e disse:

— Sim?

— Sra. Forsyth? Liguei mais cedo. Sou a detetive Rizzoli.

— Já estamos acabando — falou a professora, voltando-se para a aluna e suspirando. — Você está muito tensa hoje, não faz sentido continuar com a aula. Volte para o dormitório e pratique sacudir os punhos. De ambas as mãos. Acima de tudo, uma violinista precisa ter punhos flexíveis.

Resignada, a garota guardou o instrumento. Já estava de saída quando parou de súbito e dirigiu-se a Jane:

— Você falou que é detetive. Você, tipo, trabalha na polícia?

Jane fez que sim com a cabeça.

— No Departamento de Polícia de Boston.

— Isso é *tão* legal! Um dia quero ser agente do FBI.

— Então você devia tentar. Acho que o FBI podia ter mais mulheres.

— É, diz isso para os meus pais. Eles falam que trabalhar na polícia é para *outras* pessoas — resmungou ela, arrastando-se para fora da sala.

— Acho que essa garota nunca vai ser uma grande musicista — comentou a Sra. Forsyth.

— Até onde eu saiba — disse Jane —, tocar violino não é requisito para entrar no FBI.

A observação sarcástica não lhe deu nenhum ponto com aquela mulher. Candace Forsyth olhou-a friamente.

— Você mencionou que tinha perguntas a fazer, detetive?

— Sobre uma aluna sua de 19 anos atrás. Ela era da orquestra da escola. Tocava viola.

— Você está aqui por causa de Charlotte Dion, não? — Vendo Jane concordar, a mulher suspirou. — Claro que *só* podia ser por causa de Charlotte. A aluna que ninguém nos deixa esquecer. Mesmo depois de todos esses anos, o Sr. Dion ainda nos culpa, não é? Pela perda da filha.

— É difícil para qualquer pai aceitar. A senhora certamente entende.

— O Departamento de Polícia de Boston investigou o desaparecimento e jamais considerou nossa escola negligente. Tínhamos mais acompanhantes que o suficiente naquele passeio, na proporção de um para seis alunos. E não estávamos levando bebês para passear, mas adolescentes. Não era necessário termos babás. — Mas acrescentou num sussurro: — Embora com Charlotte talvez fosse.

— Por quê?

A Sra. Forsyth hesitou.

— Me desculpe, não devia ter dito isto.

— Charlotte era difícil? — pressionou a detetive.

— Não gosto de falar mal dos mortos.

— Acho que os mortos gostariam de ver a justiça sendo feita.

Após um momento, a mulher concordou com um aceno de cabeça.

— Só vou dizer uma coisa sobre ela: não era uma de nossas estrelas acadêmicas. Era brilhante, não tenha dúvida. Isso fica claro nas notas do seu exame de admissão. E no primeiro ano aqui, foi muito bem. Mas depois que os pais se divorciaram foi tudo por água abaixo com ela, mal conseguia

passar na maioria das matérias. Claro que sentíamos pena, mas metade de nossos alunos vem de famílias divorciadas. Conseguem se ajustar e seguir em frente. Charlotte jamais conseguiu. Virou uma garota taciturna. Era como se, por causa de sua atitude de vítima, *atraísse* coisas ruins.

Para uma mulher que não gostava de falar mal dos mortos, Candace Forsyth não tinha papas na língua.

— Ela não pode ser acusada por ter perdido a mãe — observou Jane.

— Não, claro que não. Aquilo foi terrível, a tragédia de Chinatown. Mas você já reparou como a infelicidade parece perseguir certas pessoas? Elas perdem o cônjuge, o trabalho e ficam com câncer, tudo no mesmo ano. Charlotte era assim, sempre melancólica, atraindo coisas ruins. O que pode ser a explicação por não ter muitos amigos.

Aquela não era a impressão de Charlotte que Jane formara após conversar com Patrick. Surpreendia-a conhecer esse lado da garota.

— No anuário, ela parecia ter uma boa lista de atividades — disse Jane.
— Como música, por exemplo.

A professora concordou:

— Era uma boa violista, mas não tocava com o coração. Só quando estava no penúltimo ano foi que conseguiu passar na audição para a oficina de verão da Orquestra Sinfônica de Boston. Mas o fato de ela tocar viola ajudou. É um instrumento sempre em falta.

— Quantos dos seus alunos fazem essa oficina?

— No mínimo alguns todo ano. É a melhor da Nova Inglaterra, ministrada por membros da Orquestra Sinfônica de Boston. Muito seletiva.

— A Sra. Forsyth hesitou. — Sei sobre quem você vai perguntar agora. Aquela garota chinesa que desapareceu, certo?

Jane fez um aceno de cabeça, concordando.

— A senhora leu meus pensamentos. O nome dela era Laura Fang.

— Parece que era uma garota talentosa. Foi o que soube depois que desapareceu. Alguns dos meus alunos fizeram uma oficina com ela.

— Mas não Charlotte?

— Não. Charlotte só passou na audição um ano depois de Laura ter desaparecido, de modo que não teriam se conhecido. Outra pergunta que você já ia fazer, tenho certeza.

— A senhora se lembra de todos esses detalhes, mesmo 19 anos depois?

— Porque os mencionei outra vez àquele detetive.

— Que detetive?

— Não lembro o nome. Faz poucas semanas. Teria que verificar minha agenda.

— Eu apreciaria muito se a senhora olhasse o nome dele agora.

Um olhar de irritação passou pelo rosto da mulher, como se aquilo fosse mais esforço do que desejava fazer. Contudo, foi até a mesa, mexeu numa gaveta e pegou uma agenda. Folheando as páginas, balançou a cabeça:

— Aqui. Ele me ligou no dia 2 de abril para marcar uma conversa. Achei que parecia um pouco velho demais para ser detetive, mas a experiência serve para alguma coisa.

Um pouco velho. E perguntando sobre garotas desaparecidas.

— Seria o detetive Ingersoll? — perguntou Jane.

Candace levantou a cabeça.

— Então você o conhece.

— A senhora não ficou sabendo da notícia? O detetive Ingersoll morreu. Foi assassinado com um tiro na semana passada.

A agenda escapou das mãos da professora e caiu sobre a mesa.

— Meu Deus. Não, não fiquei sabendo.

— Por que ele esteve aqui, Sra. Forsyth? Por que estava perguntando sobre Charlotte?

— Pensei que fosse por pressão do pai, ainda querendo respostas. Mencionei o fato a Mark Mallory no jantar para ex-alunos umas semanas atrás, mas ele não sabia de nada.

— A senhora perguntou ao Sr. Dion?

Ela enrubesceu.

— A Bolton Academy evita qualquer contato com o Sr. Dion. Para não evocar... más lembranças.

— Me conte exatamente o que o detetive Ingersoll disse à senhora.

A mulher afundou na cadeira atrás de sua mesa. De repente, parecia menor e menos impressionante, aturdida por aquela intrusão do brutal mundo externo em seu protegido universo de livros e partituras musicais.

— Desculpe, preciso de um momento para pensar sobre isto... — falou ela, engolindo em seco. — Na verdade, ele não fez muitas perguntas sobre Charlotte. Foram mais sobre a outra garota.

— Laura Fang.

— E outras.

— Outras?

— Ele tinha uma lista. Uma lista longa com talvez duas dúzias de nomes. Perguntou-me se eu reconhecia algum deles. Se alguma delas tinha estudado na Bolton. Eu respondi que não.

— A senhora se lembra de algum desses nomes da lista?

— Não. Como disse, não conhecia nenhum. Ele me falou que eram todas garotas que desapareceram, como Laura. — A Sra. Forsyth endireitou-se e olhou para Jane. — Garotas que nunca foram encontradas.

— Aqui estão os registros do celular e do telefone fixo do detetive Ingersoll nos últimos trinta dias — disse Tam, espalhando os papéis sobre a mesa de reuniões, para que Jane e Frost pudessem vê-los. — É uma lista de cada ligação feita e recebida ao longo do último mês. À primeira vista, nada se sobressai. Na maior parte, são ligações banais. Para a filha, o dentista, o serviço de TV a cabo, a administradora do cartão de crédito. Uma ligação para o acampamento de pesca onde ficou no Maine. E várias chamadas para a pizzaria da rua dele.

— Uau! O cara gostava mesmo de pizza — observou Frost.

— Vocês vão reparar também que ele telefonou para membros das famílias de vítimas do Red Phoenix. Essas ligações em particular foram feitas nos dias 30 de março e 1º de abril. Perto do aniversário do massacre.

— Falei com a Sra. Gilmore e Mark Mallory — disse Frost. — Eles confirmaram que Ingersoll ligou, para saber se tinham recebido as correspondências anônimas habituais, como ele. Essas que recebem todos os anos.

— Mas tem algumas ligações na lista que não fazem sentido para mim — acrescentou Tam. — Que parecem completamente aleatórias. — Ele pôs o dedo sobre um dos números de telefone. — Esta aqui, por exemplo. Em 6 de abril, Lowell. Para um pet shop chamado Meu Amigo Cão – Tosadores. — Tam olhou para os colegas. — Pelo que sei, Ingersoll nunca teve um cachorro.

— Talvez estivesse namorando a tosadora — aventou Jane.

— Liguei para o número — continuou Tam. — Nunca ouviram falar dele lá, e seu nome não está na lista de clientes que têm cachorro. — Apontou para outro número. — Depois, tem esta ligação, em 8 de abril, para Worcester. É o número da loja Malícia Lingeries.

Jane fez uma careta.

— Não sei se quero saber os detalhes desta.

— Quando falei com a loja — disse Tam —, ninguém reconheceu o nome de Ingersoll. Imaginei então que fosse mais um número errado.

— Uma hipótese razoável.

— Mas incorreta. Ele ligou para esse número porque *quis*.

— Por favor, me diga que ele estava comprando roupa íntima sexy para uma namorada, e não para ele mesmo — pediu Jane.

— Não tinha nenhuma relação com roupa íntima. A ligação não foi para a Malícia Lingeries, mas para quem *tinha* aquele número antes.

Jane franziu o cenho.

— Como você descobriu?

— Depois da sua visita à Bolton Academy, puxei o banco de dados de garotas desaparecidas, como você pediu. Fiz uma lista de todas as garotas desaparecidas em Massachusetts nos últimos 25 anos.

— Foi longe assim? — impressionou-se Frost.

— Charlotte desapareceu há 19 anos. Laura Fang, há 21. Escolhi 25 como referência, para ter uma margem boa, e foi uma sorte — explicou Tam, tirando uma folha de uma pasta cheia e deslizando-a pela mesa até Jane.

No meio da página estava um número de telefone circulado em vermelho.

— Este é o número para o qual Ingersoll ligou, que agora é da loja Malícia Lingerie — prosseguiu ele. — Há 22 anos, esse mesmo número estava no nome de Gregory Boles, em Worcester. Cerca de 12 anos atrás, o número passou para outra pessoa. E quatro anos depois, tornou-se o contato da Malícia. Os números de telefone mudam o tempo todo, e, com cada vez mais pessoas desistindo de ter um telefone fixo, a mudança fica ainda mais frequente. Acho que essa era a pessoa com a qual o detetive Ingersoll estava tentando falar. Gregory Boles. Mas ele se mudou do Estado há 12 anos.

— Quem é Gregory Boles? — perguntou Frost.

Examinando a folha com os números de telefone, de repente Jane entendeu tudo.

— Esses são os telefones de contato do banco de dados de garotas desaparecidas — disse ela, levantando a cabeça.

Tam fez que sim com a cabeça.

— Gregory Boles é pai de uma garota desaparecida. Eu estava pensando em examinar todos os casos que ainda estão abertos no Estado. Todas as garotas com menos de 18 anos que desapareceram nos últimos 25 anos. — Ele apontou para a pasta cheia que havia trazido. — Mas percebi que seria um trabalho monumental, peneirar todos, tentando encontrar alguma ligação com Charlotte ou Laura. E, para ser sincero, fiquei um pouco aborrecido por ter recebido a tarefa, porque achei que era trabalho braçal.

— Mas acabou descobrindo algo — falou Jane.

— Sim, descobri. Tive a ideia de cruzar todos esses números de telefone com os que estão nos registros de Ingersoll. Todos os números para os quais ele ligou, fosse do fixo ou do celular. Considerando-se os números de seus telefonemas, ele começou a rastrear certas famílias no começo de abril. Depois de repente parou de fazer qualquer ligação. Tanto do celular quanto do fixo.

— Porque achava que estava sendo monitorado — completou Jane.

Suspeita que se mostrou verdadeira: o laboratório de criminologia encontrara de fato um grampo eletrônico no telefone fixo de Ingersoll.

— Com base nas chamadas que fez antes de parar de usar os telefones, essas eram as garotas desaparecidas que estavam na mira de Ingersoll — falou Tam, colocando outra folha na frente dela.

Jane viu apenas três nomes e perguntou:

— O que sabemos sobre elas?

— Tinham idades diferentes. Treze, 15 e 16. Todas desapareceram num raio de 250 quilômetros em torno de Boston. Duas eram brancas; a outra, asiática.

— Como Laura Fang — disse Frost.

— Também como Laura — continuou Tam —, eram garotas que podiam ser chamadas de boas meninas. Alunas cujas notas não eram menores que 8. Nada de delinquência, nenhuma razão para se achar que tenham fugido. Talvez seja por isso que Ingersoll tenha colocado as três nessa lista. Ele achou que esse era o denominador comum.

— Esses casos têm quanto tempo? — perguntou Frost.

— Todas as garotas desapareceram há mais de vinte anos.

— Então ele estava olhando só para casos antigos? Por que não outros, mais recentes?

— Não sei. Talvez estivesse só começando. Se não tivesse sido assassinado, talvez aparecesse com mais nomes. O que me intriga é por que se envolveu nisso, em primeiro lugar. Ele não trabalhou nesses casos quando estava no Departamento de Polícia de Boston, então o que o levou a isso agora? Seria a aposentadoria tão chata assim?

— Talvez alguém o tenha contratado como detetive particular. Uma dessas famílias.

— Foi minha primeira ideia — disse Tam. — Consegui falar com as famílias, e nenhuma contratou Ingersoll. E sabemos que Patrick Dion também não.

— Então talvez estivesse fazendo isso por conta própria — sugeriu Frost. — Tem policiais que não suportam a aposentadoria.

— Nenhuma dessas três teria sido caso do Departamento de Polícia de Boston — retorquiu Jane. — São todas de jurisdições diferentes.

— Mas Charlotte Dion desapareceu em Boston. Como Laura Fang. Elas podem ter sido o ponto de partida de Ingersoll, a razão pela qual se envolveu.

Jane olhou os nomes das três.

— E agora está morto — disse ela, em voz baixa. — Em que diabos ele foi se meter?

— No território de Kevin Donohue — respondeu Tam.

Jane e Frost olharam para ele. Embora Tam estivesse trabalhando com eles mal fazia duas semanas, já havia adquirido um quê de arrogância. De terno e gravata, cabelo cuidadosamente aparado e olhar glacial, poderia passar-se por alguém do Serviço Secreto ou um daqueles Homens de Preto das histórias em quadrinho. Não era alguém que se podia conhecer com facilidade, o tipo de cara com quem Jane não conseguia se imaginar tomando uma cerveja.

— O que se diz nas ruas — continuou Tam — é que Donohue vem agenciando garotas há anos. Prostituição é um dos seus ramos.

Jane concordou com um gesto de cabeça e replicou:

— Sim, mais um sentido para “Açougue” Donohue.

— E se for assim que ele consegue as garotas?

— Raptando alunas nota dez? — perguntou Jane, balançando a cabeça.

— Parece um método arriscado de escolher prostitutas menores de idade. Há maneiras mais fáceis.

— Mas isso juntaria tudo. Joey Gilmore, garotas desaparecidas e o Red Phoenix. Talvez Ingersoll tenha descoberto a ligação com Donohue e tenha se assustado. Por que parou de usar os telefones? Porque, se Donohue suspeitasse de algo, Ingersoll sabia que seria um homem morto.

— Ingersoll é um homem morto — replicou Jane. — O que não sabemos é por que começou a fazer perguntas. Depois de todos esses anos de aposentadoria, por que se interessou de repente por garotas desaparecidas?

Tam disse:

— Talvez o que deveríamos perguntar é: para quem ele estava trabalhando?

Agora eram seis.

Jane estava sentada à sua mesa, revisando o que sabia sobre os três novos nomes na lista. A primeira a sumir havia sido Deborah Schiffer, 13 anos, de Lowell, Massachusetts. Filha de um médico e uma professora, media 1,58m, pesava 45 quilos, tinha cabelos e olhos castanhos. Há 25 anos, desaparecera em algum lugar entre a escola e a casa da professora de piano. Aluna nota dez, exemplar, fora descrita como tímida e estudiosa, sem namorado. Se na época houvesse internet, se saberia muito mais sobre ela, mas Facebook, MySpace e salas de bate-papo on-line ainda não tinham sido inventados.

Um ano e meio depois, a próxima garota da lista havia desaparecido. Patricia Boles, 15 anos, fora vista pela última vez num shopping center, onde a mãe a tinha deixado. Três horas depois, Patricia não apareceu no ponto de encontro combinado. Tinha 1,61m, 47 quilos, cabelos louros e olhos azuis. Como Deborah Schiffer, era uma aluna acima da média, que nunca dera problemas. Seu desaparecimento contribuíra sem dúvida para a ulterior dissolução do casamento dos pais. A mãe morreu sete anos depois; o pai, que Jane conseguiu por fim encontrar na residência atual, na Flórida, praticamente não quis falar sobre a filha perdida havia tanto.

— Casei de novo e tenho três filhos agora. Dói demais só de ouvir o nome da Patty — disse ele a Jane, por telefone.

Sim, recebera ligações da polícia ao longo dos anos sobre o caso. Sim, tinha falado com o detetive Ingersoll recentemente. Entretanto, nenhuma novidade surgira dessas chamadas.

Após o desaparecimento de Patty Boles, mais de um ano se passou antes do desaparecimento da próxima garota. Sherry Tanaka tinha 16 anos, talhe miúdo, e estava no primeiro ano do ensino médio em Attleboro. Sumiu da própria casa numa tarde, deixando a porta da frente encostada, o dever de casa ainda aberto sobre a mesa da sala de jantar. A mãe, que morava agora em Connecticut, havia recebido uma carta do detetive Ingersoll não fazia muito, pedindo para falar com ela sobre Sherry. Estava datada de 4 de abril e fora repassada através de uma série de endereços antigos. Ela tentara ligar para ele logo no dia anterior, mas ninguém tinha atendido.

Porque Ingersoll estava morto.

A Sra. Tanaka não conhecia nenhuma das garotas da lista, nem nunca tinha ouvido falar de Charlotte Dion. Porém, o nome de Laura Fang lhe era familiar, porque se tratava de uma garota asiática como Sherry, e esse detalhe ficara na cabeça da Sra. Tanaka. Fizera-a pensar se haveria alguma ligação. Anos antes, tinha ligado para a polícia de Attleboro por causa disso, mas nunca lhe retornaram o telefonema.

Três garotas de Massachusetts desaparecidas num período de seis anos não tinha nada de surpreendente. A cada ano, em todo o país, milhares de crianças entre 12 e 17 anos sumiam, muitas sem dúvida raptadas por pessoas de fora da família. Dezenas de garotas em Massachusetts haviam sumido durante esse mesmo período, garotas na mesma faixa etária, mas que não estavam na lista de Ingersoll. Por que ele teria se concentrado nessas vítimas em particular? Seria porque tinham idade e estatura semelhantes? Porque todas foram levadas de locais próximos à Highway 495, que circundava a área metropolitana de Boston?

E havia então Charlotte Dion, de 17 anos. Ao contrário das outras meninas, era mais velha e uma desinteressada aluna nota 6. Como se encaixava no padrão?

Talvez não houvesse padrão algum, e Ingersoll estivera procurando conexões que não existiam.

Ela pôs de lado as informações sobre as três garotas e concentrou-se na pasta sobre Charlotte, que tinha sido compilada por Buckholz. Era bem mais grossa que os registros sobre Laura Fang, o que a detetive supôs que fosse por causa do sobrenome Dion. A riqueza contava, mesmo nas questões de justiça. Especialmente nas questões de polícia, talvez. O desaparecimento de uma criança atormentava um pai e uma mãe para o resto da vida, fazendo-os se perguntar, à medida que as décadas passavam, se aquela jovem que tinham visto na rua poderia ser a filha havia tanto perdida, já adulta. Ou seria apenas mais uma estranha como as outras, cujo sorriso ou formato dos lábios pareciam, por um instante, dolorosamente familiares?

Jane abriu o envelope que continha o que eram, com toda probabilidade, as últimas imagens registradas de Charlotte, que obtiveram no arquivo de fotos do *Boston Globe*. Havia cerca de uma dezena de fotos do funeral duplo de Arthur e Dina Mallory. A natureza terrível de suas mortes e a enorme publicidade que cercou o massacre do Red Phoenix tinham arrastado quase duzentas pessoas ao cemitério naquele dia, segundo a matéria do *Globe*, e o fotógrafo tirara várias fotos do ajuntamento de pessoas sombriamente trajadas, de pé entre as duas covas abertas.

Contudo, as imagens mais impressionantes eram as fotos de perto, da família. Charlotte encontrava-se bem no meio, como foco dramático da composição, e não era de admirar: com as feições pálidas, os longos cabelos louros, era uma frágil personificação do sofrimento. Trazia a mão na boca, como se para reprimir um soluço, e o rosto contorcido numa expressão de dor física. De pé à sua direita, via-se Patrick Dion, olhando para ela com preocupação. No entanto, seu corpo encontrava-se parcialmente de costas para ele, como se Charlotte não quisesse que o pai visse sua aflição.

Na margem da foto, aparecia Mark Mallory, com o cabelo escuro mais comprido e rebelde. Aos 20 anos, já tinha compleição de homem, musculoso, com ombros largos. Erguia-se acima de uma mulher abatida e de meia-idade, sentada numa cadeira de rodas ao lado, e apoiava a mão no ombro dela. Jane supôs que fosse a mãe, Barbara, ex-esposa de Arthur. Ela contemplava os caixões, alheia ao fato de que o clique de uma máquina fotográfica captaria para sempre sua expressão, não de sofrimento, mas um olhar perturbador, de distanciamento frio. Como se o homem naquele caixão não significasse nada para ela. Ou talvez menos que nada. Afinal,

Arthur trocara-a por Dina e, embora Mark declarasse que não havia nenhum rancor entre os pais, aquela visão do rosto de Barbara contava uma história diferente. Ali estava a esposa descartada, diante da sepultura do ex-marido e da mulher que o roubara. Sentiria alguma ponta de satisfação naquele momento? Uma sensação de triunfo por ter sobrevivido aos dois?

Jane passou para a foto seguinte. Havia sido tirada do mesmo local privilegiado, mas o rosto de Charlotte parecia toldado, enquanto afastava-se mais ainda do pai, o corpo inclinado para a frente, em movimento. Na foto seguinte, Patrick franzia o cenho para ela, enquanto Charlotte continuava a mover-se, a mão ainda pressionando a boca; no rosto, uma careta. Na seguinte, metade dela estava fora da foto, via-se apenas as costas; a saia era um borrão negro. Mais um clique do fotógrafo, e Charlotte já não se encontrava mais visível; nem Mark. Patrick Dion e Barbara Mallory permaneciam em seus lugares, ambos os rostos demonstrando surpresa por os filhos terem se retirado da aglomeração.

O que estava se passando entre Mark e Charlotte? Teria ele a seguido para oferecer apoio?

Na foto seguinte, Patrick aparecia inclinado, abraçando desajeitadamente Barbara, os dois esposos descartados confortando-se um ao outro. Era uma imagem composta com habilidade, o abraço refletido na superfície brilhante de um dos caixões.

A última foto era da multidão dispersando-se, de costas para as sepulturas gêmeas. Uma metáfora, talvez, de como os vivos sempre continuam com suas vidas. Nela Charlotte estava outra vez visível, caminhando ao lado do pai, sua cintura enlaçada com firmeza pelo braço de Patrick. A cabeça de Charlotte, entretanto, estava voltada para trás, num olhar para a sepultura da mãe, e em seu rosto via-se uma expressão desesperada de saudade, como se quisesse se jogar em cima do caixão. Da mesma mãe que saíra de sua vida cinco anos antes.

Jane pousou a foto, cheia de tristeza por Charlotte. Pensou na própria mãe, em todas as formas como Angela a incomodava. Nunca, porém, duvidara de que a mãe a amasse e que daria a própria vida por ela, do mesmo modo como Jane daria a vida por Regina sem pensar duas vezes. Quando Dina divorciou-se de Patrick e deixou a família, Charlotte tinha apenas 12 anos, uma idade delicada que marca o fim da infância. Mesmo tendo um pai dedicado, havia segredos que uma garota só podia aprender

com a mãe, os segredos do sexo feminino. *Quem estava lá para ensinar você, Charlotte?*

Na hora do almoço, Jane desceu até a cantina em busca de café e um sanduíche de presunto. Depois levou os dois para cima, a fim de comer em sua mesa, alimentando-se não por prazer, mas por pura necessidade. Limpou a maionese dos dedos e virou-se para examinar no computador os arquivos das fotos da cena do crime na residência de Ingersoll. À medida que revia as imagens da casa e se lembrava do cheiro de mato ao longo da passagem lateral e do brilho da tela de TV através da janela, sentia o coração bater mais forte. *Foi a noite em que quase morri.* Jane respirou fundo e forçou-se a se concentrar nas fotos e a ver a cena de forma crítica, de uma perspectiva mais calma. Estudou a cozinha, onde Ingersoll estava caído com uma poça de sangue em torno da cabeça. Clicou na imagem do escritório doméstico, com as gavetas remexidas e o espaço vazio onde o computador devia ter estado. Durante a última conversa por telefone, Ingersoll contara a Jane que alguém tinha invadido sua residência. Fora aquele o caos que havia encontrado quando voltou para casa após a pescaria: a prova do arrombamento. Por fim, clicou numa foto do quarto, onde a mala fechada de Ingersoll ainda estava pousada no chão. Ele não tivera tempo de desfazê-la.

Ela passou para as fotos do Ford Taurus dele, estacionado na rua, em frente a casa. Ainda estava cheio dos restos de uma longa viagem: embalagens de café vazias, um saco amassado do Burger King, um jornal *Bangor Daily*. Naquela noite, ela estivera coberta de sangue e abalada pelos acontecimentos no beco. Assim, não tinha revistado pessoalmente o carro, deixando a função a cargo de Frost e Tam. Os dois haviam encontrado um recibo, já de uma semana, no porta-luvas, de um posto de gasolina em Greenville, Maine. Isso corroborava a declaração da filha de que Ingersoll fora pescar no norte.

Ela examinou de novo todas as fotos, clicando em cada uma. Sala de estar, de jantar, cozinha, quarto. Quando não encontrou o que estava procurando, pegou o telefone e ligou para Frost.

- Você achou alguma caixa de pesca na casa? — perguntou ela.
- Hum, não. Não me lembro de ver nenhuma.
- Quem vai pescar sem uma caixa de pesca?
- Talvez ele tenha alugado tudo no acampamento onde estava.

— Você falou com o gerente de lá?

— Sim. Mas não perguntei nada sobre equipamento de pesca.

— Vou dar uma ligada.

— Por quê?

— Porque me parece estranho, só isso. — Ela desligou e pegou a folha com as chamadas de Ingersoll.

Examinando-a, viu um código de área 207. Ele fizera a ligação de seu fixo, em 14 de abril.

Ela digitou o número. Tocou cinco vezes, e uma voz masculina atendeu dizendo um desconcertante:

— Ponto de Mergulho.

— Aqui é a detetive Jane Rizzoli, do Departamento de Polícia de Boston. Posso perguntar quem está falando?

— Joe. Vocês têm mais perguntas?

— Como assim?

— Alguém do Departamento de Polícia de Boston ligou ontem. Falou com meu filho Will.

— Deve ter sido o detetive Frost. Onde fica o Ponto de Mergulho, exatamente?

— Estamos em Moosehead Lake. Tenho uns dez chalezinhos aqui. Dos bons.

— Você recebeu recentemente um hóspede chamado Ingersoll.

— É. Will disse que vocês estavam perguntando sobre o sujeito. Foi minha esposa quem o recebeu, mas ela não está aqui hoje. Tudo que posso dizer é que ficou cinco dias, a maior parte do tempo sozinho. — Ele interrompeu a conversa e gritou para o filho: — Will, você pode ajudar essas pessoas a descarregar o equipamento do barco? Eles já atracaram! — Depois se dirigiu outra vez a Jane: — Desculpe, senhora. Está começando a ficar movimentado aqui. Gostaria realmente de ajudá-la, mas não há muita coisa a dizer. Ficamos tristes quando soubemos que o cara morreu.

— Foi a primeira vez que o Sr. Ingersoll ficou no Ponto de Mergulho?

— Não me lembro de tê-lo visto antes.

— Há quanto tempo trabalha aí?

— Desde que abriu. Sou o dono do lugar. Desculpe, preciso sair para ajudar uns hóspedes.

— Uma última pergunta. O Sr. Ingersoll alugou algum equipamento de pesca enquanto esteve aí?

— É, alugou. Will o ajudou a escolher uma vara e um molinete. Mas acho que não pegou muita coisa.

Ela olhou para o celular, que tocava.

— Obrigada, Sr...

— Patten. Se tiver mais perguntas, é só ligar.

Ela desligou o fixo, pegou o celular e viu que a chamada era do laboratório de Criminalística.

— Rizzoli.

A perita Erin Volchko declarou:

— Já vi muita coisa surpreendente nesses anos todos, mas essa realmente supera tudo.

— Do que estamos falando?

— Daquele fragmento metálico que veio do legista. Que estava cravado na coluna cervical da vítima do telhado.

— Sim, o fragmento da lâmina.

— É diferente de qualquer metal que já vi.

Frost e Tam já estavam esperando por Jane no laboratório quando ela chegou. Assim como um homem que ela nunca vira antes, um senhor afro-americano, de voz suave, que Erin apresentou como o Dr. Calvin Napoleon Cherry, do Arthur Sackler Museum, em Harvard.

— Quando me dei conta do que esse metal poderia ser, pedi ao Dr. Cherry que desse uma olhada — explicou Erin. — Se alguém tiver uma resposta, essa pessoa é ele.

O Dr. Cherry respondeu com um sorriso envergonhado:

— Você me faz parecer importante demais.

— Ora, o seu nome aparece em metade dos artigos publicados sobre o assunto. Não vejo um perito mais qualificado para consultar.

— Qual é sua função no Sackler Museum, Dr. Cherry?

Ele deu de ombros, com modéstia.

— Sou curador da coleção de armas. Minha tese de doutorado foi sobre análise metalúrgica de lâminas. Em especial, as da China e do Japão. Estão intimamente relacionadas, apesar de os métodos de feitura terem se afastado séculos atrás.

— Então o senhor acha que essa lâmina foi feita na Ásia?

— Tenho quase certeza.

— É possível dizer só com base em um fragmento?

— Espere — disse Erin, sentando-se diante do computador. — Me deixe mostrar as imagens que mandei para o Dr. Cherry esta semana. São microfotografias do fragmento.

Ela digitou algo no teclado e, no monitor, surgiu uma imagem de espirais e ondas cinzentas.

— O que vocês estão vendo — falou o Dr. Cherry — se chama aço damasco. Esse padrão ondulado se forma quando diferentes camadas de metal são dobradas e marteladas inúmeras vezes, juntando metal macio e endurecido. Quanto mais camadas, melhor fica o trabalho e mais forte a espada. Na China, o melhor aço é o chamado *bailian jinggang*, ou “aço forjado cem vezes”. É o que produz esses padrões que vocês estão vendo aqui, que chamamos de veias da lâmina.

— Se é uma arma chinesa — disse Frost —, por que é chamada de aço damasco?

— Para explicar isso, tenho que contar a vocês um pouco sobre a história das armas chinesas. Quero dizer, se quiserem ouvir — hesitou o pesquisador, olhando para os três detetives a fim de medir o interesse deles.

— Continue — disse Jane.

Os olhos do Dr. Cherry brilharam, como se não houvesse um assunto de que gostasse mais.

— Vamos voltar para o início da feitura de espadas. Há milhares de anos, os chineses começaram a fazer lâminas de pedra. Depois, descobriram o bronze, metal maleável e pesado, que tem suas limitações como matéria-prima para armas. O avanço seguinte foi o ferro, mas não se encontram muito exemplos dessas armas porque o ferro se corrói e sobra muito pouco. Ironicamente, é mais fácil encontrar uma espada de bronze que uma de ferro, mesmo sendo o bronze séculos mais velho.

— Mas estamos falando aqui de aço — disse Tam. — Não de ferro.

— E você sabe a diferença entre aço e ferro?

Tam hesitou:

— Se me lembro bem, tem algo a ver com a adição de carbono.

— Muito bem! — exultou o Dr. Cherry. — Nem todo mundo sabe disso, nem mesmo alguns dos meus alunos calouros em Harvard. Então estamos agora no meio da dinastia Han, cerca de 2 mil anos atrás, quando os fabricantes de espada aprenderam a forjar e a dobrar o aço, martelando-o em faixas e folhas. A técnica se originou provavelmente na Índia e depois se espalhou para a China e o Oriente Médio. Por isso ficou com esse nome de aço damasco.

— Mas não vem de Damasco — falou Frost.

— Não, é originalmente da Índia. Mas as boas ideias estão destinadas a se espalhar, e quando a técnica chegou à China, a feitura de espadas se transformou realmente numa arte. À medida que os séculos passavam, a qualidade técnica ia variando, dependendo dos métodos de guerra. A cada novo conflito, as armas evoluem. Quando os mongóis invadiram a China, durante a dinastia Song, introduziram o sabre. Os chineses o adaptaram e criaram seu próprio tipo de espada curva. É chamada de *dao*, e era usada pela cavalaria para cortar e retalhar o inimigo. Estamos falando de lâminas afiadíssimas, e dá para imaginar a carnificina que era o campo de batalha. Ocorriam desmembramentos e decapitações em massa.

Era uma imagem sinistra, que Jane conseguia visualizar com muita nitidez. Lembrou-se do beco. O sibilar da lâmina, o jato de sangue quente em seu rosto. A suavidade da voz do Dr. Cherry parecia minimizar grotescamente o horror do que estava descrevendo.

— Quem diabos se alistaria para ser soldado? Eu não — comentou Frost.

— Talvez você não tivesse escolha — observou o Dr. Cherry. — Durante uma grande parte da história antiga, os conflitos armados faziam parte da vida na China. Potentado contra potentado. Invasões de mongóis e de piratas.

— Piratas? Na China?

O Dr. Cherry fez que sim com a cabeça.

— Durante a dinastia Ming, piratas japoneses aterrorizavam a costa chinesa. Até que um herói chamado general Qi entrou em cena e os derrotou.

— Lembro de ouvir sobre ele — falou Tam. — Minha avó contava que o general Qi cortou a cabeça de 5 mil piratas. As aventuras dele eram ótimas para se escutar na hora de dormir.

— Caramba — resmungou Jane. — E pensar que o máximo que eu ouvia era “Branca de Neve e os Sete Anões”.

— Os soldados de elite do general Qi eram famosos por suas táticas engenhosas — disse o Dr. Cherry. — E a arma preferida deles era o *dao*. O sabre chinês. — Ele apontou para a imagem ampliada na tela do computador

de Erin e disse num tom de espanto: — É incrível pensar que é de um deles que veio esse fragmento.

— De um sabre chinês? — perguntou Jane.

— Sim.

— Como se pode ter certeza, a partir de um fragmento tão pequeno? Não poderia ser de uma espada samurai japonesa?

— É possível, suponho, já que os japoneses aprenderam suas técnicas de feitura de espadas com os chineses.

— E as espadas samurai são fáceis de se encontrar — acrescentou Tam. — Se vê delas à venda em lojas de facas.

— Ah, mas essas lojas não vendem espadas como essa.

— O que ela tem de tão especial? — perguntou Jane.

— A idade. Com base na datação de carbono-14.

Jane franziu o cenho.

— Pensava que datação de carbono-14 era só para material orgânico. Isso é aço.

— Vamos voltar à antiguidade das espadas — disse o Dr. Cherry. — A técnica tradicional era derreter areia ferruginosa numa forja. Esse ferro era depois misturado com carbono, para formar o aço. Mas onde conseguir carbono? Eles usavam cinza de madeira.

— E a madeira é orgânica.

— Exatamente. Extraímos o componente de carbono dessa amostra, por combustão, num tubo hermeticamente fechado — explicou Erin. — E esse carbono foi analisado depois.

— O fragmento teve que ser destruído?

— Infelizmente, sim. Para datar o carbono, a amostra teve que ser sacrificada. Era a única forma de precisarmos a idade.

— E foi aí que surgiu a grande surpresa — completou o Dr. Cherry, com um tom de animação na voz.

— Imagino que a arma não tenha sido comprada em alguma loja de facas local — falou Jane.

— Só se a loja for especializada em peças muito antigas.

— Quão antigas?

O Dr. Cherry apontou para a microfotografia.

— Esse aço que vocês estão vendo aí foi criado durante a dinastia Ming. A datação de carbono-14 indicou uma época entre os anos de 1540 e 1590.

— Ele fitou Jane, com olhos brilhantes. — Por um acaso, é o período do exército lendário do general Qi. Um sabre com esse grau de qualidade poderia ter sido usado por um de seus soldados de elite. Talvez tenha até cortado a cabeça de alguns piratas.

Jane contemplou a imagem no computador.

— Essa arma tem mais de 500 anos? E ainda é usável?

— É possível preservar uma espada dessas por um longuíssimo tempo, mas cuidados especiais são necessários, principalmente se a arma tiver sido usada realmente no campo de batalha. O sangue corrói o aço, mesmo que seja limpo com frequência. A exposição ao ar causa ferrugem e vai deixando furinhos. A lâmina precisaria de limpeza constante e polimento ao longo dos séculos, e isso desgastaria o metal, tornando o fio quebradiço. Essa pode ser a razão pela qual a lâmina deixou uma lasca no pescoço da vítima. Chegou ao fim da sua vida útil como ferramenta mortal — falou ele, soltando um suspiro nostálgico. — O que eu não daria para examiná-la! Uma *dao* da época do general Qi não teria preço, se alguém conseguisse encontrar uma... — Hesitou e franziu o cenho para Frost, que havia de repente empalidecido. — Alguma coisa errada, detetive?

Frost respondeu em voz baixa:

— Sei onde encontrar essa espada.

Mais uma vez, os detetives Rizzoli e Frost invadiram minha academia e, dessa vez, trouxeram com eles um senhor negro e bem-vestido, cuja timidez suave indica que não é policial. A interrupção súbita surpreende minha turma, e uma dúzia de estudantes fica paralisada, o exercício é de súbito abandonado. Só Bella entra em ação, passa pelos alunos e planta-se ao meu lado. Age como minha guardiã feroz, com seu 1,64m, incluindo o cabelo espetado. Não me surpreendo com a visita, e lanço um olhar a Bella que diz: *Fique calma. Me deixe resolver isto.*

Ela faz um sim quase imperceptível com a cabeça, mas permanece obstinadamente a meu lado.

A detetive Rizzoli assume o comando da conversa. É óbvio que faria isso: usa sua autoridade como uma armadura.

— Sabemos que tem uma espada antiga. Peço que entregue-a a mim agora.

Olho para o detetive Frost. Um olhar frio de acusação e a vergonha escurecem seus olhos. Na noite em que jantamos juntos, quando uma amizade surgiu entre nós, permiti a ele que segurasse Zheng Yi e lhe contei a história da espada. Aquela noite, vi bondade em seu rosto, que hoje se contrai numa máscara, obliterando qualquer indício de nossa ligação anterior. Fica claro que é acima de tudo policial, o que arruína qualquer possibilidade de amizade entre nós.

— Se decidir não nos entregar a arma — prossegue a detetive Rizzoli —, temos um mandado de busca.

— E se lhe entregar a minha espada, o que vai fazer com ela? — pergunto.

— Examiná-la.

— Por quê?

— Para saber se foi usada num crime.

— Vai ser devolvida a mim intacta?

— Sra. Fang, não estamos aqui para negociar. Onde está a espada?

Bella dá um passo à frente, sua fúria irradiando como o zumbido de uma máquina operando em alta voltagem.

— Vocês não podem simplesmente confiscá-la!

— A lei diz que posso.

— Zheng Yi está na minha família há gerações — digo. — Nunca saiu da minha guarda.

A detetive Rizzoli franze o cenho para mim e pergunta:

— O que é Zheng Yi?

— O nome que recebeu ao ser forjada. Quer dizer “justiça”.

— A espada tem nome?

— Por que a surpresa? Vocês não têm uma lenda na cultura ocidental sobre uma espada chamada Excalibur?

— Madame Fang — diz o negro, com voz muito respeitosa. — Creia-me, não desejo de modo algum ver a espada danificada. Compreendo seu valor, e prometo tratá-la com cuidado.

— E por que deveria acreditar no senhor? — pergunto.

— Porque meu trabalho é proteger e preservar essas armas. Sou o Dr. Calvin Cherry, do Arthur Sackler Museum, e já examinei muitas espadas antigas. Conheço suas histórias. As batalhas que travaram. — O homem inclina a cabeça, num gesto de consideração que me impressiona. — Ficaria muito honrado se me permitisse ver a Zheng Yi — diz, em voz baixa.

Olho dentro de seus suaves olhos castanhos e vejo uma sinceridade que não esperava. Esse homem pronuncia o nome com um sotaque perfeito. Percebo que fala mandarim. Mais importante ainda, entende que uma boa arma deve ser reverenciada pela habilidade de seu fabricante e pelos séculos que sobreviveu.

— Venha comigo — digo. — Bella, por favor, tome conta da turma.

Levo os visitantes até o quarto dos fundos e fecho a porta. Tiro uma chave do bolso e abro o armário, revelando o embrulho envolto em seda que

se encontra na prateleira. Com ambas as mãos, entrego-o ao Dr. Cherry.

Ele o recebe com uma medida e o apoia com cuidado sobre minha mesa. Os detetives Rizzoli e Frost observam enquanto ele desenrola as camadas de seda vermelha e expõe a arma embainhada. Para um instante a fim de examinar o estojo, que é feito de madeira laqueada, com detalhes em bronze. O cabo também é de madeira laqueada, mas forrado com pele de arraia, tingida de verde. Quando puxa a espada, a lâmina produz um som musical que me faz sentir um arrepio na espinha.

— *Liuye dao* — murmura ele.

Assinto e confirmo:

— Um sabre folha de salgueiro.

— A senhora diz que é de família?

— Era da minha mãe. E, antes, da mãe dela.

— A quantas gerações?

— Até a época do general Washi.

Ele levanta a cabeça, claramente surpreso.

— É sério?

— É a linhagem da nossa família.

A detetive Rizzoli pergunta:

— Quem foi ele, esse general?

— Vai apreciar esse pedaço da história, detetive — fala o Dr. Cherry. —

A general Washi era uma mulher, a mais famosa das mestras de *dao* duplo, que é uma espécie de guerreiro que lutava com duas espadas, uma em cada mão. Ela comandava milhares de soldados durante a dinastia Ming, liderando-os em ataques contra aqueles piratas japoneses de que lhe falei. — Olha para mim, assombrado. — E a senhora é sua descendente?

Balanço a cabeça, sorrindo para ele.

— Fico feliz que tenha ouvido falar dela — respondo.

— Mas isso é espantoso! Pensar que...

— Dr. Cherry — interrompe a detetive Rizzoli. — E a espada?

— Ah, sim. Claro. — Ele pega os óculos e os coloca.

Por trás das lentes, seus olhos castanhos estreitam-se, concentrados.

— Tem a curvatura típica da *dao* folha de salgueiro. Um desenho muito antigo — explica ele aos dois detetives. — Esta é um pouco mais curta que o normal, mas acho que é de se esperar, porque a arma foi concebida

especificamente para a mão feminina. Estes entalhes aqui também são típicos, feitos para tornar a lâmina um pouco mais leve. Vejam estes desenhos no aço! É impressionante como ainda estão sulcados! E o cabo, dá quase para pensar que é original, se não soubéssemos que tem pelo menos 500... — Ele se cala.

Acima dos óculos, vejo as rugas em sua testa se aprofundarem. Durante os segundos que se seguem, não diz nada. Traz a *dao* para perto das lentes, estudando minuciosamente o fio da lâmina. Testa a flexibilidade. Por fim, enfia a mão no bolso e tira uma lente de aumento, com a qual examina os painéis gravados.

Depois, endireita-se e, quando olha para mim, vejo uma tristeza estranha em seus olhos. Um olhar que é quase de arrependimento. Com calma, recoloca a *dao* em seu estojo e a entrega para mim.

— Madame Fang — diz o pesquisador —, obrigado por me permitir ver a Zheng Yi.

— Já terminou com ela então? — pergunto.

— Não há necessidade de a levarmos.

A detetive Rizzoli protesta:

— Dr. Cherry, o laboratório de criminalística precisa examiná-la.

— acredite em mim, esta não é a arma que estão procurando.

Rizzoli vira-se para o detetive Frost.

— É a mesma espada que você viu?

Frost parece confuso. Seu olhar sobe e desce, entre meu rosto e a espada embainhada que seguro. O rosto torna-se escarlate quando percebe que pode ter cometido um engano.

— Bem, é ou não? — pergunta a detetive outra vez.

Frost balança a cabeça:

— Não tenho certeza. Só vi a espada por um momento.

— Detetive Frost — digo friamente —, da próxima vez em que fizer uma visita, espero que tenha a cortesia de me dizer o que realmente quer de mim.

Minha farpa acerta em cheio, e ele se encolhe como se atingido.

A detetive Rizzoli suspira.

— Sra. Fang, a despeito do que o Dr. Cherry alega, ainda precisamos levar a espada para outros estudos.

Ela estende o braço, esperando que eu entregue o troféu.

Após uma pausa, coloco-o em suas mãos.

— Espero que volte para mim intacta.

Enquanto os visitantes saem, vejo o detetive Frost lançar um olhar arrependido para trás, mas uso o meu desdém como um escudo, rejeitando qualquer pedido de desculpas. Seus ombros estão caídos quando passa pela porta.

— *Sifu?* — chama Bella, em voz baixa, entrando em meu escritório.

Na sala ao lado, os alunos continuam aparando golpes e chutando, gemendo e suando. Ela fecha a porta para que não vejam o olhar de satisfação que trocamos.

Movimento e contra-ataque. O jogo de xadrez continua, e a polícia ainda se encontra um passo atrás de nós.

Jane esperou até que alcançassem o meio da quadra, onde os carros estavam estacionados, para confrontar o Dr. Cherry.

— Como pode ter tanta certeza de que esta não é a arma do crime?

— Leve-a para o laboratório de criminalística. Deixe que a examinem se não acredita em mim — respondeu ele.

— Estamos procurando uma espada chinesa antiga, e, por um *acaso*, ela tem uma.

— A espada em questão não é a que vocês estão procurando. Sim, o fio da lâmina tem falhas e sinais de uso, mas as marcas e os sulcos são muito diferentes. Além disso, o cabo parece ser o original da arma. Um cabo de madeira da dinastia Ming não teria sobrevivido esses séculos todos em tão boas condições.

— Então esta espada não é velha?

— É muito bem-feita. Tem o peso e o equilíbrio de um sabre da dinastia Ming. Mas é apenas uma reprodução excelente. Deve ter no máximo entre 50 e 75 anos.

— Por que não falou essas coisas enquanto estávamos lá?

— Porque está claro que *ela* acredita que isso é verdade. Que é um legado de seus ancestrais. Não tive coragem de desiludi-la, sabendo que isso significa tanto para ela.

Ele olhou para o portão *paifang*. Era fim de tarde, e o público que vinha para jantar começava a invadir Chinatown, perambulando pelas ruas

estreitas, estudando cardápios nas entradas de restaurantes. O Dr. Cherry contemplava a multidão com um olhar triste.

— No museu onde trabalho — disse ele —, muitas vezes me pedem para examinar relíquias de família. As pessoas trazem todo tipo de velharia que encontram nos sótãos. Vasos, quadros e instrumentos musicais. Coisas que vêm envoltas numa série de mitos. Quase sempre, meu veredito é uma decepção para elas, porque as coisas trazidas não são tesouros, mas reproduções baratas. Isso faz com que se questionem quanto a tudo que lhes contaram quando eram crianças. Destrói os mitos pessoais, e odeio ter que fazer isso. As pessoas querem acreditar que são excepcionais. Que suas famílias têm uma história única para contar e, como prova, apontam para o anel antigo da vovó ou o velho violino do vovô. Por que forçá-las a ouvir a verdade cruel, ou seja, que a maioria de nós é absolutamente comum? E que as relíquias de família que valorizamos tanto são, quase sempre, falsas?

— A Sra. Fang acredita que descende de mulheres guerreiras — falou Frost. — O senhor acha que é mais uma fantasia de família?

— Acho que deve ser algo que os pais lhe contaram. E entregaram aquela espada como prova.

— Então não é verdade, a história sobre a general Washi.

— Tudo é possível, detetive Frost. Você pode ser descendente do rei Arthur ou de Guilherme, o Conquistador. Se isso é importante, se lhe ajuda a superar as dificuldades do dia a dia, então continue acreditando. Porque a mitologia de família tem muito mais importância para nós que a verdade. É algo que nos ajuda a lidar com a mera insignificância de nossas vidas.

Jane bufou.

— A mitologia da minha família se resumia a imaginar a quantidade de cerveja que o tio Lou conseguia beber de uma vez só.

— Duvido que seja a única história que ouviu — disse o Dr. Cherry.

— Também ouvi que minha bisavó serviu comida estragada numa festa de casamento.

O Dr. Cherry sorriu.

— Estou falando de heróis. Deve ter um na sua família. Pense nisso, detetive. Na importância desses heróis em relação à forma como você se vê.

Jane pensou naquilo enquanto voltava para casa, dirigindo. Ainda, as primeiras figuras que lhe vinham à cabeça eram os malandros ou os ridículos. O primo Rizzoli que tentara provar que Papai Noel podia de fato

fazer uma entrada tradicional, o que resultou no desmonte emergencial da chaminé da mãe. Ou o tio que animou uma festa em Nova York com fogos de artifício feitos em casa e saiu do hospital com três dedos a menos.

Havia, entretanto, histórias de serena dignidade, que se contavam sobre uma tia-avó, freira na África. Outra tia-avó que conseguira dar de comer a oito filhos, na Itália, durante a guerra. Elas poderiam ser chamadas de heroínas, também, porém eram de um tipo mais discreto. Mulheres de verdade, que suportaram privações, nada que se assemelhasse à ancestral lendária de Iris Fang, que lutava com duas espadas e conduzia soldados nas batalhas. Isso soava mais como uma fábula, tão real quanto Sun Wukong, o Rei dos Macacos, que protegia os inocentes, combatia demônios e monstros fluviais. Iris vivia num mundo de contos de fada, onde uma viúva solitária podia acreditar ser mestre de espada, com o sangue de antigas guerreiras correndo em suas veias. E quem podia acusá-la por abrigar-se numa fantasia dessas? Estava morrendo de leucemia. O marido e a filha estavam mortos. Sozinha naquela casa triste, com uma mobília triste, sonharia com campos de batalha e glórias? *Será que eu não faria o mesmo?*

Enquanto parava num sinal, o celular tocou. Sem olhar para o número de quem ligava, atendeu e ouviu uma voz raivosa berrando em nos ouvidos:

— Que diabos é isso, Jane? Por que você não me contou? — gritava seu irmão Frankie. — Não podemos deixá-la fazer isso.

Ela suspirou.

— Acho que você está se referindo ao noivado da mamãe?

— Tive que ficar sabendo pelo Mike.

— Ia te ligar, mas é que tenho andado muito ocupada.

— Ela não pode se casar com aquele cara. Você tem que impedir.

— E como você quer que eu faça isso?

— Ela ainda é casada, pelo amor de Deus!

— É. Com um homem que a trocou por uma vagabunda.

— Não fale assim do papai.

— Mas ele trocou.

— Isso não vai durar. Papai vai voltar para casa, você vai ver. Ele só está precisando tirar o atraso.

— Fale isso para a nossa mãe e espere a resposta dela.

— Porra, Jane, não acredito que você vai deixar isso acontecer. É a *família* Rizzoli. E *família* tem que ficar junta. E o que a gente sabe sobre esse cara, esse tal de Korsak?

— Qual é. Nós dois sabemos que ele é gente boa.

— O que isso quer dizer, ele é *gente boa*?

— Que é um ser humano decente. E é um bom policial. — Ela hesitou, intrigada pelo fato de estar defendendo o mesmo homem que não apreciava muito como padrasto. Entretanto, tudo o que dissera sobre Korsak era verdade. Ele *era* um ser humano decente. Um homem em quem se *podia* confiar. Havia outros piores.

— E para você tudo bem que ele esteja trepando com a mamãe? — falou Frankie.

— Você não tem o menor problema quanto a papai trepar com a a Vagabunda.

— É diferente. Ele é homem.

Aquilo a enfureceu.

— E mamãe não pode trepar? — retrucou Jane.

— Ela é nossa *mãe*.

O sinal ficou verde. Enquanto atravessava o cruzamento, disse:

— Mamãe ainda está viva, Frankie. É bonita, divertida e merece outra chance no amor. Em vez de ficar enchendo a cabeça dela por causa disso, vá falar com o papai. Ele é a razão de ela ter começado a sair com Korsak, em primeiro lugar.

— OK, vou falar. Talvez seja hora de ele assumir o controle da situação — disse Frankie, desligando.

Controle? Foi a falta de controle do papai o que nos levou a isso.

Ela jogou o telefone no assento, pensando, preocupada, em como o pai reagiria à notícia. Irritada que aquilo fosse mais uma causa de preocupação, outra batata quente para segurar, quando já tinha de lidar com várias.

O telefone tocou outra vez.

Abruptamente, parou o carro no meio-fio para atender.

— Não tenho mais tempo para isso, Frankie — berrou.

— Quem é Frankie, porra? — Veio a resposta, igualmente irritada. — Escute, Rizzoli, já não aguento mais essa merda de história do Red Phoenix

e quero que você pare com isso.

Não havia como confundir a voz rouca de Kevin Donohue. E seu elegante vocabulário.

— Não sei do que está falando, Sr. Donohue — respondeu ela.

— Recebi outra hoje. Dessa vez deixaram no limpador do meu para-brisa. Você acredita que tiveram a coragem de tocar na porra do *meu* carro?

— Recebeu outra o quê?

— Outra cópia do obituário do Joey. *Gostava de basquete e tiro ao alvo, deixou mãe e irmã*, blá-blá-blá. E tem um recado no verso.

— O que diz?

— *Está chegando a sua vez.*

— E você acha que vale a pena levar isso a sério?

— Duas pessoas foram decapitadas por uma criatura símia maluca, e você acha que não vale a pena levar isso a sério?

Ela disse, tranquilamente:

— De que criatura símia está falando?

— Por quê? Não era para eu saber disso?

— Essa informação não é pública.

— Não sou o *público*, OK? Sou um cidadão que paga impostos e que está com a vida ameaçada.

Ele tem algum canal na nossa investigação, pensou Jane. Conseguiu entrar no Departamento de Polícia de Boston. Aquilo não deveria surpreendê-la. Um homem tão poderoso quanto Donohue podia comprar olhos e ouvidos em qualquer lugar, inclusive na prefeitura e na polícia.

— Faça seu trabalho, detetive — disse ele. — Você está aí para servir e proteger, lembra?

Que pena que isso inclui proteger um lixo como você. Ela respirou fundo e tentou soar educada.

— Preciso examinar esse último bilhete. Onde está agora?

— Estou no meu armazém em Jeffries Point. Não vou ficar aqui muito tempo, então venha rápido.

A noite já havia caído quando Jane entrou com seu carro pelo portão aberto dos Açougues Donohue, de vendas por atacado, e estacionou entre um BMW e um Mercedes prateado. Os gângsteres pareciam gostar de carros importados reluzentes. Enquanto saltava, ouviu o ruído de um jato decolando do Logan Airport, nas cercanias. Levantou a cabeça e viu-o inclinar-se lateralmente, rumando ao sul. Pensou nas praias da Flórida, em coquetéis à base de rum e palmeiras. Como seria bom tirar umas férias num local ensolarado, longe de assassinatos.

— Detetive Rizzoli.

Virando-se, reconheceu um dos guarda-costas troncudos que encontrara na casa de Donohue, dias antes. Seu nome era Sean.

— Ele está lá dentro — disse o homem, olhando para a arma dela, no coldre. — Mas antes tem que me entregar isso.

— O Sr. Donohue não se importou que eu a carregasse da outra vez.

— É, mas ele está muito mais nervoso agora. Por causa da mensagem no para-brisa — respondeu, estendendo a mão.

— Não entrego minha arma para ninguém. Diga ao Sr. Donohue que ele pode me procurar na central de polícia. Vai ser um prazer conversar com ele lá — rebateu Jane, virando-se em direção ao carro.

— OK, OK — concordou o homem. — Mas saiba que vou ficar observando, como um gavião.

— Como quiser.

Ela o seguiu até o interior do armazém e, quando a porta isolante fechou atrás de si, desejou ter trazido um casaco mais grosso. Estava gelado lá dentro, uma caverna sem janelas, tão fria que ela podia enxergar a própria respiração. Sean conduziu-a por uma cortina de plástico em tiras até a área refrigerada. Do teto, pendiam ganchos com enormes pedaços de carne, em várias fileiras, uma floresta de cadáveres suspensos. A névoa fria cheirava a sangue e carne abatida, odor que lhe ficaria no cabelo e na roupa muito depois de deixar aquele lugar. Passaram por aquela floresta de carnes penduradas, chegando a uma sala nos fundos do prédio, e seu acompanhante bateu na porta.

Ela se abriu e Jane reconheceu o segundo guarda-costas, que lhe fez um gesto para que entrasse. Adentrou o ambiente sem janelas, e a porta bateu com força quando fechou atrás dela. Encontrava-se presa numa fortaleza, dentro de um frigorífico, vigiada por seguranças armados e, no entanto, sentia-se menos nervosa com as circunstâncias que o anfitrião. Era isso que dava ser um príncipe da máfia irlandesa: vivia-se noite e dia atormentado por paranoia e medo. Ser dono do poder significava sempre temer o momento de perdê-lo.

Kevin Donohue parecia mais inflado que nunca, sentado atrás de sua mesa, os dedos que lembravam salsichas descansando sobre uma embalagem plástica selada, na qual havia guardado a última mensagem. Esticou-a.

— Infelizmente — disse ele —, meus brilhantes auxiliares aqui deixaram digitais por tudo quanto é lado, antes de me mostrar.

— Esses bilhetes nunca têm digitais — replicou ela, pegando a embalagem. — A pessoa que envia é muito cuidadosa.

Jane olhou para o lado fotocopiado. Era o mesmo obituário de Joey Gilmore, do *Boston Globe*, publicado 19 anos antes. Virando-o ao contrário,

leu a mensagem, escrita em letra de imprensa: **ESTÁ**

CHEGANDO A SUA VEZ.

Jane voltou-se para Donohue.

— Na sua opinião, seria *a sua vez* de quê?

— Você é retardada? É óbvio que se refere a essa coisa que corre pela cidade, bancando o vigilante, com uma espada.

— E por que esse vigilante o perseguiria? Você é culpado de alguma coisa?

— Não preciso ser culpado de nada para reconhecer uma ameaça quando vejo uma. Já recebi muitas.

— Não fazia ideia de que transportar cortes de carnes caras fosse um negócio tão perigoso.

Ele a encarou com olhos pálidos.

— Você é esperta demais para se fazer de burra.

— Mas não o suficiente para adivinhar o que está querendo de mim, Sr. Donohue.

— Falei ao telefone. Quero que essa porra pare, antes de mais cabeças rolarem.

— Está se referindo à sua, especificamente — falou ela, olhando de relance para os dois homens que a cercavam. — Me parece que proteção é algo que não lhe falta.

— Não contra aquilo: aquela *coisa*. Seja lá o que for.

— Coisa?

Donohue inclinou-se para a frente, o rosto vermelho de impaciência.

— Dizem que ela fatiou dois profissionais como se fossem carne enlatada. E desapareceu sem deixar vestígios.

— Eram seus profissionais?

— Já falei da outra vez. Não, não eram meus.

— Faz alguma ideia de para quem trabalhavam?

— Se soubesse, diria a você. Coloquei meus informantes em campo, e soube que o serviço acabou resultando na morte do policial, semanas atrás.

— A morte do detetive Ingersoll fazia parte de um serviço?

Donohue fez que sim com a cabeça, e seus três queixos agitaram-se.

— Assim que aceitaram o serviço, ele já era um homem morto. Deve ter feito alguma coisa que incomodou muito.

— Ingersoll era aposentado.

— Mas estava fazendo muitas perguntas.

— Sobre garotas, Sr. Donohue. Garotas que desapareceram — falou Jane, olhando-o bem nos olhos. — Este é um assunto que deve incomodar

muito *ao senhor*.

— A mim? — retrucou o mafioso, recostando-se na cadeira, que estalou sob seu peso. — Não faço ideia do que esteja falando.

— Prostituição? Tráfico de menores?

— Prove.

Jane deu de ombros.

— Pensando nisso agora, talvez eu deva deixar o tal macaco fazer o trabalho dele.

— A coisa está atrás do cara errado! Não tive nada a ver com o Red Phoenix! OK, Joey era linguarudo. Não derramei nenhuma lágrima quando acabaram com ele, mas não fui eu que mandei.

Ela olhou para o obituário de Joey.

— Alguém acha que foi — disse.

— É aquela mulher maluca de Chinatown. Só pode ser ela por trás disso.

— Está falando da Sra. Fang?

— Acho que foi ela quem contratou Ingersoll para fazer aquelas perguntas, para descobrir quem matou o marido. Ele chegou muito perto da verdade, e foi assim que essa guerra começou. Se acha que os irlandeses batem com força, ainda não viu o que os chineses fazem. Eles têm gente que consegue penetrar em qualquer lugar. Praticamente subir pelas paredes.

— Estamos falando de pessoas ou contos de fada?

— Você não viu aquele filme, *Ninja assassino*? Eles são treinados para matar desde a infância.

— Os ninjas são japoneses.

— Não se prenda a detalhes! É a mesma habilidade, o mesmo treinamento. Você sabe quem ela é, não sabe? De onde Iris Fang vem? Pesquisei o passado dela. A mulher cresceu num mosteiro secreto, nas montanhas, onde treinam as crianças para esse tipo de coisa. Provavelmente aos 10 anos já podia cortar o pescoço de um cara. E agora tem esse monte de alunos trabalhando para ela.

— Ela é uma viúva de 55 anos.

Uma mulher doente com tristes ilusões de grandeza, pensou Jane. Que acredita ser descendente de um general mítico e tem uma espada falsa para provar isso.

— Existem viúvas e existe *ela*.

— Tem certeza absoluta de que é Iris Fang quem está por trás das ameaças?

— Provar isso é o *seu* trabalho. Só estou falando a que isso me cheira. Ela perdeu o marido naquela noite, e acha que foi a mando meu. Estão me acusando do que aconteceu no Red Phoenix. E dessa vez *não fui eu*, porra.

Uma explosão forte abalou de repente o prédio. Jane teve um vislumbre do rosto de Donohue, petrificado de espanto, um segundo antes de a sala ficar totalmente às escuras.

— Que porra é essa? — berrou Donohue.

— Acho que acabou a luz — sugeriu um dos homens.

— Dá para ver que a luz acabou! Ligue o gerador!

— Se eu conseguir encontrar uma lanterna...

Um ruído acima fez com que ficassem todos em silêncio. Jane ergueu a cabeça quando ligeiras batidas vieram do telhado. Contemplando o escuro, sentiu o próprio coração disparado, as palmas das mãos molhadas de suor, enquanto abria o coldre.

— Onde se liga o gerador?

— No... no armazém — respondeu um dos homens, a voz perto dela e cheia de medo. — O quadro de distribuição fica na parede de trás. Mas não vou conseguir encontrar no escuro. Não com essa coisa... — Ele se calou quando ouviram outra vez o mesmo som, leve como gotas de chuva batendo no telhado.

Jane enfiou a mão na bolsa e tirou sua lanterna portátil. Clicou nela e o feixe de luz iluminou Donohue, seu rosto brilhando de suor e medo.

— Ligue para a emergência — ordenou ela.

Ele pegou o telefone sem fio sobre a mesa. Devolveu-o à base.

— Não funciona! — exclamou.

Ela tirou o celular do cinto. Sem sinal.

— Este lugar é forrado com chumbo ou algo assim? — quis saber a detetive.

— As paredes são à prova de bala e de bomba — falou Donohue. — É uma questão da segurança.

— Ótimo. Uma verdadeira zona morta.

— Tem que ir lá fora para conseguir sinal.

Mas não quero ir lá fora. Ninguém quer.

Estava ficando quente na sala, as paredes aprisionando o calor do corpo e o medo. Não podemos ficar aqui para sempre, pensou Jane. Alguém tem que sair para telefonar, e parece que só pode ser eu.

Ela sacou a arma e foi até a porta.

— Vou na frente — disse. — Fiquem por perto.

— Espere! — interrompeu Donohue. — Meus garotos não vão com você de jeito nenhum.

— Preciso de cobertura.

— São pagos para *me* proteger. Vão ficar aqui.

Ela se virou e apontou a luz direto em seus olhos.

— OK, então. *Você* vai lá fora, e leva seus garotos junto. Fico aqui esperando vocês voltarem — falou ela, pegando uma cadeira, sentando-se e desligando a lanterna.

Por um momento, tudo ficou às escuras, o prédio silencioso. O único som que se ouvia era o da respiração de Donohue em pânico.

— Tudo bem — disse ele, por fim. — Leve Colin com você. Mas Sean fica.

Jane não fazia a menor ideia se podia confiar em Colin. Só esperava que tivesse neurônios operantes em número suficiente para não atirar em suas costas sem querer. Na porta, parou, tentando escutar algum som do outro lado, mas a barreira era grossa demais. *À prova de bala e de bomba*, havia dito Donohue.

Ela destravou o ferrolho e abriu a porta, uma fresta apenas. A escuridão não era tão profunda fora da sala: por uma janela alta, entrava o brilho longínquo da cidade, luz suficiente apenas para Jane distinguir as fileiras escuras de carne pendurada, como sombras de guerreiros em formação. Aquelas trevas podiam ocultar qualquer coisa que se passasse por mais uma silhueta entre os cortes suspensos.

Jane acendeu a lanterna e examinou rapidamente o entorno. Registrou as carcaças pendentes, o chão de concreto, o vapor da própria respiração. Ouvia Colin atrás de si, o fôlego ofegante de medo. Um homem armado e aterrorizado não era bem o tipo de cobertura que tinha em mente. Posso terminar com uma bala na coluna, pensou ela. Se a criatura não cortar minha cabeça antes.

— Onde é a saída mais próxima? — sussurrou a detetive.

— Bem em frente. Do outro lado do prédio.

Engolindo em seco, ela avançou perto de uma fileira de carcaças. Apontava a lanterna para a frente e para trás, buscando qualquer movimento, o vislumbre de um rosto, um brilho de metal. Tudo o que via eram os produtos do matadouro, criaturas vivas reduzidas a músculos e ossos pendurados. O feixe de luz mostrava-se instável em suas mãos trêmulas. Quem ou o que é você, pensava, já poupou minha vida uma vez. Porém, isso não significava que iria repetir o favor, não quando visse em companhia de quem ela estava.

Mais carcaças pairavam adiante. Apontando a lanterna para a frente, conseguia ver o final da fileira. De repente, parou, tentando ouvir através das marteladas do próprio coração.

— O que foi? — perguntou Colin, num sussurro.

— Escute.

Era um leve estalar, o som de uma árvore quando o vento a faz balançar, mas que cresceu até se tornar um ronco ritmado, como se a árvore estivesse sendo sacudida com violência. *Vem de cima.* Jane apontou a lanterna para o teto e viu uma carcaça suspensa balançando, para a frente e para trás, como se embalada por uma mão invisível.

Ouviram outro estalo, dessa vez à esquerda.

— Ali! — gritou Colin.

Jane dirigiu a luz para onde vinha o som e viu uma segunda carcaça balançando, movendo-se como um pêndulo gigante, de um lado para o outro, no raio estreito do feixe da lanterna.

— Atrás da gente! — falou Colin, a voz erguendo-se numa estridência de puro pânico. — Não, ali!

Jane girou, e sua luz captou movimento em todos os lugares, enquanto a escuridão adquiria vida, num coro barulhento de roncões e metal rangendo.

— Mas onde é que está essa *coisa*, porra? — berrou Colin, rodando em torno de Jane, apontando a arma para todos os lados, enquanto as carcaças balançavam sem parar.

Ele disparou e, em algum lugar na escuridão, ouviu-se um ruído metálico. Fez um segundo disparo, e a bala penetrou algum corte de carne fria.

— *Pare com isto* ou você vai matar nós dois! — gritou Jane.

O homem parou de atirar, mas continuou a virar de um lado para o outro, em busca de um alvo. Imaginava, sem dúvida, ver a criatura em todos os lugares, da mesma forma que a detetive o fazia. Seria, lá em cima, o contorno de um rosto, o brilho de um olho? Como uma coisa podia mover-se com tamanha rapidez, tão silenciosamente? De repente, ela se lembrou da ilustração no livro chinês de contos folclóricos. O Rei dos Macacos, segurando seu bastão, o longo rabo curvando-se como uma serpente. Pensou numa espada cortando a noite, a lâmina atravessando-lhe a garganta. Olhou para cima e, por um instante, achou que tinha visto a coisa empoleirada ao alto, os olhos selvagens brilhando na escuridão. Não havia, contudo, criatura alguma lá, só um gancho de metal vazio, aguardando um novo corte de carne.

Aos poucos, roncões e estalos deram lugar ao silêncio. Ainda assim, ela e Colin permaneceram no mesmo lugar, um de costas para o outro, esquadrinhando a escuridão. Em qualquer direção que Jane apontava a lanterna, não via sinais de nenhum intruso. Mesmo assim, o breu parecia vigiá-los. E com essa lanterna na mão, pensou ela, o que quer que esteja aqui conhece exatamente nossa posição.

— Continue andando — sussurrou Jane. — Para a porta.

— O que é essa coisa? Com o que estamos lidando?

— Não vamos esperar para saber.

E ele não tinha intenção de ficar para trás. Enquanto se movia em direção à porta, Jane podia quase sentir a respiração do sujeito em sua nuca. Para um homem feito Colin, a arma era falsa coragem, suficiente para transformar um covarde em brigão e assassino. Basta colocá-lo no escuro, onde não possa ver o inimigo, onde a cegueira geral funciona como equalizadora, e o covarde aparece desnudo. Só depois de terem alcançado a porta e saído, ela o ouviu dar um suspiro de alívio. O ar cheirava a maresia, e jatinhos rasgavam o céu, brilhando como estrelas. Ela pegou o celular, mas hesitou antes de fazer a ligação. O que ia dizer? *A luz acabou e ficou todo mundo louco, ouvindo coisas no escuro e imaginando monstros.*

— Afinal, você vai ligar ou não? — perguntou Colin.

O covarde havia-se ido e o valentão, voltado.

Ela levantou o telefone para fazer a ligação e ficou subitamente paralisada, o olhar fixo no telhado do armazém. Na figura agachada ali, delineada como uma gárgula contra o céu escuro. Estava observando-a também. *Será que me vê como amiga ou inimiga?*

— Está ali! — berrou Colin.

Quando ele levantou a arma para disparar, Jane agarrou-lhe o braço. A bala saiu sem rumo, cortando o céu sem encontrar o alvo.

— Que porra é essa? — gritou Colin. — Está bem ali, mate!

No telhado, a figura não se movia. Apenas os contemplava.

— Se você não matar, eu vou — disse ele, levantando outra vez a arma.

De repente, ficou imóvel perscrutando o telhado.

— Onde está? Para onde foi?

— Sumiu — falou Jane, olhando para o telhado vazio. *Você salvou minha vida uma vez. Agora, salvei a sua.*

— Donohue é um canalha — disse Tam. — Sou a favor de deixarmos a coisa acabar com ele. Com todos eles.

A *coisa*. Não havia outro nome para o que quer que fosse que havia se empoleirado no telhado do armazém na noite anterior. Ninguém tinha visto seu rosto ou ouvido sua voz. Apenas a vislumbraram, e sempre no escuro, quando não passava de uma sombra movendo-se entre outras. Na batalha entre o bem e o mal, a coisa deixara clara sua posição. Já havia acabado com dois assassinos profissionais. Agora, fixara o olhar em Donohue.

Mas me poupou, pensava Jane. *Como sabe que estou no time dos mocinhos?*

— O que quer que seja — falou Frost —, tem uma esperteza incrível para evitar câmeras de segurança.

Os três detetives haviam passado toda a manhã na sala de reuniões do segundo andar, analisando vídeos das câmeras instaladas nas vizinhanças de Jeffries Point, onde ficava localizado o armazém de Donohue. O material de uma delas estava, naquele momento, sendo exibido no monitor, uma visão noturna do estacionamento. Jane viu seu carro entrando pelo portão e parando na vaga ao lado do Mercedes.

— Sorria. Você está sendo filmada — disse Frost.

No vídeo, Jane salta do carro e para a fim de olhar o céu, como se farejasse o vento. Meu cabelo está tão horrível assim?, pensou ela,

contraíndo-se diante da própria imagem. Que postura horrível! Preciso aprender a andar com a coluna ereta e encolher a barriga.

Depois, o guarda-costas de Donohue, Sean, aparece, e eles têm a conversa sobre a arma. Ele insiste, e Jane resiste erguendo os ombros.

— Por que não pediu para irmos até lá com você? — perguntou Tam.

— Só passei para pegar o obituário. Não era nada.

— Acabou se transformando em bem mais que isso. Podia ter nos chamado.

Na tela, Jane e o guarda-costas desaparecem no armazém, e a imagem vira estática. Não havia qualquer movimento, nenhuma mudança no estacionamento, a não ser pelo brilho fugaz do farol de um carro passando pela rua. Frost adiantou o vídeo cinco minutos. Dez minutos. A imagem de repente tremeu e tudo ficou preto.

— E é isso aí — disse Frost. — A mesma coisa acontece em todas as quatro câmeras de Donohue. A luz é cortada, e não tem mais vídeo.

— Não temos então nenhuma imagem da coisa — falou Tam.

— Nas câmeras de Donohue, não.

— Será que essa coisa é invisível?

— Talvez saiba o que está fazendo — respondeu Frost, mostrando algumas fotos minimizadas do exterior do armazém. — Fui lá com a minha máquina hoje de manhã e tirei essas fotos. Dá para ver onde todas as câmeras estão instaladas. Como era de se esperar, estão direcionadas para os pontos de entrada. Portas e áreas de embarque e desembarque. Mas a parte de trás do prédio é uma parede só, e não tem vigilância. Nem o telhado — falou ele, olhando para Jane. — Então é fisicamente possível evitar as câmeras. Não precisa ser nenhuma criatura sobrenatural.

— Ontem à noite estava fácil de acreditar que se tratava de algo assim — retrucou Jane, em voz baixa, lembrando-se dos estranhos estalos e rangidos dos ganchos de carne, balançando à sua volta no armazém. — Ele tem um sistema de segurança e guarda-costas. Anda armado até os dentes. Mas contra essa coisa, Donohue não tem a menor ideia de como se proteger e está apavorado.

— E por que devemos nos preocupar, exatamente? — perguntou Tam.

— A coisa está fazendo o trabalho por nós. Se é para eliminar maus elementos, deixe ela.

Jane contemplou as fotos do armazém.

— Detesto discordar de vocês. Devo minha vida a essa coisa, mas quero saber como entrou no prédio. Eu estava lá, mas só a vi no final. Quando ela me *permitiu* vê-la. Quando sentou no telhado tempo suficiente para o guarda-costas de Donohue ver também.

— Por que faria isso? — perguntou Frost.

— Talvez para nos provar que existe de fato? Para assustar Donohue e mostrar que pode abatê-lo a hora em que quiser?

— E por que não o matou então? Donohue continua são e salvo.

— E aterrorizado — acrescentou Jane. — Engraçado, mas não tenho mais medo da coisa. Acho que está aí por alguma razão. Só queria saber como ela faz o que faz. — E olhando para Tam: — O que você sabe sobre o *wushu*?

Ele suspirou.

— Sabia que ia sobrar para o cara asiático...

— Qual é, Tam, você é o cara óbvio para se perguntar. Parece que sabe bastante sobre folclore chinês.

— É — concordou ele. — Cortesia da minha avó.

— Donohue acha que há guerreiros ninjas atrás dele. Procurei me informar ontem à noite, antes de dormir, e descobri que as técnicas ninjas vêm na verdade da China. Ele diz que os caras são criados para matar, desde a infância, e conseguem penetrar em qualquer fortaleza.

— A gente sabe que metade disso é fantasia.

— É, mas que metade?

— A que foi transformada em *O tigre e o dragão*.

— Gosto desse filme — disse Frost.

— Mas você acreditou em algum momento que guerreiros podem voar e combater no alto das árvores? Claro que não, porque é um conto de fadas. Igual às histórias que minha avó contava sobre macacos que podiam andar sobre a água. Imortais que vinham do céu e se misturavam com os homens.

— Mas as lendas têm às vezes um quê de verdade — sugeriu Jane. — E existiam mesmo monges guerreiros na China.

— OK — admitiu Tam. — Talvez essa parte seja verdade. Havia realmente monges *shaolin* guerreiros, de um templo que ficava nas montanhas. Ficaram famosos pela habilidade no combate depois que

defenderam o imperador durante uma rebelião. Mas a arte do *wushu* é muito mais antiga que esses monges. Tem milhares de anos, é tão antiga que ninguém sabe a sua verdadeira história. E a cada século que passa, as lendas vão ficando cada vez mais fantásticas. E foi assim que as pessoas começaram a achar que os guerreiros *wushu* são fantasmas. Impossíveis de matar.

— Depois da noite passada, estou quase acreditando que seja verdade — disse Jane.

— Ficou louca?

— Vocês não estavam lá, não viram.

— Também já estou quase acreditando que se trata de um fantasma — comentou Frost, examinando outro vídeo na tela. — Peguei material das câmeras de toda aquela área e, até agora, não vi nada. A coisa conseguiu passar pelas áreas não cobertas em todos os lugares. — Apontou para o monitor. — Essa câmera fica bem em frente à rua do armazém de Donohue. Estava gravando o tempo todo e, no entanto, não aparece nada.

— Se for de carne e osso, vai aparecer em algum lugar — falou Jane.

Frost trocou de vídeo.

— OK, essa câmera está instalada a um quarteirão de distância — disse ele —, quase em Summer Street.

Ele colocou o vídeo para rodar, e apareceu a imagem de um beco, com uma corrente bloqueando uma das extremidades. Minutos se passaram e nada se moveu ou se alterou.

— Outra vez, nada — constatou o detetive.

Jane deu um tapinha de solidariedade nas costas de Frost e levantou-se por fim.

— Divirta-se. Se vir alguma coisa, me ligue.

— Está bem, está bem.

Ela já estava quase na porta quando o ouviu bufar de admiração.

— O que foi? — quis saber a detetive.

— Passou tão rápido!

— Não vi nada — disse Tam.

Jane voltou até o monitor e esperou Frost rebobinar e apertar o PLAY outra vez. A mesma imagem estática reapareceu. O mesmo beco mal-iluminado, com a corrente na extremidade.

— *Ali* — indicou Frost.

A figura pareceu materializar-se na escuridão, de costas para a câmara enquanto se movia, com o contorno borrado, pelo beco. Em um pulo rápido, saltou a cerca e aterrissou agachada do outro lado. Ali parou e ficou de pé.

Frost congelou a imagem.

Estava vestida de preto da cabeça aos pés. Não dava para ver o rosto, mas a silhueta revelava uma cintura fina e a curva inconfundível dos quadris.

— É uma mulher — disse Frost.

Bella Li chegou à Schroeder Plaza, endereço do Departamento de Polícia de Boston, vestindo jeans de cintura baixa, botas de cano alto e uma jaqueta de couro preta. Antes de passar pelo detector de metais, fez uma espécie de espetáculo ao tirar a jaqueta, um striptease para todos os policiais de plantão, revelando uma camiseta colante, que aderira a cada curva dos seios sem sutiã. Ela retribuiu os olhares com um sorriso fatal e passou impávida pela segurança para encontrar Jane, que a esperava do outro lado.

— Não sabia que teria de passar pelo detector — disse Bella.

— Todo mundo passa. Até o prefeito — replicou Jane, fazendo-lhe sinal para que a seguisse até o elevador. — Vamos subir.

Enquanto dirigiam-se ao segundo andar, Bella ainda empinava os quadris e trazia a jaqueta pendurada num ombro. O cabelo curto parecia mais em pé que o habitual, como o pelo arrepiado de um gato, pronto para brigar. Essa garota provavelmente conseguiria me derrubar, pensou Jane. Bella podia não ser grande, mas era puro músculo e ágil como uma pantera. Contemplando-a, Jane perguntava-se: será que você é a criatura que vi empoleirada no telhado? Que salvou a minha vida naquele beco?

Quando chegaram ao segundo andar, Jane levou Bella até a sala de interrogatório.

— Fique à vontade. Vou avisar ao detetive Frost que você está aqui — disse ela, deixando a jovem sozinha.

Na sala ao lado, a detetive reuniu-se a Frost, que observava a jovem pelo espelho falso. Não parecia nem um pouco nervosa, recostada na cadeira, os

pés sobre a mesa. Com a cabeça inclinada para trás, olhava o teto, parecendo entediada.

— Ela disse alguma coisa interessante no elevador? — perguntou Frost.

Jane negou com a cabeça.

— Não perguntou nem mesmo por que a chamamos.

— Isso é interessante. Acha que ela sabe que sabemos?

— Acho que está tentando nos mostrar que não está nem aí.

Na sala ao lado, Bella olhou para o espelho e arqueou uma sobrancelha, com uma expressão inconfundível que dizia: *Dá para acabar logo com isso?*

— OK — suspirou Jane. — Vamos sacudir a gaiola.

Quando Jane e Frost entraram na sala de interrogatórios, Bella tirou os pés da mesa, mas permaneceu largada na cadeira, braços cruzados, enquanto respondia às perguntas de Jane sempre usando o mesmo tom. As mais fáceis, para disfarçar, vieram primeiro: nome? Bella Li. Data de nascimento? Dezoito de maio. Profissão? Professora de artes marciais. Bella suspirou alto, o retrato do desinteresse. A pergunta seguinte, todavia, fez os músculos do antebraço se agitarem.

— Onde estava à noite passada, entre seis e nove horas? — perguntou Jane.

Bella deu de ombros.

— Estava em casa.

— Sozinha?

— Por que quer saber?

— Queremos nos certificar do seu paradeiro.

— Considero particular minha vida amorosa. Não vejo por que tenho que dar nomes.

— Então você estava com alguém ontem à noite? — perguntou Frost. — Pode nos dizer o nome dele?

— Por que acha que me interesse por homens? Uma mulher pode ser melhor — respondeu ela, lançando um sorriso provocativo para Jane.

— OK — disse Jane, com um suspiro. — Qual era o nome *dela*, então?

Bella olhou para as mãos, estudando as unhas curtas.

— Não tinha ninguém. Eu estava em casa sozinha.

— Podia ter dito antes.

— E vocês podiam ter me dito por que me chamaram aqui.

— Então estava sozinha — prosseguiu Jane. — Deixou sua residência em algum momento?

— Não me lembro.

— Talvez se lhe mostrarmos uma foto você se lembre.

— Que foto?

Frost disse:

— A de uma câmera de segurança em Jeffries Point. Você é muito boa em evitá-las, Srta. Li. Mas dessa vez não viu todas.

Pela primeira vez, Bella não teve uma resposta pronta, embora sua expressão não mudasse e os olhos permanecessem serenos como lagos numa floresta.

— Sabemos que é você no vídeo — mentiu Jane.

Inclinando-se mais para perto, viu as pupilas da garota se contraírem: reação que era ao mesmo tempo involuntária e reveladora. Bella podia parecer calma, mas seus instintos básicos estavam alertas.

— Sabemos que estava lá no armazém. A pergunta é: por quê?

A garota riu, numa impressionante demonstração de controle para alguém tão em desvantagem:

— Me diga você. Já que parece saber de tudo.

— Você foi até lá para assustar Kevin Donohue.

— Por que faria isso?

— Primeiro colocou um bilhete com uma ameaça no para-brisa dele. Depois invadiu o armazém. Desativou o sistema de segurança e a linha telefônica.

— Fiz tudo isso sozinha?

— Você tem um vasto treinamento em artes marciais. Estudou numa das melhores academias do mundo, em Taiwan — disse Jane, jogando uma pasta sobre a mesa. — Este é um dossiê sobre as suas viagens nos últimos cinco anos.

Bella inclinou a cabeça.

— Eu tenho um dossiê?

— Agora tem.

Bella abriu a pasta e folheou as páginas com desinteresse fingido.

— Então eu entrei e saí do país — falou a garota. — Nós americanos não somos livres para viajar para onde queremos?

— Não são muitos os americanos que passam cinco anos num monastério em Taiwan, estudando uma arte antiga como o *wushu*.

— Cada um faz o que quer.

— E aí vem a parte interessante. Você foi patrocinada pela Sra. Fang. Ela não é rica e, no entanto, pagou por esses anos de treinamento. Os voos, o aprendizado. Por quê?

— Ela viu que eu tinha talento.

— Quando reconheceu isso?

— Eu tinha 17 anos e morava na rua quando ela me conheceu. Acreditou em mim e resolveu me ajudar, talvez porque eu a fizesse se lembrar de sua filha.

— É isso que você faz em Boston? O papel de filha postiça?

— Dou aulas na academia dela. Praticamos o mesmo estilo de artes marciais. E temos a mesma filosofia.

— Que filosofia seria essa?

Bella olhou-a nos olhos.

— Que a justiça é uma responsabilidade compartilhada por todos.

— Justiça? Ou vingança?

— Tem gente que diz que *vingança* é sinônimo de justiça.

Jane contemplou Bella, tentando lê-la. Tentando decidir se aquela era a mesma criatura que tinha salvado a sua vida no beco e se empoleirado no telhado do armazém. Era de carne e osso, como qualquer outra garota de 24 anos, mas era, sem sombra de dúvida, incomum. Olhando naqueles olhos, Jane percebia uma estranheza, uma selvageria. Um espírito animal que a fez de repente recuar, sentindo um arrepio percorrer-lhe o braço. Como se tivesse visto algo naqueles olhos que não era completamente humano.

Frost quebrou o silêncio:

— Srta. Li, está na hora de nos contar a verdade.

Bella lançou-lhe um olhar de desdém:

— E que parte não é verdade?

— A parte sobre a Sra. Fang ter escolhido você.

— Ela podia ter escolhido qualquer um.

— Mas não escolheu. Tomou um avião até São Francisco para ir encontrar uma garota de 17 anos específica, cuja mãe tinha acabado de

morrer. Garota que tinha fugido do lar adotivo e estava morando na rua. O que havia de tão especial sobre você?

Quando Bella não respondeu, Jane disse:

— Temos os seus registros escolares da Califórnia. Eles não mencionam a condição de imigrante da sua mãe.

— Minha mãe está morta. O que interessa isso agora?

— Ela era imigrante ilegal.

— Provem.

— E você, Bella?

— Tenho passaporte americano.

— O qual diz que você nasceu no estado de Massachusetts. Seis anos depois, foi matriculada numa escola pública de São Francisco. Sua mãe trabalhava como camareira e tinha um número falso na previdência social. Por que vocês se mudaram para lá? Por que as duas de repente largaram tudo e correram para a Califórnia? — disse Jane, aproximando-se dela o bastante para ver o próprio reflexo naqueles olhos insondáveis. — Eu tenho um bom palpite sobre quem você de fato é. Só não posso provar ainda. Mas tenha certeza de que vou. — Ela olhou para Frost. — Mostre para ela o mandado de busca.

Bella franziu o cenho.

— Mandado de busca?

— Que nos autoriza a entrar na sua residência — falou Frost. — O detetive Tam está no seu endereço agora, com a equipe de busca.

— O que acham que vão encontrar?

— Provas que liguem você à morte de uma mulher não identificada, na noite de 15 de abril, e à de um homem também não identificado, na noite de 21 de abril.

Bella balançou a cabeça.

— Lamento decepcionar vocês — replicou a mulher —, mas tenho um álibi muito sólido para 15 de abril. Eu estava no palco fazendo uma demonstração de *wushu* em Chinatown. Existem pelo menos duzentas testemunhas.

— Vamos verificar isso. Nesse meio-tempo, se quiser um advogado, agora é a hora de chamar um.

— Vocês vão me *prender*? — perguntou Bella, dando um pulo para a frente, um movimento tão súbito que Jane se retraiu, plenamente consciente de como aquela garota podia se mover com rapidez e letalidade. — Este — falou ela, em voz muito baixa — é um *erro muito grande*. — Alguma coisa no fundo de seus olhos pareceu mover-se, como uma criatura despertando de profundezas insondáveis.

— Nos diga por que é um erro, e talvez possamos reconsiderar — replicou Jane.

Bella respirou fundo, e outra pessoa pareceu tomar conta dela, uma que tinha olhos frios como uma pedra polida.

— Não tenho mais nada a dizer.

O apartamento de Bella era limpo. Limpo demais. Jane estava de pé na sala, olhando para o carpete que ainda ostentava as listras paralelas de uma aspirada de pó recente.

— Foi assim que encontramos — falou Tam. — Cozinha e banheiro estão impecavelmente esfregados. Nem um pedacinho de papel nas latas de lixo. É como se ninguém morasse aqui. Ou ela é obsessivo-compulsiva com limpeza, ou eliminou qualquer vestígio de prova.

— Como sabia que viríamos aqui?

— Qualquer um que recebe uma ligação do Departamento de Polícia de Boston vai supor que é suspeito de alguma coisa. Ela deve ter imaginado que viríamos.

Jane foi até a janela e olhou, pelo vidro imaculadamente limpo, para a rua lá embaixo, onde duas senhoras idosas caminhavam devagar pela calçada, de braços dados. Era tranquilo aquele pedaço de Tai Tung Village, na extremidade sul de Chinatown. A casa de Iris Fang ficava um pouco mais acima, na mesma rua, a um minuto de caminhada. A vizinhança era como um universo à parte, e Jane sentia-se uma alienígena ali. Sensação reforçada por cada olhar, cada murmúrio nervoso entre os moradores. Com crachá e autoridade, ela era a estranha aonde quer que fosse, a forasteira que podia se transformar em melhor amiga ou pior inimiga.

Ela saiu da janela e foi até o banheiro, onde Frost estava de joelhos, examinando o armário sob a pia.

— Nada — disse ele, levantando-se, com o rosto vermelho. — Nem um fio de cabelo no chuveiro nem na pia. Tudo que encontrei no armário de remédios foi aspirina e um rolo de gaze. É como se ninguém morasse aqui.

— Temos certeza de que ela mora?

— Tam falou com o vizinho do lado. Um senhor de seus 80 anos. Disse que não a vê quase nunca, mas ouve vozes de vez em quando. — Frost bateu na parede. — São bem finas.

— Vozes, no plural?

— Pode ser a TV. Ela mora sozinha.

Jane deu uma olhada no banheiro impecável.

— Se é que mora aqui — disse.

— Alguém paga o aluguel.

— Parece que mais alguém esteve aqui, ajudando com água sanitária e aspirador.

— Estranha essa história do aspirador. Não encontramos nenhum. Não temos nem um saco para olhar, nenhum sinal de prova.

Jane dirigiu-se para o quarto, onde encontrou Tam falando ao celular. Ele a cumprimentou com a cabeça quando a viu entrar. O piso era de madeira e também estava imaculadamente limpo. Lençóis e colchas haviam sido retirados, o colchão estava à mostra. Pondo-se de joelhos, Jane olhou embaixo da cama e viu que o chão sob o estrado não tinha nenhuma poeira. Um par de sapatos apareceu de repente. Jane levantou-se e deu com um perito do Departamento de Polícia de Boston olhando para ela, do outro lado do colchão.

— Não encontramos nenhuma arma — falou ele. — A não ser que levemos em consideração as facas de cozinha.

— Não viram nada parecido com uma espada?

— Não. Revistamos armários e gavetas. Empurramos todos os móveis e olhamos atrás deles. — Calou-se, contemplando as paredes nuas. — Acho que ela não mora aqui há muito tempo. Não o suficiente para estar estabelecida.

— Se é que planejava morar.

— Não trouxe muita roupa também.

Jane abriu o armário e não viu mais que uma dúzia de itens pendurados, todos tamanho 36. Três calças pretas, alguns suéteres e blusas em tom escuro, e um vestido de verão, sem mangas, de seda macia, cor de pêssego.

Era o guarda-roupa de uma visitante temporária, que parecia planejar mudar de endereço. Uma garota que continuava sendo um mistério para eles. Jane contemplou o vestido, tentando imaginar Bella Li usando algo tão feminino, provocante, mas não conseguiu. Em vez disso, viu seus olhos ferozes, o cabelo negro e espetado.

— Lamento ter que dizer isso — disse Tam, desligando o celular. — Mas o álibi dela para 15 de abril é verdadeiro. Acabei de falar com o diretor de programação do centro cultural. Naquela noite eles fizeram uma demonstração de artes marciais. Bella Li participou com mais oito alunos da academia Dragon and Stars.

— Que horas foi isso?

— O grupo chegou às seis, jantou e subiu ao palco por volta das nove. Ficaram lá a noite toda. — Tam balançou a cabeça. — Isso não vai funcionar, Rizzoli.

— Ela não tem álibi para 21 de abril.

— Isso não é razão para detê-la.

— Então vamos encontrar uma razão, ora essa!

— Por quê? — O olhar de Tam pareceu sondá-la de uma forma que a fez se sentir desconfortável.

Ela se voltou para o armário, a fim de evitar seus olhos.

— Tem alguma coisa nela que me deixa em alerta — respondeu. — *Sei* que está envolvida, só não sei como.

— Tudo que temos é um vídeo da câmera de segurança com uma figura feminina. Pode ser ela, assim como pode ser outra pessoa. Não temos nenhuma arma, nenhum vestígio de prova.

— Por que ela deu um banho de água sanitária no apartamento antes de chegarmos?

— E o que temos então, além da sua intuição?

— A minha intuição já me foi útil antes — disse Jane, enfiando a mão enluvada no armário e revistando bolsos.

Sem saber o que estava procurando, encontrou apenas moedas esquecidas, um botão e um lenço de papel.

— Tam está certo — falou Frost, de pé na porta. — Vamos ter que soltá-la.

— Não até eu ficar sabendo mais sobre ela. Quem ela é realmente — retrucou Jane.

— É tudo suposição.

— Vamos então encontrar o que precisamos para provar isso. Tem que haver um rastro em algum lugar.

Ela foi até a janela do quarto e olhou para o beco lá embaixo. O vidro estava suspenso o suficiente apenas para permitir que um pouco de ar entrasse. O patamar de uma escada de incêndio ficava bem em frente, e a janela não tinha grades. Qualquer moradora do sexo feminino iria se sentir nervosa com aquela falta de segurança, mas Bella Li era destemida, caminhava pela vida sempre pronta para uma batalha. À noite, na cama, teria ela alguma vez despertado, assustada com algum barulho estranho lá fora, um rangido no piso? Ou dormiria como um guerreiro também, sem medo até nos sonhos?

A detetive se afastou da janela e parou de repente, com o olhar fixo na cortina. O pano era uma mistura de poliéster que nunca amassava, com uma estampa de talos de bambu bege contra uma floresta verde. Naquele pano de fundo multicolorido, o fio prateado era quase invisível. Só daquele ângulo, com a luz ambiente passando pelo tecido, dava para Jane vê-lo preso ao pano.

Ela tirou do bolso uma embalagem coletora de provas. Com medo até de respirar, puxou delicadamente o fio preso na cortina e enfiou-o no saco. Levantando a embalagem contra a luz, contemplou através do plástico o solitário pelo. Depois olhou para a janela e a escada de incêndio, do outro lado.

Ela esteve aqui. A criatura esteve neste quarto.

O caçador raramente percebe quando está sendo caçado. Caminha pela floresta, rifle na mão, olhar atento, em busca das pegadas da presa, no chão polvilhado de neve. Procura pistas ou se empoleira, escondido numa árvore, esperando o urso aparecer em seu campo de visão. Jamais lhe ocorre que a presa pode estar observando-o, aguardando que cometa um erro.

O caçador que espreitasse agora não veria muito que o fizesse temer. Pareço ser só uma mulher de meia-idade, cabelos entremeados de fios brancos, meu andar mais lento por causa do cansaço e do peso das sacolas que carrego, com minhas compras semanais. Faço o caminho habitual das terças à noite. Depois de sair do mercado chinês da Beach Street, dobro à direita na Tyler e me dirijo até meu tranquilo recanto de Tai Tung Village. Mantenho a cabeça baixa, os ombros caídos, de forma que qualquer um que me veja pense: *Aí vai uma vítima*. Não uma mulher que reage. Que se deva temer.

A essa altura, entretanto, meu adversário sabe que deve tomar cuidado, da mesma forma que eu. Até agora, nos enfrentamos apenas nas sombras, mas nunca interagimos, a não ser por meio de seus representantes. Somos dois caçadores ainda sondando um ao outro, e é ele quem tem de fazer o próximo movimento. Só então, quando se mostrar, vou conhecer seu rosto.

Assim, caminho pela Tyler Street, como tantas vezes antes, perguntando-me se esta será a noite. Nunca me senti tão vulnerável, e sei que o próximo ato está para começar. As luzes brilhantes da Beach e Kneeland ficam para trás. Movo-me nas sombras agora, passando por portas

escuras e becros sem iluminação, as sacolas plásticas de compras farfalhando enquanto caminho. Apenas uma viúva cansada, levando sua vida. Mas presto atenção a tudo que se passa ao meu redor, desde a neblina no rosto até o cheiro de coentro e cebola que sai das minhas sacolas. Ninguém me escolta. Nenhum guardião me protege. Esta noite estou só, um alvo aguardando a primeira flecha que venha voando.

Quando me aproximo de casa, vejo que a luz do pórtico está apagada. Sabotagem deliberada ou apenas uma lâmpada que queimou? Meus nervos se alarmam e o coração se acelera, bombeando sangue até os músculos, que já estão se preparando para a batalha. Vejo então o carro estacionado e o homem que salta para me cumprimentar. Minha respiração sai num suspiro de alívio e exasperação ao mesmo tempo.

— Sra. Fang? — diz o detetive Frost. — Preciso falar com a senhora.

Paro em frente à entrada, os braços tensos pelo peso das sacolas, e olho para ele sem sorrir.

— Estou cansada esta noite. E não tenho mais nada a dizer.

— Me deixe pelo menos ajudá-la com isto — oferece-se e, antes que eu possa protestar, ele tira as sacolas de compras da minha mão e as leva até o pórtico.

Ali, espera que eu abra a porta. Parece tão sincero que não tenho coragem de rejeitar seu oferecimento.

Destranco a porta e deixo-o entrar.

Quando acendo as luzes, carrega as sacolas até a cozinha e as põe sobre a bancada. Fica de pé, com as mãos nos bolsos, me observando guardar ervas picantes e legumes frescos na geladeira; óleo de cozinha, toalhas de papel e latas de canja de galinha nos armários.

— Queria me desculpar — diz ele. — E me explicar.

— Explicar? — pergunto, como se não me importasse nem um pouco com o que tem a dizer.

— A espada, e por que a pegamos. Numa investigação de assassinato, temos que explorar todas as possibilidades. Seguir cada linha de averiguação. A arma que estamos procurando é uma espada muito antiga, e eu sabia que a senhora tinha uma.

Fecho o armário e viro-me para ele.

— Agora já deve ter percebido o erro que cometeu.

Ele fez que sim com a cabeça.

— A espada vai ser devolvida à senhora.

— E quando Bella vai ser solta?

— Isso é mais complicado. Ainda estamos investigando o passado dela. Uma coisa que espero que possa nos ajudar, já que a conhece.

Balanço a cabeça.

— A última vez em que conversamos, detetive — digo —, acabei sendo considerada suspeita, e minha relíquia de família foi confiscada.

— Não quero que isso aconteça.

— Mas você é policial, acima de qualquer coisa.

— E o que queria que eu fosse?

— Não sei. Um amigo?

Isso o faz calar-se. Ele está sob a luz crua da cozinha, que o faz parecer mais velho. Mesmo assim, é jovem o bastante para ser meu filho. Não gosto nem de pensar como essas luzes fluorescentes duras devem envelhecer o meu rosto.

— Eu *poderia* ser seu amigo, Iris — diz ele. — Se ao menos...

— Se ao menos eu não fosse suspeita.

— Não considero você suspeita.

— Então não está fazendo seu trabalho. Posso ser o assassino que está procurando. Não consegue ver isso, detetive? Essa mulher de meia-idade brandindo uma espada, saltando pelos telhados e abatendo os inimigos? — Rio na cara dele, que enrubesce e se encolhe como se eu o tivesse estapeado. — Talvez você devesse revistar minha casa. Pode ter outra espada escondida aqui, alguma arma que você não saiba sequer que tenho.

— Iris, por favor.

— Talvez conte a seus colegas que a suspeita ficou hostil de repente. Que não vai mais ser conduzida a ponto de dar novas informações.

— Não estou aqui por isso! Na noite em que saímos para jantar, eu não estava tentando interrogá-la.

— E o que estava tentando fazer?

— Entendê-la, só isso. Quem é, o que pensa.

— Por quê?

— Porque você e eu... porque... — Ele dá um suspiro profundo. — Senti que nós dois precisávamos de um amigo, mais nada. Sei que preciso.

Observo-o um instante. Ele desvia o rosto; fixa-se em algum ponto atrás de mim, como se não conseguisse me olhar nos olhos. Não porque seja falso, mas por estar vulnerável. Pode ser policial, mas teme minha opinião sobre ele. Não há nada que eu possa oferecer-lhe agora: conforto, amizade ou sequer um toque no braço.

— Você precisa de uma amiga da sua idade, detetive Frost — digo em voz baixa. — E não de alguém como eu.

— Nem penso na sua idade.

— Eu penso. E sinto também — acrescento, massageando uma torção imaginária no pescoço. — Sinto minha doença também.

— Vejo uma mulher que nunca vai envelhecer.

— Me diga isso daqui a vinte anos.

Ele sorri.

— Talvez.

O clima transborda de palavras não ditas, de emoções que nos fazem ambos sentir-nos desconfortáveis. Ele é um homem bom: vejo isso em seus olhos. Mas é absurdo pensar que algum dia venhamos a ser mais que meros conhecidos. Não porque sou quase duas décadas mais velha, embora isso seja uma barreira. Não, é por causa dos segredos que nunca poderei lhe contar, que nos colocam em lados opostos do abismo.

Quando o levo até a porta, Frost diz:

— Amanhã vou trazer a espada de volta para você.

— E quanto a Bella?

— Há uma chance de ser solta pela manhã. Não podemos detê-la por tempo indeterminado, não sem provas.

— Ela não fez nada de errado.

Na porta, ele para e me encara:

— Nem sempre fica claro o que é certo e errado, não?

Devolvo-lhe o olhar, pensando: Será que sabe? Estará me dando permissão para fazer o que estou pensando? Mas ele apenas sorri e vai embora.

Tranco a porta depois que ele sai. A conversa me deixou desestabilizada, incapaz de me concentrar. O que fazer com um homem desses?, pergunto-me enquanto subo a escada para trocar de roupa. Mais uma vez, ele me faz pensar no meu marido. A bondade, a paciência. A mente aberta, tão disposta a aceitar possibilidades. Será que sou uma idiota pretensiosa ao

cogitar uma amizade tão improvável? Estou distraída, pensando na conversa, e não percebo os sinais que deviam me alertar. O tremor no ar. O leve odor de alguém estranho. Só quando aciono o interruptor do quarto e nada acontece, dou-me conta de repente de que não estou sozinha.

A porta bate atrás de mim. Na escuridão, não posso ver o golpe que vem em direção à cabeça, mas o instinto desperta. Algo passa a poucos centímetros de mim, enquanto me abaixo e giro na direção da cama, onde a espada está escondida. Não a reprodução falsa que entreguei à polícia, mas a verdadeira Zheng Yi. Durante cinco séculos foi passada de mãe para filha, um legado com o objetivo de nos proteger, defender.

Agora, mais do que nunca, preciso dela.

O invasor ataca, mas escapo como a água e rolo no chão. Estendo a mão sob o estrado, em busca do nicho onde Zheng Yi está escondida. Ela se encaixa na minha mão como uma velha amiga e emite um som musical ao sair da bainha.

Em um movimento fluido, levanto-me e giro para encarar o inimigo. O ranger do piso me anuncia sua localização, à minha direita. Quando mudo o pé de apoio para atacar, ouço um passo, mas atrás de mim.

São dois.

É o último pensamento que me ocorre antes que eu caia.

Jane agachou-se ao lado da cama de Iris, tentando interpretar as evidências e sem gostar nem um pouco do que elas revelavam. Havia respingos vermelhos no chão e na borda dos lençóis, onde um corpo tinha caído. A perda de sangue era mínima, não o bastante para ser fatal. Pondo-se de pé, olhou para algumas gotas borradas, ao longo das quais um corpo fora arrastado. Ela já tinha percebido mais sangue na escada e no pórtico, onde a porta fora deixada completamente aberta, alertando os vizinhos de Iris de que algo estava errado.

Jane virou-se para Frost.

— Tem certeza da hora? — perguntou ela. — Eram nove quando você foi embora ontem à noite?

Ele fez que sim com a cabeça, e seu olhar era atordoado.

— Não vi ninguém por perto quando saí da casa. E estava estacionado bem em frente.

— Por que veio aqui?

— Para conversar com ela. Me sentia mal pelo que tinha acontecido. Por levar a espada.

— Veio se desculpar por fazer seu trabalho?

— Às vezes, Rizzoli, meu trabalho faz eu me sentir um babaca, sabia? — devolveu ele. — Aí está uma mulher que já era uma vítima. Perdeu o marido e a filha. E nós a transformamos numa suspeita, a interrogamos. Fizemos com que se tornasse outra vez uma vítima.

— Não sei o que Iris Fang é. Só sei que está no centro desta história desde o início. Tudo que acontece parece girar em torno *dela*.

O celular de Jane tocou.

— Rizzoli — atendeu.

Era Tam na linha:

— Kevin Donohue diz que tem um álibi para a noite passada.

— E os guarda-costas?

— Esse é o problema. Eles são os álibis uns dos outros. Os três juram que passaram a noite juntos na casa de Donohue, vendo TV. O que significa que não podemos acreditar na palavra de nenhum deles.

— Então não podemos descartá-los.

— Nem provar nada num tribunal.

Jane desligou e foi até a janela, frustrada. Lá embaixo, na rua, um trio de senhoras de idade, chinesas, olhavam-na e conversavam entre si. *O que sabem que não estão nos contando?* Nada era direto em Chinatown, nada era o que parecia. Tinha-se a impressão de estar olhando através de uma tela de seda, sem nunca obter uma imagem clara, um quadro completo.

Ela se virou para Frost.

— Talvez Bella finalmente converse com a gente. É hora de colocarmos todas as nossas cartas na mesa.

Bella parecia mais hostil ainda aquele dia, punhos cerrados, olhos mais duros que diamantes.

— É culpa *de vocês* que isso tenha acontecido — acusou ela. — Eu devia estar lá. Teria impedido.

Jane mirou seus olhos brilhantes e imaginou, de repente, a jovem dando um salto, como um gato selvagem, atacando com garras e dentes. A detetive manteve, entretanto, a voz calma quando perguntou:

— Então você sabia que isso ia acontecer? Que iam pegá-la?

— Estamos perdendo tempo! Ela precisa de mim.

— Como vai poder ajudá-la se nem mesmo sabe onde ela está?

Bella abriu a boca para falar, depois olhou para o espelho falso, como se ciente de que outros estavam observando.

— Por que não começamos do início, Bella? — perguntou Jane. — Com quem você realmente é. Não o nome que se deu na Califórnia, mas aquele que te deram ao nascer. — Jane colocou a cópia de uma certidão de nascimento sobre a mesa. — Está assinada por um médico de Chinatown. Você nasceu aqui, em Boston. Em casa, num endereço da Knapp Street. O nome do seu pai era Wu Weimin.

Bella não respondeu, mas Jane viu reconhecimento em seus olhos. Não que precisasse disso; aquele documento era apenas a revelação número um. Jane pegou outras cópias. Os registros das escolas públicas de São Francisco, onde esteve matriculada com o nome de Bella Li. A certidão de óbito da mãe, com o nome de Annie Li, morta aos 43 anos, de câncer no estômago. Estava tudo ali, preto no branco, a trilha de papéis que a equipe de Jane seguira obstinadamente, ao longo das últimas 48 horas, trilha obscurecida na era pré-Onze de Setembro por diferentes jurisdições, no mundo oculto por onde os imigrantes sem documentos circulavam. Universo no qual uma mãe e uma filha sozinhas conseguiam desaparecer com facilidade e ressurgir sob novos nomes.

— Por que você voltou para Boston? — perguntou Jane.

Bella encarou-a nos olhos.

— *Sifu* Fang me pediu para vir. Ela não está bem e precisava de outra instrutora na escola.

— Sim, esta é a versão que você nos conta sempre.

— Tem alguma diferente?

— Isso não teve nada a ver com o que aconteceu no Red Phoenix? Com seu pai ter matado quatro pessoas?

O rosto de Bella retesou-se.

— Meu pai era inocente.

— Não de acordo com o relatório oficial.

— E os relatórios oficiais *nunca* se enganam?

— Se está errado, qual é então a verdade?

Bella encarou-a outra vez.

— Ele foi assassinado.

— Foi isso que sua mãe contou?

— Minha mãe não estava lá!

Jane hesitou, registrando de repente o significado implícito naquelas últimas palavras, *minha mãe não estava lá*. Lembrou-se do brilho do luminol no degrau da despensa, da marca de um sapato de criança no sangue.

— Mas alguém estava lá — falou Jane, em voz baixa. — Alguém que estava escondido na despensa quando tudo aconteceu.

Bella ficou absolutamente imóvel.

— Como você...

— O sangue nos revelou. Mesmo quando se tenta lavá-lo, os vestígios permanecem. Décadas depois, borrifando um reagente químico, ainda dá para ver. Encontramos as suas pegadas nos degraus da despensa, e no chão da cozinha, indo em direção à saída. Marcas que alguém limpou antes de a polícia chegar naquela noite. — Jane inclinou-se mais na direção dela. — Por que sua mãe fez isso, Bella? Por que tentou eliminar essa prova?

Bella não respondeu, mas Jane viu o conflito interno refletindo-se em seu rosto, a dúvida entre contar a verdade ou mantê-la em segredo.

— Fez isso para te proteger, não foi? — disse Jane. — Porque você viu o que aconteceu, e ela sentiu medo pela filha. Medo de que alguém viesse atrás de você.

Bella balançou a cabeça.

— Eu não vi nada.

— Você estava lá.

— Mas não *vi*! — gritou ela.

Por um momento, sua explosão pareceu ter ficado pairando no ar entre elas. Bella deixou a cabeça cair e sussurrou:

— Mas *ouvi*.

Jane não fez nenhuma pergunta, não interrompeu. Apenas esperou pela história que seria contada então.

Bella respirou fundo. Prosseguiu:

— Minha mãe estava na cama dormindo. Ficava sempre muito cansada depois de trabalhar o dia inteiro na mercearia. E naquela noite estava doente, resfriada. — Bella contemplou a mesa, como se ainda conseguisse ver a mãe encolhida na cama, debaixo dos cobertores. — Mas eu não estava cansada. Então saí da cama e descí para ficar com papai.

— No restaurante.

— Ele ficou bravo comigo, é claro. — Um sorriso triste surgiu em seus lábios. — Lá estava ele, entre panelas e frigideiras. E eu choramingando, querendo atenção e sorvete. Ele me mandou subir e voltar para a cama. Estava ocupado e não tinha tempo para mim. O tio Fang também não.

— O marido de Iris?

Bella concordou com um aceno de cabeça.

— Ele estava no salão. Olhei pela porta e o vi sentado a uma mesa, com um homem e uma mulher. Estavam tomando chá.

Jane franziu o cenho, perguntando-se por que um garçom estaria sentado com dois clientes. Era mais um enigma sobre os Mallory: por que estavam num restaurante chinês quando suas necropsias revelaram que haviam acabado de jantar comida italiana?

— Sobre o que estavam falando? — perguntou Jane. — O Sr. Fang e os dois clientes?

Bella balançou a cabeça.

— A cozinha estava barulhenta demais para se ouvir qualquer coisa no salão. Meu pai batendo com as panelas. O ventilador ligado.

— Você viu Joey Gilmore entrar para pegar o pedido de entrega?

— Não. Só me lembro do meu pai, trabalhando na frente do fogão. Suando. Sua camiseta velha. Sempre trabalhava de camiseta... — Sua voz falhou, e ela passou a mão nos olhos. — Meu pobre pai. Trabalhando, sempre trabalhando na cozinha. As mãos cheias de cicatrizes de queimaduras e cortes.

— O que aconteceu depois?

Os lábios de Bella retorceram-se num sorriso de pesar.

— Eu queria sorvete. Estava choramingando, exigindo atenção, enquanto ele tentava colocar a comida nas embalagens de entrega. Finalmente, cedeu. Me disse para ir lá embaixo e escolher um sorvete no congelador.

— Na despensa?

Ela assentiu.

— Ah, eu conhecia aquela despensa muito bem. Tinha estado lá tantas vezes. Tinha um freezer horizontal imenso, num canto. Eu precisava subir numa cadeira para levantar a tampa. Lembro de olhar lá dentro para escolher o sabor que queria. Vinham em copinhos de papelão, em que só cabia uma bola. Eu queria aquele com listras de chocolate, baunilha e

morango. Mas não conseguia achar. Fiquei revirando sem parar os potinhos, mas todos eram de baunilha. — Ela respirou fundo. — Foi aí que ouvi meu pai gritando.

— Com quem?

— Comigo. — Bella levantou a cabeça e afastou uma lágrima com uma piscada. — Estava gritando para eu me esconder.

— Todo mundo no restaurante deve ter escutado.

— Ele estava falando em chinês. O assassino não conseguiu entender, se não teria vindo me procurar. Saberria que eu estava na despensa.

Jane olhou para o espelho falso. Não podia ver Frost e Tam, mas imaginava o assombro em seus rostos. Ali estava o capítulo que faltava na história. As pistas tinham estado lá o tempo todo, nos degraus da despensa e no chão da cozinha, mas pegadas não falam. Só Bella poderia dar-lhes voz.

— E você se escondeu? — perguntou Jane.

— Eu não entendia o que estava acontecendo. Desci da cadeira e comecei a subir os degraus, mas parei. Ouvi-o implorando. Suplicando pela vida, no seu inglês ruim. Foi quando entendi que não era uma brincadeira, uma peça que estivesse pregando. Meu pai não era dessas coisas. — Bella engoliu em seco, e sua voz ficou ainda mais baixa: — Então fiz o que ele mandou. Em total silêncio, me enfiei embaixo dos degraus. Ouvi uma coisa caindo. E depois um estrondo forte.

— Quantos tiros no total?

— Só um. O que ouvi.

Jane pensou na arma encontrada na mão de Wu Weimin, a Glock com encaixe. O assassino usara silenciador para abafar o som dos primeiros oito tiros. Só depois de despachar suas vítimas foi que o retirou, colocou o cabo na mão já sem vida de Wu Weimin e disparou a bala final, garantindo que fossem encontrados resíduos de pólvora na pele da vítima.

Um crime perfeito, pensou Jane. Exceto pelo fato de que havia uma testemunha. A garota silenciosa, encolhida sob os degraus da despensa.

— Ele morreu por minha causa — sussurrou Bella. — Podia ter fugido, mas não quis me deixar. Por isso ficou. Morreu bem em frente à porta da despensa. Bloqueando-a com o corpo. Tive que pisar no sangue dele para conseguir passar. Se eu não estivesse lá naquela noite, implorando por uma porcaria de sorvete, meu pai ainda estaria vivo.

Jane compreendeu tudo, então. Por que Wu Weimin não correu quando teve a oportunidade. Por que havia dois cartuchos de bala no chão da cozinha. Teria aquele suicídio encenado sido uma ideia de última hora, algo que ocorreu ao assassino enquanto estava diante do corpo do cozinheiro? Era uma coisa tão fácil, passar os dedos do morto em torno do cabo da arma e disparar o último tiro. Deixar a pistola para trás e sair pela porta.

— Você deveria ter contado à polícia — falou Jane. — Teria mudado tudo.

— Não, não teria. Quem iria acreditar numa garota de 5 anos? Que não viu a cara do assassino. E minha mãe não queria que eu dissesse uma palavra. Tinha medo da polícia. *Pavor*, melhor dizendo.

— Por quê?

Bella contraiu as mandíbulas.

— Não dá para adivinhar? Minha mãe era ilegal aqui. O que acha que aconteceria se a polícia se concentrasse em nós? Ela pensou no meu futuro, e no dela também. Meu pai estava morto. Nada que fizéssemos ia mudar isso.

— E a justiça? Não fazia parte da equação?

— Não naquele momento. Naquela noite, ela só pensava na nossa segurança. Se o assassino soubesse que existia uma testemunha, poderia vir atrás de mim. Foi por isso que ela limpou minhas pegadas. Por isso fizemos as malas e fomos embora dois dias depois.

— Iris Fang sabia disso?

— Naquele momento, não. Soube anos depois, quando minha mãe já estava morrendo de câncer no estômago. Um mês antes de morrer, ela escreveu para *Sifu* Fang e contou a verdade. Pediu desculpas por ter sido covarde. Mas, depois de tantos anos, não havia mais nada que pudéssemos provar ou mudar.

— No entanto, você vem tentando, não? — falou Jane. — Nos últimos sete anos, você ou Iris envia obituários para as famílias. Mantendo a lembrança e a dor vivas. Dizendo-lhes que a verdade ainda não foi contada.

— E *não* foi. Eles precisam saber. Por isso as cartas foram mandadas: para que continuem a fazer perguntas. É a única forma de descobrirmos quem é o assassino.

— Então você e Iris vêm tentando tirá-lo da toca. Enviando bilhetes para as famílias e para Kevin Donohue, insinuando que a verdade está para

ser revelada. Publicando o anúncio no *Boston Globe*, esperando que o assassino se irrite e finalmente ataque. E o que viria depois? Iriam entregá-lo de bandeja para nós? Ou fariam justiça com as próprias mãos?

Bella riu.

— Como poderíamos? Não passamos de *mulheres*.

Foi a vez de Jane rir.

— Como se eu fosse subestimá-las — disse, enfiando a mão na pasta e tirando uma tradução do velho romance folclórico chinês. — É claro que já ouviu falar do Rei dos Macacos.

Bella olhou rapidamente para o livro.

— Contos de fada chineses. O que têm a ver com qualquer coisa?

— Um capítulo em especial deste livro chamou minha atenção. Se chama “A história de Chen O”. É sobre um erudito que viaja com a mulher grávida. Numa travessia de rio, eles são atacados por bandidos e o marido morre. A esposa é raptada. Você conhece essa?

Bella deu de ombros.

— Já ouvi falar.

— Então sabe como acaba. A esposa dá à luz um filho no cativeiro e o coloca, sem que ninguém saiba, sobre uma tábua de madeira, com uma carta contando suas dificuldades. Assim como Moisés, o bebê é posto à deriva num rio. A corrente o leva até o Templo da Montanha Dourada, onde é criado por homens santos. Ele cresce, se torna homem e fica sabendo da verdade sobre os pais. Um massacrado, o outro prisioneiro.

— Qual é o sentido dessa história?

— O sentido está bem aqui, nas palavras ditas pelo rapaz. — Jane olhou para a página e leu a citação: — *Aquele que não vinga os crimes cometidos contra um pai ou uma mãe é indigno de ser considerado homem*. — Jane olhou para Bella. — Este é o sentido todo, não? Você é como o filho nesta história. Atormentada pelo assassinato do pai. Por honra, obrigada a vingá-lo. — Jane empurrou o livro para a frente de Bella. — É exatamente o que o Rei dos Macacos faria, lutar por justiça, proteger os inocentes. Vingar o pai. Ah, o Macaco consegue causar um bocado de confusão no processo. Pode quebrar toda a louça e pôr fogo na mobília. Mas, no fim, a justiça é feita. Ele sempre faz a *coisa certa*.

Bella não disse nada enquanto olhava para a ilustração do macaco guerreiro, brandindo o bastão.

— Entendo perfeitamente, Bella — continuou Jane. — Você não é a vilã da história. É filha de uma das vítimas, que quer fazer o que a polícia não consegue. Justiça. — Ela abaixou a voz até transformá-la num murmúrio de simpatia: — É isso que você e Iris vêm tentando fazer. Desentocar o assassino. Tentá-lo para que ataque.

Teria visto um vislumbre de aquiescência? Um reconhecimento inadvertido da verdade por parte de Bella?

— Mas o plano não deu muito certo — disse Jane. — Quando o sujeito atacou, contratou profissionais para matar por ele. De forma que vocês ainda não conhecem sua identidade. E agora ele pegou Iris.

Bella ergueu o rosto, a fúria ardendo em seus olhos.

— Deu errado por causa de *vocês* — acusou a garota. — Eu devia estar lá protegendo-a.

— Ela era uma isca.

— Queria correr esse risco.

— E as duas vão fazer justiça sozinhas?

— Quem mais vai fazer? A polícia? — Bella riu com amargura. — Depois de todos esses anos, quem se importa?

— Você está enganada, Bella. Eu me importo, e muito.

— Então me solte para que eu possa encontrá-la.

— Você não sabe nem por onde começar.

— E por acaso você sabe? — desafiou Bella.

— Estamos de olho em alguns suspeitos.

— Enquanto isso me mantém presa sem razão nenhuma.

— Estou investigando dois homicídios. Essa é a razão.

— Você mesma disse que eram assassinos de aluguel.

— Mesmo assim, a morte deles foi homicídio.

— E tenho álibi para a primeira. Você *sabe* que não matei aquela mulher no telhado.

— Quem matou então?

Bella olhou para o livro, e sua boca retorceu-se de sarcasmo.

— O Rei dos Macacos, talvez.

— Estou falando de pessoas reais.

— Você diz que sou suspeita, mas sabe que eu não poderia ter matado aquela mulher. Daria no mesmo culpar uma criatura mítica, porque as suas chances de provar qualquer coisa são as mesmas. — Bella olhou para Jane. — Sabe como o conto começa, não é, detetive? Como Sun Wukong sai de uma pedra e se transforma em guerreiro? Na noite em que meu pai foi morto, saí daquela despensa de pedra como o Rei dos Macacos. Fui transformada. Me tornei o que sou agora.

Jane olhou dentro dos olhos mais duros que já tinha visto. Tentou imaginar Bella como uma garotinha de 5 anos apavorada, mas não conseguia ver um traço da criança naquela criatura feroz. *Se tivesse testemunhado o assassinato de um ente querido, eu seria diferente?*

Jane levantou-se.

— Tem razão, Bella. Não tenho o suficiente para segurar você aqui. Ainda não.

— Você quer dizer que... vai me deixar sair?

— Vou, pode ir embora.

— E não vou ser seguida? Estou livre para fazer o que preciso?

— O que isso quer dizer?

Bella levantou-se da cadeira, como uma leoa esticando-se para a caça, e as duas mulheres se encararam.

— O que for preciso — respondeu ela.

Posso ouvi-lo respirando na escuridão, atrás do brilho ofuscante que me fere os olhos. Não me permite ver seu rosto. Tudo que sei sobre ele é que sua voz tem a suavidade do veludo. Mas não coopero, e está começando a se sentir irritado, porque percebeu que não sou fácil de dobrar.

Está preocupado também, por causa do dispositivo de rastreamento pessoal que encontrou preso no meu tornozelo. Dispositivo que desativou ao retirar a bateria.

— Com quem está trabalhando? — pergunta, empurrando o dispositivo contra meu rosto. — Quem está rastreando você?

Apesar da mandíbula machucada, dos lábios inchados, consigo responder, com um sussurro rouco:

— Alguém que você jamais quis encontrar. Mas que em breve irá.

— Só se conseguirem encontrar você — retruca ele, atirando o dispositivo no chão e, quando este atinge o piso, é como o som da esperança perdida. Eu ainda estava inconsciente quando ele o retirou de mim, de forma que não sei em que momento parou de transmitir. Pode ter sido muito antes de eu chegar neste local, o que significa que ninguém será capaz de me encontrar. E é aqui que vou morrer.

Não sei sequer onde estou.

Meus punhos estão imobilizados por algemas presas na parede. O chão, sob os pés descalços, é de concreto. Não há luz, a não ser a que ele põe contra meus olhos, nenhum sinal de sol entra pelas frestas da janela. Talvez seja noite. Ou este seja um lugar onde a luz nunca penetra e os gritos nunca

escapam. Aperto os olhos contra o clarão, tentando discernir o entorno, mas só há essa luz brilhante e, depois dela, a escuridão. Minhas mãos tremem, ávidas para segurar uma arma, a fim de completar o que esperei tantos anos para fazer.

— Você está procurando a espada, não é? — pergunta ele, sacudindo a lâmina diante da luz, para que eu a veja. — Uma bela arma. Afiada o suficiente para decepar um dedo sem um grama de esforço. Foi ela que você usou para matar os dois? — O homem a brande, e a lâmina passa perto do meu rosto. — Soube que a mão da mulher foi decepada com perfeição. E a cabeça do sujeito foi cortada de um golpe só. Dois assassinos profissionais e, no entanto, pegos de surpresa. — Põe a lâmina no meu pescoço, apertando com tanta força que minha pulsação acelerada faz o metal tremer. — Vamos ver o que ela pode fazer com a *sua* garganta?

Mantenho-me imóvel, o olhar fixo no oval negro que é seu rosto. Já me conformei com a morte, estou preparada para ela. Na verdade, estou pronta para morrer há 19 anos, e, com um golpe da lâmina, ele irá me libertar para que eu vá afinal me reunir a meu marido, um encontro que adiei só por causa dessa questão inacabada. O que sinto agora não é medo, mas arrependimento por ter falhado. Por saber que esse homem nunca vai sentir o golpe da minha espada contra sua garganta.

— Naquela noite, no Red Phoenix, havia uma testemunha — diz ele. — Quem era?

— Você acha realmente que vou dizer?

— Então *tinha* alguém lá.

— Alguém que nunca vai esquecer.

A espada se aproxima do meu pescoço.

— Me fale o nome — ordena.

— Você vai me matar de qualquer jeito. Por que eu falaria?

Faz-se uma pausa longa, e depois ele afasta a lâmina da minha pele.

— Vamos fazer um trato — diz com calma. — Você me conta quem é essa testemunha. E eu conto o que aconteceu com a sua filha.

Tento processar o que ele acaba de dizer, mas a escuridão começa a girar de repente ao meu redor, e o chão parece desaparecer sob os meus pés. Ele percebe minha confusão e ri.

— Você não fazia ideia, não é, de que isso tinha a ver com ela. Laura, não era esse o nome? Tinha uns 14 anos. Eu me lembro dela, porque foi a primeira que pude escolher. Coisinha linda. Cabelo preto, comprido, quadris estreitos. E tão ingênua. Não foi difícil convencê-la a entrar no carro. Estava carregando um monte de livros pesados e o violino, e ficou agradecida pela carona até em casa. Foi muito fácil, porque eu era um amigo.

— Não acredito em você.

— E por que eu iria mentir?

— Então me diga onde ela está.

— Primeiro me diga quem é a testemunha. Quem estava no Red Phoenix. Depois conto o que aconteceu com Laura.

Ainda estou digerindo a revelação, tentando entender como esse homem sabe o destino da minha filha. Ela desapareceu dois anos antes de o meu marido morrer na tragédia. Nunca imaginei nenhuma ligação entre esses acontecimentos. Acreditava apenas que o destino houvesse me preparado um golpe duplo, uma punição cármica por alguma crueldade que eu tivesse cometido numa vida passada.

— Era uma garota tão talentosa — diz a voz suave. — O primeiro dia em que ensaiamos, soube que era ela quem eu queria. O *Concerto para Dois Violinos*, de Vivaldi. Você se lembra dela ensaiando essa peça?

Suas palavras são como uma explosão que atira estilhaços no meu coração, porque agora tenho certeza de que está falando a verdade. Ele ouviu minha filha tocar. Sabe o que aconteceu com ela.

— Me diga o nome da testemunha — fala o homem.

— Só há uma coisa que vou dizer — replico em voz baixa. — Você é um homem morto.

O golpe vem sem aviso, tão violento que arremessa minha cabeça para trás, batendo-a contra a parede. Em meio ao chiado nos meus ouvidos, ouço-o falando comigo, palavras que não quero escutar:

— Ela durou sete, talvez oito semanas. Mais que as outras. Parecia delicada, mas, ah, era forte. Pense nisso, Sra. Fang. Durante dois meses, enquanto a polícia procurava, ela ainda estava viva. Implorando para ir para casa e ficar com a mãe.

Meu controle cessa. Não consigo reter mais as lágrimas, abafar os soluços que me sacodem o corpo. Eles soam como uivos de dor de um animal, selvagens e de outro mundo.

— Posso lhe dar um *desfecho*, Sra. Fang. Responder a pergunta que vem lhe atormentando todos esses anos. Onde está Laura? — Aproxima-se e, embora eu não possa ver o rosto, sinto seu cheiro, transbordante de agressividade. — Me diga o que quero saber, e darei sossego à sua mente.

Acontece antes mesmo de eu pensar, uma reação animal que nos surpreende a ambos. Ele se afasta, ofegante de nojo, enquanto limpa o cuspe do seu rosto. Espero o golpe que vai se seguir e me preparo para a dor.

Nada acontece. Em vez disso, ele se abaixa e pega meu dispositivo de rastreamento, que tinha jogado no chão. Balança-o diante do meu rosto.

— Na verdade, não preciso de você para nada — diz ele. — Tudo que preciso fazer é recolocar a bateria e ligar de novo o aparelho. E vou esperar para ver quem aparece.

O homem sai da sala. Ouço a porta se fechando e passos subindo uma escada.

O sofrimento é minha única companhia, roendo-me com dentes tão afiados que grito e me debato com as algemas, arrancando pele dos punhos. Ele teve minha filha. Guardou-a. Lembro-me das noites depois que Laura desapareceu, quando meu marido e eu nos agarrávamos um ao outro, nenhum dos dois ousando dizer o que pensávamos. *E se estiver morta?* Agora percebo que havia uma possibilidade muito pior, algo que não tínhamos imaginado: que ainda estava viva. Que durante aqueles dois meses, enquanto James e eu sentíamos a esperança morrer e a aceitação tomar seu lugar, nossa Laura ainda respirava. Ainda sofria.

Caio para trás, exausta, e meus gritos se transformam em lamentos. O frenesi me deixou entorpecida. Encostada na parede de concreto, tento comparar o que ele acaba de me contar com o que já sabia, que é o seguinte: dois anos depois do rapto da minha filha, meu marido e outras quatro pessoas foram massacradas no restaurante Red Phoenix. Como esses acontecimentos podem estar relacionados e o que os liga? Isso ele não explicou.

Esforço-me por lembrar de tudo que falou, buscando pistas em meio à névoa de sofrimento. Uma frase me volta de repente à memória, palavras

que no mesmo instante fazem gelar o sangue em minhas veias:

Ela durou sete, talvez oito semanas. Mais que as outras.

Levanto a cabeça diante da revelação. *As outras.*

Minha filha não foi a única.

O que o detetive Ingersoll sabia, e o que causou a sua morte?

Essa era a pergunta que consumia Jane, sentada, no final da tarde, remexendo suas anotações sobre o assassinato de Ingersoll. Espalhadas sobre a mesa estavam fotos da cena do crime, na casa, relatórios de balística e de evidências de provas, registros de ligações do celular e do telefone fixo e dos gastos no cartão de débito. Segundo Donohue, uma sentença de morte havia sido lançada sobre Ingersoll semanas antes, exatamente na época em que começou a fazer perguntas sobre as garotas desaparecidas. Eram todos casos antigos, já fora dos radares dos departamentos de polícia de Massachusetts. Ela olhou uma foto do corpo de Ingersoll e pensou: Que monstro você foi despertar?

E o que garotas desaparecidas têm a ver com o Red Phoenix?

Ela pegou as pastas sobre as meninas. Já estava plenamente familiarizada com os detalhes do desaparecimento de Laura e Charlotte. Assim, concentrou-se nos outros três casos. Todas as vítimas eram bonitas e delicadas. Alunas com reputação de serem boas ou excelentes, e possuíam vários talentos.

Patty Boles e Sherry Tanaka participavam de torneios de tênis. Deborah Schiffer e Patty Boles, de feiras de arte. Deborah Schiffer tocava piano na orquestra da escola. Nenhuma das três, entretanto, se conhecia, pelo menos de acordo com os pais. E tinham idades diferentes à época do desaparecimento. Sherry Tanaka estava com 16. Deborah Schiffer, 13. Patty Boles, 15 anos. Uma cursava o ensino fundamental; duas, o ensino médio.

Jane pensou sobre isso durante um momento. Lembrou-se de que Laura Fang tinha 14 anos quando desapareceu.

Ela escreveu a ordem em que as garotas sumiram.

Deborah Schiffer, 13 anos.

Laura Fang, 14.

Patty Boles, 15.

Sherry Tanaka, 16.

Charlotte Dion, 17.

Era como contemplar um *royal flush*. A cada ano, uma garota diferente, de idade diferente. Como se o gosto do raptor fosse amadurecendo à medida que os anos passavam.

Ela pegou a pasta com as últimas fotos de Charlotte, tiradas durante o funeral duplo, da mãe e do padrasto. Passou mais uma vez os olhos pela sequência de imagens, captadas pelo fotógrafo do *Boston Globe*. Charlotte com uma aparência pálida e magra, no vestido preto, cercada por pessoas também de luto. Saindo aos trancos da aglomeração, enquanto Mark Mallory, seu irmão postiço, olhava para ela. A foto em que os dois estão ausentes, e o pai, Patrick, parece confuso com a súbita deserção. Por fim, chegou à última imagem, em que ambos estão de volta à cena, Mark caminhando atrás de Charlotte. Alto e de ombros largos, poderia facilmente dominá-la.

A cada ano, uma garota mais velha.

O ano em que Deborah Schiffer, aos 13, desapareceu foi o seguinte àquele em que Dina e Arthur Mallory se casaram, formando a outra família, reconstituída, com todas as atividades pertinentes que a nova configuração deve ter acarretado. Reuniões de escola. Participações na orquestra. Torneios estaduais de tênis.

Seria assim que as vítimas eram escolhidas? Por meio de Charlotte?

Jane pegou o telefone e ligou para Patrick Dion.

— Desculpe incomodá-lo na hora do jantar — disse ela. — Mas seria possível dar outra olhada nos anuários do colégio de Charlotte?

— Você é sempre bem-vinda. Surgiu alguma coisa nova?

— Não tenho certeza.

— O que está procurando, exatamente? Talvez eu possa ajudá-la.

— Tenho pensado muito sobre Charlotte. Se ela seria a peça central de tudo o que aconteceu.

Ela ouviu Patrick soltar um suspiro lúgubre pelo telefone.

— Minha filha sempre foi a peça central, detetive. Da minha vida, de tudo que importa. Não há nada que eu queira mais do que saber o que aconteceu com ela.

— Entendo perfeitamente, senhor — concordou Jane, com suavidade. — Sei que quer uma resposta, e acho que talvez eu possa fornecê-la.

Ele abriu a porta usando um pulôver largo, calça de pregas e pantufas. O rosto de Patrick, como o suéter, estava caído e apreensivo, cada ruga marcada profundamente por sofrimentos antigos. E ali estava Jane para trazer de volta aquelas lembranças terríveis. Sentia-se culpada e, quando apertaram-se as mãos, ela segurou a dele mais tempo que o necessário, como para dizer-lhe que sentia muito. Que entendia.

Patrick correspondeu com um aceno triste de cabeça e conduziu-a até a sala de jantar, arrastando as pantufas pelo chão de madeira.

— Os anuários estão esperando por você — disse, apontando para os volumes sobre a mesa.

— Só vou levá-los até o carro e depois vou embora. Obrigada.

— Ah, meu Deus — disse ele, franzindo o cenho. — Se não for problema, preferiria que não os tirasse daqui.

— Prometo tomar conta deles com todo o cuidado.

— Tenho certeza que sim, mas... — Ele pôs a mão sobre a pilha de livros, como se estivesse abençoando uma criança. — Isto é tudo que sobrou da minha filha. E é difícil, sabe, deixar que saia da minha vista. Tenho medo que se percam ou se danifiquem. Que alguém possa roubá-los do seu carro. Ou que você sofra um acidente e... — Hesitou e balançou a cabeça com pesar. — É terrível dizer isso, não? Dar tanto valor a uma pilha de livros que só me importo com o que aconteça com *elas*. Quando são apenas papel e papelão.

— Eles valem mais que isso para o senhor. Entendo.

— Pode me atender, então? Fique totalmente à vontade. Sente-se pelo tempo que for necessário e examine-os. Posso lhe oferecer alguma coisa? Uma taça de vinho?

— Obrigado, mas estou trabalhando. E tenho que dirigir de volta para casa.

— Café, então.

Jane sorriu.

— Seria maravilhoso.

Enquanto Patrick ia para a cozinha fazer o café, ela se sentou à mesa de jantar e espalhou os livros. Ele trouxera todos, inclusive os volumes dos primeiros anos do ensino fundamental de Charlotte. Ela pôs esses de lado e abriu o volume do primeiro ano dela na Bolton Academy. A foto mostrava uma menina loura, de aspecto frágil, com aparelho nos dentes. A legenda

dizia: **CHARLOTTE DION. ORQUESTRA,**

TÊNIS, ARTES. Jane folheou o livro em busca dos alunos mais velhos e encontrou a foto de Mark Mallory, no segundo ano do ensino médio. Teria 15 anos então, e seus interesses estavam listados como orquestra, lacrosse, xadrez, esgrima e teatro. Fora a música o que os reunira, o que mudou o rumo de suas vidas e famílias. Os Dion e os Mallory se conheceram por causa das apresentações dos filhos no colégio. Tornaram-se amigos. Depois Dina trocou Patrick por Arthur, e nada mais seria igual para eles novamente.

— Ah, você está aí — falou Patrick, trazendo uma bandeja com um bule. Ele lhe serviu uma xícara e pôs açúcar e creme sobre a mesa.

— Deve estar com fome também. Vou fazer um sanduíche.

— Não, isto está perfeito — interpôs ela, sorvendo o café quente. — Almocei tarde e vou jantar quando chegar em casa.

— Você deve ter uma família compreensiva.

Jane sorriu.

— Meu marido sabia onde estava se metendo quando casou comigo. Por falar nisso...

Ela pegou o celular e digitou uma mensagem de texto rápida para Gabriel: **VOU CHEGAR TARDE. NÃO ME ESPERE PARA O JANTAR.**

— Está encontrando aí o que procura? — perguntou Patrick, apontando para os livros.

Ela guardou o telefone.

— Não sei ainda.

— Se me disser o que está procurando, talvez possa ajudar.

— Estou atrás de ligações — respondeu ela.

— Entre o quê?

— Entre sua filha e essas garotas — disse Jane, abrindo a pasta que trouxera e apontando para a lista de quatro nomes.

Patrick franziu o cenho.

— Sei sobre o caso de Laura Fang, é claro. Depois que Charlotte desapareceu, a polícia explorou a possibilidade de haver alguma ligação. Mas essas outras garotas, não estou familiarizado com seus nomes.

— Elas não estudavam na Bolton, mas, como sua filha, desapareceram sem deixar rastro. De cidades diferentes, em anos diferentes. Me pergunto se Charlotte teria conhecido alguma delas. Talvez através de atividades musicais ou esportivas.

Patrick pensou naquilo por um instante.

— O detetive Buckholz me disse que crianças desaparecem o tempo todo — respondeu. — Por que está concentrada nessas garotas em particular?

Porque um homem que já morreu, chamado Ingersoll, apontou o caminho, pensou Jane. Porém, limitou-se a dizer:

— Esses nomes surgiram no decorrer da investigação. Pode ser que não tenham nenhuma ligação, no final das contas. Mas, se existe de fato algum vínculo com Charlotte, talvez eu o encontre aqui.

— Nos anuários?

A detetive folheou as páginas sobre atividades estudantis.

— Veja — disse ela. — Notei isso da última vez. A Bolton Academy é muito boa quando se trata de registrar tudo o que os alunos fazem, de concertos escolares a torneios de tênis. Talvez porque tenha um número pequeno de estudantes.

Apontou para uma página com fotos de alunos sorridentes, ao lado de seus projetos de ciências. A legenda dizia: **FEIRA DE**

CIÊNCIAS DA NOVA INGLATERRA, BURLINGTON, VERMONT, 17 DE MAIO.

— Com essa documentação — continuou ela —, espero reconstituir os anos de colégio de Charlotte. Onde estava, de quais atividades participava. — Jane olhou para Patrick. — Ela tocava viola. Foi assim que o senhor conheceu os Mallory. Nas apresentações musicais dos garotos.

— Como isso ajuda você?

Jane voltou-se para a seção do departamento de música.

— Aqui — indicou. — Esse foi o ano em que ela tocou na orquestra pela primeira vez.

Ela apontou para a foto de um grupo de músicos, que incluía Charlotte e

Mark. Abaixo, lia-se: **O CONCERTO DA ORQUESTRA EM JANEIRO PROVOCOU APLAUSOS DE PÉ!**

Só a visão da foto fez Patrick recuar com o que parecia ser dor física. Ele disse em voz baixa:

— É difícil, sabe? Ver estas fotos. Lembrar de como...

— O senhor não precisa olhar, Sr. Dion — disse Jane, tocando-lhe a mão. — Posso examinar os livros sozinha. Se tiver alguma dúvida, eu pergunto.

Ele balançou a cabeça, parecendo de repente muito mais velho que seus 67 anos:

— Vou deixá-la sozinha, então — falou, retirando-se silenciosamente da sala de jantar e fechando as portas de correr atrás de si.

Jane serviu-se de mais café e abriu outro anuário.

Aproximava-se o fim do primeiro grau para Charlotte, quando deveria estar com cerca de 13 anos, e Mark com 16. O salto de crescimento do rapaz já se encontrava em curso, com a foto mostrando o queixo quadrado e os ombros largos. Charlotte ainda tinha cara de criança, pálida e delicada. Jane folheou a seção de atividades escolares, em busca de fotos dos dois.

Encontrou-os num grupo, foto tirada no “Concurso de Orquestras”, de nível estadual, em 20 de março, em Lowell, Massachusetts.

Deborah Schiffer morava em Lowell, e tocava piano.

Jane contemplou as imagens de Charlotte e dos colegas músicos. Dois meses depois de a foto ser tirada, Deborah desaparecera.

As mãos de Jane tremiam com a agitação e a cafeína. Ela terminou a xícara e se serviu de outra. Agora examinava o volume seguinte do anuário. Já sabia o que iria encontrar quando chegasse à seção de música. À foto de oito estudantes de música, posando com os instrumentos, com a legenda:

**BOLTON É QUEM MELHOR SE
CLASSIFICA PARA A OFICINA DE VERÃO
DA ORQUESTRA SINFÔNICA DE
BOSTON.** Ela não viu Charlotte na foto, mas lá estava Mark Mallory.

Já contava 17 anos, era belo e tinha cabelos escuros, um garoto que poderia virar a cabeça de qualquer menina adolescente. Naquele ano, Laura Fang estava com 14. Ela também tinha participado da oficina de Orquestra Sinfônica em Boston. Teria ficado enfeitiçada pela bela aparência e riqueza de um garoto em especial, para quem uma menina de origem humilde como ela seria invisível?

Ou Laura já estaria havia muito no radar dele?

Jane sentiu a garganta seca e um chiado na cabeça, mais alto. Tomou outro gole de café e pegou o volume seguinte do anuário de Charlotte. Ao abri-lo, as palavras pareciam borradas; os rostos, indistintos. Esfregou os olhos e foi para a seção de atividades. Lá estava, mais uma vez, Charlotte na orquestra, com sua viola. Mark, contudo, havia se formado, e outro garoto o substituíra atrás dos tímpanos.

Procurou as páginas de esportes. Esfregou outra vez os olhos, tentando afastar a neblina que parecia pairar sobre sua visão. A foto entrava e saía de foco, mas ainda conseguia discernir o rosto de Charlotte na fileira de jogadores de tênis. **O TIME DA BOLTON FICA EM**

SEGUNDO LUGAR NO REGIONAL DE OUTUBRO.

Patty Boles era jogadora de tênis também, pensou Jane. Como Charlotte, estava quase terminando o ensino médio. Teria ela participado daquele campeonato regional? Atraído o olhar de alguém que poderia descobrir com facilidade quem era e que escola frequentava?

Seis semanas depois da regional, Patty Boles desaparecera.

Jane balançou a cabeça, mas a névoa parecia adensar-se diante de seus olhos. *Tem algo de muito errado.*

O som distante de um telefone tocando atravessou o chiado em seus ouvidos. Ouviu Patrick falando. Tentou pedir socorro, mas não conseguiu emitir som algum.

Pondo-se de pé, ouviu a cadeira virar e cair no chão. As pernas não respondiam: eram como se fossem feitas de pau, pesadas e inúteis. Cambaleou até as portas de correr, com medo de cair antes de chegar lá, de que Patrick a encontrasse no chão, vergonhosamente estatelada. Enquanto tentava alcançá-las, elas pareciam retroceder, frustrando-lhe os esforços, sempre escapando à ponta de seus dedos.

Quando fez um último esforço para se acercar, elas se abriram de repente, e Patrick apareceu.

— Me ajude — sussurrou Jane.

Ele, no entanto, não se moveu. Permaneceu de pé, observando-a, com uma expressão friamente neutra. Só então ela percebeu o erro que havia cometido. Foi seu último pensamento antes de cair inconsciente aos pés dele.

Ela sentia sede, muita sede. Jane tentava engolir, mas a garganta encontrava-se ressecada, a língua áspera como um pedaço de couro velho, roçando o céu da boca. Aos poucos, foi registrando outras sensações: a dormência no braço esquerdo, por ficar tempo demais na mesma posição. A superfície fria e áspera sob o rosto. E a voz chamando-a, com urgência e obstinação. Uma voz de mulher, que não a deixava dormir, mas continuava incomodando-a, arrastando-a para o estado de consciência.

— Acorde. Você precisa acordar!

Jane abriu os olhos, ou achou que o tivesse feito. A escuridão que viu era tão impenetrável que se perguntou se não estaria presa na fronteira sombria entre sono e vigília, paralisada, mas consciente. Ou haveria outra razão para não conseguir se mexer? Tentou virar-se de frente e percebeu que suas mãos e seus pés estavam imobilizados. Tentou soltar os punhos e deu com a resistência inflexível de uma fita adesiva. O chão sob o rosto era de concreto, que lhe machucava os quadris e a gelava, apesar de estar vestida. Não sabia como viera parar naquele lugar frio e escuro. A última coisa de que se lembrava era de estar sentada na sala de jantar de Patrick, folheando os anuários de Charlotte. Bebendo café. *O café que ele me serviu.*

— Detetive Rizzoli! *Por favor, acorde!*

Jane reconheceu a voz de Iris Fang e virou a cabeça na direção do som.

— Como... onde...

— Não posso ajudá-la. Estou aqui, contra a parede. Acorrentada. Estamos num porão, acho. Talvez na casa dele. Não sei, porque não me

lembro de como vim parar aqui.

— Nem eu — gemeu Jane.

— Ele a trouxe para cá horas atrás. Não temos muito tempo. Ele só está esperando que o outro volte.

O *outro*. Jane tentou pensar em meio à névoa que se dissipava em sua cabeça. Era claro que Patrick não estava trabalhando sozinho. Aos 67 anos, precisaria de alguém para ajudá-lo com as tarefas mais pesadas. Por isso havia contratado profissionais para matar Ingersoll e atacar Iris.

— Precisamos nos preparar — disse a Sra. Fang. — Antes que retornem.

— Nos preparar? — Jane não pôde conter um sorriso desesperado. — Não consigo mexer os braços nem as pernas. Nem sinto as mãos!

— Mas você pode rolar na direção da parede. Tem uma penca de chaves pendurada perto da porta. Vi quando ele acendeu a luz e trouxe você até aqui. Talvez elas abram as minhas algemas. Você me solta e depois eu solto você.

— Para que lado fica a porta?

— À minha direita. Siga a minha voz. As chaves estão penduradas num gancho. Se você conseguir ficar de pé, agarre-as com os dentes...

— É muito *se*.

— *Apenas faça.*

A ordem penetrou a escuridão, afiada como uma lâmina. As próximas palavras, contudo, foram suaves:

— Ele levou minha filha — sussurrou ela, tomada de súbito por soluços. — Foi ele.

Jane escutava Iris chorando no escuro e pensava nas outras garotas desaparecidas. Deborah Schiffer. Patty Boles. Sherry Tanaka. Quantas outras teriam havido, meninas cujos nomes elas desconheciam? *Até a própria filha, Charlotte.*

A detetive tentou romper as amarras, mas a fita adesiva era indestrutível, a ferramenta favorita tanto de MacGyver quanto dos assassinos em série. Por mais esforços que fizesse, não conseguiria arrancá-la dos punhos.

— Não o deixe vencer — disse Iris, com voz já firme, o metal retornando ao timbre.

— Também quero pegá-lo — replicou Jane, já se retorcendo e rolando pelo chão.

— As chaves. Precisa alcançá-las.

A detetive já se contorcia e rolava pelo piso. O quadril machucado bateu no concreto, e ela arfou, respirando fundo um instante, esperando a dor diminuir. Depois, outro giro e outra batida no chão. Dessa vez, o rosto deu no concreto, arranhando-lhe o nariz, batendo nos dentes. Ela girou para o lado que não estava ferido, com os joelhos recolhidos, em posição fetal, lutando contra as lágrimas de dor e frustração. Como faria aquilo? Mal podia vencer a distância no chão, quanto mais erguer-se e alcançar as chaves.

— Você tem uma filha — disse Iris, em voz baixa.

— Sim, tenho.

— Pense nela. Pense no que faria para abraçá-la outra vez. Cheirar seu cabelo, tocar seu rosto. Pense. *Imagine*.

Aquela ordem em tom tranquilo pareceu vir de algum lugar dentro dela mesma, como se fosse sua própria voz exigindo ação. Pensou em Regina na banheira, ensaboada, cheirosa, os cachos negros colados à pele rósea. Regina, que se tornaria uma moça, sem conhecer a própria mãe, a não ser como um fantasma refletido no próprio rosto, nos próprios traços. Pensou em Gabriel, envelhecendo, os cabelos brancos. *Uma vida que jamais teremos juntos se eu não sobreviver a esta noite*.

— Pense nela. — A voz de Iris pairava na escuridão. — Ela vai dar a você a força de que precisa para *lutar*.

— Foi assim que você fez esses anos todos?

— Era tudo que eu tinha. Foi o que me manteve viva, a esperança de que minha filha pudesse voltar para mim. Vivi para isso, detetive. Para o dia em que a veria outra vez. Ou, se isso não acontecesse, para o dia em que visse a justiça ser feita. Pelo menos vou saber que morri tentando.

Jane rolou novamente e o quadril machucado bateu outra vez contra o chão, o concreto áspero arranhando o rosto. De repente, suas costas deram contra uma parede, e ela ficou de lado, ofegante, guardando forças para o que viria em seguida, o desafio mais difícil.

— Cheguei na parede — disse ela.

— Levante-se. A porta fica na extremidade.

Apoiando-se à parede, Jane tentou ficar de joelhos, mas perdeu o equilíbrio e caiu de cara no chão, batendo com a boca. A dor perpassou-lhe os dentes e adentrou o crânio.

— Sua filha — disse Iris. — Como se chama?

Jane lambeu os lábios e reconheceu o gosto de sangue. Sentiu a boca já inchando, intumescendo.

— Regina.

— Que idade tem?

— Dois anos e meio.

— E você a ama muito.

— Claro que amo.

Com um gemido, Jane pôs-se outra vez de joelhos. Sabia o que Iris estava fazendo: sentia uma força nova nos músculos, um reforço na coluna. Não, não ficaria longe da filha. Sobreviveria àquela noite, da mesma forma como Iris sobrevivera às últimas duas décadas, porque nada era mais importante para uma mãe do que ver outra vez seus filhos. Desafiou a gravidade, esticando costas e pescoço para ficar de joelhos novamente.

— Regina — disse Iris. — Ela é o sangue nas suas veias. O ar nos seus pulmões.

Sua voz era hipnótica; as palavras, um canto sussurrado que enviava calor aos membros de Jane. Palavras ditas na língua universal que todas as mães compreendiam.

Ela é o sangue nas suas veias. O ar nos seus pulmões.

Fique de pé, pensou Jane. Pegue essas chaves.

Ela balançou para a frente, ajoelhada, retesando os músculos e ergueu-se. Conseguiu pôr-se de pé, mas apenas por alguns vacilantes segundos, antes de perder o equilíbrio e cair para a frente, os joelhos batendo no concreto.

— De novo — mandou Iris, sem qualquer sinal de piedade na voz.

Seria implacável assim com os alunos? Era essa a forma como os verdadeiros guerreiros eram treinados, sem compaixão, tendo que superar os próprios limites?

— As chaves — lembrou-lhe Iris.

Jane respirou fundo, tensionou os músculos e ergueu-se outra vez. Novamente conseguiu ficar de pé e oscilou, mas a parede estava bem do seu

lado. Apoiou o ombro contra ela enquanto esperava que a cãibra na panturrilha diminuísse.

— Estou em pé — disse ela.

— Vá até o fim da parede. A porta fica lá.

Mais um pulo, outra cambaleada. Ia conseguir.

— Mesmo ficando livres, ainda temos que passar por ele — falou Jane.

— Que está com a minha arma.

— Não preciso de arma.

— Ah, claro. Ninjas sabem voar.

— Você não sabe nada sobre mim. Ou sobre o que posso fazer.

Jane deu outro pulo, como o de um canguru.

— Então me conte — falou a detetive. — Já que provavelmente vamos morrer mesmo. Você é o Rei dos Macacos?

— O Rei dos Macacos é uma fábula.

— Só que ele deixa para trás pelos de verdade. Mata com uma espada de verdade. Quem faz isso então?

— Alguém que você quer do seu lado, detetive.

— Primeiro quero saber quem é.

— Está dentro de você e de mim. De todos que acreditam em justiça.

— Isso não é resposta.

— É tudo que posso dizer.

— Não estou falando de coisas místicas — rebateu Jane, ofegando e pulando outra vez. — Estou falando de coisas de verdade, que vi eu mesma. Uma coisa que salvou a minha vida. — Ela parou para tomar fôlego e disse em voz baixa: — Só quero agradecer a ele, ou a ela, por isso. Se você souber quem é, poderia passar essa mensagem?

Iris respondeu, no mesmo tom baixinho:

— A mensagem já foi passada.

Jane deu um último pulo, e sua testa bateu contra a porta.

— Cheguei.

— Está pendurado na altura da sua cabeça, mais ou menos. Encontrou?

Passando o rosto pela parede, Jane sentiu de repente algo metálico espetar-lhe a pele. Ouviu um tilintar suave de chaves penduradas.

— Encontrei!

— Não deixe cair, por favor.

Jane agarrou as chaves com os dentes e tirou o aro do gancho na parede. *Vamos conseguir fazer isso. Vamos conseguir vencê-los...*

O ranger da porta abrindo-se paralisou-a. Luzes se acenderam, tão fortes que ela se encolheu, cega, contra a parede.

— Bem, isso é uma complicação — disse uma voz que ela reconheceu.

Aos poucos, abriu os olhos contra o clarão e viu Mark Mallory ao lado de Patrick. Eram os dois o tempo todo, pensou. Caçando juntos. Matando juntos. E o elo entre aqueles dois homens era Charlotte. A pobre Charlotte, cujos interesses, cujas atividades, apresentavam aos predadores as suas presas, transformando algo tão inocente quanto um torneio de tênis ou uma apresentação de orquestra numa oportunidade para os assassinos observarem e escolherem rostos novos.

Mark pegou o chaveiro e arrancou-o da boca de Jane. Deu-lhe um empurrão que a derrubou no chão.

— Alguém sabe que ela veio até aqui? — perguntou.

— Temos que imaginar que sim — disse Patrick. — Por isso temos que nos livrar do carro dela. Já deveríamos tê-lo feito horas atrás, se você tivesse voltado antes.

— Queria ver se alguém aparecia.

— Não veio ninguém procurar por ela?

— Talvez o rastreador esteja quebrado. — Ele olhou para Iris. — Ou talvez ninguém se importe com ela. Esperei quatro horas e não apareceu uma única alma.

— Bem, mas alguém vai aparecer à procura *dessa* — falou Patrick, olhando para Jane no chão.

— Cadê o celular dela?

Patrick entregou-o a Mark e perguntou:

— O que você vai fazer?

— Parece que a última mensagem de texto foi para o marido. — Mark começou a digitar outra mensagem no telefone de Jane. — Vamos dizer a ele que a detetive foi até Dorchester e vai demorar um pouco.

— E daí?

— Tem que parecer um acidente. Ou suicídio. — Ele olhou para Patrick. — Você já fez isso antes.

Patrick concordou com um aceno de cabeça.

— A arma dela está lá em cima, na sala de jantar.

— Meu marido vai ficar sabendo — falou Jane. — Ele sabe que eu *nunca* me mataria.

— O cônjuge sempre diz isso. E a polícia nunca acredita neles. Não é mesmo, detetive? — perguntou Mark, sorrindo.

Se seus membros não estivessem amarrados, ficaria de pé e daria um soco naqueles dentes perfeitos. Todavia, mesmo com a raiva alimentando-lhe os músculos, não podia se soltar, não podia fazer nada, a não ser observá-lo terminar a mensagem de texto e enviá-la. Pensou em como provavelmente aconteceria: uma bala na cabeça para matá-la, seguida de um segundo disparo para plantar resíduos em sua mão, da forma como o suicídio de Wu Weimin havia sido encenado. O que Mark tinha dito era verdade: ignorava-se com muita facilidade as negações da família da vítima. Ela própria já fizera isso. Lembrava-se de estar diante do corpo de um jovem sem metade da cabeça, despedaçada por um tiro. Da mãe soluçando. *Ele nunca se mataria! Tinha conseguido dar a volta por cima!* E lembrava-se de sua observação para Frost, mais tarde, sobre famílias ingênuas, incapazes de perceber o que estava por vir.

— Vocês cometeram tantos erros — disse Iris. — Não fazem ideia do que está por acontecer.

Mark virou-se para ela e riu.

— Olha quem está falando — zombou. — A senhora acorrentada na parede.

Iris mirou-o com um olhar estranhamente calmo.

— Antes de isto tudo terminar para vocês, me digam. Por que escolheram minha filha?

Mark caminhou em direção a Iris, até ficarem cara a cara. Embora ele fosse muito mais alto e estivesse em posição de vantagem, Iris não demonstrou qualquer sinal de medo.

— A linda e pequena Laura. Lembra dela, Patrick? — perguntou Mark ao homem mais velho. — A garota que pegamos quando saía da escola. A quem oferecemos uma carona.

— *Por quê?* — disse Iris.

Mark sorriu.

— Porque ela era especial. Todas eram.

— Estamos perdendo tempo — falou Patrick, aproximando-se de Jane.
— Vamos tirá-la daqui.

Mark, entretanto, ainda olhava para Iris.

— Às vezes eu escolhia a garota — explicou. — Às vezes, Patrick. Nunca se sabe o que vai atrair nosso olhar. Um rabo de cavalo. Uma bundinha bonita. Alguma coisa que a faz se destacar. Valer a pena.

— Charlotte devia saber — disse Jane, olhando para Patrick com desprezo. — Deve ter percebido o que vocês eram. Meu Deus, o próprio *pai*. Como pôde matá-la?

— Charlotte nunca fez parte disso.

— Nunca fez parte? Ela estava no *centro* de tudo!

O celular de Jane tocou. Mark olhou para o número de quem chamava e disse:

— Parece que o maridão está dando uma checada na esposa.

— Não atenda — falou Patrick.

— Não está nos meus planos. Vou é desligar isto, e vamos colocá-la no carro.

Iris disse:

— Vocês acham que vai ser simples assim?

Os homens ignoraram-na e abaixaram-se para agarrar Jane. Patrick pegou os pés e Mark segurou-a sob os braços. Embora Jane se contorcesse, não podia resistir a eles, que a levantaram com facilidade e a carregaram em direção à porta.

— Vocês já perderam — falou Iris. — Só não sabem ainda.

Mark bufou.

— Não sou eu quem estou acorrentado à parede.

— Mas eu sei quem o seguiu até aqui.

— Ninguém me seguiu...

Sua voz se calou quando as luzes se apagaram.

Na escuridão total, os dois homens soltaram Jane e ela caiu no chão, batendo com a cabeça no concreto. Ficou atordoada, tentando entender o que estava acontecendo num ambiente onde não conseguia ver nada, onde a escuridão era caótica, cheia de imprecações e respirações aceleradas pelo pânico.

— Que porra é essa? — exclamou Mark.

A voz de Iris sussurrou nas trevas:

— Vai começar agora.

— Cale a boca! Cale *essa boca!* — berrou Mark.

— Não deve ser nada — disse Patrick, embora soasse nervoso. — Olha, acho que é só um fusível queimado. Vamos subir e checar.

A porta fechou-se com uma batida, e seus passos silenciaram na escada. Jane só ouvia as marteladas do próprio coração.

— Você tem que ficar bem quieta e permanecer calma — instruiu Iris.

— O que está acontecendo?

— O que sempre esteve destinado a acontecer.

— Você sabia? Esperava por isso?

— Me ouça com atenção, detetive. Essa batalha não é sua. Foi planejada faz muito tempo e vai ser travada sem você.

— Travada por quem? Quem está lá fora?

Iris não respondeu. No silêncio, Jane sentia, mais que ouvia, o ar movendo-se diante de seu rosto, como se o vento tivesse entrado naquele porão e se movesse no breu. *Tem alguma coisa aqui conosco.*

Ouviu o ruído de algemas se soltando. E um murmúrio:

— Perdão, *sifu*. Era para eu chegar antes.

— Minha espada?

— Aqui está Zheng Yi. Encontrei-a lá em cima.

Jane conhecia aquela voz.

— Bella? — disse.

Uma mão foi colocada sobre sua boca, e Iris sussurrou:

— Fique aqui.

— Vocês não podem me deixar.

— Estará mais segura aqui.

— Me soltem, pelo menos!

— Não — disse Bella. — Ela vai dar problema.

— E se vocês falharem? — perguntou Jane. — Vou ficar presa aqui embaixo e incapaz de me defender. Me deem pelo menos uma chance de lutar!

Ela sentiu um tranco nas mãos, ouviu o som da lâmina cortando a fita adesiva. Outro golpe soltou-lhe os tornozelos.

— Lembre-se — disse Iris em seu ouvido. — Essa batalha não é sua.

Agora é. Jane, porém, ficou em silêncio e imóvel, enquanto as duas mulheres fundiam-se à escuridão. Não conseguiu ver nem ouvir a partida delas: tudo que sentiu foi o beijo do ar outra vez, como se tivessem se dissolvido no vento, escapado pela porta e subido as escadas.

Jane tentou pôr-se de pé, mas a tontura deixou-a cambaleando às cegas no escuro. Ela se sentou outra vez; a cabeça doía-lhe por causa da queda no concreto. Isso e os efeitos remanescentes da droga a deixavam débil. Estendeu a mão, sentiu a parede perto e tentou de novo levantar-se, apoiando-se, instável como um filhote recém-nascido.

Um disparo a fez levantar o queixo.

Não posso ficar presa aqui, pensou. Tenho que sair desta casa.

Procurou o caminho da porta. Estava destrancada e abriu-se com suavidade. Em algum lugar lá em cima, ouviu passos pesados, correndo. Mais dois tiros.

Saia agora. Antes que os homens venham atrás de você.

Ela começou a subir os degraus, movendo-se vagarosamente, temerosa de fazer barulho. De que alguém notasse a sua presença. Sem arma, sem ter como se defender, não podia participar daquela batalha. Era uma não combatente tentando passar por uma zona de guerra em direção à segurança, onde quer que esta estivesse. Descubra uma saída, fuja da casa. Não tinha as chaves do carro, teria então de correr até os vizinhos. Tentou recordar-se de como era a propriedade. Lembrou-se do longo acesso para carros, dos bosques e gramados, da alta sebe que a cercava. De dia, parecia um jardim do Éden particular, fechada para manter o mundo lá fora. Agora sabia que o portão, com suas hastes farpadas, não servia apenas para impedir a entrada de pessoas, mas também a saída. Aquilo não tinha nada de jardim do Éden: era um campo de concentração.

Chegou ao alto da escada e sentiu outra porta fechada. Encostando o ouvido, não escutou nada. O silêncio era enervante. Quantos tiros haviam sido disparados? Pelo menos três, pensou, o bastante para acabar com Iris e Bella. Estariam as mulheres mortas do outro lado da porta? Patrick e Mark a caminho do porão para pegá-la?

Sua mão estava úmida de suor quando segurou a maçaneta. A porta abriu-se silenciosamente para uma escuridão tão profunda quanto a do porão. Não conseguia discernir qualquer forma ou sombra. Aquele chão,

também, era de concreto e, enquanto avançava devagar por ele, com os braços estendidos contra possíveis obstáculos, ouviu algo pequeno e metálico chocar-se contra seu pé. Bateu com o quadril contra uma quina e deteve-se, tentando distinguir o que seria. Parecia uma mesa, coberta de poeira. Encostou de repente os dedos contra um metal serrilhado e recuou, assustada. Era uma serra de mesa. Deu mais alguns passos na escuridão e bateu em outro obstáculo. Dessa vez, uma furadeira de bancada. Aquela era a oficina de marcenaria de Patrick. Estava em meio às ferramentas elétricas, pensando em lâminas de serra e furadeiras, perguntando-se se jacarandá e carvalho eram as únicas coisas que aquele equipamento havia cortado.

Um pânico renovado a fez tatear na escuridão em busca de uma saída. Tocou numa parede e seguiu-a até o fim.

Mais tiros. Quatro seguidos. *Saia daqui, saia daqui!*

Por fim, localizou a porta e não demorou a passar por ela, encontrando mais degraus para galgar. A que profundidade estivera?

O suficiente para que ninguém ouvisse meus gritos.

No alto dos degraus, saiu por uma porta e se viu num corredor atapetado. Ali conseguiu discernir formas na escuridão e uma balaustrada à direita. Com as mãos tateando a parede, seguiu em frente. Não fazia ideia se estava se movendo em direção à frente ou aos fundos da casa. Só queria encontrar uma saída.

Em cima, no patamar do segundo andar, escutou passos que desciam a escada.

Freneticamente, entrou na primeira porta aberta à sua esquerda, num aposento onde o luar passava pelas janelas, refletindo uma escrivaninha e algumas estantes. Um escritório.

Os passos tinham chegado ao primeiro andar.

Ela andou para a frente, procurando um lugar para se esconder na escuridão, e seus sapatos pisaram em vidro quebrado. De repente, tropeçou contra um obstáculo e, enquanto caía, esticou a mão à frente para amortecer a queda. A palma deslizou por algo quente e pegajoso. À luz da lua, viu uma forma escura no chão, a seu lado. Um corpo.

Patrick Dion.

Ofegando, afastou-se, deslizando para trás. Bateu com a mão numa coisa pesada, que saiu girando pelo chão. Uma arma. Esticou o braço para

pegá-la e, no instante em que seus dedos agarraram o cabo, reconheceu ser a sua. A que Patrick lhe tomara. *Minha velha amiga.*

Passos soaram atrás dela e pararam.

Surpreendida na luz da janela, Jane estava emoldurada pelo luar, que parecia tão brilhante e inescapável quanto um feixe de lanterna. Levantou a cabeça e viu a silhueta de Mark pairando sobre ela.

— Nunca estive aqui — disse ele. — Quando a polícia vier falar comigo, vou dizer que estava em casa, na cama, o tempo todo. Foi Patrick quem matou todas aquelas garotas e as enterrou no quintal. Que matou você e depois se matou.

Atrás de si, com a mão oculta na sombra, ela apertou a arma. Mark, entretanto, já tinha a dele apontada para ela. Daria o primeiro tiro, o melhor. Não haveria tempo para que Jane mirasse, para fazer nada a não ser disparar o último tiro de sua vida. Já enquanto levantava a arma, sabia que estava muito lenta, devagar.

Naquele instante, porém, Mark ofegou de surpresa e afastou-se dela, desviando a atenção, a arma apontando para alguém, ou alguma coisa.

Jane ergueu a pistola e disparou. Três, quatro vezes. Seus reflexos estavam no automático. As balas atingiram-lhe o tronco, e Mark cambaleou para trás, caindo sobre a cabeceira de uma mesa, que cedeu, rompendo a madeira.

Com a pulsação martelando-lhe os ouvidos, a detetive pôs-se de pé sobre o corpo do homem, a arma apontada e pronta, caso ele decidisse voltar milagrosamente à vida. Mark, porém, não se mexeu mais.

As sombras, no entanto, sim.

Foi apenas um movimento de ar, totalmente sem som. Um esvoaçar de negror contra negror, na periferia de seu campo de visão. Devagar, ela se virou na direção da figura oculta pelo escuro. Embora segurasse uma arma e pudesse disparar, não o fez. Apenas contemplou um rosto encimado por pelos prateados. E dentes irregulares que brilhavam ao luar.

— Quem é você? — sussurrou ela. — O que é você?

Uma brisa roçou-lhe o rosto, e Jane piscou. Quando abriu outra vez os olhos, o rosto tinha sumido. Agitada, olhou em volta, em busca do que quer que estivera ali, mas viu apenas luar e sombra. *Será que esteve realmente aqui*

ou imaginei tudo? Terei inventado uma criatura feita de escuridão e do meu próprio medo?

Pela janela, um movimento atraiu-lhe o olhar. Contemplou o jardim enluarado e viu-a, então, correndo pelo gramado e desaparecendo na cobertura das árvores.

— Detetive Rizzoli?

Com um sobressalto, Jane girou e viu as duas mulheres na porta, Iris apoiando-se contra Bella.

— Ela precisa de uma ambulância! — disse a moça.

— Já não sou mais tão jovem — gemeu Iris. — Nem tão rápida.

Suavemente, Bella colocou a mestra no chão. Pondo a cabeça de Iris no colo, começou a murmurar algo em chinês, palavras que não cessava de repetir, como se entoasse um canto mágico. Palavras de cura.

Palavras de esperança.

Jane estava no meio da confusão de veículos do Departamento de Polícia de Brookline e de Boston, parados em frente ao portão de Patrick Dion, observando o sol nascer. Fazia 24 horas que ela não dormia. Não comia desde a hora do almoço do dia anterior, e o primeiro vislumbre da aurora foi tão ofuscante que ela fechou os olhos, sentindo-se de repente zozna, e inclinou-se sobre o capô de uma patrulha. Quando abriu os olhos outra vez, Maura e Frost tinham saído da mansão e estavam caminhando em sua direção.

— Você precisa ir para casa — disse Maura.

— É o que todo mundo me diz — replicou ela, olhando para a residência. — Já terminaram lá dentro?

— Vão retirar os corpos agora.

Frost franziu o cenho quando Jane se inclinou para pôr protetores nos sapatos.

— Você não deveria entrar — falou ele.

— Como se eu já não tivesse estado lá.

— Por isso mesmo.

Ele não precisou explicar: Jane já tinha entendido. Fora ela quem abatera Mark Mallory, e era quase certo de que sua arma havia sido a que disparara a bala que estava na cabeça de Patrick Dion. A pistola encontrava-se agora sob a custódia da balística, e ela sentia falta daquele peso no cinto.

A porta da frente se abriu e a primeira maca saiu, carregando um dos corpos. Em silêncio, observaram-na deslizando sobre as rodas em direção à

van do necrotério, que aguardava.

— O homem mais velho tinha um ferimento a bala. Na têmpera direita, à queima-roupa — disse Maura.

— Patrick Dion — falou Jane.

— Tenho a impressão de que vamos encontrar resíduo de pólvora na sua mão direita. Isso faz você lembrar de outra cena de crime?

— O Red Phoenix — respondeu Jane, em voz baixa. — Wu Weimin.

— Sua morte foi considerada suicídio.

— E o que você vai considerar essa, Maura?

Maura suspirou.

— Não temos testemunhas, temos? — replicou.

Jane balançou a cabeça e falou:

— Bella disse que ela e Iris estavam no andar de cima quando aconteceu. Elas não viram.

— Mas havia outra pessoa na casa — observou Frost. — Você disse que o viu.

— Não sei o que vi. — Jane olhou para o jardim. Ali, na noite anterior, sob o luar, tivera o vislumbre de algo escapando para o bosque. — E acho que nunca vou saber.

Maura virou-se quando o segundo corpo foi retirado da casa.

— Eu poderia chamar a morte de Patrick Dion de suicídio — comentou a perita —, mas é muito semelhante à do Red Phoenix, Jane. Parece encenada.

— Acho que a intenção era essa, ser um eco do passado. A justiça completando um ciclo.

— Não se pode alegar *justiça* como forma de morte.

Jane fitou-a.

— Talvez devesse — replicou.

— Ei, Frost! Rizzoli! — O detetive Tam acenou-lhes do bosque onde estava, com uma equipe de peritos.

— O que é? — perguntou Jane.

— O cachorro farejou alguma coisa!

As garotas desaparecidas. Com certeza haveria mais nomes, que não constavam na lista de Ingersoll, de outras, que sumiram depois de Charlotte ter desaparecido. E que local mais conveniente para esconder os corpos que

naquele santuário particular, vedado a olhares estranhos? Quando se aproximaram da equipe de perícia, Jane viu o cachorro observando-a com olhos alertas, o rabo abanando de felicidade. Era o único ser feliz entre eles. Homens e mulheres reunidos à sombra daquelas árvores pareciam silenciosos e sisudos, porque sabiam o que provavelmente havia sob seus pés.

— O solo foi remexido aqui — disse Tam, apontando para um retângulo de terra sob as árvores. — Cobriram com mato, para esconder.

Uma cova recente. Jane olhou em volta, para o terreno arborizado e os arbustos altos, todos os locais secretos, ocultos por sombra e vegetação rasteira. Aquilo era o mal numa escala que quase não podia compreender. Quantos corpos estarão aqui?, perguntou-se. Quantas garotas silenciosas, que vão por fim poder falar? De repente, sentiu-se esmagada pela tarefa que se estendia diante deles. Estava machucada, faminta e exausta de tanta morte.

— Frost, vou deixar essa para você. Estou indo para casa — falou, afastando-se em direção ao carro. De volta ao sol.

— Rizzoli — chamou Tam, seguindo-a. — Só para você saber, falei com o hospital há pouco. Iris Fang já saiu da sala de cirurgia e está consciente.

— Ela vai ficar boa?

— Levou um tiro na coxa e perdeu muito sangue, mas vai se recuperar. Parece que a mulher é dura na queda.

— Deveríamos todos ser.

Estava muito claro. O sol batia em seus rostos. Tam tirou os óculos escuros do bolso e colocou-os.

— Talvez eu deva ir ao hospital? — sugeriu ele. — Tomar o depoimento dela?

— Mais tarde. Agora preciso de você aqui. Brookline nos pediu que ajudássemos. Vamos passar muito tempo nesta propriedade.

— Fico com a equipe então?

Ela o encarou, apertando os olhos contra o sol, cujo clarão incomodava.

— Sim, até fecharmos isso. Vou pedir ao seu supervisor do Distrito A-1 que deixe você conosco. Isto é, se você quiser ficar aqui, na Unidade de Homicídios.

— Obrigado. Gostaria muito — disse ele, apenas. Quando se virou para ir, ela notou de repente um fio brilhante, refletindo a luz, na parte de trás de

sua cabeça. Preso a seus cabelos negríssimos, o fio solitário se sobressaía.
Um pelo prateado.

— Tam? — chamou Jane.

Ele se virou.

— Sim?

Por um momento, Jane apenas olhou para ele, tentando ler seus olhos, mas Tam trazia os óculos escuros e, nas lentes espelhadas, tudo o que ela via era o próprio reflexo. Lembrou-se de como o policial havia deslizado, rápida e silenciosamente, pela janela de Ingersoll. Da câmara de segurança da Knapp Street, que havia captado-a entrando com Frost, desajeitados, na escada de incêndio, mas não Tam. *Talvez eu seja um fantasma*, zombara ele. Fantasma não, pensou Jane, mas alguém igualmente fugidio. Que estivera presente a cada passo da investigação, que sabia o que estava sendo dito e planejado. Ela não conseguia ver sua expressão, sondar-lhe os segredos, mas sabia que estavam ali, aguardando para serem descobertos. Segredos que Jane decidiu deixá-lo manter.

Por enquanto.

— Alguma pergunta, Rizzoli?

— Não, nada — respondeu, dando meia-volta e afastando-se.

Era happy hour no J. P. Doyle's, e o bar estava tão lotado de policiais de folga que Jane teve trabalho para encontrar Korsak. Só quando a garçonete apontou em direção ao salão de jantar foi que o viu, sentado sozinho num compartimento, fazendo companhia a um prato de camarões fritos e uma cerveja.

— Desculpe o atraso — disse ela. — Está tudo bem?

— Espero que não se importe por eu já ter pedido.

Ela olhou para a montanha de camarões fritos.

— Acho que você abandonou a dieta, hein?

— Não se meta, OK? Tive um dia horrível e preciso de uma comida que me conforte — respondeu ele, garfando quatro camarões e enfiando-os na boca. — Você quer pedir alguma coisa?

Ela chamou a garçonete, pediu uma salada pequena e observou Korsak dar conta de mais meia dúzia de camarões.

— Você só vai comer isso? — perguntou ele, quando o pedido chegou.

— Vou para casa jantar. Tenho andado a maior parte do tempo fora esses últimos dias.

— É. Soube que parecia um circo lá em Brookline. Quantos corpos já desenterraram?

— Seis. Parece que são todos do sexo feminino. Vai demorar meses até terminarem as buscas na propriedade. Pode haver outros locais com corpos enterrados, que não sabemos. E estamos dando uma olhada na residência de Mark Mallory também.

Korsak levantou o copo de cerveja num brinde.

— Como é que vocês mulheres gostam de dizer? *É isso aí, amiga!*

Ela olhou para a camisa respingada de gordura e pensou: ele tem mesmo peito suficiente para dizer essa frase. Jane ergueu o copo de água e os dois brindaram ruidosamente, derramando cerveja sobre a montanha, cada vez mais diminuta, de camarões.

— Só tem um problema — falou ela, pegando o garfo. — Não posso encerrar o caso das duas vítimas desconhecidas. Afinal, foi a morte da mulher no telhado que começou isso tudo.

— Nunca encontraram a espada que a matou?

— Desapareceu. Provavelmente foi levada aquela noite pelo que quer que eu tenha visto desaparecer entre as árvores. Nunca vamos conseguir fazer alguém confessar. Mas tenho uma vaga ideia de quem fez aquilo.

— Suficiente para uma condenação?

— Quer saber de uma coisa? Não quero condenar. Às vezes, Korsak, o simples fato de fazer meu trabalho dá no mesmo que fazer a coisa errada.

Korsak riu e replicou:

— Nunca deixe a Dra. Isles ouvir isso.

— Não, ela não ia entender — concordou Jane.

Maura só entendia fatos, os mesmos que tinham levado à condenação do policial Wayne Graff poucos dias antes. Sim ou não, preto ou branco: para Maura, a linha era sempre perfeitamente clara. Para Jane, contudo, quanto mais tempo trabalhava como policial, menos certa estava sobre onde se encontrava a fronteira entre o certo e o errado.

Ela deu outra garfada na salada.

— E o que está acontecendo com você? — Mudou de assunto. — O que quer falar comigo?

Ele suspirou e pousou o garfo. Só mesmo um prato vazio era capaz de fazer Vince Korsak aposentar o garfo.

— Sabe que eu amo a sua mãe.

— Sim, já estou a par dessa parte.

— Quero dizer, amo *demais*. Ela é divertida, inteligente e sexy.

— Pode parar por aí — interrompeu ela, pousando o próprio garfo. — Basta dizer aonde você quer chegar.

— Tudo que quero é casar com ela.

— E ela já aceitou. E então?

— O problema é o seu irmão. Ele liga três vezes por dia, tentando fazer com que ela desista. É óbvio que me detesta.

— Frankie não gosta de nenhum tipo de mudança, e ponto final.

— Ele está deixando sua mãe perturbada, a ponto de pensar em adiar o casamento, só para fazê-lo feliz — disse Korsak, soltando um suspiro que terminou quase numa lamúria.

Ele se virou e olhou para o compartimento ao lado. Viu uma criança numa cadeira alta que, ao percebê-lo, choramingou. A mãe fulminou-o com um olhar e pôs o bebê no colo. Pobre Korsak, feio o suficiente para assustar criancinhas que não enxergavam para além de sua aparência rude, para o bom coração que ele possuía. *Mas mamãe enxerga. E merece um homem bom como ele.*

— Tudo bem. Vou conversar com o Frankie. — Se não funcionasse, ela daria um belo cascudo no irmão.

Korsak ergueu a cabeça.

— Vai fazer isso por mim? Mesmo?

— Por que não?

— Não sei. Fiquei com a impressão de que não gosta muito da ideia de que eu e sua mãe fazemos aquilo, você sabe o quê.

— Só prefiro que me poupe dos detalhes, OK? — falou ela, esticando o braço e dando-lhe um soco afetoso no braço. — Você é um cara legal, Korsak. E a faz feliz. É só o que me importa. — Jane levantou-se. — Tenho que ir para casa. Está mais calmo agora?

— Eu a amo, você sabe.

— Sei, sei.

— E amo você também. — Então fez uma carranca e acrescentou: — Mas seu irmão, *não*.

— Entendo perfeitamente.

Ela o deixou com o prato de camarões e foi saindo do bar lotado. Ao chegar à porta, ouviu alguém chamar:

— Rizzoli!

Era o detetive aposentado Buckholz, que tinha investigado o desaparecimento de Charlotte Dion, 19 anos antes. Estava sentado em seu lugar habitual, no balcão, com um copo de uísque na frente.

— Preciso falar com você — disse ele.

— Estou indo para casa.

— Acompanho você até lá fora, então.

— Dá para a gente conversar amanhã, Hank?

— Não. Tenho uma coisa para dizer, que está me deixando aflito. — Ele esvaziou o copo e pousou-o no balcão ruidosamente. — Vamos até lá fora. Está barulhento demais aqui.

Eles saíram do Doyle's e foram até o estacionamento. Era uma noite fresca de primavera, com cheiro de terra úmida no ar. Jane fechou o casaco e olhou para o carro estacionado, perguntando-se se aquilo iria demorar e se daria tempo de comprar leite no caminho para casa.

— Sabe a sua acusação contra Patrick Dion e Mark Mallory? Tem algo de errado nisso — falou ele.

— Como assim?

— Está em todos os jornais. Dois caras ricos caçando garotas juntos durante 25 anos. O país inteiro está falando sobre isso, se perguntando como não percebemos. Por que não os impedimos.

— Eles foram espertos, Hank. Nunca exageraram e nem se descuidaram. Conseguiram manter a coisa sob controle.

— Patrick Dion tinha álibis para alguns dos desaparecimentos.

— Porque os dois se revezavam na hora de pegar as garotas. Mallory raptou algumas, e Dion, outras. Já encontramos seis corpos na propriedade dele, e tenho certeza de que vamos descobrir mais.

— Mas não o de Charlotte. Garanto que não vão encontrar o dela lá.

— Como você sabe?

— Quando estava nesse caso, não fiz um trabalho nas coxas, OK? Pode ter sido há 19 anos, mas me lembro dos detalhes. Ontem à noite, peguei minhas anotações antigas, só para ter certeza dos fatos. Sei que Patrick Dion estava em Londres no dia em que Charlotte desapareceu. Ele voltou para casa na mesma noite, assim que recebeu a notícia.

— OK, você tem certeza sobre esse detalhe. É fácil obter a confirmação.

— Também tenho certeza quanto a Mark Mallory. Ele não podia tampouco ter raptado Charlotte, porque tinha um álibi também. Estava visitando a mãe, que havia sofrido um AVC um ano antes e estava numa clínica de recuperação.

Ela o olhou sob a luz incerta do anoitecer. Buckholz estava defendendo o próprio trabalho e não conseguia manter-se imparcial. A julgar por seu rosto cansado e pela camisa rota, a aposentadoria não lhe tinha feito bem. Ele praticamente morava no Doyle's, como se apenas ali, cercado de policiais, se sentisse vivo outra vez, útil.

Faça um agrado no velho. Ela balançou a cabeça, manifestando simpatia.

— Vou examinar a pasta do caso e entro em contato com você.

— Está me menosprezando? Fui um *bom* policial, Rizzoli. Chequei aquele garoto. Quando se fala de rapto, a primeira coisa que se tem de olhar é a família, e dei uma boa conferida naquele irmão postiço. Sei de cada movimento dele naquele dia. Não tinha como Mark Mallory ter pegado Charlotte.

— Porque ele contou que estava visitando a mãe? Espere aí, Hank. Não se pode acreditar na palavra dele, nem na da mãe. Ela ia mentir para proteger o filho.

— Mas se pode acreditar nos boletins médicos.

— O quê?

Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou um papel dobrado, que entregou a ela.

— Consegui isto no prontuário de Barbara Mallory. Uma cópia das anotações da enfermagem. Olhe o registro do dia 20 de abril, à uma hora da tarde.

Jane procurou o que a enfermeira havia escrito naquele horário. *PS 115/80, pulso 84. Paciente descansando confortável. Filho fazendo visita. Pede*

que a mãe seja transferida para um quarto mais silencioso, longe do posto de enfermagem.

— À uma da tarde — disse Buckholz —, Charlotte Dion estava com o grupo da escola em Faneuil Hall. Os professores notaram que ela havia desaparecido à uma e quinze. Então me diz como Mark Mallory, que estava sentado no quarto de hospital da mãe, a quarenta quilômetros de distância, conseguiria raptar a irmã postiça, numa rua de Boston, apenas 15 minutos depois?

Jane leu e releu a anotação da enfermeira. Não havia nenhuma dúvida quanto à data e à hora. Isso está errado, pensou ela.

Só que não estava. Tinha sido escrito ali, preto no branco.

— Pare de fazer parecer que estraguei tudo — disse Buckholz. — É óbvio que os seus dois criminosos não raptaram Charlotte.

— Quem raptou então? — murmurou Jane.

— Provavelmente nunca vamos descobrir. Minha aposta é que foi algum cara que pôs o olho nela e a pegou quando viu a oportunidade.

Algum cara. Um criminoso que ainda precisava ser identificado.

Ela voltou para casa com a cópia no banco do carona, pensando sobre as probabilidades. Dois assassinos na família, e Charlotte é raptada por um estranho? Ela parou na vaga do apartamento e continuou sentada, refletindo, sem estar preparada para reentrar no universo ruidoso e caótico que era ser mãe. Pensou sobre o que sabiam com certeza: que Dion e Mallory tinham andado seguindo e matando garotas juntos. Enterrado pelo menos seis corpos na propriedade de Dion. Teria Charlotte descoberto o segredo do pai? Seria essa a verdadeira razão de terem se livrado dela? Teria tudo sido combinado com uma terceira pessoa, para que Patrick e Mark tivessem álibis sólidos?

Ela massageou o couro cabeludo, cheia de dúvidas. Outra vez, o mistério girava em torno de Charlotte. O que ela sabia e quando descobrira. E para quem havia contado. Pensou em suas últimas fotos, no funeral da mãe e do padrasto. Lembrou-se de como estivera ladeada pelo pai e Mark. Cercada de inimigos e incapaz de fugir.

Jane deu um pulo na cadeira, encontrando de repente a resposta que deveria ter sido óbvia desde o início.

Talvez ela tivesse fugido.

Ao meio-dia, Jane cruzou a fronteira com New Hampshire e seguiu rumo ao norte, para o Maine. Era um dia suave de maio, as árvores cobertas pela floração de primavera, uma neblina dourada pairando sobre os campos e a floresta. Quando chegou, todavia, a Moosehead Lake, no final da tarde, o ar já estava frio. Estacionou o carro, enrolou uma echarpe de lã em torno do pescoço e caminhou até o atracadouro, onde havia uma lancha amarrada.

Um garoto no alto de seus 15 anos, cabelos louros despenteados pelo vento, acenou para ela.

— Sra. Rizzoli? Eu sou Will, do Chalé Ponto de Mergulho — disse, pegando a pequena mala que ela trouxera. — Esta é toda sua bagagem?

— Só vou ficar uma noite — respondeu ela, olhando em volta do atracadouro. — Onde está o piloto?

Sorrindo, o menino levantou a mão:

— Bem aqui. Dirijo este barco desde os 8 anos. Se está com medo, vou lhe dizer que já fiz esta travessia umas mil vezes.

Ainda em dúvida quanto à habilidade do garoto como piloto, Jane entrou na lancha e colocou o colete que ele lhe ofereceu. Quando se sentou no banco, notou as caixas cheias de comida e a pilha de jornais, com o *Boston Globe* por cima. Era óbvio que a viagem de barco também era uma ocasião para o garoto fazer compras.

Enquanto ele ligava o motor, a detetive perguntou:

— Há quanto tempo você trabalha no alojamento?

— A vida toda. Meu pai e minha mãe são os donos.

Ela o olhou mais de perto. Viu mandíbulas fortes e cabelos queimados de sol. Tinha físico de salva-vidas, esguio e musculoso, o tipo de garoto que se sentiria em casa numa praia da Califórnia. Parecia totalmente à vontade enquanto tirava o barco do píer. Antes que ela pudesse lhe perguntar qualquer outra coisa, já estavam sulcando a superfície agitada, o motor barulhento impedindo qualquer conversa. Jane segurou-se na amurada e contemplou a floresta densa, num lago tão vasto que parecia um mar estendendo-se à sua frente.

— É lindo aqui — comentou ela, mas o garoto não a ouviu; a atenção dele estava concentrada no trajeto.

Quando chegaram à outra margem, o sol já caía no horizonte, dando à água tons flamejantes e dourados. Ela viu cabanas rústicas à frente e uma série de canoas descansando na margem. No píer, uma garota loura aguardava para pegar o cabo de atracação. Assim que Jane viu seu rosto mais de perto, soube que os dois eram irmãos.

— Essa encenqueira aí é Samantha — disse Will com uma risada, mexendo afetuosamente no cabelo da menina. — Ela é pau pra toda obra aqui. Se precisar de uma escova de dente, mais toalhas, qualquer coisa, é só chamá-la.

Enquanto a garota atravessava o píer com a mala da hóspede, Jane disse:

— Ela parece ter o quê? Uns 8, 9 anos? Vocês não vão à escola?

— Temos aulas em casa. É muito complicado chegar à cidade no inverno. Meu pai sempre diz que somos os garotos mais sortudos do mundo, por vivermos aqui neste paraíso. — Will conduziu-a por um caminho até uma das cabanas. — Minha mãe escolheu esta para a senhora. Tem mais privacidade.

Os dois subiram os degraus do pórtico com tela, e a porta fechou-se atrás deles com um rangido. Samantha já tinha trazido a bagagem de Jane para o chalé e a colocado sobre um bagageiro rústico, aos pés da cama. Jane levantou a cabeça e viu caibros aparentes, paredes de pinho. Um fogo já estava aceso na lareira de pedra.

— Tudo parece bem? — perguntou Will.

— Queria ter trazido meu marido para cá. Ele ia adorar este lugar.

— Traga da próxima vez. — Will cumprimentou-a e virou-se para sair. — Assim que estiver instalada, pode vir para o alojamento jantar. Acho que teremos bife de panela hoje.

Após ele ter saído, Jane afundou numa cadeira de balanço e ficou observando o sol poente incendiar a superfície do lago. Insetos zumbiam, e o som da água batendo na margem deixou-a sonolenta. Jane fechou os olhos e não viu a visitante aproximar-se da cabana. Só quando ouviu uma batida na porta, olhou para fora e viu uma mulher loura parada em frente à porta de tela.

— Detetive Rizzoli? — chamou.

— Entre.

A mulher abriu a porta, tomando cuidado para não fazer barulho. Mesmo na sombra do pórtico, Jane pôde ver a semelhança da mulher com Will e Samantha, e notou que era a mãe deles. Sabia também, com toda certeza, qual era seu nome. Fora a pescaria inesperada de Ingersoll que havia feito Jane prestar atenção no Chalé Ponto de Mergulho, pescaria para a qual ele não levava nenhum equipamento de pesca. Essa era a verdadeira razão para Ingersoll ter ido ao Maine: visitar a mulher que se encontrava agora no pórtico do chalé de Jane.

— Olá, Charlotte — disse Jane.

A mulher olhou pela tela, examinando a área, a fim de ver se havia alguém perto que pudesse ter ouvido. Depois, olhou para Jane.

— Por favor, não me chame outra vez assim — pediu. — Meu nome agora é Susan.

— Sua família não sabe?

— Só meu marido. As crianças, não. É difícil explicar para eles. E não quero que saibam o tipo de homem que o avô... — Sua voz falhou.

Com um suspiro, sentou-se a uma das cadeiras de balanço. Por um momento, o único som foi seu rangido sob o pórtico.

Jane contemplou o perfil da mulher. Charlotte — não, Susan — tinha apenas 36 anos. No entanto, parecia muito mais velha. Anos ao ar livre haviam deixado sardas em sua pele, e o cabelo já tinha fios brancos. Entretanto, era o sofrimento em seus olhos o que a envelhecia tanto, que tinha deixado marcas de expressão profundas e um olhar aflito.

Apoiando a cabeça no encosto da cadeira, Susan contemplou o lago que escurecia.

— Começou quando eu tinha 9 anos — disse ela. — Uma noite, ele entrou no meu quarto enquanto minha mãe dormia. Disse que eu já tinha idade. Que era hora de aprender o que todas as filhas tinham de fazer.

Tínhamos que agradar nossos papais. — Ela engoliu em seco. — Foi o que fiz.

— Você não contou à sua mãe?

— Minha mãe? — O sorriso de Susan foi amargo. — As preocupações dela não iam além dos seus interesses egoístas. Depois que começou o caso com Arthur Mallory, foram só dois meses para ela sair de cena. Nunca olhou para o passado. Não tenho nem certeza se ela lembrava que *tinha* uma filha. Então fui deixada para trás com meu pai, que ficou na maior felicidade por ter ficado com a custódia. Não contestada, é claro. Ah, algumas vezes por ano, eu ia passar uns fins de semana com mamãe e Arthur, mas ela praticamente me ignorava. Arthur era o único que demonstrava alguma bondade comigo. Não o conheci bem, mas parecia ser um homem decente.

— E o filho, Mark?

Houve um longo silêncio.

— Eu não percebia o que Mark era — disse ela, em voz baixa. — Parecia totalmente inofensivo quando as nossas famílias se conheceram. Logo começamos a nos ver o tempo todo. Jantares na nossa casa, depois na dele. Nos dávamos bem. O problema era que minha mãe e Arthur estavam se dando muito melhor do que eu percebia na época.

— Parece que seu pai e Mark também estavam se dando muito bem.

Susan fez que sim com a cabeça.

— Como se fossem melhores amigos. Era como se meu pai tivesse encontrado o filho que sempre quis. Mesmo depois do divórcio, Mark vinha visitar meu pai. Eles desciam para a oficina e construía gaiolas de pássaros ou porta-retratos. Eu não fazia ideia do que estava realmente acontecendo lá embaixo.

Algo mais que marcenaria, pensou Jane.

— Você não achava estranho os dois passarem tanto tempo juntos?

— Para mim era um alívio ficar sozinha. Foi mais ou menos nessa época, quando eu tinha uns 13, que meu pai parou de vir até o meu quarto à noite. Na época, não soube o porquê. Agora percebo que foi quando a primeira garota desapareceu. Quando eu tinha 13 anos, e meu pai descobriu outra pessoa com quem se divertir. Com a ajuda de Mark. — Susan parou de se balançar e ficou sentada, imóvel, o olhar fixo no lago. — Se eu soubesse,

se tivesse percebido o que Mark era realmente, minha mãe e Arthur ainda estariam vivos.

Jane franziu o cenho.

— Por que está dizendo isto? — perguntou

— Sou a razão de eles terem ido ao Red Phoenix aquela noite. Foram lá por causa de uma coisa que contei a eles.

— Você?

Susan respirou fundo, como se juntando forças para continuar:

— Era um fim de semana agendado para a minha visita a mamãe e Arthur. Eu tinha acabado de tirar a carteira de motorista e fui dirigindo, sozinha, para a casa deles, pela primeira vez. Peguei o carro do meu pai. Foi quando encontrei o pingente. Estava caído entre o banco e o console, onde ninguém havia reparado durante dois anos. Era de ouro, em forma de dragão, e tinha um nome gravado atrás. Laura Fang.

— Você reconheceu o nome?

— Sim. A história do desaparecimento dela saiu nos jornais. Lembrei do nome porque Laura tinha a minha idade e tocava violino. Na Bolton, alguns alunos falavam dela, porque a conheciam da oficina de verão da orquestra.

— Mark fazia essa oficina.

Susan concordou com um aceno de cabeça.

— Ele a conhecia. Mas eu não conseguia entender a ligação com meu pai. Como o pingente de Laura havia ido parar no carro do meu *pai*? Depois comecei a pensar em todas as noites que ele tinha vindo ao meu quarto e o que tinha feito comigo. Se tinha abusado de mim, talvez fizesse o mesmo com outras garotas. Talvez isso tivesse acontecido com Laura. Talvez fosse o motivo de ela ter desaparecido.

— E aí você contou para sua mãe.

— Nesse fim de semana, quando a visitei, tudo veio à tona. Conteí tudo a ela e a Arthur. O que meu pai tinha feito comigo anos antes. O que eu tinha encontrado no carro dele. A princípio, mamãe não conseguia acreditar. Depois, a seu modo egocêntrico, começou a se preocupar com a publicidade negativa e como o seu nome iria parar nos jornais. Que ficaria conhecida como a esposa tola, que não fazia a menor ideia do que se passava dentro da própria casa. Mas Arthur... Arthur levou a coisa a sério. *Ele* acreditou em mim. E vou sempre respeitá-lo por isso.

— Por que não foram direto à polícia?

— Minha mãe queria se certificar dos fatos antes. Não queria atrair atenção até saberem com certeza que não se tratava de uma estranha coincidência. Talvez houvesse outra Laura Fang, insistiu ela. Os dois decidiram então mostrar o pingente para a família de Laura, a fim de confirmar que pertencia à mesma menina que tinha desaparecido dois anos antes. — Susan deixou a cabeça pender, e suas próximas palavras foram quase inaudíveis: — Foi a última vez que vi os dois vivos. Quando saíram para encontrar o pai de Laura, no restaurante.

Era a peça final do quebra-cabeça: a razão pela qual Arthur e Dina haviam ido ao restaurante chinês naquela noite. Não para jantar, mas para falar com James Fang sobre a filha desaparecida. Um tiroteio acabou com a conversa, um massacre sangrento, atribuído a um pobre imigrante.

— A polícia insistiu que foi um caso de assassinato seguido de suicídio — disse Susan. — Disseram que minha mãe e Arthur estavam no lugar errado, na hora errada. O pingente nunca foi encontrado, de forma que fiquei sem nenhuma prova. Não tinha ninguém a quem recorrer. Pensava se as duas coisas estavam realmente ligadas. Laura e o crime. E ainda tinha Mark. Ele estava em casa com a gente naquele fim de semana. Sabia o que estava acontecendo.

— Foi ele quem telefonou para Patrick. E contou que sua mãe e Arthur estavam indo para Chinatown.

— Sim, tenho certeza de que avisou. Mas foi só no funeral que juntei as coisas. Meu pai e Mark, trabalhando juntos. Sem o pingente, eu não podia provar nada. Meu pai era quem tinha o poder, e eu sabia como seria fácil para ele me fazer desaparecer.

— Então você desapareceu por conta própria.

— Não planejei de antemão. De repente estava ali com minha turma de colégio, fazendo um passeio pela Freedom Trail, em Boston. — Ela deu um sorriso melancólico. — E pensei: *eu* quero ser independente também, livre! E aquele era o momento. Então escapei dos professores. Alguns quarteirões depois, comecei a pensar em como tirar todo mundo do caminho. Larguei a mochila, com a identidade, num beco. Tinha dinheiro suficiente para comprar uma passagem de ônibus para o norte. Não sabia para onde ir, só queria fugir do meu pai. Quando o ônibus chegou ao Maine, saltei e de

repente me senti como... — Ela suspirou. — Como se tivesse chegado em casa.

— E você ficou.

— Consegui um emprego, limpando chalés para turistas. Conheci meu marido, Joe. E esse foi o maior presente que recebi na vida, encontrar um homem que me ama. Que me apoia, em todas as situações. — Susan respirou fundo e levantou a cabeça, sentando-se ereta. — Aqui, refiz minha vida. Tive meus filhos. Juntos, Joe e eu construímos estas cabanas. Começamos este negócio. Achei que seria feliz, escondida aqui para sempre.

Ouviu-se um som de risadas vindo do lago, onde Will e a irmã, em trajes de banho, corriam pelo píer. Eles pularam, e as gargalhadas se transformaram em gritos quando mergulharam na água fria. Susan levantou da cadeira e contemplou os filhos, nadando no lago, felizes.

— Samantha está com 9 anos. A mesma idade que eu tinha quando tudo começou. Quando meu pai veio ao meu quarto pela primeira vez. — Susan manteve-se de costas para Jane, como se não suportasse a ideia de que a outra mulher visse seu rosto. — A gente acha que pode virar a página e esquecer o abuso, mas não dá. O passado está sempre ali, esperando para nos encontrar em nossos pesadelos. Surge quando menos se espera. Quando se sente o cheiro de gim e cigarro. Ou quando se ouve a porta do quarto abrir de noite. Mesmo depois de todos esses anos, meu pai ainda me atormenta. E quando Samantha fez 9 anos, os pesadelos ficaram piores, porque eu me enxergava naquela idade. Tão inocente, ainda pura. Pensei no que ele fez comigo e no que pôde ter feito com Laura. E me perguntei se teria havido outras garotas, outras vítimas, que eu desconhecesse. Mas não sabia como lutar contra ele, não sozinha. Não tinha coragem.

Lá fora, Will e Samantha retornavam ao píer para se secarem, às gargalhadas. Susan apertou a mão contra a tela, como se extraísse coragem dos filhos.

— Então, no dia 30 de março — continuou Susan —, abri o *Boston Globe*.

— Você viu o anúncio de Iris Fang. Sobre o massacre do Red Phoenix.

— *A verdade nunca foi dita* — sussurrou Susan. — Era o que dizia o anúncio. E de repente soube que não estava sozinha. Que tinha alguém mais buscando respostas. Justiça. — Virou o rosto para Jane. — Foi quando

finalmente tive coragem de ligar para o detetive Ingersoll. Eu o conhecia porque foi ele quem investigou o massacre do Red Phoenix, na época. Conte-i-lhe sobre o pingente de Laura. Sobre meu pai e Mark. Disse que devia haver outras garotas desaparecidas.

— Então foi por isso que ele começou a fazer perguntas sobre as meninas — concluiu Jane.

Perguntas que o colocaram em perigo, porque a notícia chegou aos ouvidos de Patrick: que Ingersoll estava à cata de provas, ligando-o não só ao desaparecimento das garotas como também ao Red Phoenix. Ele havia imaginado que Iris Fang estivesse por trás daquilo, por causa do anúncio que publicara no *Globe*. Ela perdera filha e marido. Matar Iris e Ingersoll eliminaria o problema, por isso Patrick contratou profissionais. Os assassinos, no entanto, subestimaram o alvo.

— Eu estava apavorada, com medo de que meu pai pudesse me encontrar — falou Susan. — Pedi ao detetive Ingersoll que não dissesse *nada* que pudesse dar alguma pista do meu paradeiro. Ele me prometeu que nem sua própria filha ia saber no que ele estava trabalhando.

— E Ingersoll manteve a palavra. Não fazíamos a menor ideia de que era você a pessoa que o contratou. Imaginávamos que fosse a Sra. Fang.

— Semanas depois, ele me ligou. Disse que precisávamos nos encontrar e veio até aqui. Me contou que tinha descoberto um padrão. Surgiu com os nomes de três garotas que poderiam ter me conhecido antes de desaparecerem. Que tinham participado dos mesmos torneios de tênis ou das mesmas atividades musicais. Ficou claro que *eu* era o elo, a *razão* de elas terem sido escolhidas. — Sua voz sumiu, e ela se sentou outra vez na cadeira. — E eu aqui, vivendo com minha filhinha, sã e salva no Maine. Nunca soube que havia outras vítimas. Se tivesse tido mais coragem, poderia ter acabado com isso há muito mais tempo.

— *Já* acabou, Susan. E você *teve* participação nisso.

Ela olhou para Jane, com os olhos úmidos.

— Participação mínima — replicou. — O detetive Ingersoll morreu por causa disso. Mas quem resolveu foi você.

Não sozinha, pensou Jane. Tive ajuda.

— Mamãe? — A voz da menina veio das sombras lá fora.

Samantha estava do outro lado da tela, sua silhueta delgada em destaque contra a luz que se refletia no lago, atrás.

— Papai disse para eu vir te buscar. Ele não sabe se já está na hora de tirar a torta do forno.

— Já vou, meu amor.

Susan levantou-se. Quando abriu a porta de tela, voltou-se e sorriu para Jane.

— O jantar já está pronto. Venha quando estiver com fome — disse, saindo e fechando a porta atrás de si.

Do pórtico, Jane observou Susan pegar a mão de Samantha. Juntas, mãe e filha afastaram-se ao longo da margem do lago e desapareceram na luz fraca do entardecer. O tempo todo, de mãos dadas.

TRÊS MESES DEPOIS
PROVÍNCIA DE FUJIAN, CHINA

Um cheiro de incenso adocicado paira sobre o pátio, onde Bella e eu estamos de pé, diante da tumba dos ancestrais de seu pai. É um cemitério antigo. Há no mínimo mil anos, gerações da família Wu são enterradas ali, e agora as cinzas de Wu Weimin estão unidas às de seus antepassados. Sua alma atormentada não vagueia mais pelo mundo dos espíritos, pedindo justiça. Aqui ele vai finalmente jazer, por toda a eternidade, em paz.

Quando as sombras se transformam em noite, Bella e eu acendemos velas e fazemos uma reverência à memória de seu pai. De repente, sinto a presença de mais alguém, e vejo, ao voltar-me, uma figura entrar pelo portão do pátio. Apesar de não conseguir ver o rosto no escuro, sei, pela aproximação silenciosa, pela graça natural com que se move, que se trata do filho de Wu Weimin com a primeira esposa, filho que jamais o esqueceu e continuou a reverenciá-lo. Quando ele entra no raio de claridade das velas, Bella cumprimenta o meio-irmão e ele retribui com um sorriso triste. São tão parecidos os dois, tão inflexíveis quanto a pedra que serve de túmulo às cinzas do pai. Agora que o dever deles tinha sido cumprido, pergunto-me o que será de seus destinos. Quando se dedica metade de uma vida jovem a um único propósito, o que sobra para se conquistar quando se o atinge?

Ele me faz uma mesura respeitosa.

— *Sifu*, perdão por me atrasar — diz. — Meu voo de Xangai atrasou por causa do tempo.

Estudo seu rosto à luz das velas e vejo mais do que cansaço nas rugas de preocupação em torno dos olhos.

— Algum problema em Boston?

— Acho que ela sabe. Vejo-a observando e sondando. Sinto sua suspeita toda vez que olha para mim.

— O que vai acontecer agora?

O homem dá um suspiro longo e contempla as velas acesas.

— Acho, na verdade, espero, que ela entenda. Me fez um elogio bastante eloquente por escrito. E quer que eu trabalhe com ela em outra investigação em Chinatown.

Sorriso para Johnny Tam.

— A detetive Rizzoli não é tão diferente de nós. Pode não concordar com a forma como atingimos os nossos objetivos, mas acho que entende por que fizemos isso. E aprova.

Risco um fósforo e o atiro para o local do fogo, incendiando a madeira. As chamas se elevam como dentes famintos, e as alimentamos com papéis dourados e prateados, o dinheiro espiritual. O fogo os consome, e, à medida que as chamas sobem, levam conforto e boa ventura às almas daqueles que amamos.

Há uma última coisa que queremos queimar.

Quando tiro a máscara do saco, o pelo prateado reflete a luz do fogo e ela parece de repente viva, como se o espírito do próprio Rei dos Macacos tivesse surgido das sombras. No entanto, permanece mole na minha mão, apenas um objeto sem vida, feito de couro e pelo de macaco, um adereço que comprei anos atrás de uma companhia de ópera chinesa. Nós três a usamos. Os três nos revezamos no papel. Eu, enquanto me defendia no telhado contra uma assassina. Bella, para salvar a vida de uma policial. E Johnny, por último, quando disparou a bala na cabeça de Patrick Dion, completando o ciclo de mortes.

Solto a máscara nas chamas. Os pelos se incendeiam imediatamente, e sinto o cheiro de pele e couro queimando. Num clarão brilhante, a máscara é consumida, devolvendo Sun Wukong ao mundo dos espíritos, onde é o lugar do Rei dos Macacos. Mas nunca está muito longe de fato: quando se precisa muito dele, cada um de nós pode encontrá-lo dentro de si.

As chamas morrem e nós contemplamos a fogueira, buscando nas cinzas rubras o que desejamos ver. Para Bella e Johnny, é o sorriso de

aprovação do pai. Eles cumpriram com o dever filial, e agora suas vidas lhes pertencem.

E o que vejo nessas cinzas? O rosto de minha filha, Laura, cujos restos foram recuperados há dois meses e meio, numa área cheia de arbustos na propriedade de Patrick Dion. Vejo o rosto do meu adorado marido, ainda jovem, o cabelo negro como no dia em que nos casamos. Embora os dois não envelheçam, aqui continuo eu nesta terra: minha saúde se deteriorando, o cabelo ficando branco e os anos sulcando marcas cada vez mais profundas em meu rosto. Mas a cada ano que envelheço, me aproximo mais de James e Laura, do dia em que estaremos outra vez os três juntos. Assim, caminho pela escuridão crescente, serena e sem medo.

Porque sei que, no final da jornada, eles vão estar esperando por mim.

Agradecimentos

Nenhum dos romances que escrevi foi tão pessoal como este. O enredo foi inspirado pelas histórias que minha mãe ouvia enquanto crescia na China, de fantasmas, misteriosos mestres de artes marciais e, sim, do heroico Rei dos Macacos. Então, obrigada, mamãe, por me apresentar ao fantástico mundo das fábulas chinesas.

Obrigada também a Tony Yee e ao policial Tommy Yung, do Departamento de Polícia de Boston, pelas observações sobre Chinatown; a Halford Jones por me incentivar há muito a escrever uma história sobre artes marciais; a meu filho Adam Gerritsen pela ajuda com as palavras em mandarim e as informações sobre armas antigas; à Dra. Reena Roy, professora adjunta do Programa de Ciência Forense, na Penn State University, pela ajuda inestimável sobre análise de pelos de primatas; a John R. Michaud, professor assistente de direito, e a seus alunos do Criminal Justice Club, na Husson University, pelas opiniões sobre a análise de metais em espadas antigas; e ao detetive Russell Grant, do Departamento de Polícia de Boston, pela boa vontade em responder minhas perguntas. Qualquer erro que tenha cometido neste romance é meu apenas.

E meus agradecimentos à equipe sólida que me apoia, a cada passo do caminho, pelos conselhos, pelo incentivo e, às vezes, por um muito necessário martíni: refiro-me à minha imbatível agente literária, Meg Ruley, da Jane Rotrosen Agency; à minha editora na Ballantine, Linda Marrow; à minha heroína da Transworld, Selina Walker; e ao homem que me mantém segura e sã enquanto estou na estrada, Brian McLendon.

E mais que todos, agradeço a meu marido, Jacob, que suporta com tanto bom humor as agruras de ser casado com uma escritora. Depois de passar o dia inteiro com pessoas que só existem na minha cabeça, é muito bom ter um herói de carne e osso ao lado.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

GAROTA SILENCIOSA

Wikipedia da autora:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Tess_Gerritsen

Skoob da autora:

<http://www.skoob.com.br/autor/186-tess-gerritsen>

Twitter da autora:

<https://twitter.com/tessgerritsen>

Sumário

Capa	
Rosto	
Créditos	
Dedicatória	
Epígrafe	
1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

Agradecimentos

Colofon

Saiba mais